

‘REUTILIZAÇÃO ADAPTATIVA’ PARA UMA ARQUITECTURA INTERGERACIONAL

Reabilitação do Património industrial da Fábrica da Samaritana em Xabregas
para um Centro Intergeracional



Anastasiia Fatenko

(Licenciada)

Projeto para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura

Orientação Científica:

Professor Doutor José Manuel Aguiar Portela da Costa

Professor Doutor Carlos Alberto Assunção Alho

Júri:

Presidente: Professor Doutor Pedro Jorge Dias Pimenta Rodrigues

Vogal: Professor Doutor Miguel Calado Baptista-Bastos

Documento Definitivo

Lisboa, FA ULisboa, Dezembro, 2018

‘REUTILIZAÇÃO ADAPTATIVA’ PARA UMA ARQUITECTURA INTERGERACIONAL

Reabilitação do Património industrial da Fábrica da Samaritana em Xabregas
para um Centro Intergeracional

Anastasiia Fatenko

(Licenciada)

Projeto para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura

Orientação Científica:

Professor Doutor José Manuel Aguiar Portela da Costa

Professor Doutor Carlos Alberto Assunção Alho

Júri:

Presidente: Professor Doutor Pedro Jorge Dias Pimenta Rodrigues

Vogal: Professor Doutor Miguel Calado Baptista-Bastos

Documento Definitivo

Lisboa, FA ULisboa, Dezembro, 2018

RESUMO

O presente trabalho baseia-se no desenvolvimento de uma proposta de Reutilização Adaptativa do Património Industrial através de investigação do conceito "arquitetura intergeracional".

A preservação do significado simbólico e valor da arquitetura industrial histórica no contexto de seu (re)uso adaptativo implica a criação de um compromisso entre tradição e modernidade. Os conceitos como "Património", "Geração" e "Arquitetura Intergeracional" têm uma ligação directa, porque a arquitetura é a história, é a memória, é a herança, é o diálogo entre o passado e o presente, entre a tradição e o progresso, entre a geração mais jovem e mais velha.

Uma das tarefas deste trabalho é definir estratégias de arquitetura intergeracional como ferramentas para a criação de um complexo arquitetónico que, independentemente da idade dos envolvidos no relacionamento, pode ser um lugar para o intercâmbio continuado de experiência e conhecimento, um lugar de encontro e recreação; serve para atender diversas necessidades e unir as diferentes gerações.

O projeto final de mestrado foi desenvolvido para a área de Xabregas que é caracterizado como o sítio com uma localização excelente no contexto da cidade, onde se verifica um grande potencial paisagístico do Vale de Chelas e estão presentes um grande número de edifícios de valor arquitetónico, histórico e cultural.

Palavras-Chave: Património Industrial, Reutilização adaptativa, Arquitectura intergeracional, Relações intergeracionais, Vale de Chelas

Título

‘Reutilização adaptativa’
para uma
Arquitetura
intergeracional

Subtítulo

Reabilitação do
Património industrial da
Fábrica da Samaritana
em Xabregas
para um Centro
Intergeracional

Nome

Anastasiiia Fatenko

Orientação Científica

Professor Doutor José
Manuel Aguiar Portela
da Costa

Professor Doutor Carlos
Alberto Assunção Alho

Mestrado Integrado em Arquitetura

Lisboa, Dezembro, 2018

ABSTRACT

The present work is based on the development of a proposal of Adaptive Re-use of the Industrial Heritage through investigation of the concept "intergenerational architecture".

The preservation of the symbolic meaning and value of historical industrial architecture in the context of its (re) adaptive use implies the creation of a compromise between tradition and modernity. Concepts such as "Heritage", "Generation" and "Intergenerational Architecture" have a direct connection, because architecture is history, it is memory, it is inheritance, it is the dialogue between the past and the present, between tradition and progress, between the younger and older generation.

One of the tasks of this work is to define strategies of intergenerational architecture as tools for the creation of an architectural complex that, regardless of the age of those involved in the relationship, can be a place for the continuous exchange of experience and knowledge, a place of meeting and recreation; serves to meet diverse needs and unite the different generations.

The final master's project was developed for the area of Xabregas which is characterized as the site with an excellent location in the context of the city, where there is a great potential landscape of the Valley of Chelas and are present a large number of buildings of architectural value, historical and cultural heritage.

Keywords: Industrial Heritage, Adaptive Reuse, Intergenerational Architecture, Intergenerational Relations, Vale de Chelas

Title

'Adaptive reuse' for an intergenerational architecture

Subtitle

Rehabilitation of the Industrial Heritage of the Samaritan Factory in Xabregas to an Intergenerational Center

Name

Anastasiia Fatenko

Scientific Orientation

Professor Doctor José Manuel Aguiar Portela da Costa

Professor Doctor Carlos Alberto Assunção Alho

Integrated Master in Architecture

Lisbon, December, 2018

AGRADECIMENTOS

Gostaria de prestar os meus sinceros agradecimentos:

Aos meus orientadores, ao Professor Doutor José Manuel Aguiar Portela da Costa e ao Professor Doutor Carlos Alberto Assunção Alho, pelo apoio constante e motivação, interesse e bom aconselhamento, pela disponibilidade e determinação em partilhar e ampliar os meus conhecimentos.

Ao Professor António Pedro Moreira Pacheco pelo suporte e imediata prontidão em ajudar-me na fase inicial deste projeto durante o primeiro semestre do 5º ano académico.

Ao Professor António Miguel Neves da Silva Santos Leite, pelos conselhos valiosos para realização este trabalho.

À Professora Maria Manuela Mendes, pela disponibilidade com que se prontificou a melhorar e sistematizar os meus conhecimentos de sociologia.

Aos todos os funcionários do Departamento de Arquitetura, pela abordagem muito responsável ao processo de ensinar os alunos. Aos todos os funcionários da biblioteca de Faculdade de Arquitetura, em especial Bruno Lino e Helena Santos, pelo trabalho operacional, assistência na busca de referências e um ambiente aconchegante.

À funcionária do Palácio de Ajuda, Ana Madureira, pela ajuda e apoio ao longo de todo o meu percurso no curso de arquitetura, pelas agradáveis horas de convívio traduzidas em preciosas conversas que, de maneiras diferentes contribuíram para a valorização o meu trabalho.

À professora da escola básica do Município da Batalha, Maria Júlia Moreira Ligeiro, pela ajuda preciosa ao escrever e verificar este trabalho.

À minha família que nunca deixaram de estar presente em todo o meu percurso, que sempre me apoiaram e motivaram para perseguir os meus sonhos. Aos todos os meus colegas pelo companheirismo, amizade e constante apoio.

ÍNDICE DE FIGURAS

Capa. Figura elaborada pela autora.

Figura 1. Abordagem do conhecimento, disponível em URL: <https://prezi.com/>, consultada em Fevereiro de 2018.

40

Figura 2. Benefício da interação Intergeracional: «A smile a day keeps the doctor away», disponível em URL: <https://www.sbs.com.au/news/dateline/article/2016/05/03/smile-day-keeps-doctor-away-joy-intergenerational-living>, consultada em Abril de 2018.

42

Figura 3. Utopias, reflexões em um espelho, “Alice’s Mirror” ©Duane Michals, disponível em URL: <http://www.heterotopiastudies.com/foucault-and-painting/>, consultada em Março de 2018.

44

Figura 4. O espaço com conexões não tradicionais é dividido em utopia e heterotopia, figura elaborada pela autora.

45

Figuras 5-6. Um pódio de tijolos na escola Montessori em Delft, Herman Hertzberger, 1966, disponível em URL: <https://www.flickr.com/photos/krokorrr/5473861337/in/album-72157626003369047/>, <https://www.flickr.com/photos/krokorrr/5473862309/in/album-72157626003369047/>, consultada em Abril de 2018.

49

Figuras 7-8. O bloco-plataforma na escola Montessori em Delft, Herman Hertzberger, 1966, disponível em URL: <http://wrkshp.org/05-12-14-initial-design-development/screen-shot-2014-12-09-at-20-49-35/>, <https://www.flickr.com/photos/krokorrr/sets/72157626003369047/with/5474460716/>, consultada em Abril de 2018.

50

Figura 9. As salas de aula da Escola Montessori em Delft, Herman Hertzberger, 1966, disponível em URL: <https://twitter.com/stepienybarno/status/828707393894830082>, consultada em Abril de 2018.

50

Figuras 10-11. Um espaço polivalente nas escolas de Apollo, disponível em URL: <http://hicarquitectura.com/2017/01/herman-hertzberger-delft-montessori-school/>, consultada em Abril de 2018.

51

Figura 12. Conceito do Parque – Linhas, Pontos e Superfície, © Bernard Tschumi, disponível em URL: <http://www.ebah.pt/content/ABAAABWfAAB/bernard-tschumi>, consultada em Abril de 2018.

52

Figura 13. Desenhos dos ‘módulos’ – folies, © Bernard Tschumi, disponível em URL: <http://www.ebah.pt/content/ABAAABWfAAB/bernard-tschumi>, consultada em Abril de 2018.

52

Figura 14. Vista de folies, Parc de la Villette, Paris, França, 1982-87, ©François-Xavier Bouchart, disponível em URL: <https://tlmagazine.com/why-tschumi-matters/>, consultada em Abril de 2018.

52

Figura 15. O Homem Vitruviano de Leonardo da Vinci e os esboços humanos de arquitetos famosos, compilados por Noor Makkiya, disponível em URL: <https://www.re-thinkingthefuture.com/article/20-human-silhouettes-drawn-by-famous-architects/>, consultada em Abril de 2018.

54

Figura 16. A diferença entre os conceitos de Acessibilidade e Universal, disponível em URL: <http://www.casadaptada.com.br/2015/04/o-que-e-arquitetura-acessivel-e-o-conceito-de-desenho-universal/>, consultada em Abril de 2018.

57

Figura 17. Projetos com Desenho Universal = projetos que garantem igualdade de condições desde sua concepção, disponível em URL: http://www.confea.org.br/media/palestra_acessibilidade_sergiopaulodasilveira.pdf, consultada em Abril de 2018.

58

Figura 18. O design deve propor espaços que possam ser utilizados por usuários de capacidades diferentes, disponível em URL: <http://igti.com.br/blog/design-universal/>, <http://fisioterapiadeniseprapas.blogspot.pt/2011/08/acessibilidade-um-longo-caminho-pela.html>, consultada em Abril de 2018.

59

Figura 19. Uso simples e intuitivo. Fonte: Diretrizes do Desenho Universal na Habitação de Interesse Social no Estado de São Paulo, Governo do Estado São Paulo, 2010, p.16

59

Figura 20. Os pictogramas “homem” e “mulher”, com informação em relevo e Braille, são conhecidos universalmente e de fácil compreensão, Fonte: Diretrizes do Desenho Universal na Habitação de Interesse Social no Estado de São Paulo, Governo do Estado São Paulo, 2010, p.18

59

Figura 21. Pessoas com mobilidade reduzida ou com deficiência tem dificuldades em subir escadas sem corrimãos, Fonte: Diretrizes do Desenho Universal na Habitação de Interesse Social no Estado de São Paulo, Governo do Estado São Paulo, 2010, p.29

60

Figura 22. Sistema de alavanca adequado permite que esforço físico mínimo, fonte: www.igti.com.br

60

Figura 23. Telefones públicos instalados em locais inadequados, sem piso tátil, geram riscos de acidentes, Fonte: Diretrizes do Desenho Universal na Habitação de Interesse Social no Estado de São Paulo, Governo do Estado São Paulo, 2010, p.32

60

Figura 24. Adaptabilidade e transformações. Fonte: Diretrizes do Desenho Universal na Habitação de Interesse Social no Estado de São Paulo, Governo do Estado São Paulo, 2010, p.32

60

Figura 25. Símbolos devem ser universais e de fácil compreensão. Fonte: Diretrizes do Desenho Universal na Habitação de Interesse Social no Estado de São Paulo, Governo do Estado São Paulo, 2010, p.31

60

Figura 26. Sanitários com dimensões adequadas para pessoas em cadeira de rodas ou as que estão com bebés em seus carrinhos, disponível em URL: <http://acessibilidadeearquitetura.blogspot.pt/2012/06/7-principios-do-desenho-universal.html>, consultada em Abril de 2018.

61

Figura 27. Itinerário acessível, Fonte: ALVAREZ, E., CAMISÃO, V., Guia Operacional De Acessibilidade Para Projetos De Desenvolvimento Urbano Com Critérios De Desenho Universal, Banco Interamericano de Desenvolvimento, 2004, p.16

63

Figura 28. Espaços educacionais partilhados, ©Aging Network's Volunteer Collaborative, disponível em URL: <http://www.gu.org/LinkClick.aspx?fileticket=AlM3gFX9NGU%3D&tabid=157&mid=606>, consultada em Abril de 2018.

65

Figura 29. Jardim partilhado, ©Alabama Living, disponível em URL: <http://alabamaliving.coop/article/whole-kids-garden-grows-in-states-black-belt/>, consultada em Abril de 2018.

65

Figura 30. O passatempo partilhado de diferentes gerações, ©Philip Oltermann, disponível em URL: <https://www.star2.com/family/2014/05/15/way-to-go-for-ageing-countries/>, consultada em Abril de 2018.

67

Figura 31. O passatempo partilhado de diferentes gerações, ©Orsola Vetri, disponível em URL: <http://www.famigliacristiana.it/articolo/l-asilo-dove-i-bambini-giocano-con-gli-anziani.aspx>, consultada em Abril de 2018

67

Figura 32. Planta de localização.

69

Figuras 33-34. Viaduto Ferroviário de Chelas. 1910, © Joshua Benoliel; fotografia atual, <https://mapio.net/s/30922362/>

72

Figura 35. Arcos dos viadutos da CP - Xabregas/ beco dos Toucinheiros, 1954, AML, Fernando Martinez Pozal. PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/POZ/000171

73

Figura 36. Viaduto de Xabregas, 1938, AML, Eduardo Portugal. PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/EDP/001466

73

Figura 37. Rua Alves Paiva Fragoso,Vila Dias, início do século XX. AML, Alberto Carlos Lima, Vila Dias. PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/LIM/000884

73

Figura 38. Arco da Vila Dias e viaduto de Xabregas, 1940. AML, Eduardo Portugal, Vila Dias. PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/EDP/002208

73

Figura 39. Vista sobre o Vale de Chelas até Xabregas, Lisboa, c. 1990. <http://biclaranja.blogs.sapo.pt/485027.html>

73

Figura 40. Casa na Estrada de Chelas, 1973, © Vasco Gouveia de Figueiredo, <http://aps-ruasdelisboacomhistreria.blogspot.com/2018/02/estrada-de-chelas-i.html>

74

Figura 41. Estrada de Chelas , 1961, © Foto de Artur João Goulart, <http://aps-ruasdelisboacomhistreria.blogspot.com/2018/02/estrada-de-chelas-i.html>

74

Figura 42. Estrada de Chelas no sentido para poente, 1998, © António Sachetti, <http://aps-ruasdelisboacomhistreria.blogspot.com/2018/02/estrada-de-chelas-i.html>

74

Figura 43. Gravura da Fábrica da Samaritana, Xabregas. Esta imagem foi publicada no Diario Ilustrado n.º 1617, de 8 de Agosto de 1877, https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Fabrica_Samaritana_Xabregas_-_Diario_Ilustrado_1617_1877.jpg

75

Figura 44 . Análise de cheios e vazios

81

Figura 45 . Análise de sistema viária e mobilidade

82

Figura 46 . Análise de usos de solo

83

Figura 47 . Análise de de património construído

84

Figura 48 . Análise de estrutura verde

85

Figura 49. Planta Hidrográfica. Fonte:MIARQ5B (prof.José Aguiar e Pedro Pacheco)

	86
Figura 50. Orientação solar na área de intervenção	87
Figura 51. Os ventos dominantes presentes nesta área orientam-se maioritariamente de Noroeste para Sudeste.	87
Figura 52 . Análise social dos freguesias Beato e Penha de França	88
Figura 53 . Contextualização do lugar	89
Figura 54. Vista área da estrutura da fábrica, foto de drone, 2017, ©FAUL	90
Figura 55. Sistema estrutural da fábrica, 2017, ©Autor	91
Figura 56. Esquema de ligação entre edifícios e cota cota elevada do bairro.	93
Figura 57. Corte que mostra a ligação entre edifícios e cota elevada do bairro	93
Figuras 58-59. A rede dos muros antigos que existem na área de intervenção. 1.Muro, 1966, AML,©João Hermes Cordeiro Goulart, Beco dos Toucinheiros, Beato. PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/AJG/T04373. 2.Foto actual, 2018, ©Autor	95
Figura 60. Esquema das quebras do muro	95
Figura 61. Ações de planeamento	96
Figura 62. Esquema de localização do espaço partilhado que aparecem entre os espaços privados e é um ponto de encontro e interação geracional	98
Figura 63. Esquema de caracterização do programa	99
Figura 64. Os acessos e a circulação do visitantes (linha vermelha) e do empregados (linha azul).	101
Figura 65. A isomeria da Fábrica de Samaritana e do edifício projetado	103
Figura 66. Planta dos usos e áreas médias	105

Figura 67. O fragmento de maquete que mostra a relação entre estrutura do telhado novo projetado e velho pre existente	109
Figura 68. Os tijolos de cores diferentes	110
Figura 69. As paredes de alvenaria perfurada, ©Gustavo Sosa Pinilla, Fonte: https://www.archdaily.com/785011/experimental-brick-pavilion-estudio-botteri-connell/57042b43e58ece3649000250-experimental-brick-pavilion-estudio-botteri-connell-photo	111
Figuras 70-72. Os revestimentos que foram usadas no projeto	111

ÍNDICE DE QUADROS

Gráfico 1 Estimativas e projeções da população residente em Portugal, 1 de Janeiro 1980-2060, Fonte: INE, disponível em URL: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=ine_main&xpid=INE , consultada em Março de 2018.	24
Quadro 1 Projeções da população, Portugal 2008-2060 – cenário central, Fonte: INE, Censos 2011, Estatísticas demográficas e projeções demográficas, disponível em URL: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=ine_main&xpid=INE , consultada em Março de 2018.	25
Quadro 2 Peso dos grupos etários no total da População (em %) Portugal 2008-2060 – cenário central, Fonte: INE, Projeções demográficas, disponível em URL: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=ine_main&xpid=INE , consultada em Março de 2018.	26
Quadro 3 As necessidades de cada geração, Fonte: NEWMAN, S. Intergenerational Programs: Past, Present, Future. Ed. Taylor & Francis, Washington, EUA, 1997, p.17	39
Quadro 4 Áreas do centro intergeracional	105

LISTA DE ABREVIATURAS

AML – Área Metropolitana de Lisboa;

CML - Câmara Municipal de Lisboa;

DOCOMOMO - Documentação e Conservação Movimento Moderno;

GPEV - Direção Municipal de Gestão e Planeamento de Espaços Verdes;

I.C.O.M. – International Council of Museums (Conselho Internacional de Museus).

I.C.O.M.O.S. – International Council of Monuments and Sites (Conselho

Internacional dos Monumentos e dos Sítios).

I.G.E.S.P.A.R. – Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico.

INE - Instituto Nacional de Estatística;

OASRS - Ordem dos arquitectos secção regional sul;

PDML - Plano Diretor Municipal de Lisboa;

PEL - Plano Estratégico de Lisboa;

T.I.C.C.I.H. - The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage;

U.E. – União Europeia.

U.N.E.S.C.O. – The United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura).

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO.....	1
1.1. Problemática e Objetivos	3
1.2. Metodologia	4
2. PRESERVAÇÃO DO PATRIMÓNIO ARQUITETÓNICO INDUSTRIAL ..	6
2.1. Definição do património arquitectónico	6
2.2. Cartas Internacionais no domínio do Património.....	8
2.3. O que se entende por Património Industrial.....	11
2.4. Reutilização adaptativa como forma de preservar um património industrial.....	13
3. ARQUITECTURA INTERGERACIONAL.....	17
3.1. Relações intergeracionais.....	17
3.1.1. Definição do conceito "intergeracional"	17
3.1.2. As gerações nas sociedades contemporânea	19
3.1.2.1. A análise da situação demográfica.....	22
3.1.2.2. A infância	26
3.1.2.3. A juventude	31
3.1.2.4. Os idosos	34
3.1.2.5. Benefício recíproco da interação Intergeracional	38
3.2. O que é a arquitectura intergeracional	43
3.2.1. Acessibilidade Arquitectónica	53
3.2.2. Desenho Universal	57
3.2.3. Espaço partilhado para Interação Intergeracional.....	63
3.2.4. Planeamento intergeracional	67
4. PROPOSTA DE PROJETO DE REABILITAÇÃO DA FÁBRICA DA SAMARITANA	69
4.1 Contexto da Intervenção	69
4.1.1. Enquadramento histórico da área de estudo.....	70

4.1.1.1. A Fábrica da Samaritana	74
4.1.2. Análise Urbana.....	77
4.1.2.1. Cheios e vazios.....	77
4.1.2.2. Sistema viária e mobilidade	77
4.1.2.3. Uso do solo e património construído	78
4.1.2.4. Estrutura ecológica.....	79
4.1.3. Enquadramento Social.....	88
4.2. Levantamento Arquitectónico e Análise Espacial do lugar de intervenção	89
4.3. Programa Urbano	92
4.3.1. Ligação ao contexto urbano	92
4.3.2. Articulação com preexistente.....	94
4.4. Projeto de Arquitetura.....	97
4.4.1. O programa.....	97
4.4.2. Morfologia/ Funcionamento	100
4.4.3. Ideia Construtividade / Materialidade.....	108
5. SÍNTESE	112
REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA	113
ANEXOS.....	117

1. INTRODUÇÃO

Em Lisboa, nos últimos anos, a reabilitação de áreas industriais é particularmente relevante. Como resultado de desindustrialização, houve uma realocização de empresas e indústrias fora da cidade e muitas das fábricas que existiam na cidade estão desativadas.

Um exemplo das consequências desse processo é o sítio de Xabregas, que foi escolhido como área de estudo. A zona industrial antiga ficou isolada do ambiente social urbano. O bairro começou a ser esvaziado, ficando degradado social e culturalmente.

Devido à sua localização conveniente, essa área é considerada promissora, tem um grande potencial de desenvolvimento urbano e social.

O problema é a integração, a inclusão de áreas industriais "perdidas" no ambiente urbano, o seu uso no interesse dos cidadãos e o desenvolvimento da economia, contribuindo assim para a melhoria da segurança e da qualidade de vida da população local.

Os instalações industriais têm um enorme valor arquitetónico: espaços interessantes, áreas enormes, estruturas pronunciadas, o que torna o projeto de reabilitação de um edifício industrial único no seu tipo. Neste trabalho nós consideramos o conceito de “reutilização adaptativa” de edifícios e complexos como uma das formas de preservar os edifícios industriais abandonados, que apresentam imensas potencialidades para serem devolvidas com uma nova vida, com um novo propósito funcional ao serviço das comunidades.

A questão principal desta pesquisa é como a arquitetura medeia entre diferentes usos e diversas faixas etárias.

As relações intergeracionais, em todos os momentos, são uma questão complexa e importante. «A imagem de um velho contando histórias de outros tempos aos mais jovens, à beira do fogo ou ao sabor do ritmo de uma cadeira de baloiço, contrasta fortemente com o andamento e as exigências de velocidade, eficiência, racionalidade e produtividade de uma sociedade urbanizada, soando como algo romântico e saudosista. Neste

contexto, tanto crianças como pessoas idosas tendem a ficar à margem de onde a “vida acontece”, e o espaço para contar e ouvir histórias vai se restringindo à disponibilidade circunstancial de um interlocutor ou a instituições que atendem separadamente cada faixa etária. As crianças escutando histórias escolhidas e lidas por seus professores e os idosos tentando contar suas histórias de vida a quem tenha paciência para ouvi-las, são imagens mais realísticas no panorama do mundo contemporâneo» (BRANDAO et al., 2006, p. 98)

Um dos atuais desafios da sociedade é despertar a motivação para relação e a permuta do conhecimento entre as gerações. Essa partilha visa um mútuo benefício. "Falar em intergeracionalidade significará sempre falar em espaços de diálogo e de troca de experiências entre gerações que favoreçam o enriquecimento mútuo" (RODRIGUES, pg.46).

Alem disso, é uma maneira de encontrar uma solução para problemas muito atualizados. Por exemplo, na maioria dos países ocidentais, a população de mais de 65 anos deverá duplicar em apenas algumas décadas. A maioria acredita que com o início da aposentadoria vem a velhice e as doenças, o sentimento de inutilidade e a depressão. No entanto, a experiência única e a sabedoria dos idosos, seu conhecimento adquirido ao longo da vida, é um recurso importante que a sociedade pode e deve usar para o seu desenvolvimento, e especialmente os jovens, que determinam o futuro.

Em relação a este trabalho, que une conceitos "Património" e "Arquitetura Intergeracional" pode-se citar as palavras da Ordem dos arquitetos secção regional sul (OASRS): "Salvaguardar a herança cultural é reforçar laços identitários, fomentar o diálogo entre a tradição e o progresso, assumir os valores da memória como alavancas de futuro, estimular a transferência intergeracional de conhecimentos e reforçar a partilha de informação, sensibilizando os mais novos, aprendendo com os mais velhos, impulsionando a comunicação entre gerações, para conhecer mais, preservar

melhor e cimentar a importância da cultura e do património enquanto elementos aglutinadores das comunidades”¹.

No seguimento desta ideia, no decorrer do trabalho vamos tentar entender como a arquitetura pode servir todas as gerações, satisfazer as diversas necessidades de diferentes faixas etárias, como remover os limites artificiais entre jovens e velhos, permitindo que as pessoas se encontram sem restrição e totalmente naturais.

1.1. Problemática e Objetivos

O presente trabalho pretende refletir sobre o desenvolvimento do conceito "arquitetura intergeracional". Como questões principais são consideradas:

- Como a arquitetura medeia diferentes usos e diversas faixas etárias.
- De que modo a reutilização adaptativa de um espaço pós-industrial poderá ligar o ‘lugar’ ao ambiente envolvente, e complementá-lo com os usos, que deem respostas às necessidades de várias gerações?
- Que estratégias na arquitetura intergeracional podem ajudar a remover os limites artificiais entre jovens e velhos e criar comunidades mais sustentáveis?
- Quais são os princípios básicos da arquitetura intergeracional que ajudarão a criar um espaço conveniente e útil para diferentes gerações?
- Que carácter deve ter a intervenção para criar uma nova identidade ao lugar, mantendo a harmonia entre o novo e o existente (o património)?

Neste contexto foram identificados um conjunto de objetivos:

- Identificar uma definição de crianças, jovens e idosos, suas necessidades e papel na sociedade atual.

¹ Fonte: <http://www.construir.pt/2018/04/24/patrimonio-arquitectura-intergeracional-debate-na-ordem-dos-arquitectos/>, Acesso em 05.03.2018

- Investigar e sistematizar a experiência de países diferentes na transformação de áreas industriais com a preservação de instalações, mas com uma mudança das suas funções.
- Definir estratégias de arquitetura intergeracional como ferramentas para a criação de Centro Intergeracional.
- Identificar os princípios básicos de reutilização adaptativo de edifícios e complexos industriais abandonados.
- Desenvolver um projeto, focando no espaço compartilhado entre as gerações.
- Combinar edifícios separados com níveis diferentes num complexo.
- Criar a rede de novas ligações pedonais que ligam as cotas de nível na área.

1.2. Metodologia

O trabalho final de mestrado é composto por cinco capítulos incluindo este, “Introdução”, no qual é apresentado e justificado o tema de estudo, é descrito o objectivo e a metodologia do trabalho.

No segundo capítulo "Preservação do Património Arquitectónico Industrial" revela os significados de conceitos como "Património Arquitectónico", "Património Industrial", "Reutilização Adaptativa", também realiza o estudo de documentos internacionais no domínio do Património.

O terceiro capítulo "Arquitetura Intergeracional" centra-se no estudo e conhecimento teórico sobre “gerações”, e o estilo de vida atual de cada uma como referencial para analisar as relações entre elas, e pesquisas de referências de projetos com o intuito de adquirir bases sólidas.

A pesquisa teórica da temática da arquitetura intergeracional baseou-se em "Of Other Spaces: Utopias and Heterotopias" por Michel Foucault e "Actions of Architecture, Architects and Creative Users" por Jonathan Hill. O primeiro livro refere-se como a sociedade é dividida de acordo com os usos,

na tentativa de alcançar a perfeição; o segundo é sobre como a arquitetura mudou ao longo dos anos, de um usuário previsível a imprevisível, através de funcionalidade, flexibilidade, polivalência e narrativa. Além disso, com base em artigos, livros e estudos realizados, foram analisados e estudados os conceitos que de uma forma ou de outra caracterizam a arquitetura intergeracional. Eles são "Acessibilidade Arquitetónica", "Desenho Universal", "Espaço partilhado" e "Planeamento intergeracional".

O capítulo "Proposta de projecto de reabilitação da fábrica da Samaritana" é dividido em duas partes: uma parte teórica e uma parte prática.

A primeira compreende:

- uma caracterização do sítio - uma análise da contextualização histórica com o intuito compreender o papel de Xabregas e do Vale de Chelas no contexto da cidade de Lisboa;
- investigação dos problemas e das potencialidades do sítio;
- enquadramento social;
- levantamento arquitectónico e análise espacial do lugar de intervenção, onde são caracterizados sistemas estrutural e construtivo, os materiais e patologias de fábrica da Samaritana.

A parte prática, por sua vez, está organizada de acordo com as fases do desenvolvimento do projeto, ou seja, com as diversas escalas de abordagem do plano: desenho conceitual (em escalas 1:2500 / 1:1000), uma proposta esquemática (em escalas 1:1000 / 1:500), uma intervenção, onde será proposta uma solução para a organização de espaços públicos, zonas verdes, desenho viário e pedonal urbana (em escalas 1:1000 / 1:500), o projecto arquitectónico (em escalas 1:500 / 1:200/ 1:100) e o modelo tridimensional da proposta.

No último capítulo "Síntese" são discutidas algumas considerações finais sobre o trabalho teórico desenvolvido e sobre como essa mesma aprendizagem tomou forma na proposta de intervenção.

2. PRESERVAÇÃO DO PATRIMÓNIO ARQUITETÓNICO INDUSTRIAL

*Uma geração não pertence unicamente a si,
pertence ao pretérito cuja herdeira é, ao
futuro, cuja testadora será.*

Alexandre Herculano²

2.1. Definição do património arquitectónico

O termo “património” vem do latim *patrimoniu* (*patri*, pai + *monium*, recebido)³.

O Património em geral é entendido como uma herança paterna ou bens de família, transmitidos por herança. Além disso, o Património pode significar zonas, edifícios e outros bens naturais ou materiais de determinada região, país que são protegidos e valorizados pela sua importância cultural (histórico, ambiental, etc.) (Dicionário da Língua Portuguesa, 2017).

O património é definido como “a conjugação das criações e dos produtos da natureza e do homem que, na sua integridade, constituem, no espaço e no tempo, o ambiente em que vivemos. O património é uma realidade, um bem da comunidade e uma valiosa herança que pode ser legada e que convida ao nosso reconhecimento e à nossa participação” (Quebec Association for the Interpretation of the National Heritage, 1980)⁴.

Na sua obra "A Alegoria do Património" Choay (2010) investiga o conceito de monumento (que subentende o conceito de património),

² HERCULANO, Alexandre, “Eschóla Polytécnica e o Monumento”, in *Revista Universal Lisbonense* №38, vol. II – Serie IV, Lisboa, [1843], p. 471

³ Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Patrim%C3%B4nio>, Acesso em 20.05.2018

⁴ Definition of Heritage and Preservation in Charter for the Preservation of Quebec's Heritage, ICOMOS Canada French-Speaking Committee, 1982 [trad.], Disponível em <https://www.icomos.org/en/about-the-centre/publicationsdoc/179-articles-en-francais/ressources/charters-and-standards/3555-charter-for-the-preservation-of-quebec-s-heritage-2>, Acesso em 20.05.2018. Em original “*Heritage is defined as "the combined creations and products of nature and man, in their entirety, that make up the environment in which we live in space and time. Heritage is a reality, a possession of the community, and a rich inheritance that may be passed on, which invites our recognition and our participation"*”.

relacionando á construção da identidade histórica e á memória local, para perceber a sua origem e evolução, significado e valor. Ela diz que o património é “ligado às estruturas familiares, económicas e jurídicas de uma sociedade estável, enraizada no espaço e no tempo” (p.11), e apresenta o monumento como “tudo o que for edificado por uma comunidade de indivíduos para rememorar ou fazer que outras gerações de pessoas rememorem acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças” (p.18).

Lowenthal (1994) usa o termo "património" como o sentido do passado que forma nossa identidade pessoal, sejam elas tradições, património, memórias, que nos fornecem as bases para o sentimento de pertença, de identidade para com determinado grupo. Como ele diz, "o património preenche atitudes em relação a tudo", "atende às necessidades comuns e incorpora traços comuns em todo o mundo". Património "mostra interesse em múltiplos passados - história familiar, edifícios e monumentos, pré-história e antiguidades, música e pinturas, plantas e animais, linguagem e folclore - que vão desde remotos até tempos recentes". Tão difundido e rápido crescimento é tal interesse que o património desafia a definição" (pp.41-42)⁵.

De acordo com Lowenthal (1996), o património é “tribal, exclusivo, patriótico, redentor ou autoengrandecedor”. O património é considerado “não com factos verificáveis, mas com crédula fidelidade” (pp.120-121)⁶, apenas precisa de ser aceite como parte da cultura por seus membros.

“O património destila o passado em ícones de identidade, ligando precursores e progenitores, com os nossos próprios antecessores e com os nossos sucessores prometidos”⁷ (Lowenthal. 1994, p.43). Património de uma família, de um grupo étnico ou de uma nação, difere dos outros. "A sua singularidade valoriza a nossa superioridade"⁸ (Idem, p.47).

⁵ Tradução do autor. Em original: “*Heritage suffuses attitudes toward everything; addresses common needs and embodies common traits the world over. It betokens interest in manifold pasts - family history, buildings and landmarks, prehistory and antiques, music and paintings, plants and animals, language and folklore - ranging from remote to recent times. So wide-spread and fast growing is such interest that heritage defies definition*”.

⁶ “*(...) tribal, exclusive, patriotic, redemptive, or self-aggrandizing*”, “*(...) not on checkable fact but credulous allegiance*”

⁷ “*Heritage distills the past into icons of identity, bonding us with precursors and progenitors, with our own earlier selves, and with our promised successors*”.

⁸ “*Its uniqueness vaunts our own superiority*”.

A ideia de um património cultural ou natural, independentemente da localização geográfica dos bens, é recente. Apenas no século XIX o sentido da importância do passado começa a despertar, e a sensação, de que por detrás de cada obra, da arquitetura, da pintura ou da música, se descobrem as raízes dos seus autores e aparecem marcas identificativas da sua comunidade de pertença (SACADURA, CUNHA, 1999).

De acordo com KIT01 – Património Arquitectónico (IHRU, IGESPAR, 2010), “por património arquitectónico entende-se (...) o conjunto das estruturas físicas (os edifícios ou estruturas construídas e seus componentes, os núcleos urbanos e seus componentes, as paisagens e seus componentes) às quais determinado indivíduo, comunidade ou organização reconhece, num dado momento histórico, interesse cultural e ou civilizacional, independentemente da natureza dos valores em que esse interesse radique:

- valor arquitectónico (artístico, construtivo, funcional),
- valores histórico e documental,
- valores simbólico e identitário” (p.8).

Património arquitectónico “(...) abrange não apenas imóveis de carácter monumental, mas também aqueles cujos contextos de formação e características particulares se revelem emblemáticos ou significativos no espaço e tempo em que se desenvolveram. De acordo com a Convenção para a Salvaguarda do Património Arquitectónico da Europa, o património arquitectónico poderá ser enquadrado em três categorias gerais: monumentos; conjuntos arquitectónicos; e sítios” (p.85).

2.2. Cartas Internacionais no domínio do Património

Até ao final do século XIX, o património arquitetónico era uma preocupação de importância nacional. A maior parte da legislação concernente à proteção de edifícios históricos na Europa data desse período. Em cada país existiam muitas associações, mas seu alcance nunca foi além

das fronteiras nacionais. O internacionalismo cultural foi uma reação aos eventos da Primeira Guerra Mundial (com a criação da Liga das Nações), bem como à Segunda Guerra Mundial, após a qual as Nações Unidas e a UNESCO foram criadas⁹.

Durante o último século foram criados alguns organismos internacionais, cujos especialistas contribuíram para a organização de diversas convenções, leis e acordos nacionais e internacionais para a preservação e a proteção do património. Os seguintes são os mais importantes documentos internacionais de conservação e restauro do património.

O primeiro documento internacional sobre o património (monumentos e arte) é a Carta de Atenas, ou Carta del Restauro (1931). Representa um passo importante na evolução das ideias: definiu pela primeira vez o conceito de património internacional, os princípios básicos para a preservação e restauro de edifícios antigos (por exemplo, o uso de materiais modernos na restauração) e contribuiu para o desenvolvimento de um vasto movimento internacional que levou ao aparecimento das organizações internacionais nessa área.

Em 1957, especialistas em arquitetura organizaram um congresso em Paris, chamado 1º. Congresso de Arquitetos e Especialistas em Edifícios Históricos; como resultado recomendaram que os países que ainda não tivessem uma organização central para a proteção dos edifícios históricos, providenciassem a criação de um órgão dessa natureza¹⁰.

Em 1964, no II Congresso Internacional de Arquitetos e de Técnicos de Monumentos Históricos, foram adotadas 13 resoluções, sendo a primeira a Carta de Veneza e a segunda a criação do ICOMOS (Conselho Internacional de Monumentos e Sítios).

A Carta de Veneza veio alargar o conceito de património. A Carta foi influenciada pela ideia do "fim da história", difundida após a Segunda

⁹ Fonte: <https://www.icomos.org/en/about-icomos/mission-and-vision/history?showall=&start=1>, Acesso em 12.05.2018

¹⁰ Fonte: <https://www.icomos.org/en/about-icomos/mission-and-vision/history?showall=&start=1>, Acesso em 12.04.2018

Guerra Mundial, - o início de um período completamente novo de desenvolvimento humano. Foi reconhecida a necessidade de uma separação clara entre o antigo e o novo, em particular em termos de estilo. Na época da adoção deste documento, o modernismo, de uma forma ou de outra, parecia ser o único estilo possível da arquitetura moderna. Portanto, qualquer referência aos estilos do passado foi percebida, especialmente na restauração e reconstrução, como uma tentativa de forjar o original. Foi contra isso que os representantes da UNESCO e da ICOMOS falaram no II Congresso Internacional de Arquitetos e Especialistas Técnicos em Monumentos Históricos, em 1964, em Veneza. Em sua opinião, ao restaurar e ao adicionar os novos edifícios ao monumento, é necessário traçar um limite formal claro entre as partes históricas e modernas autênticas, evitando a criação de um "falso". A Carta de Veneza é o documento mais influente sobre conservação, que continua até hoje (A CARTA DE VENEZA, 1964; ELIAS, 2002; KÜHL, 2010).

Em 1979, a Carta de Burra foi adotada pelo ICOMOS australiano, que se tornou não apenas um complemento ideológico e continuação da Carta de Veneza de 1964, mas também a primeira tentativa de superar o imperialismo cultural europeu. A carta enfatizava o "significado cultural" de lugares, valores e tradições vivas no contexto da sua rápida mudança e da ameaça de desaparecimento; indica linhas de orientação para a conservação e para a gestão dos sítios com significado cultural (A CARTA DE BURRA, 1981).

Em 2003, a Carta de Nizhny Tagil foi adotada numa conferência da Comissão Internacional para a Conservação do Património Industrial (TICCIH). Este documento é baseado na importância de estudar as manifestações materiais e não materiais do património industrial. É valorizado não só o edifício isolado, mas também os complexos industriais e a paisagem industrial (TICCIH, 2003).

2.3. O que se entende por Património Industrial

"Quando pensamos imediatamente em património industrial pensamos logo em prédios vetustos, máquinas ultrapassadas sem valor comercial, e relíquias materiais e arquitetónicas, algumas com valor artístico de época"¹¹. As vilas operárias, que eram geralmente localizadas perto aos prédios das fábricas, também são uma parte integrante do conjunto arquitetónico industrial.

Segundo a Carta de Nizhny Tagil (TICCIH, 2003), "o património industrial compreende os vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitetónico ou científico. Estes vestígios englobam edifícios e maquinaria, oficinas, fábricas, minas e locais de processamento e de refinação, entrepostos e armazéns, centros de produção, transmissão e utilização de energia, meios de transporte e todas as suas estruturas e infraestruturas, assim como os locais onde se desenvolveram atividades sociais relacionadas com a indústria, tais como habitações, locais de culto ou de educação" (...) "As razões que justificam a protecção do património industrial decorrem essencialmente do valor universal daquela característica, e não da singularidade de quaisquer sítios excepcionais."

A organização internacional que tem como objectivo estudar, proteger e conservar o património industrial (TICCH) definiu o "Património Industrial" como "Paisagem, sítio, edifício / bens móveis – instalações, máquinas, utensílios que testemunham a actividade das sociedades economicamente desenvolvidas ou em vias de desenvolvimento, compreendendo as fontes de energia e as matérias-primas, os lugares de trabalho, os meios de transporte e utensílios técnicos, o conjunto dos produtos que resultaram da actividade industrial, o conjunto dos documentos escritos, gráficos, fotográficos, os textos administrativos, jurídicos, técnicos e outros." (IHRU and IGESPAR, 2010, p.54)

¹¹ Fonte: Património industrial: passado e presente Leonardo Mello e Silva in Patrimônio. Revista Eletrônica do Iphan, 2006), <http://www.labjor.unicamp.br/patrimonio/materia.php?id=164>, Acesso em 18.02.2018

De acordo com KIT03 (IHRU and IGESPAR, 2010) o Património Industrial:

- "reflecte valores de memória, antiguidade, originalidade, raridade, singularidade ou exemplaridade";
- "integra ainda valores tecnológicos, científicos, sociais, económicos e estéticos";
- "associa-se comumente a uma época cronológica precisa – Revolução Industrial";
- "integra todos os bens resultantes de uma actividade produtiva desenvolvida ao longo de gerações";
- "entenda-se (...) o legado material e imaterial produzido pelos diferentes agentes sociais e económicos que perpetuam a memória colectiva" (pp. 8-9).

O movimento de defesa do legado industrial teve a sua génese em Inglaterra, na década de 50, devido à destruição de muitas fábricas durante a II Guerra Mundial¹². Tal como afirma Laborde (1988, p.11) «a noção de património industrial foi definida nos anos 70, na sequência da tomada de consciência da sua precariedade por arquitectos, historiadores, economistas e associações de defesa. Diz respeito aos bens imóveis (construções, sítios adaptados e paisagens), às instalações, máquinas e utensílios, assim como ao conjunto dos produtos resultantes da indústria» (apud MENDES, 2013, p.127).

O património industrial é uma área inter e multidisciplinar, pois envolve uma multiplicidade de diversos especialistas, como historiadores, arquitetos, engenheiros, patrimonialistas, arqueólogos. No site do Direcção Geral do Património Cultural foi notado que “quando se fala de património industrial, referimo-nos frequentemente aos vestígios deixados pela indústria: têxtil, vidreira, cerâmica, metalúrgica ou de fundição, química, papelreira, alimentar, extrativa - as minas, para além da obra pública, dos transportes, das infraestruturas comerciais e portuárias, das habitações operárias, etc.” Além

¹² IGESPAR – Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico, Fonte: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/itinerarios/industrial/>, Acesso em 20.02.2018

disso, em edifícios industriais existe "a linguagem própria", difundida através de diversas soluções construtivas, como o telhado em shed ou a utilização de diversos materiais de construção, como o ferro, o tijolo vermelho e mais tarde o betão¹³.

Como Martins enfatizou (2009), o património industrial, (...) "para além de toda a carga histórica que acarreta, simboliza também uma vivência específica da população, apelando a memórias emocionais. O património industrial deve ser considerado "monumento", na medida em que representa uma época da história da civilização e faz parte da memória colectiva da população e da imagem da cidade" (p. 12).

Portanto, é importante tomar-se consciência da necessidade de preservar e proteger o património, seja restaurando-o ou transformando-o em novas funções, porque "património é Raiz. Referência daquilo que foram outros que habitaram o nosso espaço. Memória" (COUCEIRO, 1998, p. 5).

2.4. Reutilização adaptativa como forma de preservar um património industrial

No início da década de 1990, as antigas instalações industriais começaram a ser vistas como oportunidades de desenvolvimento, como «conservação por meio de adaptação» (Douet, 2012).

O conceito de “adaptação” segundo a Carta de Burra (1999), significa a modificação de um lugar, de modo a adequá-lo a um uso existente ou proposto. A adaptação só pode ser tolerada na medida em que represente o único meio de conservar o bem e "tiver um impacto mínimo sobre o significado cultural do sítio" (pp.6,14).

“Quaisquer alterações ou adições devem ser compatíveis com a forma e o tecido originais do local e devem evitar contrastes inadequados ou incompatíveis de forma, escala, massa, cor e material. A adaptação não deve dominar ou obscurecer substancialmente a forma e o tecido originais, e não

¹³ Idem

deve afetar adversamente o estabelecimento de um lugar de valor do património cultural. O novo trabalho deve complementar a forma e o tecido originais” (ICOMOS 1993-2010, pp.7-8)¹⁴.

Fragner (2012) afirma que, a reutilização adaptativa tem florescido nos anos mais recentes, uma vez que é mais frequentemente entendida como a única maneira de reter complexos industriais desativados, através de uma reutilização alheia à inicial.

O projeto de reutilização adaptativa do património pode ser considerado bem sucedido, se o projeto mantiver a harmonia entre o novo e o existente, ou seja, ao adicionar uma função moderna que fornece valor para o futuro, ele leva em consideração, respeita e preserva o significado do património do edifício.

Craven (Nov.3, 2017) anotou "a reutilização adaptativa é uma decisão filosófica de reabilitação". Como ele afirma, na maioria das vezes o custo da reabilitação e restauração é mais do que demolição e construção de novos, mas a sustentabilidade, tipo de materiais e cultura são as principais razões para a reutilização adaptativa de edifícios antigos.

Segundo as palavras do presidente do Docomomo¹⁵ Ana Tostões “hoje temos a consciência de que há um parque construído imenso no mundo e que a ideia da reutilização de estruturas existentes é um tema ligado à sustentabilidade, ao equilíbrio do planeta”.

Australian Department of the Environment and Heritage (2004) também observou que a reutilização adaptativa "pode beneficiar o meio ambiente, conservando os recursos naturais e minimizando a necessidade de novos materiais"¹⁶.

¹⁴ Tradução do autor. Em original: “Any alterations or additions should be compatible with the original form and fabric of the place, and should avoid inappropriate or incompatible contrasts of form, scale, mass, colour, and material.

Adaptation should not dominate or substantially obscure the original form and fabric, and should not adversely affect the setting of a place of cultural heritage value. New work should complement the original form and fabric”.

¹⁵ Docomomo é a sigla significa Documentação e Conservação Movimento Moderno, <https://www.publico.pt/2016/09/06/culturaipsilon/noticia/porque-destruir-quando-se-pode-reutilizar-1743217>

¹⁶ Tradução de autor. No original: “The practice can also benefit the environment by conserving natural resources and minimizing the need for new materials”

No que diz respeito aos materiais de construção temperados, que foram usados antes, eles já não estão disponíveis hoje. "A madeira serrada primeiro-crescimento de grão grosso é naturalmente mais forte e mais rica do que as madeiras de hoje. O revestimento de vinil tem a sustentabilidade do tijolo antigo?" (CRAVEN, Nov.3, 2017)¹⁷

Até à data, as perguntas sobre materiais e tecnologias de reutilização, transformações espaciais e funcionais, bem como actualização de legislação permanecem relevantes. Na opinião da Tostões (2015) "a combinação de legislação e protecção envolve a reflexão sobre as normas que são aplicadas à prática de reutilização e recuperação de edifícios". Ela distingue dois tipos de situações. A primeira, quando um edifício é classificado formalmente é possível trabalhar com excepionalidade e adaptar a legislação; e a segunda situação, quando para um edifício os padrões são os mesmos que para uma nova construção, então a qualidade do projecto reabilitado é ameaçado.

Segundo Australian Department of the Environment and Heritage (2004), algumas instituições públicas estão a promover política de adaptação e desenvolvimento de lugares patrimoniais que ajudam a garantir que um projeto de reutilização adaptativa tenha um impacto mínimo nos valores patrimoniais de um edifício. Uns dos critérios são:

- “- (...) destruindo o prédio e mantendo sua fachada
- exigir que um novo trabalho seja reconhecido como contemporâneo, ao invés de uma imitação pobre do estilo histórico original do edifício
- uma pesquisa dos usos novos para o edifício compatível com seu uso original" (p. 3 (tr.))¹⁸

Bouchenaki (2014) asseverou que as antigas instalações industriais, estações ferroviárias e portos antigos são agora considerados como

¹⁷ Tradução de autor. No original: *"Adaptive reuse is a philosophical decision of rehabilitation"; "Close-grained, first-growth lumber is naturally stronger and more, rich looking than today's timbers. Does vinyl siding have the sustainability of old brick?"*

¹⁸ Tradução de autor. No original: *"• discouraging "facadism" — that is, gutting the building and retaining its facade*

• requiring new work to be recognisable as contemporary, rather than a poor imitation of the original historic style of the building

• seeking a new use for the building that is compatible with its original use"

(Australian Department of the Environment and Heritage., 2004, p. 3)

património cultural, "na medida em que testemunham não apenas a importância da arquitetura, mas também afetam a vida econômica e social"¹⁹(p.6). Como ele afirma, a estratégia de reutilização adaptativa foi usada em diversos centros históricos das cidades, e a mesma tem-se revelado eficaz e ajudou a rejuvenescer a base económica das antigas partes de diferentes cidades, gerando receita e oportunidades de emprego.

Podemos concluir que a reutilização adaptativa como modo de preservar o património industrial oferece enormes oportunidades para aprender e refletir sobre o passado, criando lugares de transformação para o futuro.

¹⁹ Tradução de autor. No original: "railway stations, factories, and ancient harbours are now regarded as cultural sites insofar as they testify not only to architectural importance, but they have also impacted on economic and social life".

3. ARQUITECTURA INTERGERACIONAL

3.1. Relações intergeracionais

3.1.1. Definição do conceito "intergeracional"

A palavra Intergeracional não se encontra descrita no dicionário de língua portuguesa. Assim, só a podemos analisar fazendo a sua decomposição.

Intergeracional (*inter-* + *geracional*)

O termo “*inter*”, é um elemento de formação de palavras que significa “entre”, “dentro de”, “no meio”; exprime a noção de relação recíproca.²⁰

O termo “*geracional*” (do latim. *generatione-*, “*geração*”+*-al*) remete-nos para a ideia de “relativo a uma geração”, “próprio de gerações diferentes”, “produto de uma geração” (Dicionário Editora da Língua Portuguesa, 2017, p.799).

De acordo com dicionários online, a palavra *Intergeracional* pode significar:

- Relativo às relações entre gerações (ex.: conflito intergeracional)²¹
- Que se realiza entre duas ou mais gerações; relacionado com o que se estabelece entre duas ou mais gerações: comportamentos intergeracionais²²

O termo de «*geração*», que se remete ao contexto histórico e sociológico "designa um conjunto de pessoas que nasceram mais ou menos na mesma época e que têm em comum uma experiência histórica idêntica e/ou uma proximidade cultural" (Forquin, 2003, p.3). Entretanto, uma geração não é formada apenas por pessoas aproximadamente da mesma idade, mas também por aqueles que estavam sob a mesma influência educativa, política ou cultural, que foram impressionadas pelos mesmos eventos, terem vínculos

²⁰ “*inter*”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/inter> [consultado em 02-02-2018].

²¹ “*Intergeracional*”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/intergeracional> [consultada em 02-12-2017].

²² “*Intergeracional*”, in Dicionário Online de Português [em linha], <https://www.dicio.com.br/intergeracional/> [consultada em 02-12-2017].

em comum, que podem ser chamados de «sentimento de geração» ou «consciência de geração» (Idem).

De acordo com Lima (p.12) "a necessidade de associar os conceitos de geração e intergeracionalidade encontra-se principalmente no facto de que os papéis sociais, o estilo de vida e as relações entre as gerações são elementos chave na mudança das estruturas sociais. Tendo como interesse apreender quais são as condições que previnem ou ampliam o preconceito etário sob o ponto de vista, tanto das gerações mais novas quanto das mais velhas, uma vez que a percepção de cada uma reafirma-se em sua relevância".

O interesse científico na análise de gerações e problemas da relação entre eles apareceu na literatura europeia ocidental na segunda metade do século XIX.

O primeiro a desenvolver um estudo científico sobre o conceito de geração foi Auguste Comte. Através de sua reflexão sobre gerações, ele propôs uma lei geral sobre o ritmo da história. Leis biológicas, relacionadas com a duração média da vida e da sucessão das gerações, a base da "objetividade" do ritmo. De modo semelhante ao organismo humano, também o organismo social é sujeito ao desgaste, mas, para este, as "partes" podem ser facilmente substituídas: as novas gerações tomarão o lugar das antigas. O conflito entre gerações pode somente acontecer se a duração da vida humana tornar-se excessivamente longa, frustrando as novas gerações e seu "instinto inovador", ou se a vida fosse excessivamente breve, a predominância deste instinto criaria um desequilíbrio social que inevitavelmente romperia o ritmo do progresso) (COMTE 1998 apud FEIXAI e LECCARDI, 2010).

Dilthey não compartilhou a visão matemática e quantitativa do tempo das gerações tal como a apresentada pela teoria de Comte. Ele enfatizou a importância de comunidade espiritual de gerações e sua condicionalidade histórica. Nas obras de Dilthey, pela primeira vez, existe a ideia de que a mudança de gerações é devido a certos eventos históricos. Ele argumentou que as gerações consistem de pessoas que partilham o mesmo conjunto de experiências, o mesmo "tempo qualitativo". Nem toda ação torna-se uma experiência no destino de muitas pessoas da mesma idade: deve ser

um acontecimento que se distinga nitidamente do comum e tem um impacto significativo em toda a vida futura das pessoas (DILTHEY, 1989).

Esta hipótese também foi desenvolvida nas obras de K. Mannheim (1952), que foi o primeiro que tentou generalizar sistematicamente os problemas das gerações históricas através dos métodos da sociologia e da psicologia. A análise de Mannheim sobre gerações foi um divisor de águas na história sociológica do conceito. Ele caracterizou a geração como uma posição definida na sociedade, como uma interrelação específica entre seus representantes e a unidade de diferentes grupos sociais na faixa etária. Do ponto de vista de K. Mannheim, a mudança de gerações é um processo universal, predeterminado pelo ritmo biológico da vida humana, pelo qual os antigos participantes do processo cultural são substituídos por novos, transferindo o patrimônio cultural e experiência acumulados. Através do conceito de geração, os longos tempos da história são fixados em relação aos tempos da existência humana e entrelaçados com a mudança social. Nesta perspectiva, gerações é o lugar em que dois tempos diferentes - o do curso da vida, e o da experiência histórica - são sincronizados. O tempo biográfico e o tempo histórico fundem-se e transformam-se criando desse modo uma geração social (apud FEIXAI e LECCARDI, 2010).

3.1.2. As gerações nas sociedades contemporânea

*“Há uma idade na vida em que os anos passam
demasiado depressa e os dias são uma eternidade”*

Virginia Wolf

A sociedade contemporânea encontra-se num processo rápido e profundo de transformação social e cultural. No nosso tempo, o humano está cercada por uma variedade de fenómenos, muitos dos quais têm um impacto significativo nele. O ambiente social é considerado um dos fatores mais importantes na formação e desenvolvimento do indivíduo.

O homem, como qualquer ser vivo, nasce, cresce e morre. Ao longo da vida, ele passa por todas as fases do desenvolvimento – a infância, a juventude, a idade adulta e a velhice. Cada uma destas fases compõe-se de diferentes conquistas e mudanças, amplia e fortalece a cultura humana, pois nelas são reforçados e institucionalizados diferentes papéis sociais. Para cada etapa utiliza e adquire inúmeras capacidades biológicas e intelectuais (SANTOS, 2010).

Lima (2007) enfatizou que "as categorias sociais – ou gerações – como a infância, a adolescência ou a juventude, são resultado das transformações materiais, conceituais, religiosas, históricas, culturais, sociais, económicas, ideológicas e outras, que as ações humanas no mundo desencadeiam, criando assim novas realidades e formas de existência para cada segmento geracional" (p.17).

O mundo moderno, que está cheio de novas descobertas, mudou a nossa visão sobre a vida, família, sentimentos, emoções, hábitos e prioridades. Segundo Coutinho (2010), o contexto cultural e social em que vivemos é um contexto novo e complexo que é grandemente influenciada pela maioria das tecnologias da informação e da comunicação. Ele argumentou que a sociedade "marcada pela cultura moderna que valoriza: a secularização (perda da referência do religioso, para a convivência social e para os planos pessoais de vida); a autonomia (valor acima de qualquer outro para a plena conquista de si mesmo); o pluralismo (eleito como valor moral, possibilitador da convivência das liberdades e das decisões colectivas)" (p.30).

O processo de transformação das sociedades numa forma moderna causou as mudanças semelhantes na família tradicional. “A estrutura familiar foi-se alterando e novos tipos de família foram surgindo ao longo do tempo. Actualmente, as famílias são quantitativa e qualitativamente diferentes das dos nossos antepassados” (VIEIRA, 2010, p.16).

Hoje, a individualização dos membros da família acontece, o casamento é gradualmente libertado de preconceitos religiosos e nacionais, o papel e as responsabilidades das mulheres na família mudaram significativamente, a taxa de natalidade está diminuindo. Os avós passaram a

viver nas instituições de acolhimento e as crianças nas creches ou colégios. "Desde então, crianças e idosos não voltaram a ter o mesmo tipo de assistência assegurado pela família. Neste sentido, os equipamentos sociais (i.e. serviços sociais e educativos de apoio e cuidado a crianças e idosos) surgiram como resposta a este fenómeno social e desse modo têm vindo a desenvolver-se de inúmeras formas" (VIEIRA, 2010, p.8).

As crianças, os jovens e os idosos têm oportunidades limitadas de interação significativa. Elas estão divididas emocionalmente, fisicamente e socialmente, enquanto perdem ótimas oportunidades de aprendizagem e partilha. Os jovens na sociedade contemporânea são maximalistas e inovadores excessivamente confiantes. A geração mais velha absorveu o conservadorismo da era passada, não quer mudar nada, mesmo para melhor. Portanto, a geração mais jovem às vezes vê negativamente a experiência dos mais velhos.

Tal como afirmam Seefeldt, Warman, Jantz, e Galper, (1990), alguns estudos mostram que as crianças que não tenham tido oportunidades suficientes para interagir com os seus avós terão uma maior probabilidade de terem sentimentos negativos acerca destes e do seu envelhecimento. Eles percebem os idosos como pessoas com cabelo grisalho, rugas, incapazes de fazer qualquer coisa, e doentes (apud CHEN, 1997)²³. Se, contudo, as crianças tiverem contacto suficiente com pessoas mais velhas, sentem-se mais confortáveis na sua presença e compreendem melhor o envelhecimento e o ser velho (Idem).

Um problema dentro das comunidades é que diversos grupos populacionais nem sempre reconhecem a sua dependência um do outro. Um exemplo de envolvimento de idosos como cuidadores no planeamento multigeracional é a criação de cuidados para a infância e cuidados para os idosos. Em Ithaca, Nova York, um programa local Head Start está permanentemente alojado em uma comunidade de aposentadoria. Todas as

²³ Fonte: <https://www.joe.org/joe/1997october/iw2.php>, Acesso em 18.04.2018

semanas, os idosos trabalham com crianças em idade pré-escolar em uma variedade de atividades como leitura, cantar e técnicas de artesanato²⁴.

O tema das relações intergeracionais e as sociedades envelhecidas considera-se pertinente quando emerge a necessidade dos territórios multigeracionais desenvolverem competências sociais através de programas de educação intergeracional e de programas de educação para o envelhecimento, em todas as fases da vida. “A ideia de intergeracionalidade não se restringe apenas a velhos e a crianças ou jovens. Pode ocorrer nas relações entre outros intervenientes de diferentes gerações; por exemplo: numa fábrica, encontraremos trabalhadores de diferentes gerações, numa família teremos uma mãe, um filho, uma avó e ou uma bisavó, e num lar ou centro de dia, poderão conviver quatro gerações, nomeadamente a dos 60, dos 70, dos 80 e dos 90” (TEIGA, 2012, p.27).

Investigar como acontecem as relações entre as gerações no dias de hoje em nossa sociedade é uma maneira de entender mais detalhadamente sobre a intergeracionalidade.

Nos subcapítulos seguintes, cada faixa etária será considerada com mais detalhes: os interesses e valores, as necessidades e preocupações de cada geração.

3.1.2.1. A análise da situação demográfica

Portugal apresenta mutações demográficas de ampla escala e com importantes repercussões sociais, económicas e culturais. A evolução demográfica em Portugal no passado recente caracterizou-se por um gradual aumento do peso dos grupos etários seniores e uma redução do peso da população jovem²⁵.

²⁴ Fonte: <https://www.planning.org/research/family/briefingpapers/multigenerational.htm>, Acesso em 06.03.2018

²⁵ Fonte: http://www.qren.pt/np4/np4/?newsId=1334&fileName=envelhecimento_populacao.pdf, Acesso em 06.03.2018

Segundo os dados da Eurostat (2017), Portugal é o 4º país mais velho da Europa e o 6º país mais velho do mundo. A esperança de vida à nascença na Europa é de 76 anos, para ambos os sexos, na Europa dos 27 é de 80 anos e em Portugal é de 79 anos. A análise da situação demográfica, segundo os dados do INE, a mostrou que o índice de envelhecimento em Portugal em 1961 era de 27,5%, sendo que no ano de 2016 era de 148,7%. Em 31 de dezembro de 2016, a população residente em Portugal foi estimada em 10 309 573 pessoas (INE, 2017), 21,1% dos quais são pessoas com mais de 65 anos.

Entre 2011 e 2016 a proporção de jovens (população com menos de 15 anos de idade), face ao total de população residente, passou de 14,9% para 14,0%; a proporção de pessoas em idade ativa (população de 15 a 64 anos de idade) também diminuiu de 66,0% para 64,9%; em contrapartida, a proporção de pessoas idosas (população com 65 ou mais anos de idade) aumentou de 19,0% para 21,1%. Em consequência, o índice de envelhecimento passou de 128 para 151 pessoas idosas por cada 100 jovens. As causas subjacentes ao fenómeno do envelhecimento são a baixa natalidade e os avanços na medicina que permitem aumentar a esperança de vida da população (INE, 2017).

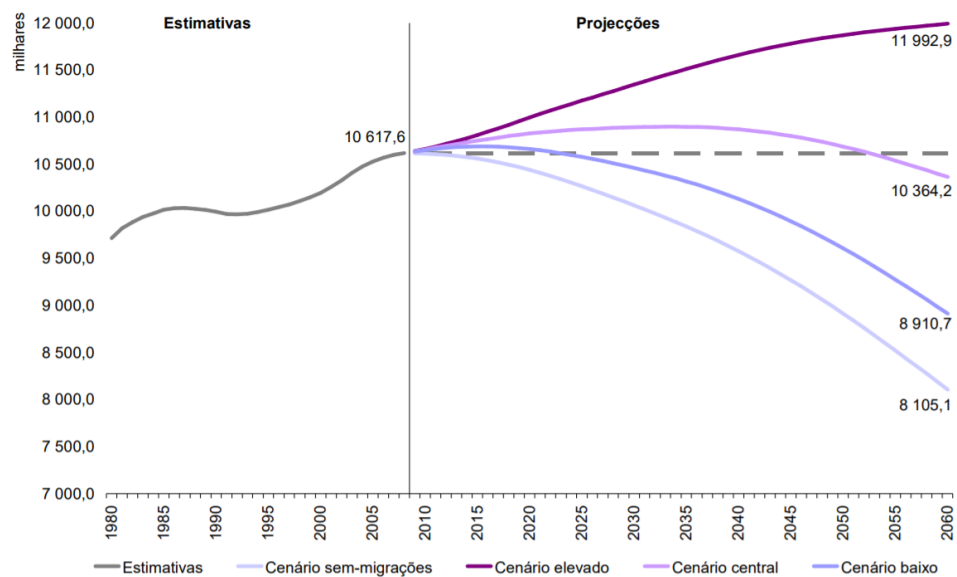
Em *Dinâmicas Demográficas e Envelhecimento Da População Portuguesa* (2014), o conceito de envelhecimento demográfico designa "a progressiva diminuição do peso das gerações mais jovens a favor das gerações mais velhas (...). Além do envelhecimento na base, provocado pela baixa da natalidade e do envelhecimento no topo, em consequência principalmente do aumento da duração média de vida a partir dos 60 anos, pode-se também falar de envelhecimento com origem em alterações das estruturas etárias intermédias, devidas à emigração de adultos activos" (p. 17). Essa tendência é global, tem um impacto direto na prática de planeamento em todo o mundo (WHO, 2007).

As projeções demográficas até 2060 podem descobrir no exercício do INE denominado "Projeções de População residente em Portugal: 2008-2060", publicado em 2010. De acordo com a respetiva nota metodológica, o referido exercício "assenta sobre o conceito de população residente e adota o método das componentes por coortes (cohort-component method), em que as

populações iniciais são agrupadas por coortes, definidas pela idade e pelo sexo, e continuamente atualizadas, de acordo com as hipóteses de evolução definidas para cada uma das componentes de mudança da população - fecundidade, mortalidade e migração – ou seja, pela adição do saldo natural e do saldo migratório, para além do processo natural de envelhecimento” (INE, 2010).

O gráfico 1 apresenta a evolução dos cenários demográficos até 2060.

Gráfico 1
Estimativas e
projeções da população
residente em Portugal,
1 de Janeiro 1980-
2060,
Fonte: INE, Projeções
População residente
em Portugal: 2008-
2060



De acordo com os resultados obtidos no cenário central, a população residente em Portugal continuará a aumentar até 2034, ano em que atinge 10 898,7 milhares de indivíduos, e a partir do qual a população passa a decrescer, atingindo valores abaixo dos de partida (2008) em 2053, projetando-se para 2060 uma população total de 10 364,2 milhares de indivíduos, valor contudo superior aos efetivos populacionais estimados até 2002. Para esta evolução do total de efetivos populacionais contribui não apenas o efeito direto dos saldos migratórios anuais considerados, mas também o efeito que este tem sobre as componentes da fecundidade e mortalidade, com destaque para a fecundidade, face à selectividade etária associada aos fluxos migratórios.

No cenário elevado, a população residente em Portugal continuará a aumentar ao longo de todo o período de projeção, atingindo o seu valor máximo no ano 2060 com 11 992,9 milhares de indivíduos, evolução que passa por um maior volume migratório anual, a par de um aumento dos níveis de fecundidade mais significativo do que o considerado no cenário central.

Em contraste, no cenário baixo os resultados indicam um decréscimo populacional, que poderá verificar-se a partir de 2016, chegando a valores inferiores aos de partida em 2023 e mantendo o decréscimo até 2060, onde os efetivos populacionais atingiriam 8 910,7 milhares de indivíduos. Também aqui se conjugam os efeitos directos e indirectos dos saldos migratórios anuais considerados, a par com níveis de fecundidade menos favoráveis do que os considerados no cenário central.

O quadro 1 apresenta as projeções da população por cada grupo etário, têm por base o cenário central demográficos desenvolvidos pelo INE.

Grupo populacional/Ano	2011	2020	2030	2040	2050
0 - 14	8989068	9331052	9534828	9544218	9397885
15-64	6966564	7101513	6899739	6465062	5982350
65-79	2022504	1598627	1879975	218201	2251967
80+	-	630912	755114	950955	1163568

Quadro 1
Projeções da população, Portugal 2008-2060 – cenário central,
Fonte: INE, Censos 2011, Estatísticas demográficas e projeções demográficas.

A população com mais de 15 anos deverá crescer até 2040 mas a população ativa deverá diminuir na década de 20; a população com mais de 65 anos deverá aumentar de 19% em 2011 para 32% em 2050; por outro lado, a população com mais de 80 anos deverá ultrapassar o valor de 1 milhão na década de 40, atingindo 1,3 milhões no final do período de projeção. O quadro seguinte apresenta os pesos de cada grupo etário do cenário central das projeções do INE.

Quadro 2
Peso dos grupos
etários no total da
População (em %)
Portugal 2008-2060 –
cenário central,
Fonte: INE, Projeções
demográficas

Grupo populacional/Ano	2020	2030	2040	2050
0 - 14	13,8%	12,5%	12,2%	12,1%
15-64	65,6%	63,3%	59,5%	56,0%
65-79	14,8%	17,3%	19,6%	21,1%
80+	5,8%	6,9%	8,7%	32,0%

O peso da população jovem (0 aos 14 anos) diminui progressivamente ao longo do período de projeção, passando de 14,9% em 2011 para 13,8% em 2020 e 12,1% em 2050. O peso da população ativa (15 aos 64 anos) deverá passar de 65,9% em 2011 para 59,5% em 2040 e 56,0% em 2050. O da população idosa (65+) no total aumenta progressivamente de 19,2% em 2011 para 32,0% em 2060. Neste grupo etário, de acordo com as projeções disponíveis, o peso da população com mais de 80 anos de idade poderá passar de 4,5% em 2010 para 5,8% em 2020 e 10,9% em 2050.

Em síntese, Portugal poderá manter relativamente estável o volume de efectivos populacionais (aproximadamente 10 milhões de residentes) de acordo com os resultados do cenário central, mas manter-se-á a tendência de envelhecimento demográfico em qualquer dos cenários considerados. Para tal contribuem as tendências expectáveis em termos de evolução dos grandes grupos etários (0 a 14, 15 a 64 e 65 ou mais anos de idade).

3.1.2.2. A infância

“A criança é o ser humano mais autêntico” - isso é o que diz o educador espanhol César Muñoz Jiménez, ao iniciar sua fala sobre a importância da infância. Para o consultor internacional em infância e juventude a criança sempre é uma fonte de provocação, de conhecimento, inovação e investigação. “Elas fantasiam, sonham e depois utilizam o corpo

e uma linguagem muito criativa para manifestar tudo aquilo que imaginaram”²⁶.

A evolução do conceito da infância chegou a um caminho longo e difícil. A concepção moderna de infância como um mundo especial, diferente do mundo adulto, foi historicamente construída, perpassando pelo o adulto em miniatura na Idade Média e chegando a criança cidadã na Contemporaneidade. Os fenómenos psicossociais como "o sentimento de infância", "a ideia de infância", "a representação de infância", surgiram na civilização muito vagarosamente.

A infância contrapõe-se à vida adulta, porque os comportamentos considerados racionais ou providos da razão são característicos apenas de um indivíduo adulto, que pensa, raciocina e age, com capacidade para alterar o mundo que o cerca.

Sentimento de infância é a consciência da particularidade infantil, ou seja, o que distingue a criança do adulto, o seu modo de agir e pensar faz com que a criança seja considerada um adulto em potencial. Áries enfatizou que "o sentimento de infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças, corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem" (ÁRIES, 1981, p. 99).

No artigo de Lima²⁷, descreve-se que a atitude em relação às infâncias e o papel de crianças na sociedade e na família mudaram ao longo dos séculos. Por muito tempo, a criança não foi vista como um ser em desenvolvimento, com características e necessidades próprias, mas sim como um adulto em miniatura. Etimologicamente, "infância" vem do Latim *infantia*. É um termo composto por *in* (uma negação) e pelo particípio do verbo *faris* (“falar”). Portanto, chamava-se *infantis* às crianças mais novas que ainda não tinham aprendido a falar.

²⁶ Consultada em <http://educacaointegral.org.br/reportagens/a-infancia-e-o-melhor-capital-de-uma-sociedade-afirma-educador-espanhol-cesar-munoz/>, Acesso em 12.03.2018

²⁷ Consultada em <http://fundamentoseducacaoinfantil.blogspot.pt/p/conceito-de-infancia.html> - artigo do SANDRA VAZ DE LIMA, com base na Dissertação de Mestrado de Gislene Lossnitz - O Primeiro Jardim de Infância no Brasil: Emília Ericksen. (A busca da compreensão do conceito de infância). Ponta Grossa, 2006.), Acesso em 18.03.2018

Philippe Ariès em sua obra “História Social da Criança e da Família”, elaborou um estudo para apontar como a definição de criança evoluiu no período entre a Idade Média e o Século XX principalmente em relação aos parâmetros ideológicos e culturais. Tais conclusões advieram a partir da análise de pinturas, escritos em diários, esculturas e vitrais produzidos na Europa no período anterior à Revolução Francesa²⁸.

Áries (1981) diz que durante a Idade média não existia o chamado sentimento de infância. Na sociedade medieval as crianças eram representadas como adultos em miniatura, e portanto, era desmerecedora de cuidados especiais. As crianças e os adultos compartilhavam os mesmos lugares e situações, fossem eles domésticos, de trabalho ou de festa. Elas não tinham um mundo próprio. Mas, isto não implicava serem desprezadas ou negligenciadas, mas sim, não se tinha consciência das particularidades intelectuais, comportamentais e emocionais das crianças. Devido às más condições sanitárias, a mortalidade infantil alcançava níveis altos, por isso os pais não se apegavam muito aos seus filhos, pois a qualquer momento eles poderiam deixar de existir. O índice de natalidade também era alto e a perda era vista como algo natural; não representava uma perda irreparável e não merecia ser lamentada por muito tempo. No campo, as crianças em geral eram sepultadas no quintal da casa, tal qual se enterra hoje um pequeno animal doméstico. Ariès (1981 p.58) enfatizou que “o aparecimento do retrato da criança morta no século XVI marcou um momento importante na história dos sentimentos”. Esta arte será importante no despertar do sentimento da criança, quanto à percepção e à criação de um início de mundo próprio, “uma descoberta da alma infantil” (Ariès 1981, p.61).

A partir do século XVII até o XVIII, as grandes transformações sociais contribuíram decisivamente para a construção de um sentimento de infância. As reformas religiosas católicas e protestantes trouxeram um novo olhar sobre a criança e sua aprendizagem. Estas novas condutas fizeram com que surgissem novos modelos familiares que ressaltavam a importância do

²⁸ Consultada em <https://giseleleite2.jusbrasil.com.br/artigos/285788699/consideracoes-sobre-o-conceito-de-infancia-e-a-educacao-infantil>, em artigo “Considerações sobre o conceito de infância e a educação infantil” de Gisele Leite, 2016, acesso em 27.03.2018

laço de sangue. Áries (1981) diz que nesse período o sentimento da infância desenvolveu-se paralelamente ao sentimento da família. A criança passa a ser vista como o centro do grupo familiar devido à sua ligação com a figura dos anjos que são tidos como seres puros e divinos. Tal facto favoreceu o surgimento da instituição escolar. A infância é considerada como uma preparação para o futuro e a escola passou a ser responsável por esse processo de formação.

Além disso, de acordo com artigo de Lima pode adicionar-se que no século XVII as aprendizagens ocorriam nas famílias de todas as crianças, pobres e ricas²⁹.

Desse contexto pode-se interpretar, que com o surgimento do Iluminismo a criança começou a ser reconhecida como um indivíduo social, inserida dentro da coletividade, onde os pais passaram a sentir-se responsáveis pelo futuro da criança, demonstravam preocupação e interesse por saúde e educação. Tais elementos são fatores imprescindíveis para a mudança de toda a relação social.

Rousseau - um filósofo social e teórico político suíço, é um dos mais expressivos representantes desse momento. Neste período ele formulou princípios educacionais, que permanecem relevantes em nossos dias, centrando os interesses pedagógicos no aluno e não mais no professor. Rousseau refuta a convicção estabelecida de que a criança é um adulto em miniatura e destaca ainda que a criança é um ser com características próprias em suas ideias e interesses. Ele afirmava que a verdadeira finalidade da educação era ensinar a criança a viver e a aprender a exercer a liberdade. Seu pensamento, amplamente aceite entre os grandes pedagogos da Europa, contribuiu para mudar a mentalidade da sociedade em relação às crianças

²⁹ Consultada em <http://fundamentoseducacaoinfantil.blogspot.pt/p/conceito-de-infancia.html> - artigo do SANDRA VAZ DE LIMA, com base na Dissertação de Mestrado de Gislene Lossnitz - O Primeiro Jardim de Infância no Brasil: Emília Ericksen. (A busca da compreensão do conceito de infância). Ponta Grossa, 2006.)

(LOSSNITZ, 2006, apud LEITE, 2009). Em seu artigo, G.Leite concluiu que "sempre existiu a criança, porém nem sempre existira a infância"³⁰.

O conceito contemporâneo de infância é resultado da construção social. Com as modificações nas relações sociais, a criança passou a ganhar relevância e a ter um papel central nas preocupações da família e da sociedade (LIMA, 2009).

A infância é a base para a formação da personalidade de uma pessoa. Segundo MacCallum, Palmer, et al. (2010), conforme citado por Norouzi (2011, p.8-9) "Dentro de cada criança pré-escolar é a semente do potencial ilimitado, que irá orientar a criança na idade adulta"³¹. MacCallum, Palmer, et al. (2010), lembram que no período da infância, as mudanças mais importantes ocorrem - o pensamento é formado, as primeiras qualidades estáveis do indivíduo aparecem, a criança aprende a entender o mundo circundante, treina as habilidades necessárias e assimila a cultura da sua sociedade:

"As crianças aprendem fazendo conexões. O significado do verdadeiro amor e entendimento é criado pela resposta que eles recebem às suas demandas.

As crianças aprendem a confiar ou desconfiar, a sentir-se seguras ou a ter medo, a sentirem-se amadas ou não amadas com base na maneira como os outros as tratam.

As crianças têm necessidades humanas básicas, além de requisitos exclusivos para sua situação particular. As necessidades básicas das crianças incluem alimentação, abrigo e segurança física, tão importantes quanto a sua segurança emocional. Elas precisam de apoio para desenvolver e aprender habilidades importantes e úteis. Elas precisam de aprender as regras da sociedade, poder comunicar as suas idéias e desejos, persuadir e mudar suas mentes.

³⁰ Consultada em <https://giseleleite2.jusbrasil.com.br/artigos/285788699/consideracoes-sobre-o-conceito-de-infancia-e-a-educacao-infantil>, em artigo “Considerações sobre o conceito de infância e a educação infantil” de Gisele Leite, 2016

³¹ Tradução de autor. No original: “Within each preschool child is the seed of unlimited potential, which will guide the child into adulthood”.

As crianças crescem para se tornarem adultos em funcionamento - muitas habilidades que são úteis no desenvolvimento de carreiras podem ser uma atividade exploratória quando as crianças descobrem seus talentos e as coisas que as motivam.

As crianças também precisam de aprender a ser felizes consigo mesmas e a lidar com as dificuldades e traumas da vida. Eles precisam de aprender a ter autoconfiança e maturidade emocional" (p.113-127, apud NOROUZI, 2011, p.9-10) ³²

3.1.2.3. A juventude

A UNESCO (2004), no livro “Políticas públicas de/para/com as juventudes”, define juventude como sendo o: “período do ciclo da vida em que as pessoas passam da infância à condição de adultos e, durante o qual, se produzem importantes mudanças biológicas, psicológicas, sociais e culturais, que variam segundo as sociedades, as culturas, as etnias, as classes sociais e género” (p.23). Para UNESCO a juventude é o grupo de pessoas com idades entre 15 e 24 anos.

"Assim como a infância é supostamente definida pelo futuro, a idade adulta pelo presente e a velhice pelo passado, a geração da adolescência e da primeira juventude confunde-se na transição entre o ser criança e o ser adulto" (Lima, p.21). Os adultos não se dão conta de que tão conjunto de atribuições como, por exemplo, insegurança, instabilidade, turbulência, irreverências - todos esses sinais são meras manifestações típicas de uma passagem da dependência para a autonomia (Idem). Sposito (2002), considera que na

³² Consultada em https://issuu.com/neda_protfolio/docs/thesis, tradução de autor. No original: “Children learn by making connections. The meaning of true love and understanding gets created by the response they get to their demands. Children learn to trust or mistrust, to feel safe or be afraid, to feel loved or unloved based on the way others will treat them.

Children have basic human needs in addition to requirements unique to their particular situation. Children's basic needs include food, shelter and physical safety but just as important is their emotional security. Due to development of their minds, they need support in developing and learning important and useful skills. They need to learn the rules of society, to be able to communicate their ideas and desire, to persuade and change minds.

Children grow to become functioning adults - many abilities that are useful in developing careers can be very much an exploratory activity as children discover their talents and the things that motivate them. Children also need to learn to be happy with themselves and to cope with the difficulties and traumas of life. They thus need to learn self-confidence and emotional maturity”

sociedade contemporânea é necessário “cada vez mais, considerar a juventude como um momento do percurso de vida capaz de reter sua peculiar forma de vivê-lo e menos como mera etapa preparatória para a vida adulta” (p. 11).

Pais (2003) parte da hipótese de que, dada a condição de heterogeneidade dos jovens, não há uma forma única de transição para a vida adulta: (...) “haverá várias, como várias serão as formas de ser jovem (segundo a origem social, o género, o habitat, etc.) ou de ser adulto. Como é que os jovens encarariam, nessa transição, a sua condição, quais os seus valores, os seus planos de vida, as suas estratégias em relação ao futuro, os seus modelos de identificação social, enfim, os seus modos de vida?” (p.35).

Pais (2006) considera que, "na verdade, a juventude aparece socialmente dividida em função dos seus interesses, das suas origens sociais, das suas perspectivas e aspirações" (p. 33). Ferrigno (2003) diz que mais frequentemente na fase da vida juvenil, são formados os grupos de amizades compostos por indivíduos da mesma idade ou de idade bem próxima. Esses grupos foram especificamente criados para serem diferentes dos idosos e diferem daqueles que, de acordo com alguns jovens, estão no caminho errado e cujo modo de vida e princípios devem ser desafiados e mudados. Está havendo "uma ênfase maior na formação de grupos com ideias, valores e hábitos bem semelhantes, facto que explica a significativa profusão das chamadas “tribos juvenis”, identificadas já na aparência, pelos trajes e adereços. Mauricinhos e patricinhas, punks, carecas, darks, góticos, hippies tardios, clubbers, metaleiros, além do turmas do rap, hip hop, funk”. Entre os jovens há, portanto, uma grande variedade de estilos e de filosofias de vida, sem falarmos das muitas e complexas combinações desses estilos" (p.50).

Quando um adolescente escolhe um grupo baseado em seus próprios interesses ou atitudes morais, ele interage com outros participantes, que é um processo de socialização que forma um indivíduo. Mas devido ao facto de que, em geral, tais grupos consistem em pessoas da mesma idade, a comunicação com outras gerações é significativamente reduzida (Novaes, 2005).

Nas palavras de Bourdieu (1978), "a juventude é apenas uma palavra". "(...) falar de jovens como se fossem uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns e relacionar esses interesses a uma idade definibiologicamente", para ele é "uma manipulação evidente". Na realidade, existem várias ou pelo menos "duas juventudes", "duas posições extremas, o estudante burguês e, do outro lado, o jovem operário", que tem entre si diferenças cruciais, em todos os setores de suas vidas (BOURDIEU, 1978, p.2).

Em 18-20 anos, uma pessoa, como regra, forma um sistema de valores básicos, isto é, aqueles que afetam todas as suas decisões e ações. Pais (1998) lembra que ao falarmos de valores da idade juvenil, devemos ter presente que os jovens não pertencem eternamente a essa faixa etária que os identifica como jovens. Assim sendo, "os valores "juvenis" que esses jovens abraçam quando estão em "transito etário" podem fugir-lhes quando chegam à idade adulta. Se alguns desses valores são transportados ao longo do curso de vida, então podemos dizer que esses valores (outroa) juvenis tendem a enraizar-se no tecido social. Caso contrário, esses valores são produto de um mero efeito de idade" (p. 29).

Sempre visando o seu futuro, ainda uma incógnita, os jovens já procuram caminhos, trabalham e esforçam-se continuamente; com essa preocupação de vencer, com essa pressa construtiva, contribuem para que seja cada vez maior o progresso mundial³³.

Como afirma Bourdieu (1978), "aquilo que para uma geração 1 foi uma conquista de toda uma vida é dado imediatamente à geração 2. (...) Os velhos são contra tudo aquilo que muda, tudo aquilo que move, etc. justamente porque eles deixaram o futuro para trás, enquanto jovens se definem como tendo futuro, como definindo o futuro" (p.7).

Pais (2001) analisa que os caminhos de passagem para a vida adulta são "longos, sinuosos, com escolhas" (p.81). Ele diz que "na sociedade contemporânea, a um prolongamento da condição juvenil: por que os

³³ Consultada em <http://www.theresacatharinacampos.com/comp5875.htm>, no artigo «O Papel da Juventude na Sociedade Atual», THERESA CATHARINA DE GÓES CAMPOS

percursos escolares são mais longos, porque há mais tardia inserção no mercado de trabalho; por que o acesso à casa própria é difícil; por que os casamentos retardam, devido também a uma maior liberalização das relações sexuais" (Idem).

Mais e mais jovens sentem inconstância, autodúvida, dúvida em suas ações, opiniões, força, escolha e relações. Suas aspirações sociais são condicionadas por sentimentos quase sempre ligados à geração anterior. Assim, podemos afirmar que, na vida de um jovem, há necessidade de uma pessoa mais velha e mais experiente. A geração mais velha como uma espécie de conselheira para situações da vida precisa comprometer-se em assegurar-lhes o direito ao exercício da liberdade de fazer escolhas. Lima (2007) argumentou que "é, nessa etapa, que o jovem define-se vai tornar-se uma pessoa capaz de fazer as escolhas que seu tempo e sua existência impõem. É nessa etapa de suas vidas que os adultos, têm a maior chance de lhes dar a oportunidade de definir, por si mesmos, que tipo de pessoas, cidadãos e futuros profissionais serão" (p.23).

3.1.2.4. Os idosos

Na opinião de Figueiredo (2015), "o envelhecimento foi, desde sempre, motivo de reflexão do ser humano". Coutinho (2010, p.31), enfatiza que "nos séculos passados, a velhice era considerada um acontecimento excecional, encarado com respeito e orgulho". Contudo, "ao longo do tempo, o conceito de envelhecimento e as atitudes perante o idoso têm vindo a mudar" reflectindo o nível de conhecimentos sobre fisiologia e anatomia humana, bem como a cultura e as relações sociais de cada época (p.21). Na sociedade contemporânea, o envelhecimento tornou-se um fenómeno muito relevante, devido à sua implicação na esfera socioeconómica.

Segundo Coutinho (2010), o envelhecimento, no actual contexto cultural e social, tornou-se um problema delicado a nível mundial. Ele está a ser considerado como um problema eminentemente social, devido ao aumento da esperança de vida e nas respectivas consequências, a nível social,

da saúde e da economia e, sobretudo, devido à redução das taxas de natalidade.

No Relatório Mundial sobre Envelhecimento e Saúde (2015) afirma que, "se quisermos construir sociedades coesas, pacíficas, equitativas e seguras, o desenvolvimento terá que levar em conta essa transição demográfica e as iniciativas terão que aproveitar a contribuição das pessoas idosas para o desenvolvimento" (p.15)³⁴. As pessoas idosas, segundo o Relatório, contribuem para o desenvolvimento de muitas maneiras, por exemplo, na produção de alimentos e na educação de gerações futuras. Incluí-los nos processos de desenvolvimento tem um impacto no seu bem-estar, ajuda a promover uma sociedade mais justa, reforça o desenvolvimento apoiando essas contribuições.

Neste relatório usa o termo "Envelhecimento Saudável" e define como "o processo de desenvolvimento e manutenção da capacidade funcional que permite o bem-estar na velhice" (p.28)³⁵. Para enquadrar como a saúde e o funcionamento podem ser considerados na idade mais avançada, este relatório define e diferencia dois conceitos importantes. O primeiro é a capacidade intrínseca, que se refere ao composto de todas as capacidades físicas e mentais que um indivíduo pode apoiar-se em qualquer ponto no tempo. O outro são os ambientes nos quais vivem e suas interações neles. Esses ambientes fornecem uma gama de recursos ou barreiras que decidirão se pessoas com um determinado nível de capacidade podem fazer as coisas que consideram importantes.

Santos (2010) asseverou, que a terceira idade está relacionada à etapa do desenvolvimento em que os idosos podem reavaliar a vida, os negócios inacabados e decidem a maneira mais adequada para canalizar suas energias, com o intuito de conquistar uma melhor qualidade de vida. Alguns decidem repassar seu conhecimento e validar suas experiências e o

³⁴ Tradução de autor. No original: "In World report on ageing and health states that if we want to build societies that are cohesive, peaceful, equitable and secure, development will need to take account of this demographic transition and actions will need to both harness the contributions that older people make to development".

³⁵ Tradução de autor. No original: "Healthy Ageing as the process of developing and maintaining the functional ability that enables well-being in older age".

significado de suas vidas. Outros desejam apenas aproveitar o seu passatempo favorito ou realizar os sonhos que não tiveram espaço em suas vidas quando eram jovens. Independentemente da sua idade ou nível de capacidade intrínseca, os idosos têm direito a uma vida plena e digna.

Coutinho (2010) diz que "a velhice continua a ser um tempo de sonhos, de projetos, de realizações e de esperanças"(p. 32). No Relatório Mundial sobre Envelhecimento e Saúde (2015) enfatiza-se que "para as pessoas mais velhas é muito importante para satisfazer as suas necessidades básicas, aprender, crescer e tomar decisões, ter mobilidade, criar e manter relacionamentos, contribuir. Essas habilidades são essenciais para os idosos fazerem as coisas que eles valorizam. Juntos, eles permitem que eles envelheçam com segurança em lugar adequado para eles, continuem com seu desenvolvimento pessoal, sejam incluídos e contribuam para suas comunidades enquanto preservam sua autonomia e saúde" (p.159)³⁶.

Ao continuar a aprender, os idosos podem adquirir conhecimentos e habilidades para controlar sua saúde, acompanhar os avanços em informação e tecnologia, participar (por exemplo, através do trabalho ou voluntariado), adaptar-se ao envelhecimento (por exemplo, para a aposentadoria), manter sua identidade e preservar o interesse pela vida. O facto de ter um emprego e participar em atividades fora de casa incentiva os adultos mais velhos a andar, conversar e exercitar-se mais, e pode contribuir para melhorar o bem-estar. No entanto, existem vários obstáculos que impedem o envelhecimento saudável". Esses obstáculos são:

- suas próprias atitudes: as pessoas idosas podem ter atitudes negativas sobre a possibilidade de retomar seus estudos, porque parecem muito velhas, não têm confiança ou motivação, têm medo de competir com os adultos mais jovens;

³⁶ Tradução de autor. No original: "For older people is very important to meet their basic needs, learn, grow and make decisions, be mobile, build and maintain relationships, contribute. These abilities are essential to enable older people to do the things that they value. Together they enable older people to age safely in a place that is right for them, to continue to develop personally, to be included and to contribute to their communities while retaining their autonomy and health".

- obstáculos físicos e materiais: incluem os custos de oportunidades educacionais, falta de tempo, falta de informação sobre as opções disponíveis, o local onde os serviços educacionais são oferecidos e os problemas de disponibilidade e acessibilidade de transporte" (Idem, p.175)³⁷.

Para os idosos são muito importantes os relacionamentos com crianças e outros membros da família, relações sociais informais com amigos, vizinhos, colegas e conhecidos. Alves (2007) asseverou que "ocorre uma inversão de valores na sociedade atual, uma vez que muitas pessoas concordam que os idosos são possuidores de conhecimento e de sabedoria, porém essa afirmação fica apenas no plano do discurso, não encontrando ressonância na vida real" (p.46).

A questão da discriminação das pessoas idosas remonta aos anos 70, do século XX, e "tem mantido vivo o diagnóstico de preconceitos, mitos, estereótipos, atitudes e comportamentos face à velhice" (TEIGA, 2012, p.74).

De acordo com Santos (2010), "a sociedade despreza o velho e tudo aquilo que ele representa – a tradição, a sabedoria, a memória e a habilidade em narrar histórias" (p.46). A experiência, as habilidades e conhecimentos dos idosos, cede lugar à inovação, experimentação, tecnologias modernas. Com isso, cada vez mais ocorre o desinteresse em conhecer as histórias narradas pelas pessoas idosas, pois tudo o que elas sabem pode ser facilmente acessado pela internet. Santos afirma que "o contacto social entre as pessoas tende a rarear na medida em que ficam mais velhas, e por inúmeras razões, o isolamento e a carência de contacto podem levar à solidão"(p.46). Num estudo realizado por Santos designado que os idosos não querem de estar isoladas, eles ainda preferem a narrativa, gostam de contar histórias para os mais jovens e ver as ideias deles. A geração mais velha argumenta que "os espaços de encontros são cada vez mais raros na sociedade. Mas a grande queixa é a de que ser velho é o mesmo que ser invisível, pois as únicas pessoas

³⁷ Tradução de autor. No original: "These barriers include: - their own attitudes – older people may have negative attitudes about returning to learning because they see themselves as too old, lack confidence or motivation, fear competition with younger adults; - physical and material barriers – these may include the costs of educational opportunities, a lack of time, a lack of information about what is available, the location where educational services are available and problems with the availability and accessibility of transportation"

que mantêm contacto com os idosos são os membros da família e outras pessoas também idosas" (Idem).

3.1.2.5. Benefício recíproco da interação Intergeracional

*As people age, they need to
pass the torch, to share
lifetimes of wisdom, to feel
they're leaving a legacy
behind.*

psychologist Erik Erikson³⁸

A comunicação é uma habilidade, geralmente não realizada, desenvolvida inconscientemente, mas ainda a mesma habilidade (ou, mais precisamente, um conjunto de habilidades), como nadar, cercar ou conduzir um carro.

De acordo com Lopes (2008), "o diálogo entre gerações contribui para uma nova consciência comunitária, na medida em que desenvolve as relações interpessoais, quando entram em contacto com novas vivências de diversos modos de pensar, agir e sentir. As relações intergeracionais renovam opiniões e visões acerca do mundo e das pessoas" (p.26).

Segundo Oliveira (1999), independente de qual seja a idade dos envolvidos na relação, todos aprendem com todos.

A geração mais velha goza de grande prestígio entre os jovens, e sua experiência não é apenas instrutiva, mas também deixa uma marca indelével na alma de um jovem, cria a estabilidade necessária à vida, mantendo uma atmosfera de compreensão e cuidado, rotina e ritual da vida cotidiana.

Aprende-se sempre com os idosos, mas e para eles nunca é tarde aprenderem. As crianças podem contribuir para a aquisição de novos

³⁸ in Susan Brink. Old, Young Draw Strength and Joy from Each Other. The Los Angeles Times, Jan 3, 2006.

conhecimentos. Os idosos transmitem paz, experiência, sossego e tranquilidade às crianças e as crianças, que parecem frágeis, possuem força, energia e alegria de viver que contagia as pessoas mais velhas; mesmo que os idosos estejam passando por momentos difíceis em suas vidas, ao deparar-se com um sorriso de uma criança, encontram dentro de si a força e a alegria para continuar a viver. "(...) As crianças são muito puras e sinceras e falam tudo o que pensam e, por isso, elas podem dar-lhes um pouco a ideia do mundo actual e assim mantê-los em contacto com o mesmo e com o que se passa à sua volta" (VIEIRA, p.99).

Newman (1997) no quadro a seguir (p. 17), desenvolveu às necessidades básicas das crianças e idosos:

Das crianças	Dos idosos
Ser cuidada e apoiada	Para cuidar e apoiar
Ser ensinada	Para ensinar
Aprender sobre o passado	Ter uma revisão bem sucedida da vida
Ter uma identidade cultural	Compartilhar valores culturais
Ter modelos positivos de envelhecimento	Transmitir valores éticos
De ser conectado às gerações mais velhas	Preocupação com as futuras gerações - legado

Quadro 3
As necessidades de cada geração,
©Newman

Santos (2010) acrescenta, que "as relações entre diversos graus etários não são necessariamente simétricas do ponto de vista da autoridade, do respeito e da iniciativa". Os mais idosos geralmente exercem alguma autoridade sobre os mais jovens que procuram encontrar nos mais velhos uma rica experiência de vida e um maior conhecimento. Isto ocorre mesmo que a diferença de idade seja pequena, como pode ser observado em grupos de

estudantes, em que, normalmente, os mais jovens “respeitam” os seus pares mais “desenvolvidos” (pp.10-11).

Segundo Bressler, Henkin & Adler (2005), MacCallum et al. (2006), conforme citado por Rebelo (2015)³⁹ tendo em conta os resultados de práticas e de respostas sociais, os benefícios principais para as crianças e jovens da interação com os idosos são o acompanhamento na vida escolar, transferência de tradição, cultura, conhecimentos e experiências que o aumento de adaptação das crianças e jovens a diferentes contextos da vida pessoal e profissional, e também a atenção e a dedicação dos idosos, que num momento de maior dificuldade vai ouvir, podem dar um “ombro amigo”, aconselhar-lhes e guiar-lhes.

Por sua vez, a comunicação os idosos com crianças permite ajudar a recuperar o equilíbrio emocional deles, livrar-se da solidão, sentir-se necessário e útil, melhorar a saúde e aumentar o sentimento da satisfação com a vida, aprender algo novo, vivenciar uma “nova infância” pela oportunidade de usufruírem de mais tempo e com melhor qualidade na interação com as crianças, do que quando eles eram mais novos e estavam ocupados trabalhando.

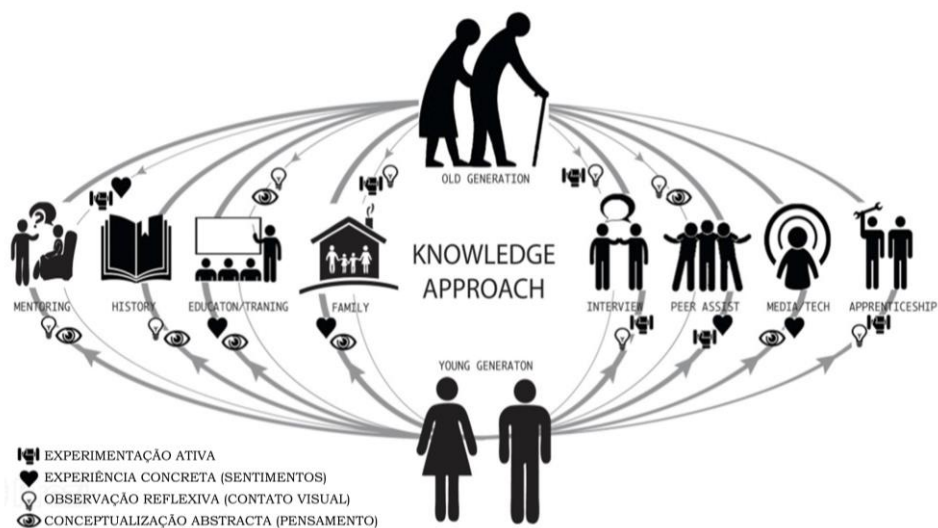


Figura 1.
Abordagem do
conhecimento, ©Prezi

³⁹ Fonte: <https://ec.europa.eu/epale/pt/content/os-beneficios-da-aprendizagem-intergeracional>, Acesso em 24.04.2018

A aprendizagem intergeracional é propícia a decorrer em diversos contextos (escolas, universidades, empresas, centros comunitários, lares, associações e coletividades). No entanto, tende-se a privilegiar as atividades de índole não-formal e informal, funcionando como um complemento às práticas formais das instituições educativas. A educação não-formal é um processo de aprendizagem participativa e voluntária que, apesar de não visar formalmente a certificação, é estruturada com vista a atingir objetivos educativos. A educação informal está relacionada com o que se aprende e o que se partilha espontaneamente no dia-a-dia, não sendo organizada ou norteadas por objetivos previamente definidos.

O Envelhecimento Ativo é “a chave para promover a qualidade de vida e o bem-estar até ao fim” (Lopes, 2007, p.68). É um processo que “diz respeito a todas as pessoas e uma tarefa de curso de vida”. Ao nível da sociedade cabe a responsabilidade de criar espaços e equipamentos sociais, diversificados, seguros e acessíveis aos mais velhos, garantir e fomentar a sua participação cívica, a todos os níveis de decisão. “A promoção da vida social, solidária e voluntária, o exercício da cidadania é uma responsabilidade colectiva e um dever e direito individual” (PAÚL, 2005, p.284).

Newman (1997) afirma que a interação mútua das pessoas de uma geração a outra podem contribuir para o crescimento e desenvolvimento mútuo enquanto realçam suas próprias vidas.

De acordo com Kaplan et al. (2002) os programas intergeracionais são “veículos sociais que criam propósito e crescente troca de recursos e aprendizagem entre as gerações mais velhas e mais novas” (apud NUNES, 2009, p.53).

O Relatório Mundial sobre Envelhecimento e Saúde fornece vários exemplos de tais programas. Na Alemanha existem os centros intergeracionais - os espaços públicos nos bairros, onde todas as gerações podem encontrar-se, criar e manter relacionamentos e beneficiar em de diferentes habilidades, experiências e interesses. Por sua vez, na Suíça em Genebra foi criado um centro de informações e reuniões para idosos que chama-se Cité Seniors. É um centro que oferece um espaço para socializar,

aprender e acessar informações sobre vários tópicos. Todas as gerações são bem vindas. Ao longo do ano, a Cité Seniors tem um programa cultural, incluindo seminários, debates, passeios culturais e vários cursos de treinamento. Cerca de 25.000 pessoas usam a sede todos os anos.

Também como o exemplo de programas bem-sucedidos que encorajam relacionamentos intergeracionais, pode ser considerado o projeto "O telefone toca às cinco" em Portugal que combate a solidão e o isolamento ao promover contactos e partilhas entre aqueles que, pela avançada idade e/ou por estarem incapacitados de se deslocar, não podem sair de casa. Esta iniciativa gratuita, que exige apenas que os participantes tenham um telefone, conecta quatro cidadãos idosos a cada dia com um moderador voluntário da comunidade. Os tópicos que são discutidos variam de acordo com o dia e o conhecimento do voluntário, desde questões atuais até cultura, saúde e desporto. O projeto, que teve início em 2012, está implementado em Setúbal e é apoiado pela Fundação Gulbenkian e pela Fundação PT, assegurando esta última os meios técnicos. Atualmente são 16 os participantes nestas conversas, têm entre 60 e 90 anos de idade, com média de 78 anos, e residem quase todos sozinhos e maioritariamente no concelho de Setúbal.⁴⁰

De acordo com palavras de Coutinho, podemos concluir que no contexto de solidariedade intergeracional que se descobrem as virtudes de cada geração e se demonstra a Importância da solidariedade intergeracional que, com justiça, dá sentido à vida e contribui para um autêntico desenvolvimento humano, quer individual, quer social (pp. 32-33).



Figura 2.
Benefício da interação
Intergeracional: «A
smile a day keeps the
doctor away»,
© Gea Sijpkes

⁴⁰ Fonte: <https://gulbenkian.pt/project/o-telefone-toca-as-5/>, Acesso em 19.04.2018

3.2. O que é a arquitectura intergeracional

Não vivemos em um espaço neutro e branco; não vivemos, não morremos e não amamos no retângulo de uma folha de papel. Vivemos, morremos e amamos em um espaço esquadrado, recortado, multicolor, com zonas claras e sombras, diferenças de níveis, degraus, cavidades, protuberâncias, regiões duras e outras quebradiças, penetráveis, porosas.

(Foucault, 2009, pp.23-24)⁴¹

A pesquisa foi baseada em dois livros, "Of Other Spaces: Utopias and Heterotopias" por Michel Foucault e "Actions of Architecture, Architects and Creative Users" por Jonathan Hill. O primeiro livro refere-se como a sociedade é dividida de acordo com os usos na tentativa de alcançar a perfeição; o segundo é sobre como a arquitetura mudou ao longo dos anos, de um usuário previsível a imprevisível, através de funcionalidade, flexibilidade, polivalência e narrativa.

Michel Foucault foi um filósofo, historiador francês; examinou progresso, liberdade e poder. Em seu ensaio “De outros espaços: utopias e heterotopias” (2013), Foucault observa essa sociedade dividida em espaços diferentes e heterogêneos e, com o tempo, o significado de espaços específicos muda à medida que as culturas evoluem, refletindo estruturas de poder. Foucault escreve sobre dois tipos de espaços, Utopias e Heterotopias.

As utopias são as alocações sem lugar real. São as alocações que mantêm com o espaço real da sociedade uma relação geral de analogia direta ou invertida; espaços que representam um lugar ideal e um mundo de sonhos.

A palavra heterotopia vem da junção de hetero (diferente, outro) e topos (lugar). As heterotopias - são os lugares reais e localizáveis, embora fora de todos os lugares, espécie de “utopias efetivamente realizadas”, constituídas na própria instituição da sociedade, contra-alocações nas quais

⁴¹ FOUCAULT, M, (2009) Le corps utopique, les hétérotopies. Fécamp (Fr.): Lignes, apud SILVA W.A, de, NOTAS SOBRE HETEROTOPIA, in Revista GeoSertões (Unageo/CFP-UFCG). vol.1, nº 2, jul./dez. 2016

todas as outras alocações são representadas, contestadas e invertidas, e que provavelmente existiram em todas as sociedades.

Foucault dá um exemplo de um espelho como a utopia, pois é um lugar sem lugar. "No espelho, eu me vejo onde não estou, em um espaço irreal que se abre virtualmente atrás da superfície; uma espécie de sombra que me confere minha própria visibilidade, que me permite olhar-me ali onde sou ausente: utopia do espelho. Mas é igualmente uma heterotopia, na medida em que o espelho existe realmente e tem, no local que eu ocupo, uma espécie de efeito de retorno; é a partir do espelho que me descubro ausente do local onde estou, já que me vejo ali".⁴²

ALICE'S MIRROR

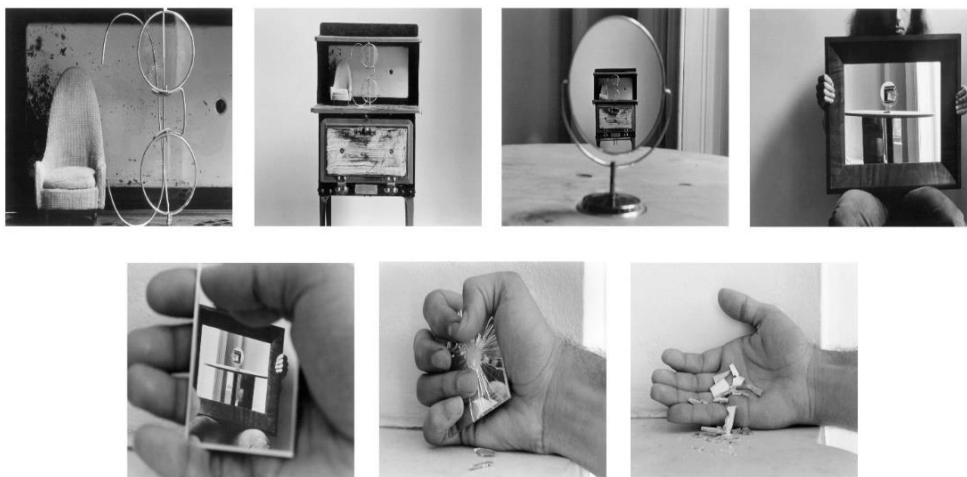


Figura 3.
Utopias, reflexões em
um espelho. "Alice's
Mirror"
© Duane Michals

De todos os espaços, as heterotopias são as de maior interesse - esses são os lugares mais significativos e os menos estudados. Para entender e distinguir esses espaços, Foucault propõe usar 6 princípios.

- O princípio da oposição (crise, desvio) é o lugar onde os indivíduos são colocados, cujo comportamento é desviante em relação à média, ou à norma exigida. São as casas de repouso, as clínicas psiquiátricas, as prisões, os mosteiros...

- Segundo princípio - cada heterotopia tem um funcionamento preciso e determinado no interior da sociedade, e a mesma heterotopia pode,

⁴² Fonte: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142013000300008, Acesso em 26.04.2018

segundo a sincronia da cultura em que se encontra, ter um funcionamento ou outro.

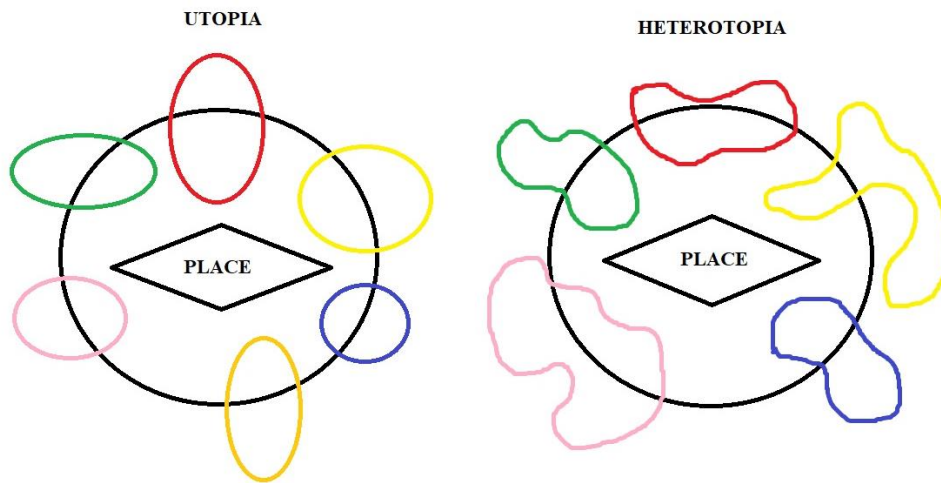


Figura 4.
O espaço com
conexões não
tradicionais é dividido
em utopia e
heterotopia,
©Feita pela autora

Com o exemplo, o cemitério é certamente um lugar outro, comparativamente aos espaços culturais comuns; é um espaço que está, no entanto, ligado ao conjunto de todas as alocações da cidade ou da sociedade, já que cada indivíduo, cada família vê-se tendo familiares no cemitério. O cemitério praticamente sempre existiu, mas ele sofreu transformações importantes. Até o final do século XVIII, o cemitério era alocado no coração mesmo da cidade, ao lado da igreja, e é somente no decorrer do século XIX que os cemitérios começam a ser deslocados para os arrabaldes. Os cemitérios não mais constituem, assim, o vento sagrado e imortal da cidade, mas a "outra cidade", onde cada família possui sua morada escura.

- Terceiro princípio - as heterotopias têm o poder de justapor em um mesmo lugar real múltiplos espaços, múltiplas alocações que são incompatíveis entre si - exemplos são o teatro, o cinema, o jardim.

- Quarto princípio - O princípio da descontinuidade no tempo (heterocronismo) é um lugar onde ocorre uma sensação lenta de tempo ou acelerada. Museus, bibliotecas, arquivos são espaços onde o tempo constantemente se acumula e se perpetua. Há heterotopias que estão ligadas, ao contrário, ao tempo de mais passageiro, de mais precário, insignificante. São heterotopias não mais eternitárias, mas absolutamente crônicas. Assim são as feiras, as estâncias de férias, parques de diversões, instalações.

- Quinto princípio - as heterotopias possuem um sistema de abertura e de fechamento que ao mesmo tempo as isola e lhes permite a penetração. Não se pode nelas entrar sem um certo tipo de permissão e sem se submeter a certos procedimentos, ou melhor é preciso submeter-se a ritos e purificações - termas, saunas, ou bem se é para lá coagido - como no caso da caserna, da prisão -, ou passar por um certo ritual (universidades, clubes fechados, bibliotecas)

- O último traço das heterotopias é que cumpram uma função em relação ao espaço restante, e essa função estende-se entre polos extremos (heterotopia de ilusão ou de compensação). Estes são espaços que ou expõem toda a natureza ilusória do mundo existente (bordéis) ou, ao contrário, criar espaços tão perfeitos, tão meticulosamente organizados, que colocam em evidência o restante dos espaços como mal organizados e desordenados (primeiras colônias inglesas, navios de longa viagem).

Todos os princípios acima enunciados permitem-nos não apenas analisar o património arquitetónico histórico de uma maneira diferente, mas também revisar as relações aos certos tipos de objetos e espaços. Eles também dão instruções para a busca de criação de espaços semelhantes e abrem a perspectiva de usar métodos previamente desconhecidos no projeto arquitetónico. Como os exemplos podem ser as novas direções na arquitetura, em particular, a chamada arquitetura digital.

Actions of Architecture, Architects and Creative Users by Jonathan Hill

Um dos objetivos da profissão de arquiteto é promover a ideia de que apenas arquitetos constroem edifícios e espaços que mereçam o título da arquitetura, sugerindo que o usuário é previsível e não faz parte na criação da arquitetura. Em seu livro "Actions of Architecture: Architects and Creative Users" Jonathan Hill explica como é importante reconhecer o usuário de um edifício. Ele afirma que muitos arquitetos modernos projetam a construção ditando como eles devem ser usados. Durante o modernismo, a arquitetura foi concebida como uma obra-prima, feita por arquitetos sem reconhecer

usuários como uma chave imprevisível e ativa no design e criação da arquitetura.

Hill classifica a ação do usuário na arquitetura como: passiva, reativa e criativa. O autor definiu o conceito "usuário passivo" como "consistente, previsível e não transforma nem o uso, nem o espaço e nem o significado, seja executando tarefas úteis de acordo com princípios funcionalistas, seguindo uma sequência de espaços dirigidos pelo arquiteto, ou contemplando um edifício como uma obra de arte". O usuário reativo "modifica as características físicas de um espaço à medida que as necessidades mudam, mas deve escolher entre uma faixa estreita e previsível de configurações amplamente definidas pelo arquiteto" e o usuário criativo "ou cria um novo espaço ou fornece um significado existente, e usa ao contrário do comportamento estabelecido"⁴³ (HILL, 2003, p.88).

Hill afirma que o funcionalismo é um exemplo de arquitetura para usuários passivos. "A forma segue a função", isto é, a forma é resultado da funcionalidade do objeto ou do espaço, não do capricho pessoal ou da tradição histórica - é um princípio do design funcionalista associado à arquitetura e design moderno do século XX.⁴⁴

Hill faz a analogia de que a relação entre arquitetura e usuário é semelhante à relação entre um diretor e um ator. O arquiteto informa ao usuário o que fazer. O exemplo de modelo do usuário passivo é o Pavilhão de Barcelona, de Mies van der Rohe. A arquitetura foi feita como uma obra-prima, o edifício foi só para a contemplação da arte. Dentro do pavilhão não havia exposições, o próprio pavilhão era uma exposição. Esta é uma estrutura simples de 8 colunas de aço que suportavam um telhado plano, posicionada sobre uma plataforma de mármore. Não havia paredes laterais, mas havia divisórias de vidro e mármore. O arquiteto construiu uma metáfora de casa,

⁴³Tradução do autor. Em original: "Passive user is a consistent, predictable and transforms neither use, space nor meaning, whether performing useful tasks according to functionalist principles, following a sequence of spaces directed by the architect, or contemplating a building as an artwork"
 "The reactive user modifies the physical characteristics of a space as needs change, but must choose from narrow and predictable range of configurations largely defined by the architect".
 "The creative user either creates a new space or gives an existing one meanings and uses contrary to established behaviour".

⁴⁴Fonte: <https://designculture.com.br/a-forma-segue-a-funcao-bauhaus>, Acesso em 29.04.2018

uma moradia completamente imprópria para viver. Alguns acreditavam que o pavilhão, que foi levantado no pódio, é semelhante ao templo antigo, isto é, a casa de Deus, onde não há necessidade de uma casa de banho ou um vestiário.

Funcionalistas foram frequentemente criticados. Em meados do século XX, como resposta ao Funcionalismo, foram desenvolvidas as estratégias como Flexibilidade, Polivalência e Narrativa.

Segundo Hill, a flexibilidade é "um importante termo modernista (...) o reconhecimento de que nem todos os usos podem ser previstos no momento para o projeto"⁴⁵ e por isso o arquiteto deve dar opções para atividades futuras. Ele escreve que "a flexibilidade é baseada no princípio de que um edifício pode absorver ou adaptar-se para refletir, às mudanças no uso"⁴⁶ (pg.31). Em vez de um usuário passivo, a flexibilidade por meios técnicos, sugere o usuário reativo.

Um piso plano aberto é uma abordagem para flexibilidade. Ele usa grandes espaços abertos que podem acomodar diferentes usos e minimiza o uso de salas pequenas e fechadas. Como exemplo, Hill cita a Villa Madama e a casa tradicional japonesa. Ele descreve uma Villa Madama como o plano aberto, porque todos os quartos podem ser públicos e permeáveis ao movimento. E outro exemplo do plano aberto é a matriz de salas de casa tradicional japonesa, divididas por fusuma, divisórias deslizantes feitas de uma armação de treliça de madeira coberta com papel grosso opaco. Ligações são feitas entre quartos, cada sala é uma antecâmara para outra, o mobiliário é principalmente leve e móvel. O fusuma permite as relações entre os quartos indefinidos por função, e os espaços mais fixos de cozinhar, jantar e jardim, mudam de acordo com a ocupação da casa e a hora do dia.

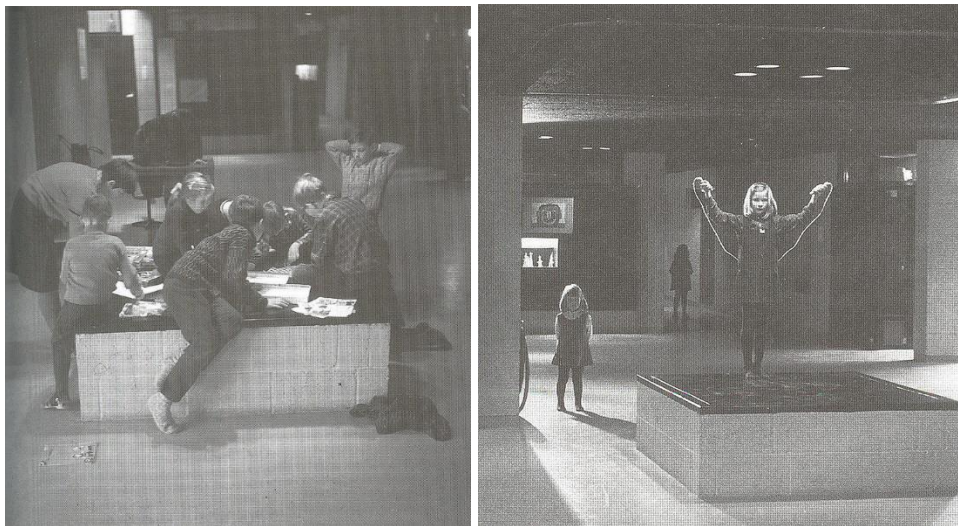
Aldo van Eyck e Herman Hertzberger não concordaram nem com o funcionalismo nem com a flexibilidade. Eles argumentaram que um espaço flexível não pode ser a solução para funcionar em edifícios. Em vez de

⁴⁵ Flexibility is "an important modernist term (...) the recognition that not all uses can be foreseen at the moment for design

⁴⁶ "flexibility is based on the principle that a building can absorb, or adapt to reflect, changes in use"

flexibilidade, Hertzberger propõe a polivalência, que ele definiu como “uma forma que, sem mudar a si mesma, pode ser usada para todo propósito e que, com flexibilidade mínima, permite uma solução opcional”⁴⁷ (p.44).

A Escola Montessori em Delft foi projetada por Herman Hertzberger, em 1960-66. Os projetos de Hertzberger apresentam grande riqueza espacial e sensibilidade nos detalhes, com o cuidado de não deixar espaços inutilizados e sempre possibilitando que o usuário utilize o ambiente segundo sua vontade e imaginação. Isso fica claro em muitos pontos nessa escola. No meio do saguão há um pódio de tijolos que assume diversas funções, as crianças utilizam-no para se sentarem ou para guardar materiais. Essa plataforma também pode ser ampliada em todas as direções com secções de madeira retiradas do interior do bloco, transformando-se em palco para apresentações ou brincadeiras em geral⁴⁸.



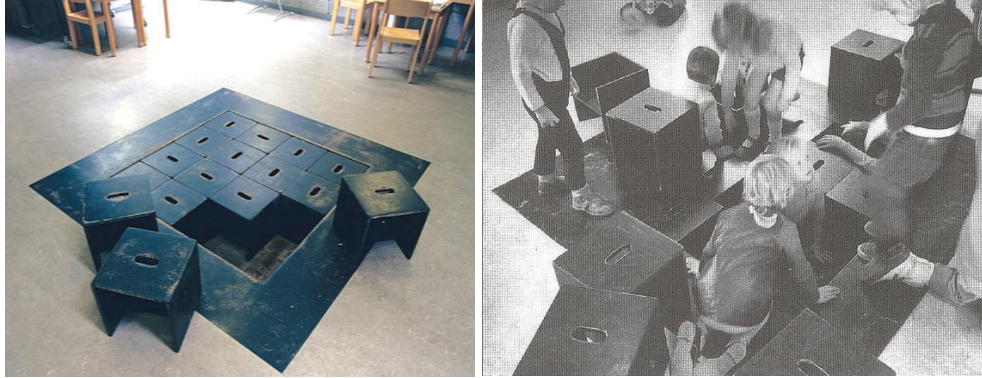
Figuras 5-6.
Um pódio de tijolos
na escola Montessori
em Delft, ©Herman
Hertzberger, 1966

Opondo-se a esse bloco-plataforma, no saguão do jardim-de-infância há uma cavidade quadrada com blocos soltos, que podem ser retirados e servir como bancos.

⁴⁷ “a form that without changing itself, can be used for every purpose and which, with minimal flexibility, allows an optional solution.”

⁴⁸ Fonte: <http://hertzbergertca.blogspot.pt/2009/10/montessori-school-delf.html>, Acesso em 29.04.2018

Figuras 7-8.
O bloco-plataforma na
escola Montessori em
Delft, © Herman
Hertzberger, 1966



As salas de aula dessa escola apresentam diferenças de nível, o que possibilita que algumas crianças pintem ou modelem na parte de baixo enquanto outras executam trabalhos, concentradas, sem perturbações na parte de cima. O professor, de pé, pode supervisionar toda a turma⁴⁹.

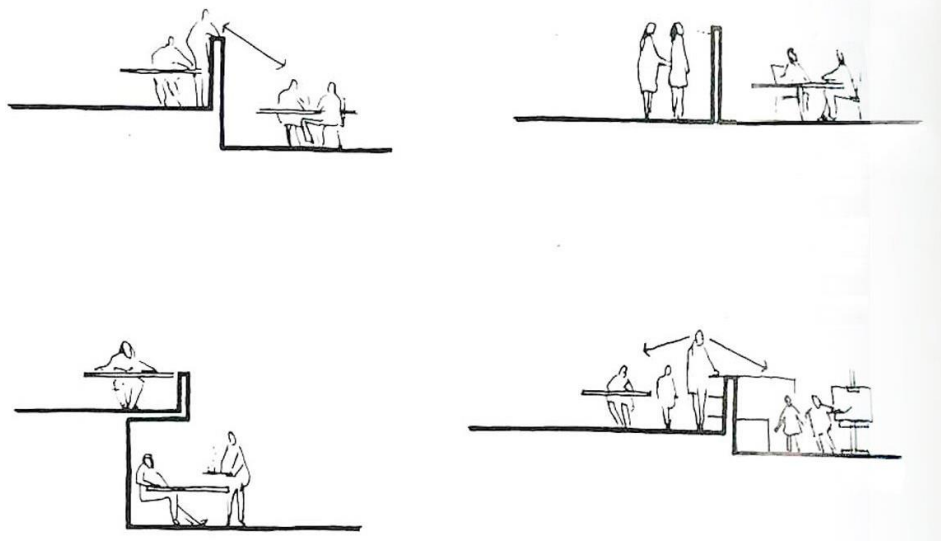


Figura 9.
As salas de aula da
Escola Montessori em
Delfth, ©Herman
Hertzberger, 1966

O outro exemplo é o espaço central das duas escolas Apollo que vai se elevando em secções a cada meio andar, configurando-se como “hall-anfiteatro” e aumentando o campo visual. As salas de aula são organizadas em torno de um espaço comunitário, que é o coração do edifício. O projeto desse espaço em dois níveis incentiva situações em que há atores e público. As crianças convergem automaticamente para o centro, gerando muito mais oportunidades de contactos casuais entre alunos de diferentes turmas. A própria escolha de um material quente, madeira, combinada com a forma, é

⁴⁹ <http://hertzbergertca.blogspot.pt/2009/10/montessori-school-delf.html>

um convite para as crianças para usarem o espaço ativamente. Os professores e o diretor ocupam a “sacada” superior, que é aberta e convidativa, expressando que as crianças podem ir até eles a qualquer momento.



Figuras 10-11.
Um espaço
polivalente nas
escolas de Apollo,
© Bernard Tschumi

O arquiteto Bernard Tschumi estabeleceu a Narrativa como a base das suas investigações de estudante. Tschumi “propõe dois papéis para o arquiteto, um no qual o arquiteto cria espaços e deixa a ocupação ao acaso, outro no qual o arquiteto cria espaços que encorajam, mas não determinam, a disjunção de espaços e eventos”⁵⁰ (pág. 85). Ele também afirma que os espaços devem contar uma história, um edifício deve ter uma série de espaços que respondam a uma série de funções de uma forma contínua.

Para Bernard Tschumi a arquitetura não é o conhecimento da forma, mas sim, uma forma de conhecimento. O arquiteto diz não ter interesses nas questões meramente formais da arquitetura, questionando a relação entre a arquitetura e o programa, entre o espaço e seu uso. Espaço, evento e

⁵⁰ Tschumi proposes two roles for the architect, one in which the architect makes spaces and leaves occupation to chance, another in which the architect makes spaces that encourage but do not determine the disjunction of spaces and events

movimento são conceitos-chave para o arquiteto . Para ele, não há arquitetura sem espaço e não há arquitetura sem pessoas a mover-se nele⁵¹.

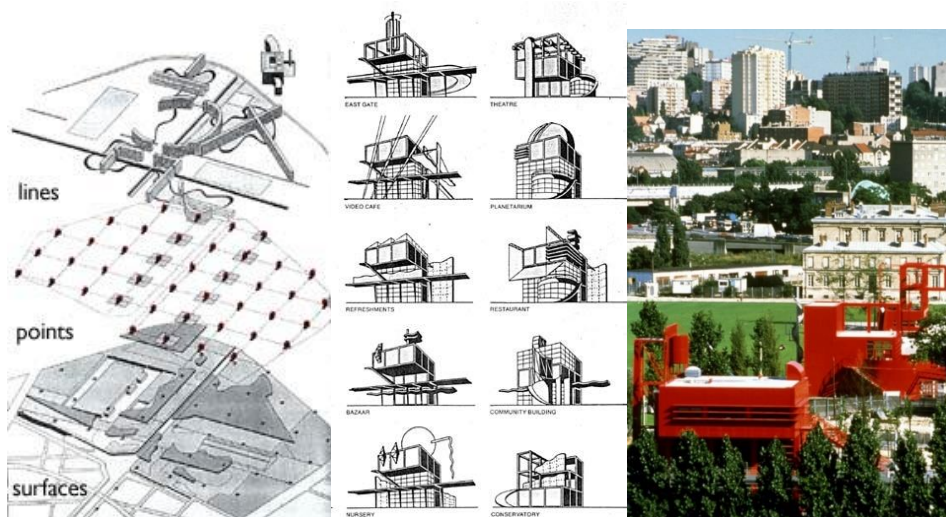
No projeto do Parc de la Villette em Paris, Bernard Tschumi aplicou todas as suas teorias. O projeto pode ser visto como um edifício desmembrado, tornando-se muito mais do que um simples espaço verde, num jogo de tramas seqüenciadas onde foram incorporados vinte pequenos pavilhões vermelhos. Segundo o arquiteto, "o projeto do Parc de la Villette pode assim ser visto para incentivar o conflito sobre a síntese, a fragmentação sobre a unidade, a loucura e o jogo sobre a gerência cuidadosa. Este projeto subverte um número de ideais que lhe eram sacrificados no período moderno; desta maneira, pode ser aliado a uma visão específica de pós-modernidade". A estratégia adotada por Bernard Tschumi para o Parc de La Villette foi a de um edifício descontínuo, dividido em um determinado número de pontos de referência, que foram distribuídos por todo o terreno e que nada mais são do que locais dedicados à diversão com atividades de lazer. Ao longo dos eixos mais importantes foram instaladas galerias cobertas em forma de curvas ‘serpenteantes’ que ligam as principais atrações do parque. Os pontos focais são marcados pelos pavilhões vermelhos, chamados de folies⁵².

Figuras 12-14.
(de esquerda para direita)

Conceito do Parque –
Linhas, Pontos e
Superfície, © Bernard
Tschumi

Desenhos dos
‘módulos’ – folies, ©
Bernard Tschumi

Vista de folies, Parc de
la Villette, Paris,
França, 1982-87,
©François-Xavier
Bouchart



⁵¹ Fonte: <http://www.ebah.pt/content/ABAAABWfAAB/bernard-tschumi>, Acesso em 29.04.2018

⁵² Idem

Como conclusão, Hill sustenta que «uma compreensão do usuário, como criativo e imprevisível, informa os arquitetos, a arquitetura, e conceitos de autoria em projeto arquitetónico. (...) Ao contrário das expectativas, reconhecer o usuário como criativo pode aumentar, e não diminuir, o status e o valor das habilidades dos arquitetos»⁵³

3.2.1. Acessibilidade Arquitetônica

A primazia do humano é primordial para a criação de um design de sucesso. A princípio, os projetos são baseados no homem padrão ou ditos “normais”, o homem vitruviano ou o modulator, que basicamente é um homem por volta dos 25 anos em plena forma física.

Se comparar os desenhos de diferentes arquitetos, pode ver que têm diferenças na forma e atividade do corpo, pois os arquitetos geralmente representam suas próprias ideologias como referência para a compreensão da condição física humana, tem sua própria abordagem distinta para a construção da forma. "Os arquitetos projetam-se na figura humana"⁵⁴, explica Noor Makkiya, que coletou uma seleção de figuras dos esboços dos arquitetos mais conhecidos do mundo (figura 15).

Acessibilidade é uma oportunidade para visitar lugares, espaços públicos, edifícios e instalações, a possibilidade de receber serviços, usando equipamentos para todos: para pessoas comuns e para pessoas com deficiência de diferentes categorias.

A principal tarefa de um ambiente acessível é garantir igualdade e conveniência a todos, sem exceção. Os elementos que promovem melhores condições de acessibilidade arquitectónica são as rampas, elevadores, pisos táteis, barras de apoio, corrimãos, os banheiros para

⁵³ "An understanding of the user as creative and unpredictable informs architecture, architects and concepts of authorship in architectural design (...) Contrary to expectations, recognizing the user as creative may augment, not diminish, the status and value of architects' skills." (pg.88-89)

⁵⁴ Fonte: <https://www.re-thinkingthefuture.com/article/20-human-silhouettes-drawn-by-famous-architects/>, Acesso em 29.04.2018

cadeirantes, sinalização a informação em braile, a legendagem em língua para surdos/mudos.

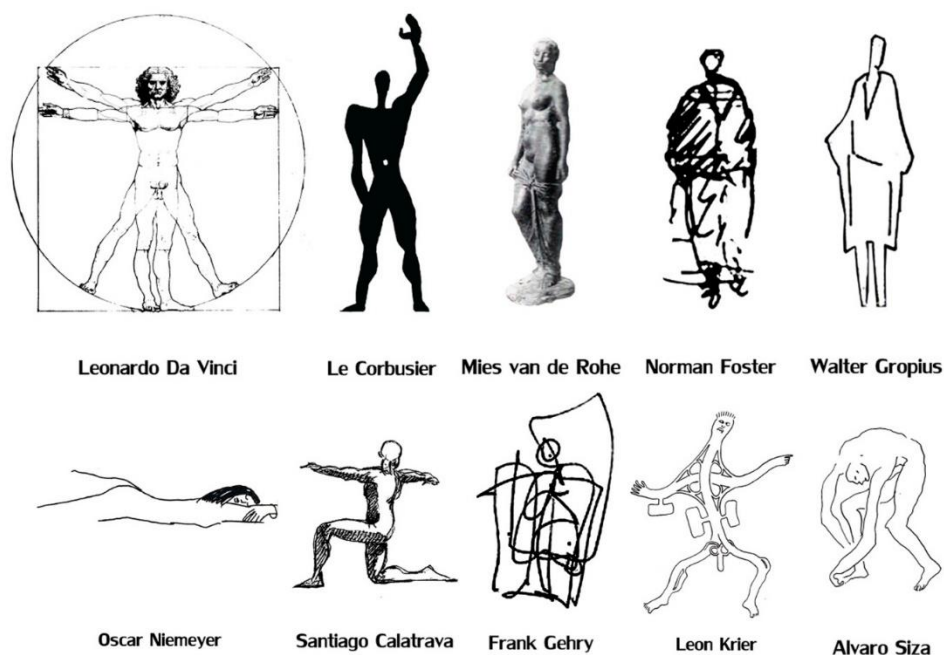


Figura 15.
O Homem Vitruviano
de Leonardo da Vinci e
os esboços humanos de
arquitetos famosos,
compilados por Noor
Makkiya

“Graças às manifestações da sociedade e leis específicas, algumas barreiras estão sendo quebradas e pouco a pouco, novos conceitos e condutas são incorporadas pela sociedade, principalmente por profissionais como designers, engenheiros, fabricantes e arquitetos”⁵⁵.

O conceito europeu de acessibilidade

A tradição filosófica europeia fundamenta-se no reconhecimento, aceitação e promoção dos direitos humanos de todos os segmentos da sociedade, entre eles pessoas com mobilidade reduzida. Nesse contexto, a acessibilidade é um atributo essencial do meio físico centrado na pessoa.

Em 1977, o Conselho da Europa, com sede em Estrasburgo, promulgou resolução destinada a adaptar as habitações e suas respectivas áreas circundantes às necessidades das pessoas com deficiência e mobilidade reduzida.

⁵⁵Fonte: <http://www.casadaptada.com.br/2015/04/o-que-e-arquitetura-acessivel-e-o-conceito-de-desenho-universal/>, Acesso em 27.05.2018

Em 1996, foi apresentado um novo projeto: o Conceito Europeu de Acessibilidade (CEA). O CEA foi utilizado por vários países na revisão de abordagens e diretrizes nacionais e adotado pela Comissão Europeia.

Em novembro de 2003, em Luxemburgo, foi apresentada uma versão atualizada do CEA. O novo texto assumiu os conceitos do Desenho Universal e reviu soluções para problemas detetados em projetos de edifícios, construções, instalações, sistemas de informação e de reforço das práticas adotadas pelas instituições da União Europeia (UE). As recomendações decorrentes dessa ação trouxeram benefícios a toda a população da UE, e não apenas às pessoas com deficiência.

ENQUADRAMENTO LEGISLATIVO EM PORTUGAL

O percurso da legislação sobre a acessibilidade em Portugal inicia-se nas normas constitucionais: a alínea d) do artigo 9º, que incrementa a promoção do bem-estar e qualidade de vida da população e a igualdade real e jurídico-formal entre todos os portugueses; os artigos 12º e 13º, que consagram os princípios da universalidade e da igualdade; o artigo 71º que é relevante nesta matéria, na medida em que se verifica um reforço dos princípios de universalidade e igualdade em relação às pessoas com deficiência.

- Em 2004, o lançamento da **lei nº 38/2004** – Lei de Bases de Prevenção, Habitação, Reabilitação e Participação das Pessoas com Deficiência –, na alínea d) do artigo 3º, determina “a promoção de uma sociedade para todos através da eliminação de barreiras e da adoção de medidas que visem a plena participação da pessoa com deficiência”, dando ênfase a novas políticas para a acessibilidade.

- Em 1997, a matéria de acessibilidades foi objecto de regulamentação normativa, através do **decreto-lei nº 123/1997**, de 22 de Maio, que introduziu normas técnicas, visando a eliminação de barreiras urbanísticas e arquitectónicas na via pública, equipamentos colectivos e edifícios públicos.

- Em 2006, de 8 de Agosto foi aprovado o actual **decreto-lei nº 163/2006**, um novo diploma o qual procede à definição das condições de

acessibilidade a satisfazer no projecto e na construção de espaços públicos, equipamentos colectivos e edifícios públicos, sublinhando--se que, pela primeira vez, estas normas se estendem ao edificado habitacional. O decreto-lei nº 163/2006 aperfeiçoou as normas técnicas existentes e aumentou o âmbito de aplicação aos edifícios habitacionais; introduziu a participação activa das organizações das pessoas com deficiência; introduziu diversos mecanismos com o intuito de evitar a entrada de novas edificações não acessíveis no parque edificado português e definiu de forma mais clara a responsabilidade dos projectistas, do responsável técnico e/ou do dono de obra.

O decreto-lei nº 163/2006 apresenta parâmetros básicos, que devem ser seguidos sem restrições ou alterações, independentemente da destinação do espaço. Estabelece regras para as larguras mínimas das vias, dos passeios públicos, dos canteiros, declividades mínima e máxima, os parâmetros das escadas (uma profundidade, uma altura, faixas antiderrapantes e de sinalização visual), os parâmetros das rampas, a largura das portas de entrada/saída dos edifícios, a altura de comandos de janelas, interruptores, tomadas e maçanetas, ect.

“ É importante ressaltar que, com a adoção do Desenho Universal, parâmetros dimensionais relativos tanto aos espaços privativos quanto aos de uso comum e público tendem a sofrer alterações, adequações ou complementações. Tais eventos merecem atenção especial, pois apontarão para incompatibilidades entre as diversas legislações e o Desenho Universal” (DESENHO UNIVERSAL HABITAÇÃO DE INTERESSE SOCIAL, pg.38).

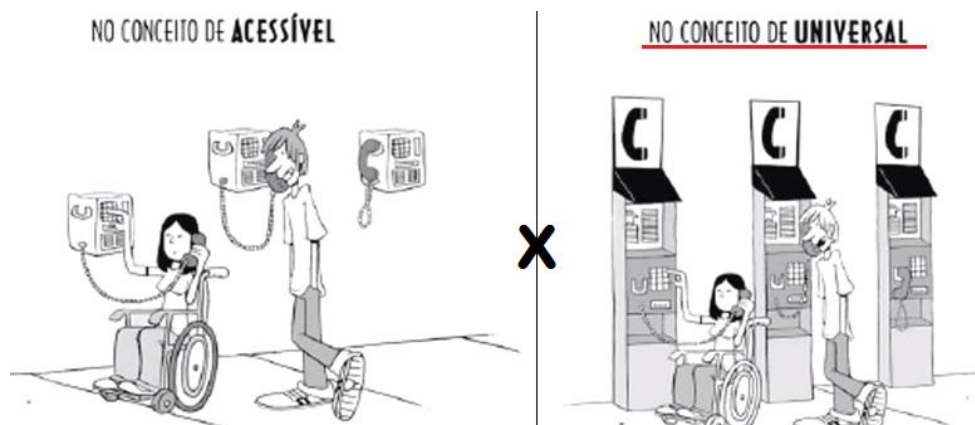


Figura 16.
A diferença entre os
conceitos de
Acessibilidade e
Universal, fonte:
casadaptada.com.br

3.2.2. Desenho Universal

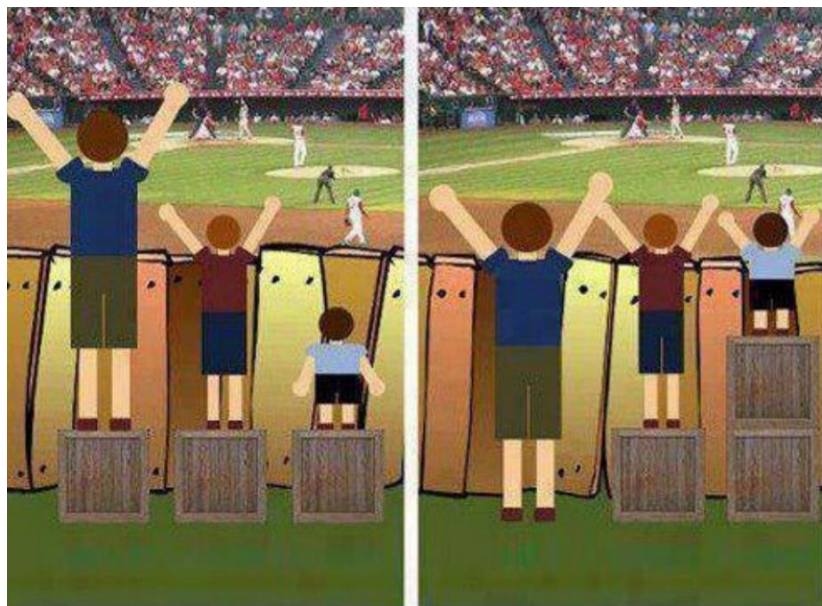
“O desenho universal atende a um desenho para qualquer pessoa, não só às pessoas com deficiência ou com mobilidades reduzidas, mas também aos obesos, crianças, mulheres grávidas, anões, idosos, etc.”⁵⁶

Hoje para fazer um projeto deve pensar-se no desenvolvimento das pessoas durante a vida e as possíveis mudanças.

O conceito do Desenho Universal é um bastante recente e ainda muito pouco aplicado, tanto no meio académico quanto nas práticas profissionais. O termo Design Universal foi usado pela primeira vez nos Estados Unidos em 1985 pelo arquiteto Ron Mace, que influenciou a mudança de paradigma no desenvolvimento de projetos urbanos, arquitetónicos e de design, incluindo produtos. "Por desconhecimento, frequentemente é confundido com acessibilidade para pessoas com deficiência, o que resulta no cumprimento automático das normas vigentes, sem considerar uma reflexão sobre sua importância e benefícios para os usuários" (DESENHO UNIVERSAL HABITAÇÃO DE INTERESSE SOCIAL, 2010, p.28).

⁵⁶ <http://www.casadaptada.com.br/2015/04/o-que-e-arquitetura-acessivel-e-o-conceito-de-desenho-universal/>

Figura 17.
Projetos com Desenho
Universal = projetos
que garantem igualdade
de condições desde sua
concepção, ©
confea.org.br

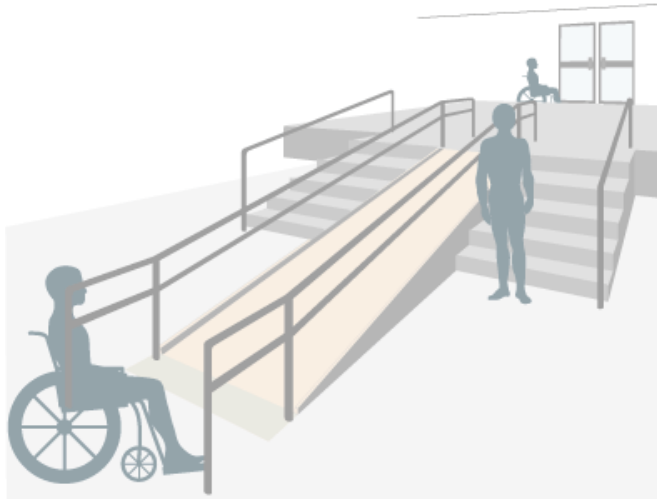


Em 1997 na Universidade Estadual da Carolina do Norte com a colaboração de arquitetos, engenheiros, designers de produtos e pesquisadores de projetos ambientais foram desenvolvidos os 7 Princípios do Desenho universal.

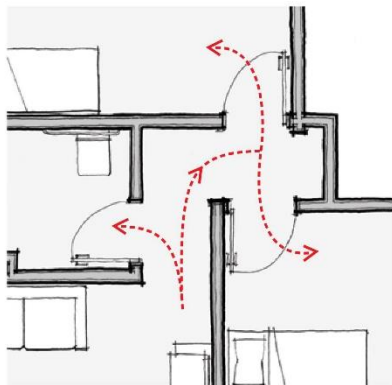
1. Uso equitativo - o design deve propor espaços que possam ser utilizados por usuários de capacidades diferentes.
2. Adaptável - Uso flexível. Projetos devem prever a adaptabilidade e transformações às necessidades do usuário, de forma que as dimensões dos ambientes das construções possam ser alteradas
3. Óbvio – Uso simples e intuitivo. Os projetos devem permitir fácil compreensão e apreensão do espaço, ter os percursos simples e intuitivos.
4. Conhecível. O projeto facilita a compreensão das informações, o uso do espaço ou equipamento, utiliza diferentes meios de comunicação, como símbolos, informações sonoras, táteis, entre outras, para compreensão de usuários com dificuldade de audição, visão, cognição ou estrangeiros
5. Seguro – Tolerância ao erro. Considera-se a segurança na concepção de ambientes e a escolha dos materiais de acabamento para minimizar os riscos de acidentes.

6. Esforço físico mínimo. Minimiza-se as ações repetitivas e esforços físicos que não podem ser evitados.

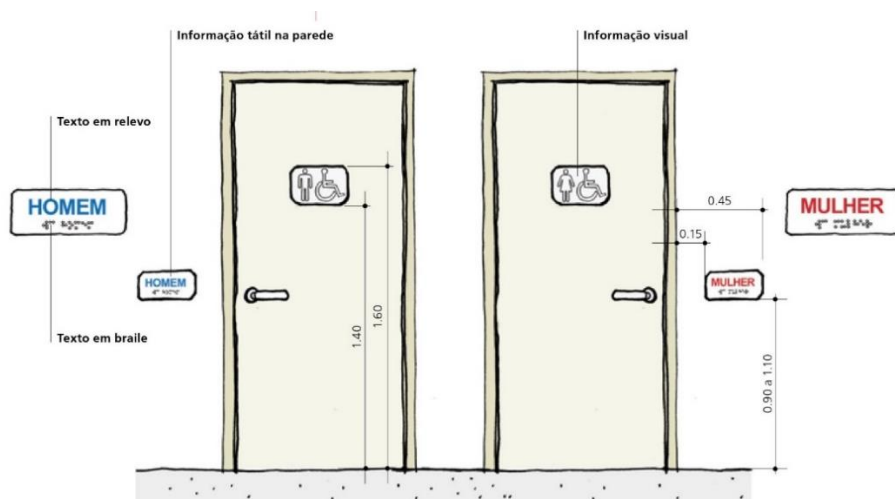
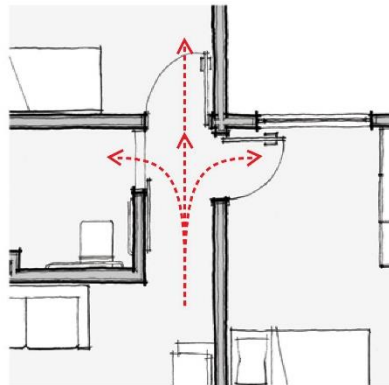
7. Dimensionamento de espaços para acesso e uso abrangente. É fornecido o acesso e uso confortáveis para os usuários, sentados ou em pé: por usuários com próteses, como cadeira de rodas, muletas, entre outras, de acordo com suas necessidades para atividades quotidianas.



PERCURSO CONFUSO



PERCURSO SIMPLES E INTUITIVO



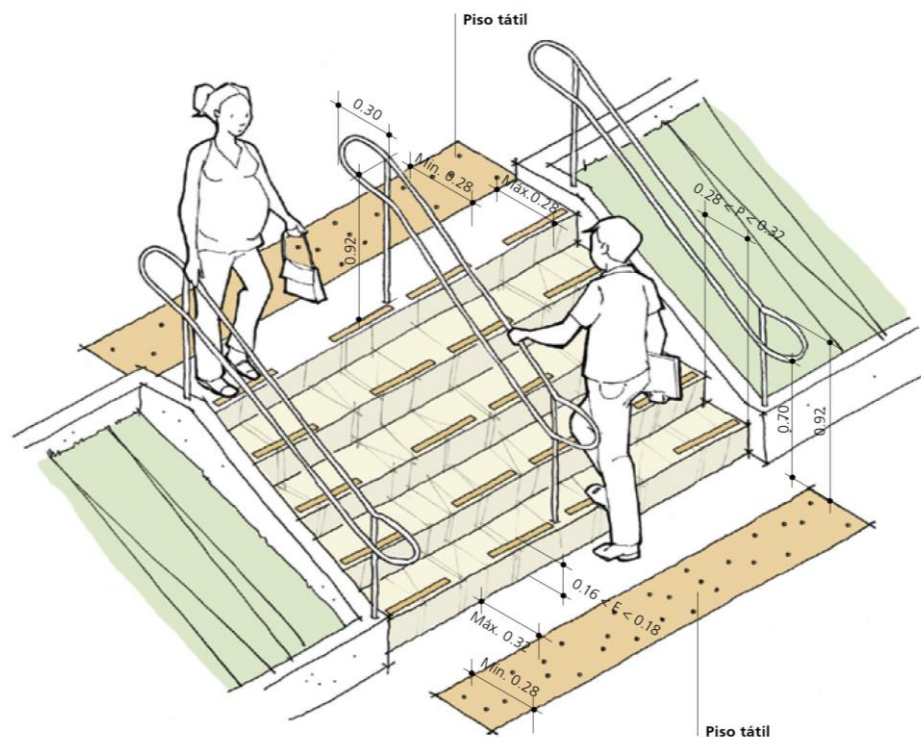
Figuras 18-20.
(de esquerda para direita)

Os projetos devem ter os percursos simples e intuitivos, fonte: igti.com.br

Uso simples e intuitivo.

Os pictogramas “homem” e “mulher”, com informação em relevo e Braille, são conhecidos universalmente e de fácil compreensão.

© Livro “Desenho universal habitação de interesse social”, 2010



Figuras 21-25.
(de esquerda para
direita)

Escadas com corrimão duplo, profundidade 30 cm no início e término, piso tátil de alerta e faixa contrastante evitam acidentes

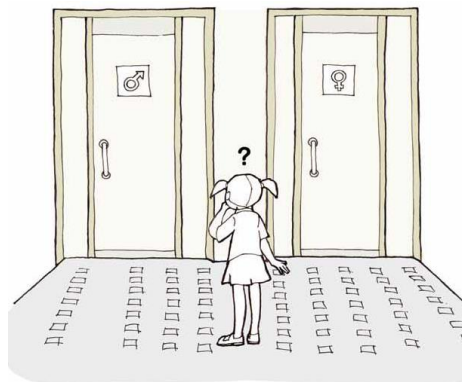
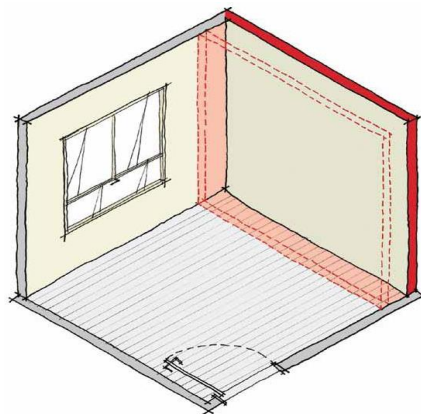
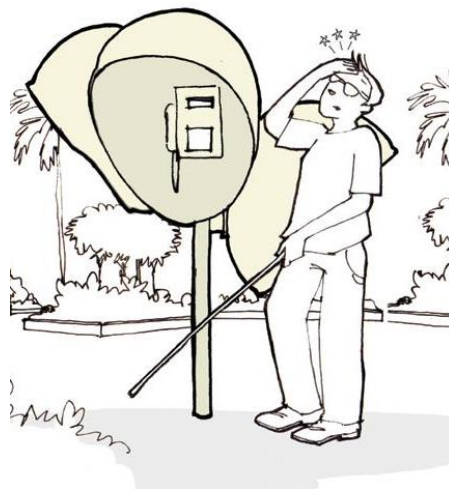
Sistema de alavanca adequado permite que esforço físico mínimo,
fonte: igit.com.br

Adaptabilidade e transformações.

Considera-se a
segurança na concepção
de ambientes

Símbolos devem ser universais e de fácil compreensão.

© Livro “Desenho universal habitação de interesse social”, 2010



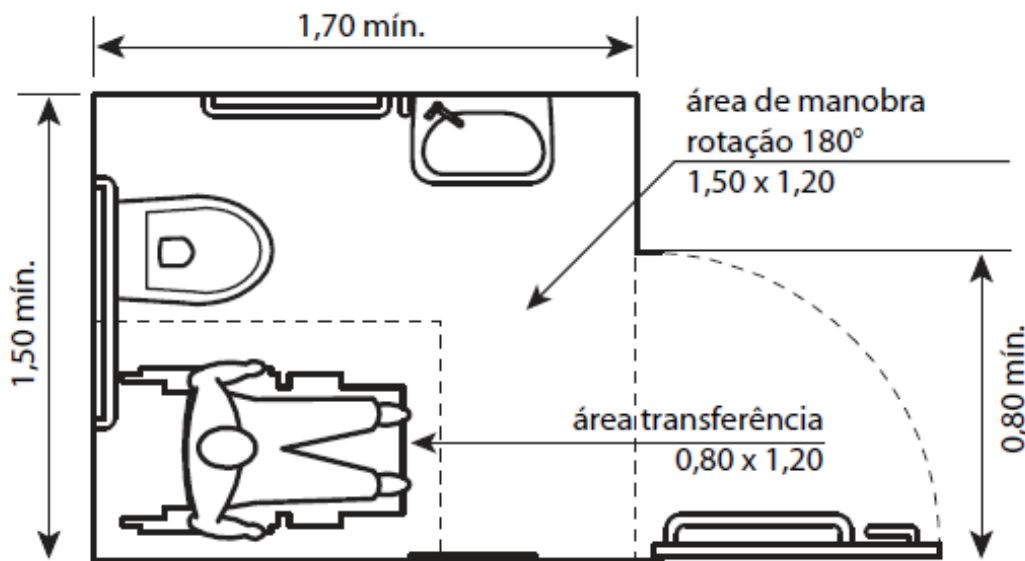


Figura 26.
Sanitários com dimensões adequadas para pessoas em cadeira de rodas ou as que estão com bebés em seus carrinhos.

O Desenho Universal deve criar espaços adequados às necessidades de todos os usuários. Para que um espaço seja considerado acessível, deve reunir as condições necessárias para ser utilizado de forma cómoda por todos os usuários, levando-se em consideração os parâmetros técnicos previstos no decreto-lei nº 163/2006.

Para a elaboração de projetos urbanos, duas vertentes conceituais devem ser consideradas:

1. Distribuição e interrelação de usos – o conjunto de medidas a serem adotadas para a oferta de infraestrutura básica, como áreas de lazer, equipamentos e transporte públicos, assegurando a interligação entre todos esses elementos;

2. Condições de acessibilidade – procedimentos para garantir que a interligação entre equipamentos públicos, condomínios e habitações unifamiliares se faça através de percursos acessíveis a todos os usuários.

Na análise de edificações em geral, também se deve priorizar a rota acessível, desde a entrada principal, interligando as demais áreas de uso público ou de uso comum do edifício, e estudando especialmente:

- pavimentação em geral
- forma de deslocamento entre pavimentos
- largura das portas e áreas de circulação

- localização, acesso, altura e possibilidade de interação às facilidades (telefones, terminais de autoatendimento, elevadores, dentre outros)
- comunicação visual, sonora e informativa
- banheiros: áreas comuns e cabines privativas
- áreas de resgate e emergência
- vagas de estacionamento
- situação de acesso, deslocamento, assentos e disposição em auditórios e salas de exibição (Alvarez, Camisão, pg.16-17)⁵⁷

De acordo com DESENHO UNIVERSAL HABITAÇÃO DE INTERESSE SOCIAL (2010), segue algumas as diretrizes que devem ser contempladas:

- As portas de acesso aos edifícios devem ter, pelo menos, uma folha com largura mínima de 80 cm e largura mínima total de 1,2 m.
- O acesso a escadas e elevadores deve ser livre e desimpedido, e ter largura mínima de 1,2 m, além de atender às normas de segurança pertinentes.
- As botoeiras de elevadores e demais comandos de uso comum devem estar situados entre 80 cm e 1,2 m de altura, a partir do piso acabado, e conter sinalização em relevo detectável por pessoas com deficiência visual.
- Os pisos devem ser antiderrapantes. No caso de revestimento cerâmico, deve atender ao coeficiente de atrito mínimo estabelecido;
- Pavimentos, blocos e unidades habitacionais devem ter numeração tátil, posicionada em relevo e braile, a uma altura entre 90 cm e 1,2 m, a partir do piso, em local adequado.
- Sanitários e vestiários nas áreas comuns devem observar as determinações do decreto-lei nº 163/2006

⁵⁷ Fonte:

<http://www.iab.org.br/sites/default/files/Guia%20BID%20Vers%C3%A3o%20Portugu%C3%AAs.pdf>, Acesso em 14.04.2018

- Todo o trajeto, do passeio público até às edificações, deve contemplar: circulação de pedestres livre e desimpedida, com largura mínima de 1,2 m.
- O mobiliário de uso comum e postes de iluminação não podem obstruir a faixa de circulação de pedestres em sua largura mínima;
- Do total de vagas de estacionamento, 2% devem ser destinadas a pessoas com deficiência e 5% a idosos, salvo legislação específica mais restritiva.
- As rampas e escadas de pedestres devem seguir os parâmetros técnicos previstos no decreto-lei nº 163/2006, com largura mínima de 1,2 m e revestimento antiderrapante.
- A escolha do tipo de equipamento de transporte a ser instalado nas áreas comuns condominiais deve levar em consideração as dimensões mínimas para a utilização adequada do usuário de cadeira de rodas.



Figura 27. Itinerário acessível – edificação de uso público

3.2.3. Espaço partilhado para Interação Intergeracional

“Espaços partilhados” são os lugares que acomodam simultaneamente as várias gerações e criam oportunidades adicionais para interação intergeracional espontânea. Durante as atividades intergeracionais regularmente programadas, bem como por meio de encontros informais, as crianças beneficiam da atenção individual e positiva, tomada por adultos carinhosos, e adultos ganham um senso de propósito, compartilhando

sabedoria e habilidades com crianças. Além de satisfazer as necessidades das crianças, jovens e adultos mais velhos, o design e a assistência relacionada quebram as barreiras, que têm o potencial de inibir a interação entre pessoas mais jovens e mais velhas. Espaços partilhados podem ser chamados de espaços ou centros intergeracionais, cozinhas e jardins partilhados, centros de dia ou creches, salas de reunião e espaços educacionais partilhados⁵⁸.

Segundo de Poulsen, Hulland, et al. (2014, apud Sung, 2015), esses espaços têm muitas vantagens para diferentes faixas etárias. Por exemplo, em salas de reunião partilhadas, independentemente da idade, todos estão ativamente envolvidos no planeamento e execução de todas as atividades, todos podem treinar-se em liderança, expressar suas opiniões e tomar decisões. "Essas estratégias ajudam a compensar os efeitos negativos da segregação por idade e criam confiança e conexão entre gerações"⁵⁹ (p.15).

"Uma cozinha compartilhada pode ser um centro de contato social e um espaço para aulas de culinária" ⁶⁰ (Idem), onde os jovens têm a oportunidade de aprender e desenvolver suas habilidades e os idosos, por sua vez, podem ensinar às gerações mais novas os segredos da culinária.

"Jardins comestíveis promovem a interação entre idosos, jovens adultos e crianças, ensinando sobre a nutrição e a fonte dos alimentos"⁶¹ (Idem). De acordo com a Associação Americana de Terapia Horticultural, "a hortiterapia é uma técnica utilizada como tratamento há séculos e tem benefícios reconhecidos"⁶². Todas as atividades relacionadas com a jardinagem (por exemplo, plantar sementes, cultivar diferentes espécies de flores), fazem muito bem à saúde mental do ser humano. A prática da jardinagem reduz o estresse, faz com que a pessoa seja mais paciente, desenvolve novas habilidades, estimula a memória, fortalece músculos superiores, etc.

⁵⁸ Fonte: <http://www.gu.org/OURWORK/SharedSpaces.aspx>, Acesso em 18.04.2018

⁵⁹ Tradução do autor. Em original: "*These strategies help offset the negative effects of age segregation and build trust and connection across generations*".

⁶⁰ "*A shared kitchen can be a hub for social contact and a space for culinary classes*".

⁶¹ "*Edible food gardens foster interaction among seniors, young adults, and children by teaching about the nutrition and source of food*".

⁶² Fonte: <https://www.eusemfronteiras.com.br/jardinagem-como-forma-de-terapia/>, Acesso em 18.04.2018

"Nos jardins comunitários, os moradores compartilham tudo, desde alimentos a ferramentas de jardinagem. Tanto a reciprocidade como os sentimentos de responsabilidade partilhada são importantes para promover a cooperação entre gerações. Feiras de alimentos saudáveis, mercados de agricultores e churrascos são exemplos de atividades que podem ser realizadas em hortas comunitárias para proporcionar oportunidades de interação intergeracional"⁶³ (Poulsen, Hulland, et al., 2014, pp.74-76, apud Sung, 2015, p.15).



Figuras 28-29.
(de esquerda para
direita)

Espaços educacionais
partilhados, ©Aging
Network's Volunteer
Collaborative

Jardim partilhado
©Alabama Living

O conceito de "espaço partilhado" pode ser entendido por uma gama mais ampla de ambientes do que apenas serviços colocados e programas. Muitos espaços atualmente sendo usados com o único propósito de uma geração (ou seja, escolas, casas de repouso), ou espaços utilizados por várias gerações de forma independente (ou seja, biblioteca, centros comunitários ou desportivos) poderiam, defacto, ser usados "intergeracionalmente" (Hatton-Yeo, Melville, 2013).

A ideia de criação dos centros Intergeracionais - centros onde pessoas de todas as idades podem unir-se num só lugar para participar em aulas, programas e atividades - não é novidade, existe há uma década, mas só agora está ganhando força e impulso. Ao contrário dos centros seniores ou centros de adolescentes que oferecem serviços, programas e atividades para

⁶³ Tradução do autor. Em original: "In community gardens, residents share everything from food to gardening tools. Both the reciprocity and feelings of shared responsibility are important for promoting cooperation among generations. Healthy food fairs, farmer's markets and barbecues are examples of activities can be held in community gardens to provide opportunities for intergenerational interaction"

uma só geração, os centros intergeracionais oferecem serviços, atividades e programas, simultaneamente, a várias gerações num único espaço. Nestes centros são definidos lugares para certos grupos, bem como espaços comuns em que vários grupos diferentes podem interagir. "A combinação de design, incluindo o design físico de um espaço, bem como o mobiliário dentro de um espaço, pode contribuir para uma interação potencial entre as gerações" (Hatton-Yeo, Melville, p.8).

A casa intergeracional (Mehrgenerationenhaus) foi estabelecida em Baixa Saxonia, em 2003, por Ursula von der Leyen. Quando foi promovida a nível nacional, iniciou um plano para abrir 500 centros desse tipo em todo o país e investir 50 mil euros por ano. No exemplo do centro intergeracional em Salzgitter, na Alemanha, podemos entender o princípio do funcionamento de tais centros. A idéia era remover os limites artificiais entre jovens e velhos, reunir sob o mesmo teto grupos que anteriormente operavam isoladamente uns dos outros, ou seja, grupos de assistência à infância, centros juvenis, centros materno-infantis e centros comunitários para idosos. Os "pontos de encontro abertos" fornecem um foco - estes são bares ou cafés onde todos são bem-vindos, todos podem tomar café e obter conselhos. Nesses centros, por exemplo, os pensionistas voluntarizam-se para ler livros às crianças uma vez por semana e também dirigem um serviço de "aluguer de uma avó", para aliviar os pais. Por sua vez, os adolescentes oferecem-se para ensinar os idosos a usar computadores e telemóveis. Além disso, existe cursos de línguas estrangeiras, apoio escolar, "chats de cozinha internacional" para pessoas de todos os grupos étnicos, cursos de arte e teatro.⁶⁴

⁶⁴ Fonte: <https://www.deutschland.de/en/topic/life/society-integration/multi-generation-houses-bring-young-and-old-together>, Acesso em 02.02.2018



Figuras 30-31.
(de esquerda para
direita)

O passatempo
partilhado de
diferentes gerações.
©Philip Oltermann;

©Orsola Vetri

3.2.4. Planeamento intergeracional

Os conceitos como Crescimento Inteligente, Sustentabilidade e Criação de comunidades habitáveis têm sido amplamente divulgados para promover um desenvolvimento urbano. Segundo Hodgson (2011), grande parte da literatura que é dedicada a esses conceitos concentra-se em uma única faixa etária, como o envelhecimento da população, famílias com crianças ou jovens profissionais. Os cidadãos mais velhos, as famílias com crianças pequenas e a população jovem partilham muitas necessidades, interesses e preocupações comuns. Ele observou que o planeamento intergeracional deve levar em consideração as necessidades de todas as faixas etárias em todas as etapas do planeamento, nomeadamente a avaliação de necessidades até visão, planeamento, projeto, implementação e avaliação.

«Planeamento intergeracional:

- esforça-se para tornar as cidades e bairros acessíveis, seguros e inclusivos para crianças, jovens, famílias, adultos e idosos;
- permite que as pessoas envelheçam, em suas casas ou bairros;
- promove a participação cívica das gerações mais velhas e mais novas;
- aborda as preocupações comuns e específicas de cada faixa etária.

O planeamento intergeracional usa princípios de crescimento inteligente para criar comunidades habitáveis onde os membros de todas as

faixas etárias permanecem ativos, conectados e seguros» (HODGSON, 2011, pp. 2, tr.)⁶⁵

O autor oferece alguns exemplos de princípios de crescimento intelectual, como colocação nas proximidades as escolas, creches, praças, mercados, lojas, parques projetados com segurança, pistas para ciclismo e caminhadas que promovam a saúde física de todos os membros da comunidade. Hodgson (2011) enfatiza que a «permanecer ativo através da criação padrões de desenvolvimento duráveis e densos é uma característica positiva do desenvolvimento do crescimento inteligente» (p. 9)⁶⁶

De acordo com Frank (2006) "permanecer ativo ajuda os idosos a viver mais tempo, mais saudáveis e mais felizes. (...) Um processo de planeamento público promove conhecimento local e responsabilidade ambiental em crianças e estimula desenvolvimento pessoal e cidadania"(p. 71)⁶⁷.

Tal como afirma Hodgson (2011), a questão da segurança é extremamente importante no planeamento intergeracional. «Enquanto muitas famílias procuram comunidades onde as crianças podem brincar e aprender num ambiente seguro e culturalmente diversificado, os idosos consideram a segurança uma componente importante na estrutura da sua vizinhança» (p. 8)⁶⁸

⁶⁵ Tradução de autor. No original: "Multigenerational planning:

- strives to make cities and neighborhoods accessible, safe, and inclusive for children, youth, families, adults, and the elderly;
- allows people to age in place, be it in their homes or neighborhoods;
- promotes civic participation by both the older and younger generations; and
- tackles the common and specific concerns of each age group

Multigenerational planning uses smart growth principles to create livable communities where members of all age groups remain active, connected, and safe" (HODGSON, 2011, pp. 2).

⁶⁶ Tradução de autor. No original: "*Staying active through creating walkable and dense development patterns is a positive feature of smart growth development.*" (HODGSON, 2011, pg.9)

⁶⁷ Tradução de autor. No original: "*Remaining active civically helps seniors live longer, healthier, and happier lives. (...) A public planning process fosters local knowledge and environmental responsibility in children and promotes personal development and citizenship*" (FRANK, 2006, p. 71)

⁶⁸ Tradução de autor. No original: "*While many families look for communities where children can play and learn in a safe and culturally diverse environment, seniors also consider safety a major component in their neighborhood setting*" (HODGSON, 2011, p. 8)

4. PROPOSTA DE PROJETO DE REABILITAÇÃO DA FÁBRICA DA SAMARITANA

4.1 Contexto da Intervenção

A zona em estudo, Vale de Chelas, “tem início junto ao Rio Tejo entre o Mosteiro da Madre de Deus, freguesia do Beato e a antiga Fábrica dos Tabacos de Xabregas, freguesia do Alto do São João, - atualmente o freguesia do Penha de França⁶⁹, - paralelo à margem nascente da cidade com direção sensivelmente norte-sul, até às cotas mais elevadas de Lisboa, junto ao Aeroporto da Portela”.⁷⁰



Figura 32 . Planta de localização

O sítio da Câmara Municipal de Lisboa apresenta a proposta de reabilitação urbana do Vale de Chelas em que se indica esse vale como "território fragmentado, onde coexistem reminiscências rurais, antigos Palácios, edifícios fabris obsoletos e abandonados, atividades logísticas desordenadas, habitação de génese operária degradada, justaposição de infraestruturas que acrescentaram roturas e impactes negativos sobre a

⁶⁹ De 2013 o território da freguesia do Alto do São João foi incorporado na freguesia da Penha de França. Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Jo%C3%A3o_\(Lisboa\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Jo%C3%A3o_(Lisboa)). Acesso em 22.05.2018

⁷⁰ Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Chelas#cite_note-1. Acesso em 22.05.2018

envolvente e um grande potencial paisagístico que advém de corresponder à segunda área aluvionar mais importante da Cidade".⁷¹

4.1.1. Enquadramento histórico da área de estudo

À origem do nome "Chelas" tem várias hipóteses. Uma das legendas que tivesse sido forjada a partir do topónimo Achellis, é associada a um herói grego pelo nome Aquiles (Achilles), que por ali teria estado escondido, entre as vestais de um templo (depois convento de Chelas). Quanto ao verdadeiro significado da palavra Chelas não há certezas, embora alguns historiadores lhe atribuem uma etimologia latina (*planella chaela* = pequena planície) a qual não se coaduna com a orografia do lugar. De acordo com mais uma hipótese, Chelas tem a mesma origem que as palavras «shell» (ingl) e «schale» (al.), derivando de um radical comum com o significado de concha. Esta suposição tem uma justificação real, porque em todo o vale de Chelas e nas encostas se encontram numerosos concheiros fósseis que ficaram como vestígios de há muitos milhões de anos, quando por aí penetrava um golfo marinho (CONSIGLIERI, 1993).

O nome Xabregas pode ser associado à existência de uma povoação romana chamada Axabrica, tendo em conta os vestígios da respectiva povoação encontrados na zona. Alguns relacionam o nome com Xavega (do árabe *xabaka*), rede de arrasto, devido à sua localização junto ao Tejo⁷².

O território que hoje integra a freguesia do Beato existia já nos inícios do século XIII, sendo na altura constituído por vinhas, olivais e almoínhas.

Em meados do séc. XIII, D. Afonso III terá mandado construir o Paço Real de Xabregas. Em 1373, o paço de Xabregas foi incendiado, ficando em ruínas até meados do séc. XV. Neste local foi construído o Convento de Santa Maria de Xabregas, onde hoje estão instalados o Teatro Ibérico e os serviços do Instituto do Emprego e Formação Profissional.

⁷¹ Fonte: <http://www.cm-lisboa.pt/viver/urbanismo/reabilitacao-urbana/aru-vale-de-chelas>. Acesso em 10.12.2017

⁷² Fonte: <http://www.jf-beato.pt/beato/historia/>, Acesso em 22.05.2018

O nome que hoje denomina a freguesia Beato está relacionado com Convento de S. Bento de Xabregas ou como foi chamado depois - Convento do Beato António, em homenagem ao frei António da Conceição. Em 1570, ele veio de Évora para o convento de S. Bento de Xabregas, dava ajuda aos pobres e nas obras de renovação do convento. Ao falecer ele tinha ganho a fama de santidade. O povo chamava-lhe o Beato António e à sua obra - Convento do Beato António.

No século XVI, Xabregas era um lugar dos mais aprazíveis do Termo de Lisboa, com as suas hortas e pomares e também uma praia. Era na praia de Xabregas que se realizavam torneios de cavalaria, touradas e os tradicionais jogos de canas.

Em 1662, a rainha D. Luisa de Gusmão retirou-se para uma quinta entre Xabregas e Marvila, num lugar chamado Grilo. Ali fundou um convento de religiosas Agostinhas Descalças (no local da actual Manutenção Militar) e quase em frente, outro convento para os Agostinhos Descalços (Igreja de S. Bartolomeu e Recolhimento). No final do século XVII havia, desde Xabregas ao Beato, quatro conventos.

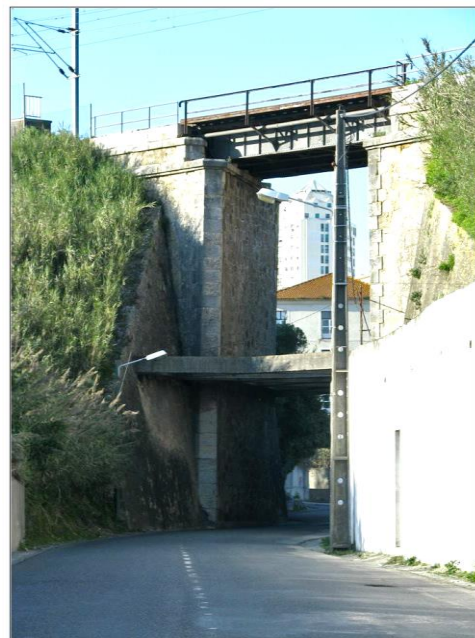
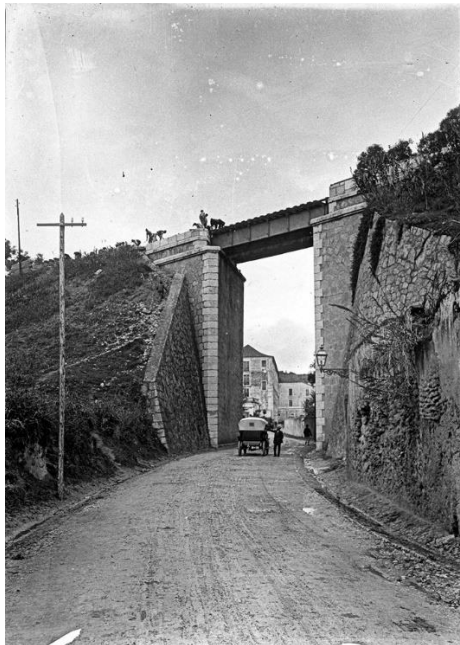
Em finais do sec.XVIII, aparecem as primeiras fábricas no Vale de Chelas. As primeiras unidades industriais importantes, estabeleceram-se em edifícios religiosos ou em palácios. A Companhia de Fiação de Tecidos Lisbonense foi a primeira fábrica a instalar-se em Xabregas, no convento de S. Francisco de Xabregas. Esta zona, apesar da rápida mutação em curso, continuava a ser um espaço agradável, sendo dos mais preferidos para os passeios de domingo do povo lisboeta.

As fábricas trouxeram o aumento da população na zona, e a consequente construção de habitações operárias, permanecendo até hoje as construções populares, edifícios isolados e conjuntos, como os pátios e vilas.

Em 1854, os ingleses Alexander Black e John Stott Howorth, em terreno antes foreiro do Hospital de S. José, fundam à entrada do vale de Chelas a Fábrica de Fiação de Xabregas, também posteriormente designada de Samaritana, por se situar perto da secular fonte com este nome.

A inauguração do caminho de ferro, em 1856, foi um acontecimento marcante a vários níveis, não só pela dinamização da indústria, mas também pela modificação da paisagem local, através da abertura das barreiras e de infraestruturas como a ponte de ferro Xabregas (proj. do Eng. Valentine, 1854). Outro marco histórico foi, em 1854, a fundação da Fábrica de Fiação de Xabregas, de proprietários estrangeiros, iniciando a laboração em 1858, depois de se constituir em Companhia do Fabrico de Algodões. Trabalhando várias pessoas, foi por iniciativa dos proprietários da fábrica que foram edificadas, em 1867 e 1877, as primeiras vilas operárias em Xabregas. Em 1888, foram construídas mais duas vilas, de maiores dimensões, a Vila Flamiano (inicialmente destinadas aos mestres e contramestres) e a Vila Dias (para os operários). Ao todo foram construídas 106 casas no bairro operário da Companhia do Fabrico de Algodões.

Viaduto Ferroviário de Chelas era uma ponte de ferro coado de um só vão, constituída por seis madres ou arcos em círculo abatido, com 16 metros de corda e 1,981 de flexa. Dois desses arcos serviam de testa de ponte e quatro sustentavam as travessas e carris de ferro, suportando o peso e o choque da passagem dos comboios. O peso de cada arco era de 8000 quilos.



Figuras 33-34.
Viaduto Ferroviário de
Chelas. 1910, © Joshua
Benoliel; fotografia atual,
© mapio.net

As ligações entre as madres, ou arcos de ferro coado, para evitar as oscilações laterais, eram feitas por meio de tirantes de ferro, metidos em tubos

igualmente de ferro coado, que os apertavam, solidarizando-os. Em Dezembro de 1954 foi substituído o viaduto ferroviário originalmente construído e que, embora tomado obsoleto, não deixou de constituir uma obra importante para a sua época. Neste momento esta ponte de comboio está reforçada a meia altura com vigas (ABRAGÃO, apud FURTADO, 1997).



Figuras 35-39.
(de esquerda para direita)

Arcos dos viadutos da CP - Xabregas/ beco dos Toucinheiros, 1954, AML, Fernando Martinez Pozal.

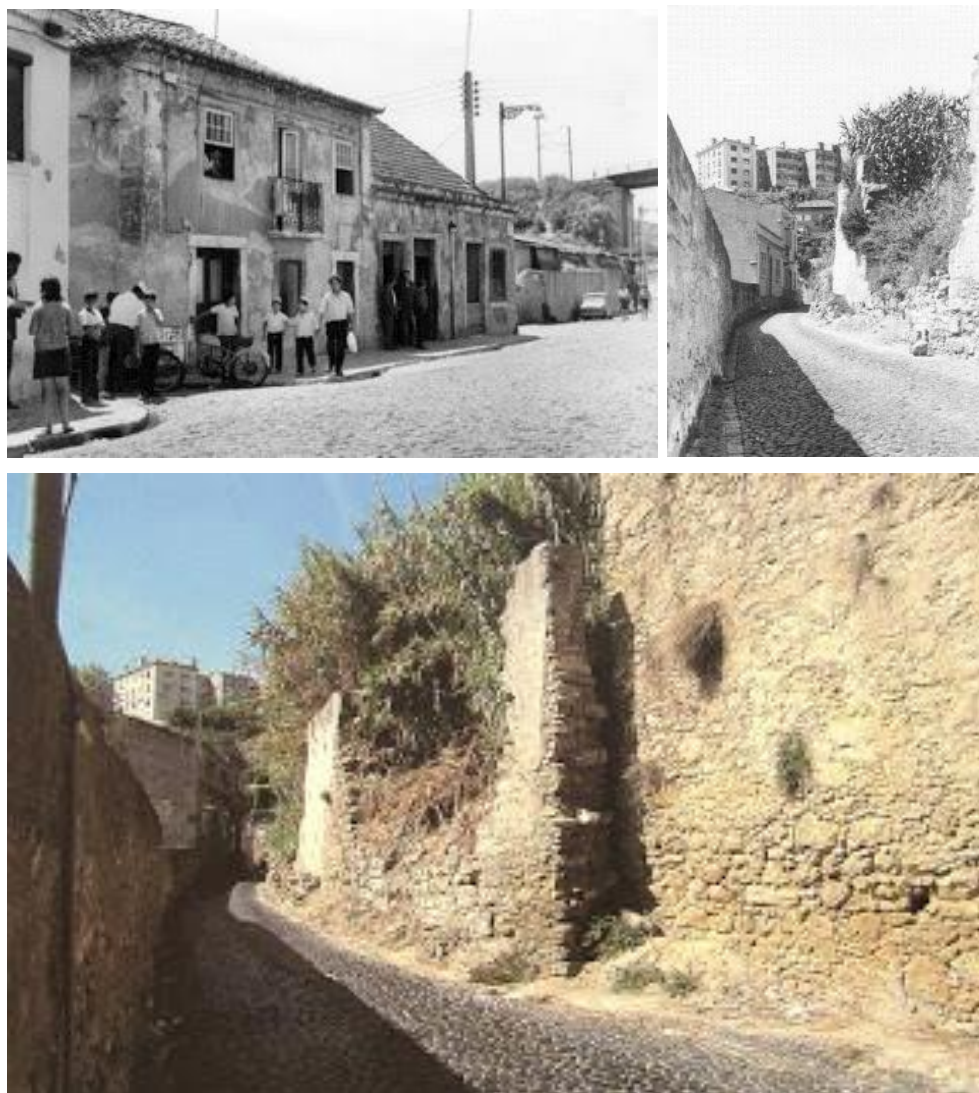
Viaduto de Xabregas, 1938, AML, Eduardo Portugal.

Rua Alves Paiva Fragoso, Vila Dias, início do século XX. AML, Alberto Carlos Lima, Vila Dias.

Arco da Vila Dias e viaduto de Xabregas, 1940. AML, Eduardo Portugal, Vila Dias.

Vista sobre o Vale de Chelas até Xabregas, Lisboa, c. 1990.





Figuras 40-42.
(de esquerda para direita)

Casa na Estrada de
Chelas, 1973,
© Vasco Gouveia de
Figueiredo

Estrada de Chelas , 1961,
© Foto de Artur João
Goulart

Estrada de Chelas no
sentido para poente, 1998,
© António Sachetti

4.1.1.1. A Fábrica da Samaritana

A fábrica foi uma das mais antigas unidades manufactureiras de Lisboa da segunda metade do século XIX. Instalou-se em 1857, era igualmente conhecida por “Fábrica da Samaritana” (em virtude de se encontrar nas proximidades da Fonte da Samaritana) e por “Fábrica do Black”, em referência ao engenheiro fundador – Alexandre Black -, a quem se deve a arquitetura industrial e a montagem dos seus primeiros equipamentos e máquinas.

Situa-se à entrada do Vale de Chelas, junto às linhas férreas do Leste e Norte e da Circunvalação de Lisboa (desactivada) e encontrava-se também

junto à antiga circunvalação fiscal, da parte oriental da cidade de Lisboa. A edificação desta unidade fabril é contemporânea da construção do troço de caminho-de-ferro, entre Lisboa e o Carregado, acessibilidade a que se ligou desde então.

As obras começaram em 1854, em terrenos arrendados ao Hospital de S.José. A laboração inaugurou-se em 1857, altura em que o edifício retangular, construído de raiz e com todos os apetrechos para a mecanização da fiação de algodão se concluiu. O seu plano inicial obedecia aos modelos mais avançados das fábricas inglesas. O edifício, descrito por Pinho Leal, tinha então 36m de comprimento e 21 m de largura, com 108 janelas nas quatro fachadas.

Inicialmente era apenas uma unidade mecanizada de fiação, apesar dos seus primeiros estatutos, datados de 1857, preverem também a tecelagem, a tinturaria e calandragem do algodão. As condições de mercado facilitaram a instalação da energia a vapor, até porque Xabregas conhecia desde a década de quarenta as primeiras máquinas motoras.

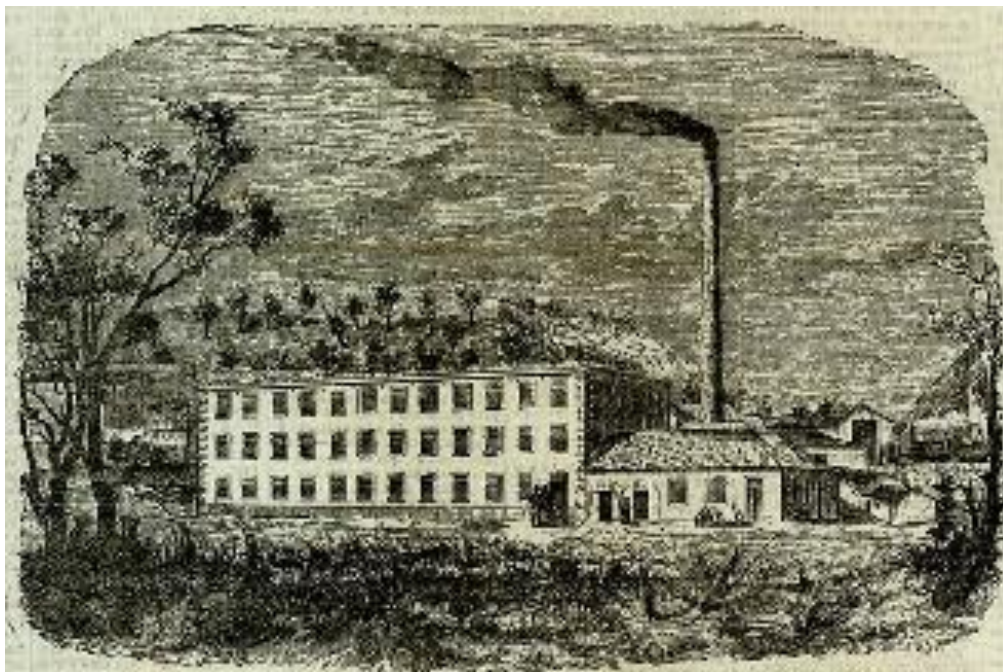


Figura 43 .

Gravura da Fábrica da Samaritana, Xabregas. Esta imagem foi publicada no *Diário Illustrado* n.º 1617, de 8 de Agosto de 1877.

Uma mudança qualitativa correspondeu ao incêndio de 3 de Agosto de 1877, que criou as condições de completa renovação, construiu-se um

novo edifício com 83 metros de comprimento, apetrechando-se com a tecelagem mecânica e nova potência a vapor.

O auge desta têxtil, atendendo à informação recolhida nos Inquéritos Industriais de 1881 e 1890, ocorreu no final do século. Nessa altura, laboravam 513 operários, funcionavam 213 teares, dispondo de uma potência de 120 c/v, distribuída pelas duas máquinas. Data deste período a construção de um bairro social para os seus trabalhadores, a Vila Flamiano.

A fábrica foi integrada na Sociedade Têxtil do Sul, Ld.^a, entre 1932 e 1934, mantendo a fiação e a tecelagem juntas, funcionando até à data do último incêndio, em 1948. Fornecia então, como outras fábricas daquela sociedade, os Grandes Armazéns do Chiado. O seu espaço foi depois aproveitado para pequenos negócios e firmas. Apesar da degradação desta ruína, o monumento industrial teima em continuar.

A fábrica destaca-se pela sua volumetria e pela presença das duas chaminés de tijolo e organização espacial. O edifício principal caracteriza-se pela sua arquitetura industrial com paralelos na Inglaterra e França. A organização obedece a uma racionalização horizontal e vertical. O edifício era bem iluminado pela luz natural, face ao ritmo de fenestração que evidencia. A cobertura era de quatro águas por vão. Cada vão correspondia a um alinhamento vertical de janelas. Algumas das coberturas apresentam também vestígios de antigos lanternins, características que ainda se podem observar no local. Anexas ao edifício principal encontram-se duas casas das máquinas, testemunhando dois monumentos da energia a vapor. No entanto, a electricidade foi introduzida posteriormente. Construíram-se edifícios de apoio às actividades fabris e sociais, à volta da fábrica antiga.

O imóvel e a casa das máquinas deveriam ser objecto de projetos de recuperação e valorização, viabilizando uma memória condigna da paisagem industrial e urbana daquele espaço (FOLGADO and CUSTÓDIO, 1997, p. 77).

4.1.2. Analise Urbana

4.1.2.1. Cheios e vazios

Com a análise dos cheios (construções) e dos vazios (parcelas sem construções) (figura 44) percebemos que na maior parte do território a existência de predominância de vazios sobre os cheios. No território do Vale de Chelas os edifícios estão localizados ao longo da rua Gualdim Pais/ Estrada de Chelas. A maior concentração de imóveis: vilas operárias, os equipamentos, armazens, etc., está implantada ao redor da antiga fábrica da Samaritana que costumava ser um dos centros de produção da localidade.

Os vazios de grandes dimensões numa área são usados como as zonas de hortas (a norte da Vila Dias, no topo norte da estrada de Chelas), espaços verdes de recreio e produção, espaços verdes de enquadramento a infraestruturas (junto à ETAR).

Em torno da zona de Chelas a maior densidade de edificado é observada nos bairros Madre Deus, Penha de França e Olaias. O Bairro da Madre Deus tem a malha urbana radial com uma densidade média intersetadas por vias radiais de acesso ao centro do Largo Me. Deus. O espaço da Penha de França também é bem edificado, com malha ortogonal regular. O bairro Olaias também em forma ortogonal, tem as quadras densas, com lotes irregulares.

4.1.2.2. Sistema viária e mobilidade

O terreno de intervenção é atravessada por rua Gualdim Pais/ Estrada de Chelas, uma via arterial que liga a avenida Infante Dom Henrique e rua de Xabregas, desde a zona de ribeirinha, à avenida de Mal. António de Spínola, a norte. Essa via tem acessibilidade às vias secundárias e locais (figura 45).

Quanto ao transporte público no vale de Chelas, a rua Gualdim Pais é servida por autocarro numero 794 (percurso Terreiro do Paço – Est.Oriente).

Além disso, mais algumas linhas de autocarros urbanos passam perto da área de estudo e servem os bairros de Madre Deus, Olaias e Penha de França, o sítio de Xabregas, sendo elas: 728 (Restelo - Portela); 730 (Picoas - Picheleira); 742 (B.Madre Deus – Casalinho Ajuda); 793 (Marvila – Est.Roma-Areeiro); 759 (Restauradores – Est.Oriente).

A estação de metrô mais próxima (linha de metro vermelha, estação Olaias) fica no noroeste de Estrada de Chelas, a cerca de 1 km andar ao pé do Convento de São Félix e Santo Adrião.

Outra estação de metrô (estação Bela Vista) está localizada a 1,2 km do Convento, seguindo a Estrada de Chelas para o norte em Av. Francisco Salgado Zenha em direção a Av. da Ucrânia.

Também vale a pena mencionar que a linha da rede de comboios suburbanos (linha de Sintra/Azambuja) passa pelo vale de Chelas. A estação de Chelas que se localiza entre o Largo de Chelas e a zona residencial da Picheleira, a partir de 2015, está encerrada.

4.1.2.3. Uso do solo e património construído

A principal concentração de diversos estabelecimentos está localizada na cruzamento da rua Gualdim Pais e rua de Xabregas (figura 46). No perímetro das ruas principais as atividades voltadas para o público predominam. Entre esses equipamentos públicos estão Museu Nacional do Azulejo, Colégio D.Maria Pia, Junta de Freguesia do Beato, Teatro Ibérico, Centro de Emprego e alguns edificações de comércio e serviço. Para o sudeste da avenida Infante Dom Henrique a área portuária ocupa todo o território costeiro.

Ao longo da rua Gualdim Pais/Estrada de Chelas veem-se muitas residências e espaços devolutos. A prestação de comércio e serviço não é muito expressiva.

Existe também na área do vale de Chelas um grande número de património construído em que há património industrial, vilas operárias, conventos, e palácios (figura 47).

4.1.2.4. Estrutura ecológica

A área de intervenção situa-se na margem do estuário do rio Tejo.

A temperatura máxima ocorre durante o mês de Agosto (29,5°C) e a mínima em Janeiro (7°C). O período mais abafado do ano dura 4,9 meses, de 11 de junho a 7 de novembro. O valor de radiação anual mais elevado é igualmente observado em Julho, sendo igual ou superior a 269 W/m².

De acordo com as rosas do vento, são predominantes os ventos de noroeste (figura 51). A maior intensidade dos ventos decorre em Julho (5,0 km/h) e a menor dá-se em Outubro (3,7 km/h). A proximidade do Oceano Atlântico contribui para que, durante o Inverno, se verifique uma fraca amplitude térmica.

A quase totalidade da área está coberta pela sistema húmido, o que cria um risco de inundações (figura 49). A rua Gualdim Pais e o beco dos Toucinheiros apresenta um ponto de máxima acumulação de águas pluviais. Por sua vez, as algumas áreas em encosta na Vila Dias, o cemitério do Alto de São João e o bairro Olaias têm a menor ameaça devido à sua localização de alta.

O período chuvoso do ano dura 9,2 meses, de 4 de setembro a 10 de junho.

A precipitação anual caracteriza-se por um excesso de água de Outubro até Março. O valor de precipitação mais baixo regista-se em Julho (3.0mm) e o de maior precipitação no mês de Dezembro (125.8mm). Pela proximidade ao Oceano Atlântico, a humidade relativa do ar em Dezembro é mais elevada do ano (84%)⁷³.

⁷³ Consultada em <https://www.ipma.pt/pt/geofisica/sismicidade/>, <http://portaldoclima.pt/pt/#>, Acesso em 25.04.2018

Vale de Chelas é o sítio onde se verifica um grande potencial paisagístico. Atualmente caracterizado por uma pequena quantidade de espaços verdes, que ficam especialmente em pequenas áreas localizadas perto de edifícios residenciais. Além disso, existem pequenas hortas cultivadas pelos moradores locais, e que se estendem pela encosta da colina até ao Bairro da Madre Deus (figura 48).



Figura 44 . Análise de cheios e vazios

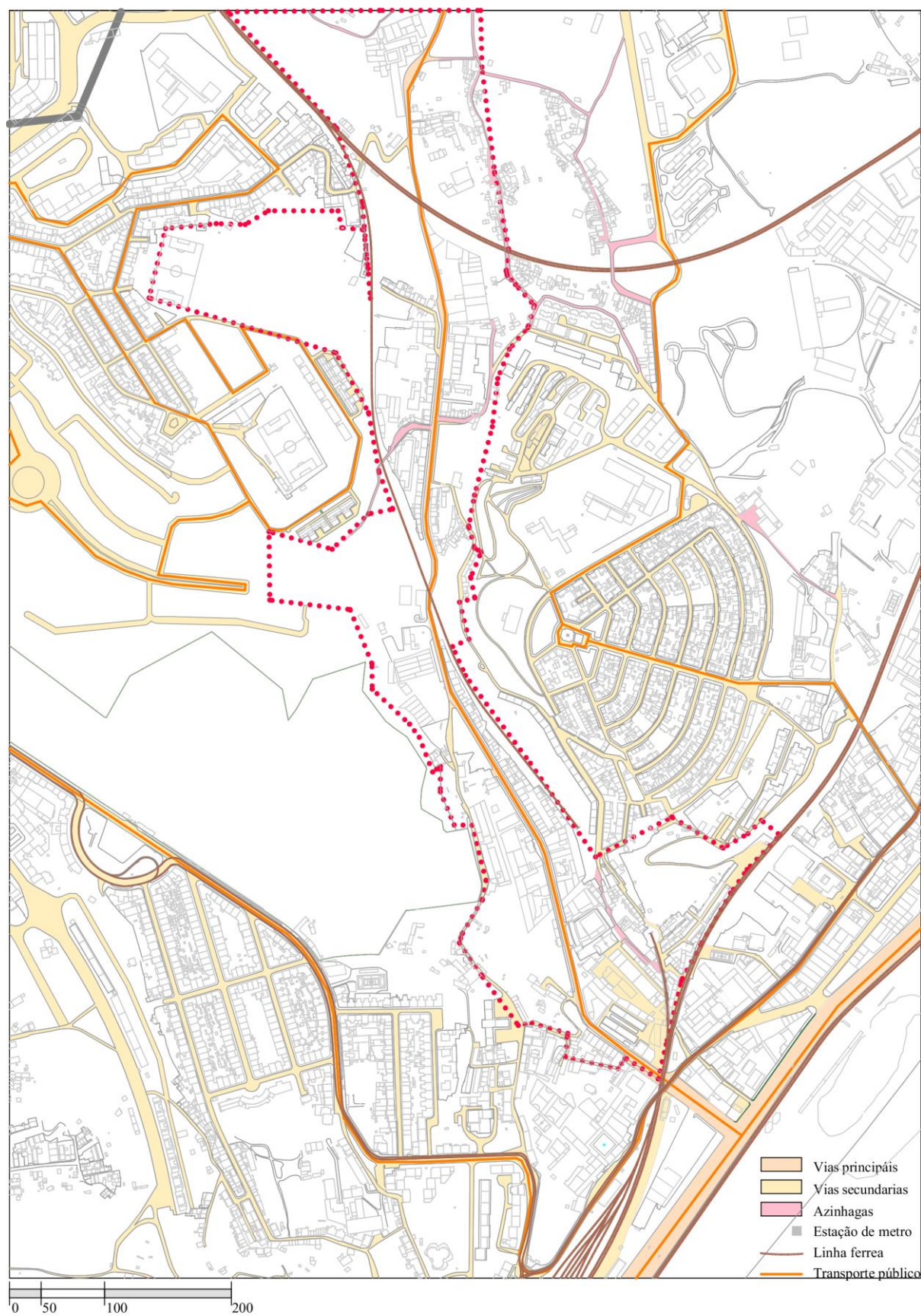


Figura 45. Anaálise de sistema viária e mobilidade

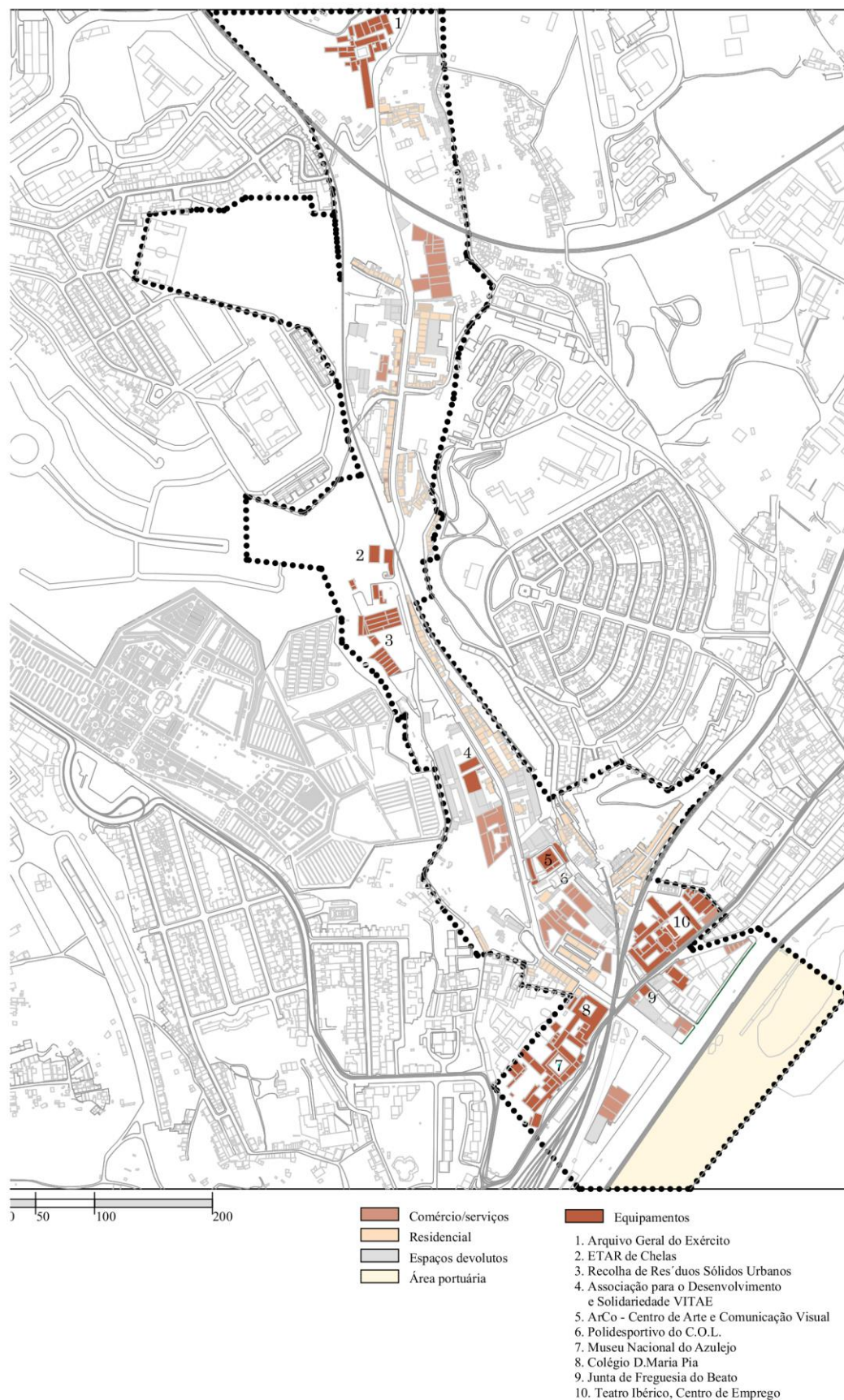


Figura 46. Anaálise de uso do solo

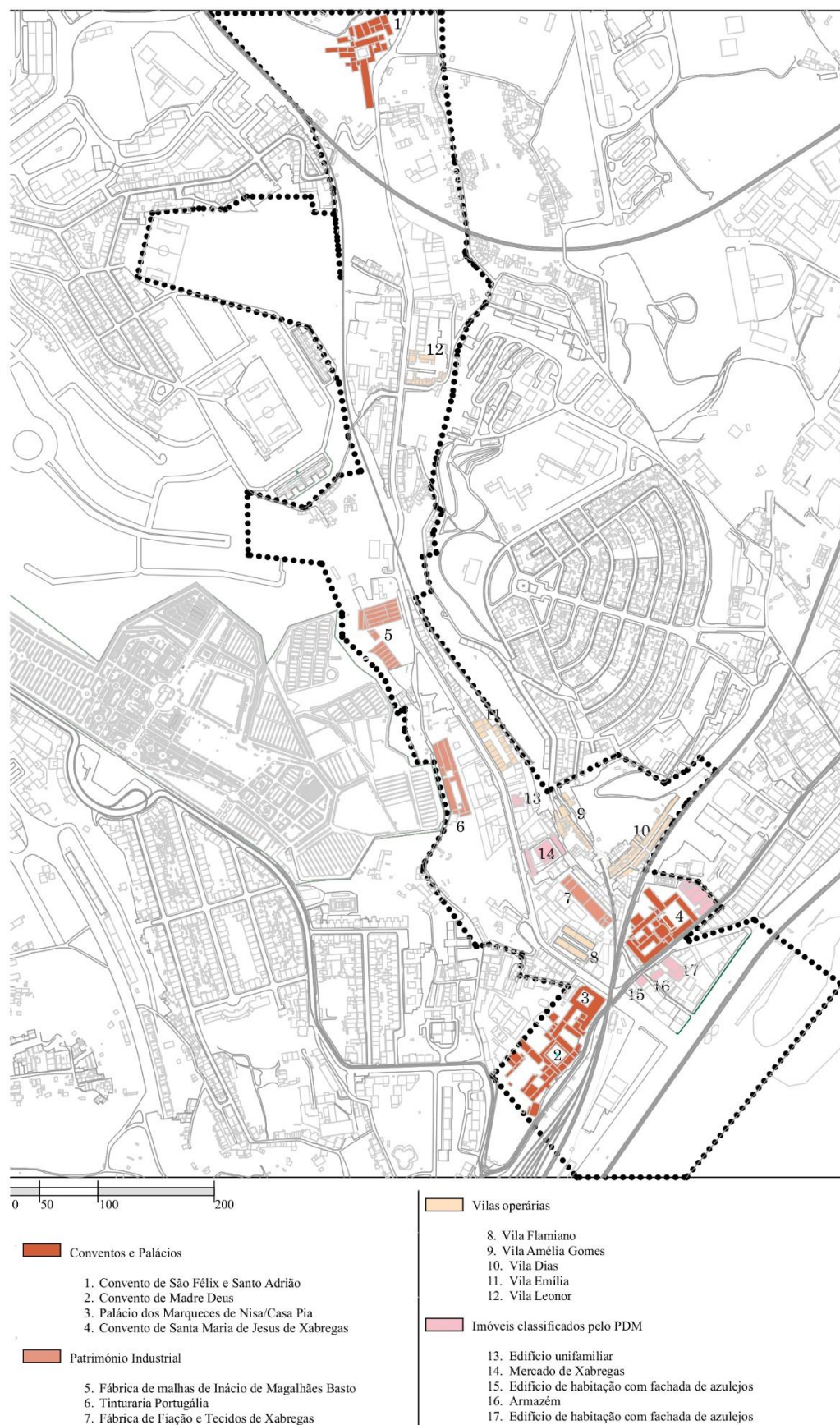


Figura 47 . Análise de património construído

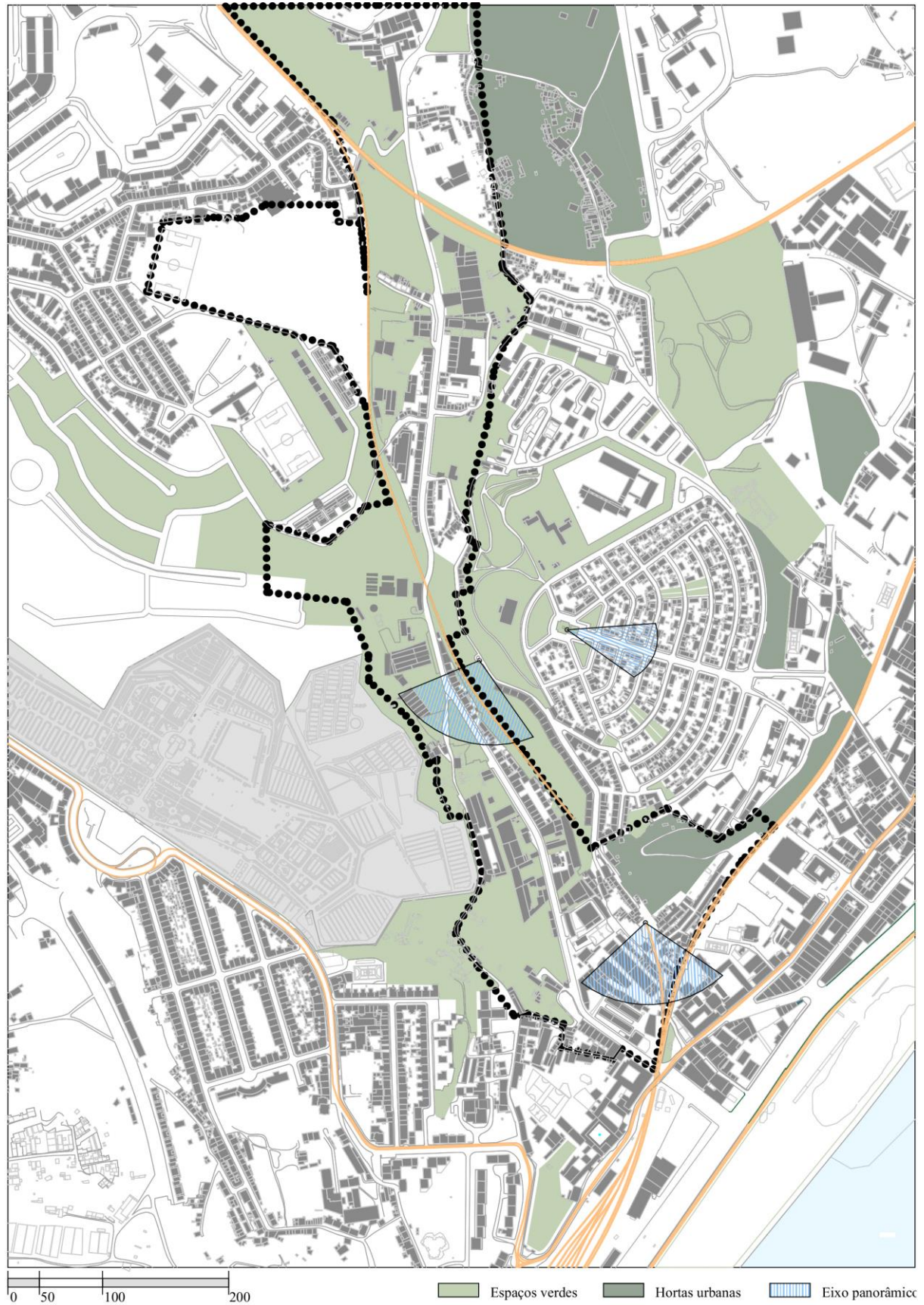


Figura 48. Análise de estrutura verde

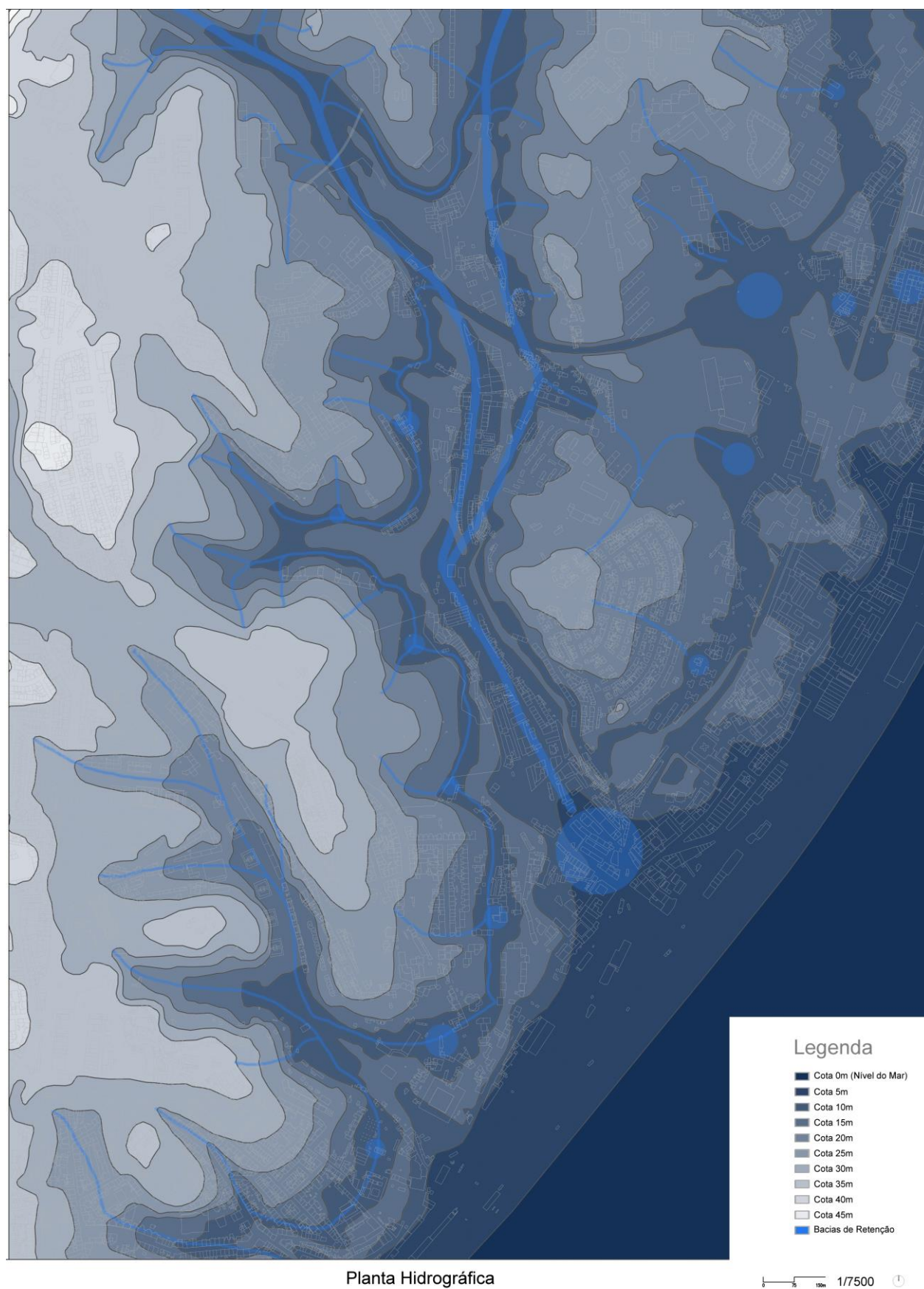


Figura 49. Planta Hidrográfica. Fonte:MIARQ5B (prof.José Aguiar e Pedro Pacheco)

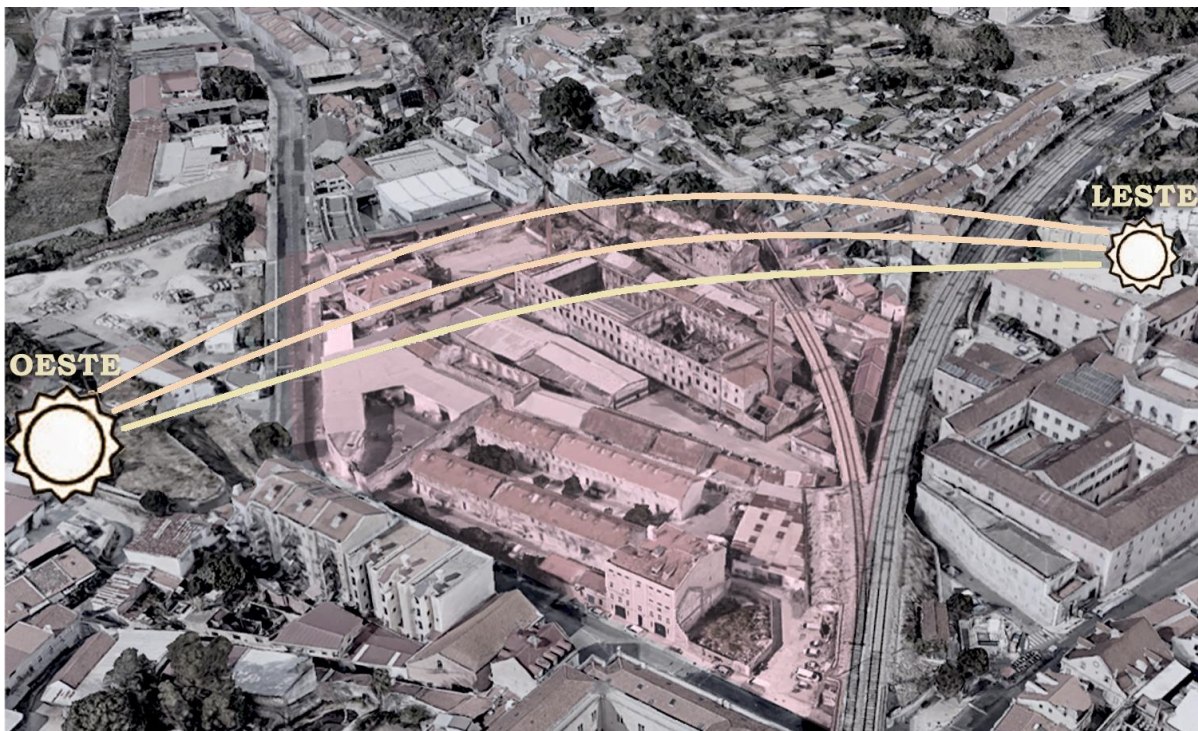


Figura 50. Orientação solar na área de intervenção

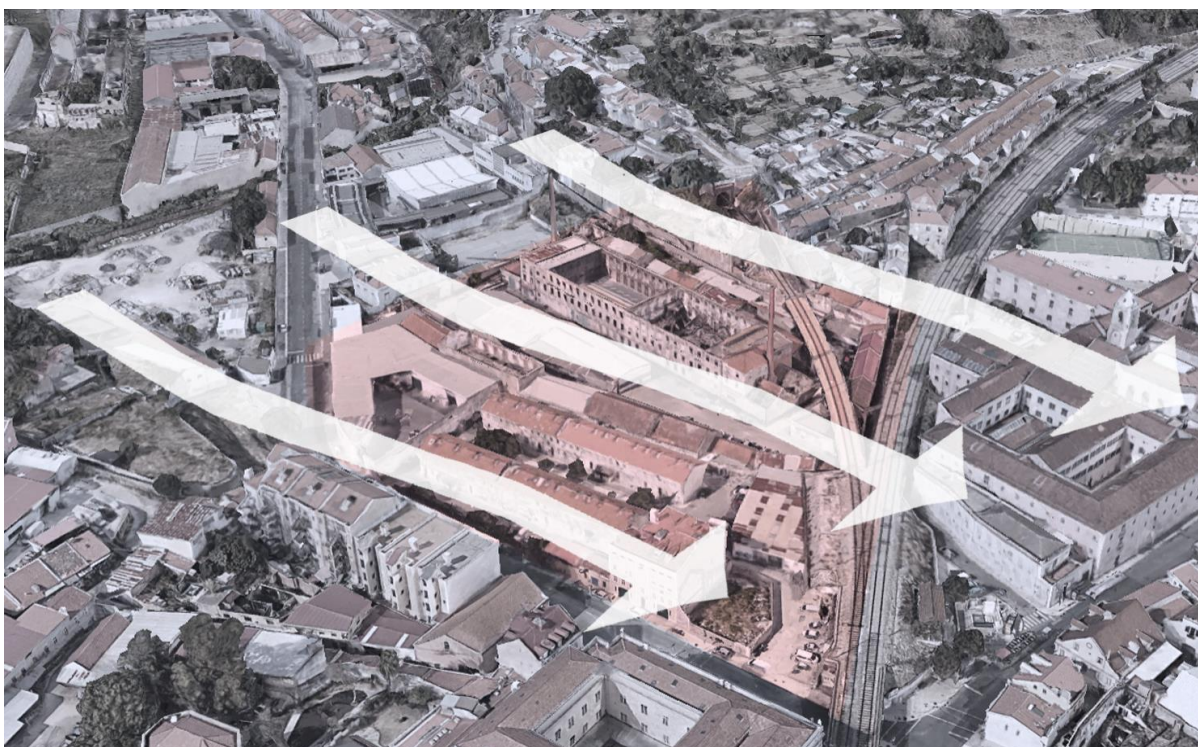


Figura 51. Os ventos dominantes presentes nesta área orientam-se maioritariamente de Noroeste para Sudeste.

4.1.3. Enquadramento Social

Segundo os dados de Censos 2011 e INE⁷⁴, na região de Lisboa a percentagem de jovens de 2001 a 2011 aumentou de 14,9% para 15,5%. A percentagem de jovens do sexo masculino é superior à das mulheres, respetivamente, 16,8% e 14,4%. Na última década, o percentual da população idosa também aumentou. Em 2011, é 18,2% da população residente na região, contra 15,4% em 2001.

Área em estudo Vale de Chelas está localizada entre as delimitações administrativas do Beato e Penha da França. A análise social foi realizada com base no estudo e na comparação dos dados dessas duas freguesias.

Freguesia Beato tem a área total 1,69 km² com densidade: 5 177,6 hab/km². O território é habitado por 12.737 pessoas, das quais 5,897 são homens e 6,840 são mulheres. A população de 0 a 14 anos é de 10,5%, de 15 a 65- 66,4% e 65+ é de 23,1%. Índice de envelhecimento é 216,6.

Penha de França é caracterizada pelo 2,71 km² de área e 27 967 habitantes, entre os quais 12, 470 são população de homens e 15,497 são mulheres. A maior percentagem - 61,3% da população na freguesia compõe a geração de 15 a 65 anos. A população de 0 a 14 anos tem 9,03%, e a geração de mais de 65 anos tem 29,67%. O índice de envelhecimento excede ligeiramente o índice da Freguesia do Beato e é igual a 246,7.

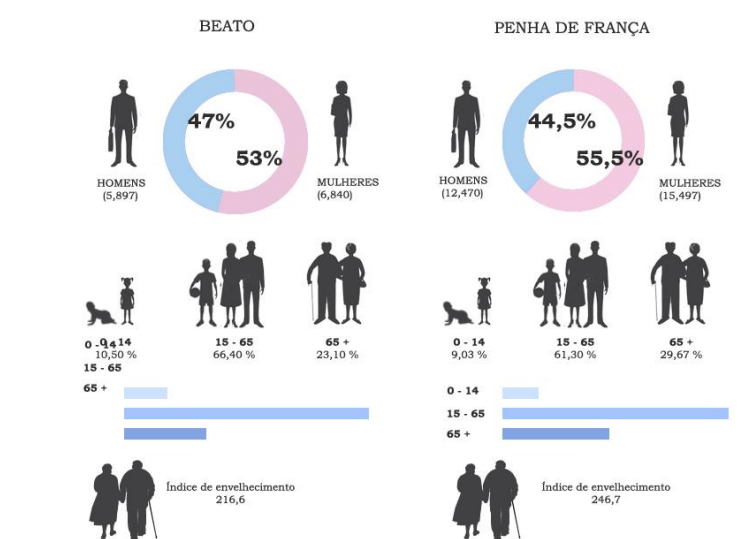


Figura 52 . Análise social dos freguesias Beato e Penha de França

⁷⁴ Consultada em https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=ine_main&xpid=INE

4.2. Levantamento Arquitectónico e Análise Espacial do lugar de intervenção

A área em análise localiza-se na freguesia do Beato, pertencente à Zona Oriental de Lisboa. O local está implantado a 300 metros da zona portuária do rio Tejo entre os principais instalações culturais da área, Convento de Madre Deus (agora o Museu do Azulejo), Palácio dos Marquês de Nisa (actual Colégio Dona Maria Pia) e Convento de Santa Maria de Jesus (Teatro Ibérico e a Mediateca de Formação).

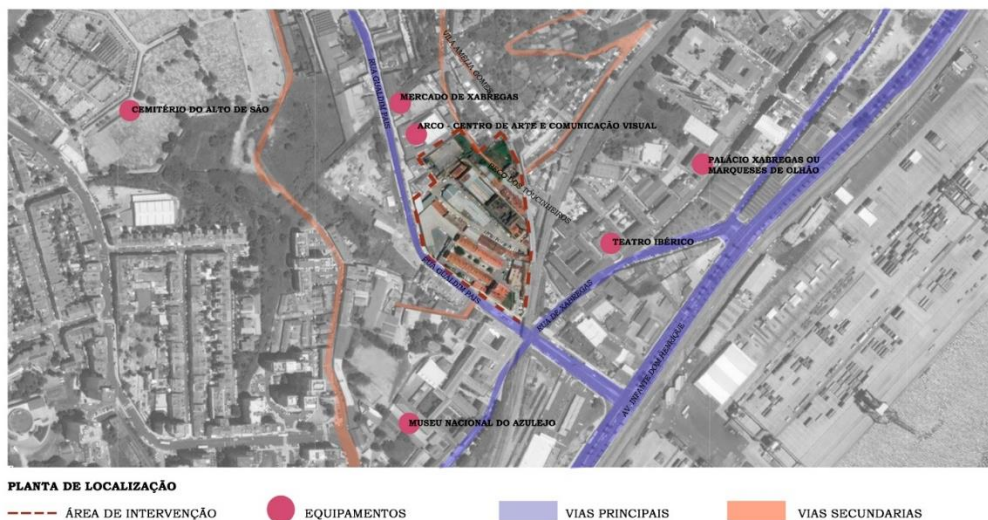


Figura 53 .
Contextualização do lugar

Até à data neste sítio, está localizada a antiga Fábrica de Fiação e Tecidos de Xabregas conhecida como fábrica da Samaritana ou fábrica do Black que actualmente é ocupada por oficinas e armazéns. Em torno dessa instalação ficam os edifícios auxiliares que foram usados como oficinas, internato para aprendizes, casas das máquinas e armazéns. Neste momento, a maioria desses edifícios estão muito degradados. Alguns deles são ocupados por pequenos negócios de reparação de automóveis; os outros estão devolutos.

Também na área de intervenção contam-se as primeiras vilas operárias de Xabregas – Vila Flamiano e Vila Dias.

No lado oeste, o local é delimitado pela rua Gualdim Pais, via arterial do Vale de Chelas, e no nordeste e leste, pelo Beco dos Toucinheiros, que leva da rua de Xabregas às cotas superiores do vale, aos edifícios residenciais baixos, às vilas operárias e hortas cultivadas pelos habitantes locais.

Ao norte estão o prédio do Centro de Arte e Comunicação Visual (anteriormente o mercado de Xabregas) e o polidesportivo do C.O.L. Também no sul encontra-se o Viaduto de Xabregas em que passa uma ligação ferroviária entre Lisboa e Porto.

Durante a análise da área de intervenção e do edifício próprio da fábrica, foram observadas várias patologias. Na área de intervenção há uma vulnerabilidade a inundações. Quase todo o território está coberto pela sistema húmido. A rua Gualdim Pais e o beco dos Toucinheiros apresenta um ponto de máxima acumulação de águas pluviais.

A parte de terreno de cotas elevadas tem suscetibilidade de ocorrência de movimentos de massa em vertentes. Patologias futuras podem ser feitas por vibrações da linha férrea operacional. Vibrações essas que podem causar a fadiga e destruição da estrutura.

Em alguns edifícios, existem fissuração e destacamento de rebocos em fachadas, manchas de humidade e mofo, degradação da estrutura do telhado. Atualmente persistem vestígios de destruição da fábrica causada pelo fogo. As paredes exteriores e algumas coberturas foram preservadas, mas estão em mau estado.



Figura 54.
Vista área da estrutura da fábrica, foto de drone, 2017, ©FAUL

Sistema estrutural do edifício era constituído por paredes de alvenaria, pilares de ferro fundido e vigas de pavimento em madeira. O edifício possuía as duas filas de pilares de ferro fundido com uma abertura de 6,50 m. As suas vigas principais apoiadas em pilares formando com esses um sistema pórtico, as vigas secundárias do piso transferiram as cargas verticais para as vigas principais que descarregavam os esforços nas paredes de alvenaria.



Figura 55.
Sistema estrutural da
fábrica, 2017, ©Autor

Sistema construtivo. A fábrica destaca-se pela sua volumetria e pela presença das duas chaminés de tijolo e organização espacial.

A *cobertura* da fábrica era de quatro águas por vão em estrutura de madeira com revestimento de telhas cerâmicas. Algumas das coberturas apresentam também vestígios de antigos lanternins, características que ainda se podem observar no local. Anexas ao edifício principal encontram-se duas casas das máquinas. As coberturas no sul da fábrica são de duas e três águas e no norte são de quatro águas, revestidas a telha de Marselha, sobre um ripado de madeira. As paredes de fachada são em alvenaria de tijolo ordinário, com argamassa cimentícia e reboco de cal.

Os pavimentos eram construídos por vigas de madeira e tarugos, revestidos superiormente por tabuas soalhos. As vigas do pavimento eram perpendiculares às fachadas da rua e a sua ligação às paredes de alvenaria da fachada, apoiando-se directamente sobre a parede de alvenaria de pedra. As entregas das vigas nas paredes de alvenaria eram da ordem dos 0,25 a 0,30 m.

A fábrica tem 80 *vãos de janela* e 5 *vãos de porta* na fachada frontal, 76 vãos de janela e 6 vãos de porta na fachada posterior e 17 vãos de janela nas fachadas laterais. Cada vão correspondia a um alinhamento vertical de janelas. Todas as janelas e portas têm a cantaria em pedra e caixilharia em madeira ou de metal. Também as janelas possuem internamente na sua parte superior um arco de descarga, executados em alvenaria de tijolo.

A fábrica tinha duas *comunicações verticais*. Na parte central da fábrica havia uma escada de madeira retilínea com único lanço, com largura de 1,5 metros. Na parte sul do edifício a escada com monta-cargas foi formada com três lanços e dois patamares. A escada tinha uma largura de 1,5 metros e foi feito de madeira (Anexo3).

4.3. Programa Urbano

4.3.1. Ligação ao contexto urbano

Este projeto foi concebido tendo em conta o conceito global da cidade, que prevê uma combinação harmoniosa entre as edificações antigas e modernas e o ambiente natural. A diferença de níveis num terreno tem desempenhado um papel importante na criação do projeto urbano, da imagem artística da estrutura, sua solução tridimensional e sistema construtivo.

Acesso com automóveis até a construção principal é fornecida a partir da rua Gualdim Pais, e no cruzamento da Rua de Xabregas e Beco dos Toucinheiros. O acesso para o carregamento e descarregamento de refeitório e lojas prevê-se da rua Xabregas. O complexo tem estacionamento para 56 carros e várias miradouros.

Uma das tarefas do trabalho foi melhorar a rede pedonal na área de intervenção e criar uma ligação entre as ruas paralelas - rua Gualdim Pais,

Beco dos Toucinheiros e rua Vila Amélia Gomes. A dificuldade era que essas ruas estão em cotas de nível diferentes. A fábrica fica no terreno que tem uma inclinação pequena de norte a sudeste. Uma marcação de nível zero corresponde ao pavimento do piso térreo de um centro intergeracional.

O Beco dos Toucinheiros está localizado na cota com a qual a diferença de nível é de 7 a 9 metros. Por sua vez, a cota de nível do ponto sul da Rua Vila Amélia Gomes corresponde a 15 metros.

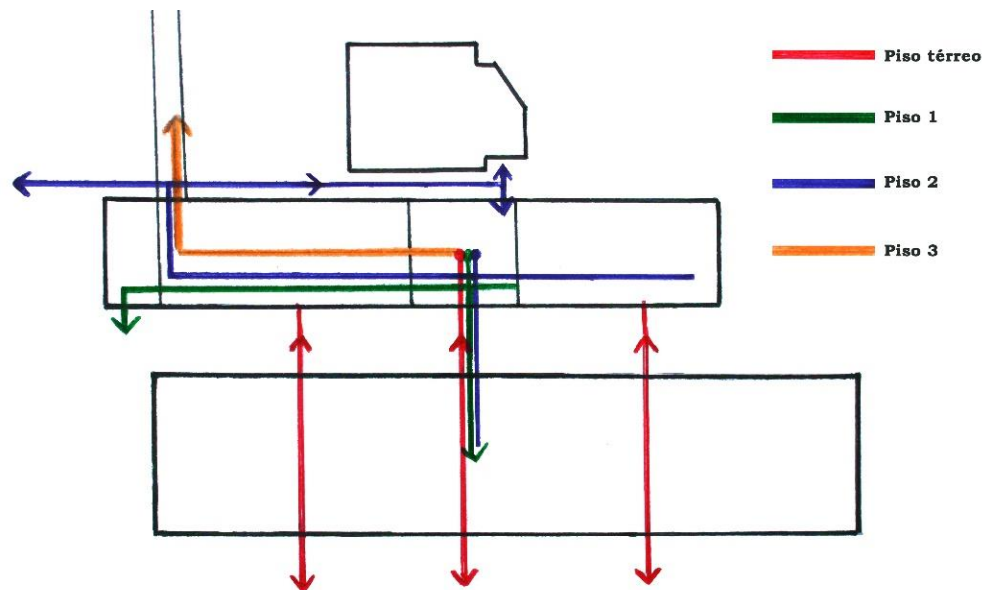


Figura 56.
Esquema de
ligação entre
edifícios e cota

Os espaços para pedestres criados no projeto oferecem navegação e acessibilidade convenientes, segurança e funcionalidade, habitabilidade e conforto, soluções ecológicas e permeabilidade do espaço urbano.

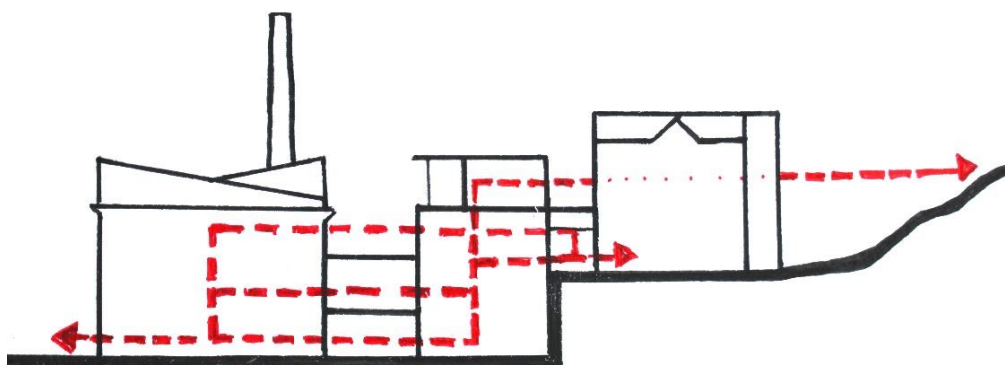


Figura 57.
Corte que mostra a
ligação entre edifícios
e cota elevada do
bairro

O complexo e a área circundante incluem os novos espaços amplos: as praças e pátios, grande número de espaços verdes, pequenas formas arquitetónicas, mobiliário de exterior, canais de água, uma fonte, espaços para sentar e relaxar.

Os psicólogos acreditam que o ambiente fornece a nossa paz de espírito. As flores nas ruas das cidades europeias são um fenómeno há muito omnipresente e mundano, mas invariavelmente atrai a atenção de agradar aos olhos e melhora o humor. As flores e árvores nas ruas da cidade trazem-nos o que o homem urbano moderno mais carece: um toque de natureza, uma lufada de ar fresco entre gases de escape e poeira, uma ilha de beleza natural entre os benefícios da civilização moderna.

Cidades ecológicas tornaram-se uma obrigação. As soluções ecológicas podem levar ao caminho do desenvolvimento sustentável - desde calçadas permeáveis e instalações de bio-drenagem que regulam o fluxo da água da chuva até à arborização urbana, o que não apenas cria sombra, mas também serve para melhorar o ambiente de cidade: melhora a qualidade do ar e da água, reduz o ruído.

A criação de canais de água na praça em frente à fachada principal da fábrica e uma pequena bacia de água no lado esquerdo de Vila Flamiano ajudarão a proteger a área de inundações durante a forte precipitação.

4.3.2. Articulação com preexistente

Na área de intervenção foram descobertas a rede dos muros antigos, que anteriormente foram usados como o suporte de terrenos. Os muros foram construídos de alvenaria seca de pedra. Construir tal parede exigiu muitas habilidades e tempo. A robustez, longevidade e, claro, a beleza dos muros são o resultado de uma seleção cuidadosa de pedras em termos de textura, forma e peso. Cada muro contribui para a criação da paisagem e refletem a história local.



Figuras 58-59.
(de esquerda para
direita)
A rede dos muros
antigos que existem na
área de intervenção.

Muro, 1966,
AML, ©João Hermes
Cordeiro Goulart, Beco
dos Toucinheiros,
Beato.

Foto actual, 2018,
©Autor

Durante o trabalho no projeto urbano, foi decidido fazer várias quebras nos muros para criar uma ligação de pedestres entre os diferentes cotas de nível no sítio. O esquema abaixo mostra os lugares das quebras alegadas nos muros.

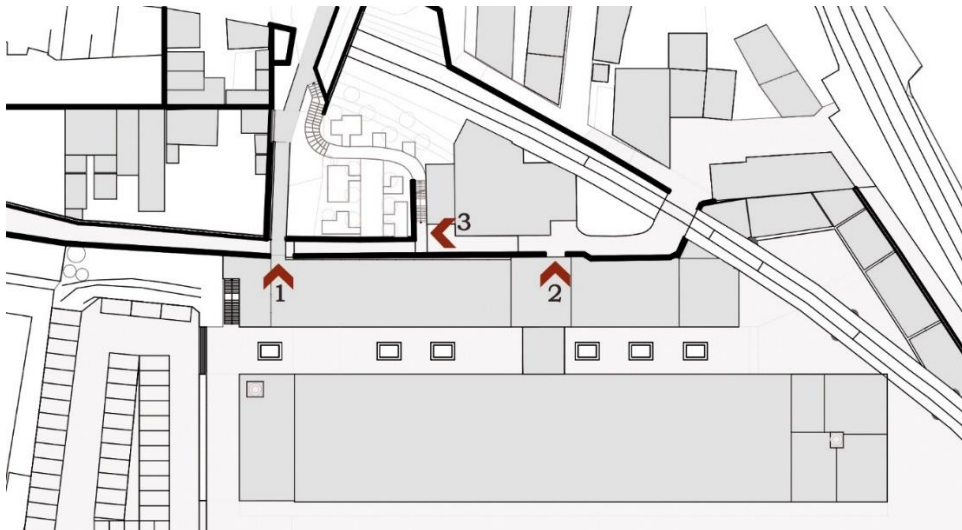


Figura 60.
Esquema das quebras
do muro

1. Entrada para o centro intergeracional do Beco dos Toucinheiros no piso 2 em nível +8,700m.
2. A entrada para o centro intergeracional através de elevador em nível + 7,000 m. Uma ligação com residência de idosos.
3. A redução o muro para colocar as escadas e limpar a fachada do edifício das massas da terra.

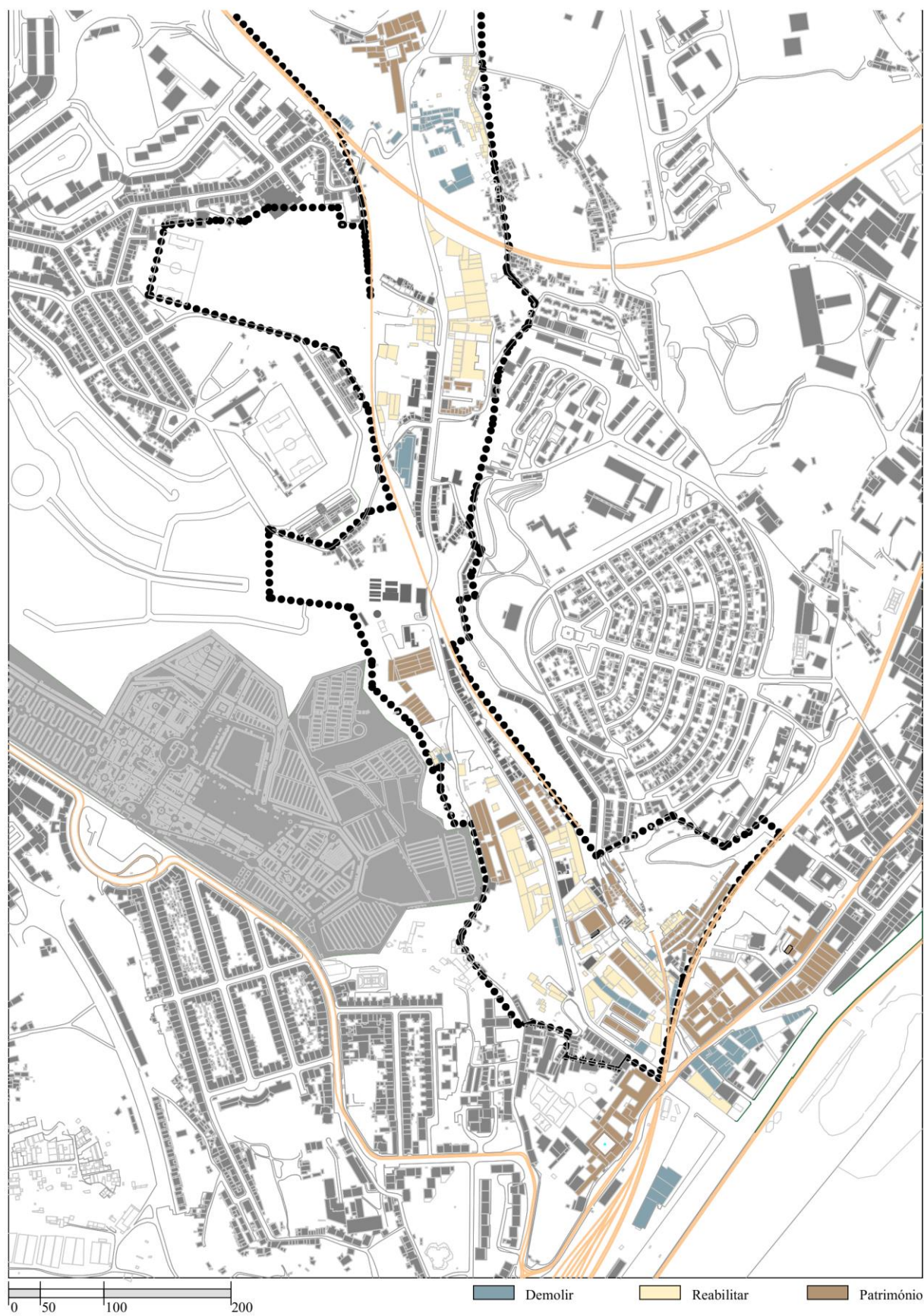


Figura 61. Ações de planeamento

4.4. Projeto de Arquitetura

4.4.1. O programa

Com base no trabalho de pesquisa realizado podemos concluir que reunir duas gerações, como crianças e idosos, é muito benéfico para o seu bem-estar e para a comunidade. Mesmo os idosos e as crianças que têm uma diferença de idade, eles têm momentos em que têm gostos e necessidades semelhantes, e eles tornando-se iguais.

O conceito principal da arquitetura intergeracional é unir as gerações através da arquitetura, em que o espaço contribuirá para a eliminação da diferença de idade, onde as gerações vão compartilhar os mesmos interesses ao mesmo tempo.

O objetivo do trabalho foi desenvolver um ambiente multifuncional que forma uma abordagem diferente para a comunicação intergeracional, recreação e aprendizagem.

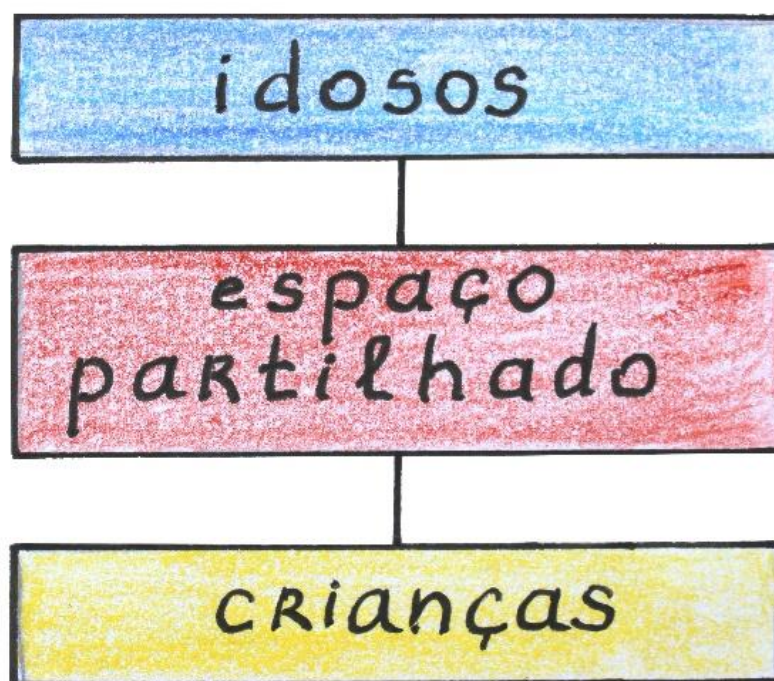
Através de conceitos como acessibilidade, funcionalidade, flexibilidade, polivalência, narrativa e os princípios básicos do design universal, foram criados os espaços para a realização umas programas de entretenimento, recreação, educação, cultura física e saúde com crianças, jovens e a população adulta da cidade.

O projeto é baseado nas características distintas de cada grupo e enfoca sua interação em espaços comuns e individuais. O Centro Intergeracional é a relação entre novo e velho, público e privado, aberto e fechado, transparência e opacidade.

As contacto visuais são muito importantes entre os grupos, a sobreposição de usos e do grupos será uma estratégia para as diferentes gerações que se unirem.

O programa de construção é agrupado em três categorias: espaço privado para idosos, espaço privado para crianças e espaço partilhado para todas as gerações.

Figura 62.
Esquema de
localização do espaço
partilhado que
aparecem entre os
espaços privados e é
um ponto de encontro
e interação geracional



Espaço privado para idosos envolve uma residência para seniores. A localização do edifício próprio na cota elevada permite ter a iluminação natural adequada em cada quarto. Essas unidades também terão vistas maravilhosas para vale, rio e a margem oposta de Lisboa. A residência foi projetada com quartos individuais e duplos, com sala fisioterapêutica, sala de estar, espaço de cozinha e jardim.

O espaço privado para crianças significa centro de desenvolvimento infantil que tem três salas para crianças de diferentes idades e um pequeno jardim no interior do edifício, mas a céu aberto. É um espaço que dando às crianças a possibilidade de estar e brincar lá fora sem sair do prédio, desde que as condições meteorológicas permitam.

O espaço partilhado inclui espaço de entretenimento e espaço de estudo. A parte de entretenimento tem o auditório que se adapta a vários eventos: conferências, triagem de filmes, concertos ou performances; arte hall; salão de crianças e parede de escalada; salão de seniores com sala de TV e DVD, espaços de leitura e de jogos; e o jardim que fica na cobertura acessível onde crianças e adultos podem crescer plantas diferentes, vegetais com as próprias mãos.

O espaço de estudo caracteriza-se as salas diferentes para as aulas de música, danças, línguas, leituras, de artesanatos como escultura, pintura, cerâmica. Também aqui incluem uma biblioteca e sala informática, as salas de aula não tradicionais onde as paredes físicas que separam as salas foram removidas e fornecem ambientes de aprendizagem flexíveis; a escola de cozinha oferece o espaço no qual as gerações podem compartilhar receitas de culinária umas com as outras e os idosos podem ensinar as crianças de assar e cozinhar; a sala de fitness, de yoga e a piscina.

As lojas, os oficinas e as cafeterias pode ser atribuído a espaços comuns. Os moradores locais podem trabalhar nas lojas e vender os produtos que produziram em seus jardins, hortas ou nas oficinas, e as cafeterias vão servir como os pontos de encontros e novos conhecidos.

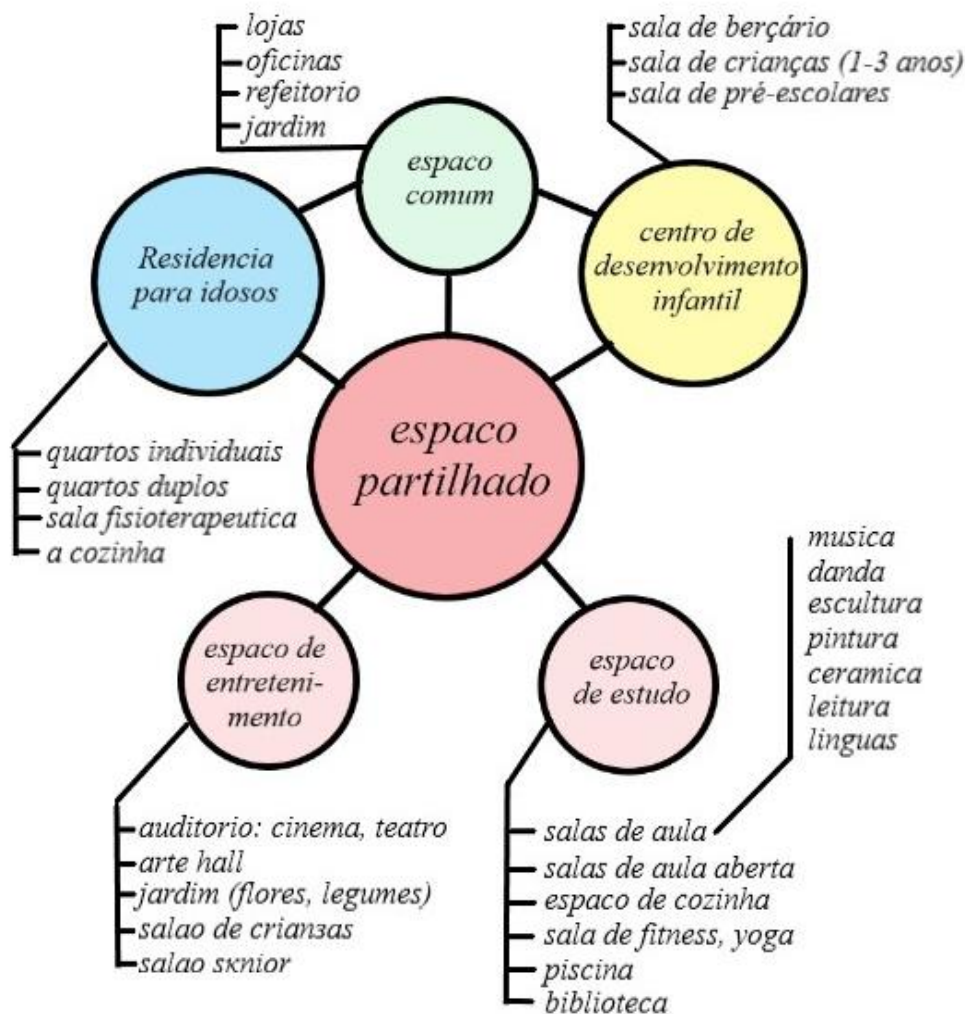


Figura 63.
Esquema de
caracterização do
programa

4.4.2. Morfologia/ Funcionamento

A área total do sítio é de 1,70 hectares. Um complexo intergeracional consiste em vários volumes de diferentes alturas e formas. Ao desenvolver o espaço, tentei manter grandes áreas visualizadas sem sobrecarregar dos detalhes diferentes e criar as formas lacônicas.

A antiga fábrica, que vai abrigar um centro intergeracional, é o volume central de uma forma retangular. As dimensões totais da estrutura são 108,0 m x 21,0 m, a altura do piso térreo é de 4,50 m, do primeiro piso é de 4,0 m, do segundo piso é de 4,1 m no ponto mais baixo e 5,80 m no ponto mais alto.

A parte central do edifício é composto por 6 núcleos de acessos - as tres entradas do pátio Black e as tres do beco interior. A entrada principal do centro intergeracional está orientada para o sudoeste à rua Gualdim Pais.

Uma das entradas laterais tem acesso ao parque infantil interior e outra é dedicada exclusivamente à cozinha do refeitório. A figura 62 mostra os acessos e a circulação do visitantes (linha vermelha) e do empregados de refeitório e administração (linha azul).

A entrada central do centro intergeracional levará-nos para o átrio espaçoso que distribui os usuários ao seu destino. No centro do salão há duas escadas com dois lanços simetricamente organizadas. Esse tipo de escada foi escolhido por conveniência dos visitantes que entraram no prédio do pátio Black e do beco da fábrica na parte de trás.

A parede pre existente que fica perpendicular da fachada principal condicionalmente divide a planta do edifício em duas partes. No lado esquerdo do prédio, logo atrás das escadas, no campo de visão dois elevadores estão localizados. Perto deles ficam os instalações sanitárias (para mulheres, homens e para deficientes).

Também neste lado há o salão sénior, parque infantil interior e a parede de escalada. Uma cafeteria que fica entre eles serve como um espaço partilhado, ou seja é um ponto de encontro e interação geracional.

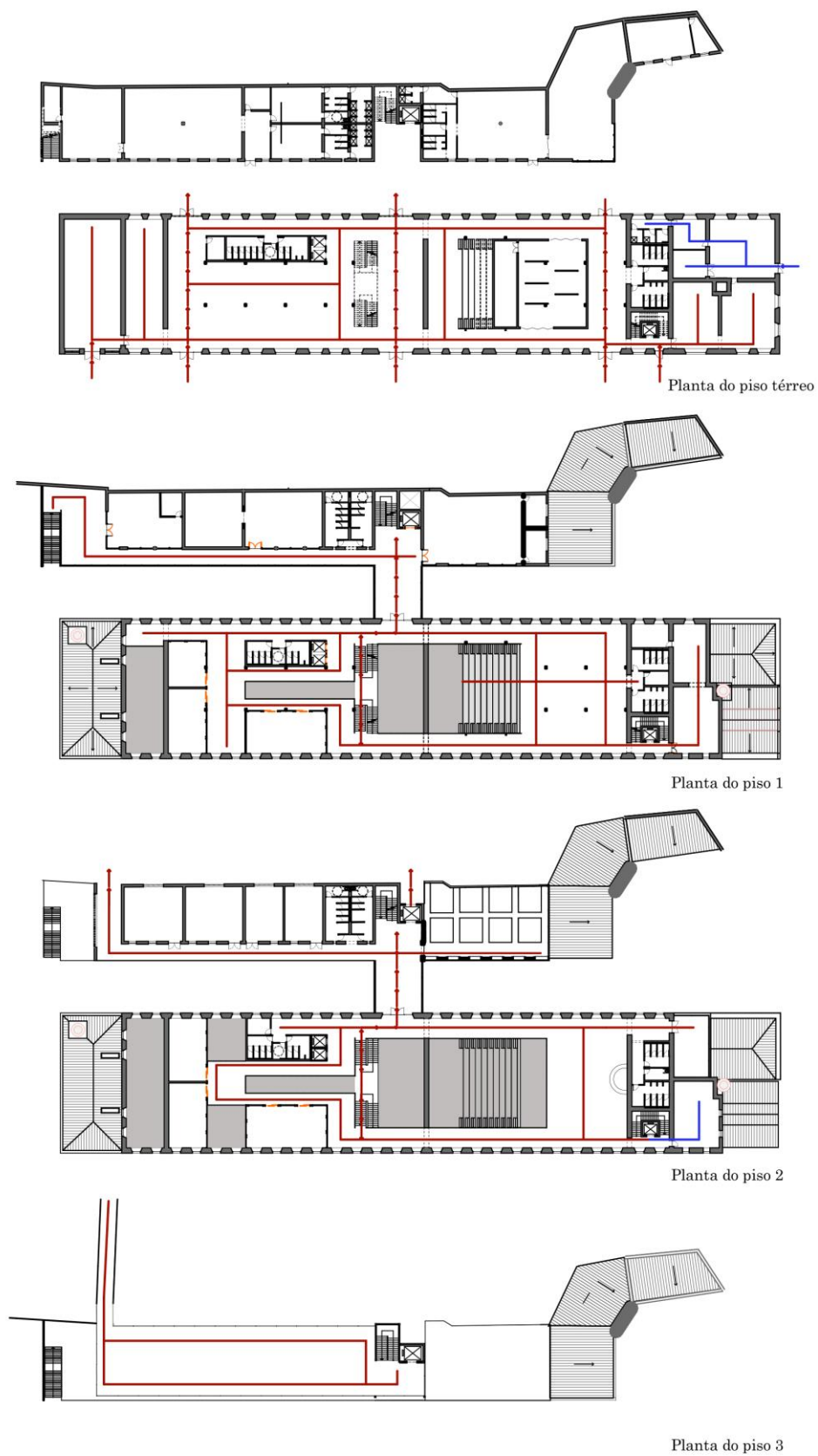


Figura 64. Os acessos e a circulação do visitantes (linha vermelha) e do empregados (linha azul).

O salão sénior é um lugar onde as pessoas idosos podem relaxar, discutir as últimas notícias, jogar cartas ou xadrez, assistir TV juntos e desfrutar de uma chávena de café na cafeteria.

No lado direito do prédio ficam o auditório aberto, uma sala de exposição, instalações sanitárias, um núcleo de acesso vertical, constituído por escada com três lanços e o elevador, o refeitório para 82 lugares e cozinha adjacente com instalações de serviço. São fornecidos os chuveiros, banheiros e uma sala para empregados de cozinha. O auditório é o espaço facilmente apropriado, escalável e adaptável. Destina-se para reuniões intergeracionais, leituras literárias, supõe-se usar uma pequena cena para realizar as performances de música, dança ou teatro. Além disso, é uma sala multimídia que tem uma grande parede branca que pode servir como uma tela para mostrar vários tipos de apresentações, filmes.

O auditório representa um átrio onde os pavimentos de primeiro e segundo andares são usados como varandas, que permite ter contato visual e assistir a apresentações e performances de qualquer piso. Assim, o espaço assume a forma de uma sala de concertos.

No primeiro piso são colocados as salas para as aulas de línguas, leituras, uma biblioteca, sala informática e instalações sanitárias. As salas de aulas são divididos em duas categorias: as salas tradicionais e as salas abertas que fornecem ambientes de aprendizagem flexíveis.

Além disso, na parte norte do edifício é um lugar para observar as actividades no parede de escalada.

No segundo piso há uma área de estúdios criativos para aulas em grupo de vários tipos de arte, uma sala administrativa, uma cafeteria, instalações sanitárias e uma saída para um pequeno terraço panorâmico, que tem uma vista maravilhosa para vale, rio e a margem oposta de Lisboa.

Todos os andares da fábrica têm as ligações diretas com o segundo prédio do centro intergeracional que contíguo à parede da azinhaga do Beco dos Toucinheiros. O edifício apresenta 3 pisos, construído no local de edifícios auxiliares da fábrica.

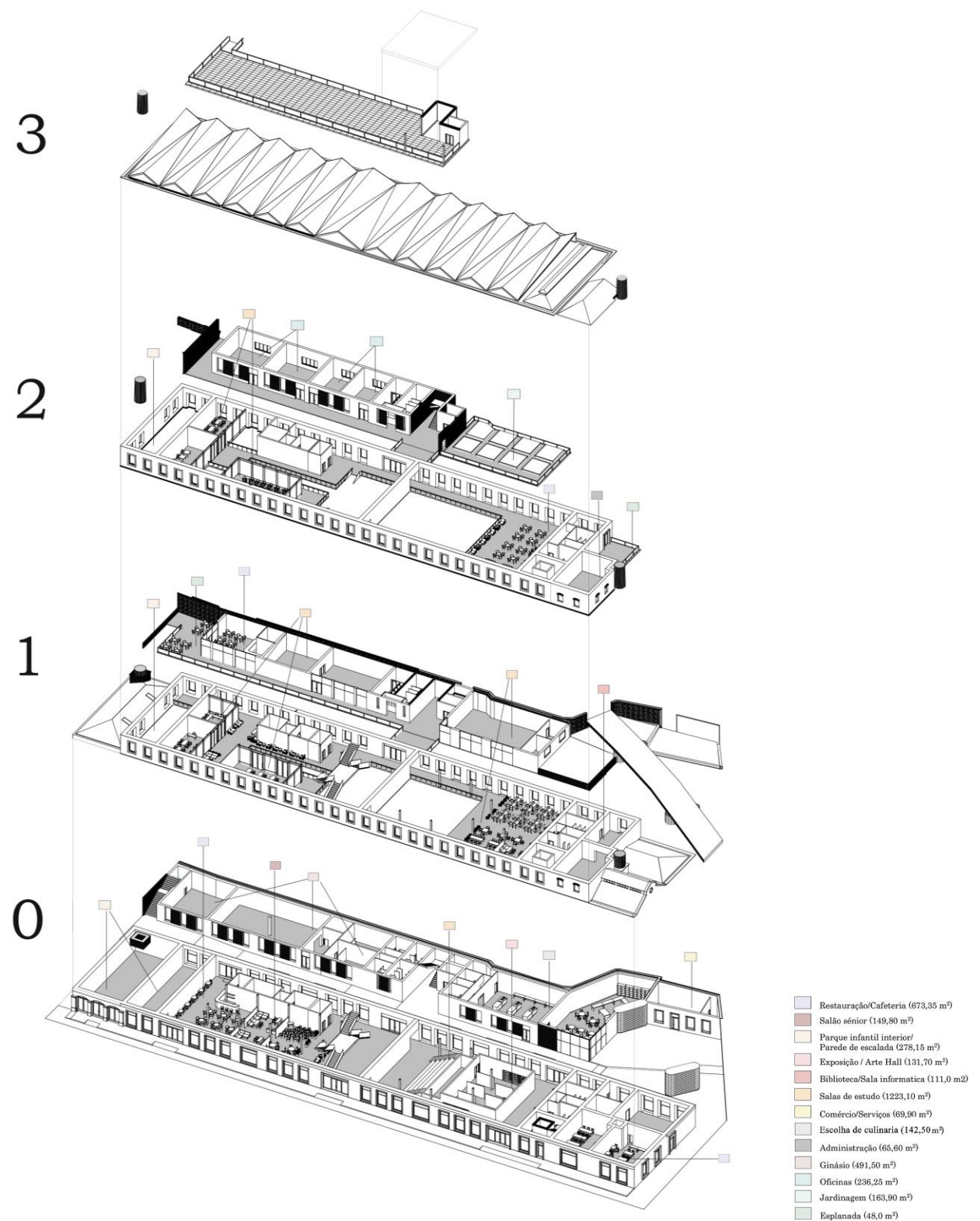


Figura 65. A isomeria da Fábrica de Samaritana e do edifício projetado

O edifício desenvolve-se a uma altura de 17,30 metros. A altura do piso térreo é de 4,60 m, do primeiro piso é de 4,0 m, do segundo piso é de 4,5 m e do último piso é de 3,90 m.

Tem um núcleo de acesso vertical, constituído por escada e elevador, que dão acesso ao Beco dos Toucinheiros, à residência dos idosos e à Vila Amélia Gomes. As dimensões do piso térreo são 86,0m x 12,10 m, do primeiro piso são 9,10 m x 66,50 m e do segundo - 11,60 m x 49,50 m. Devido às formas escolhidas, o prédio encaixa-se no ambiente e está em harmonia com ele.

O piso térreo incorpora um ginásio com duas salas, chuveiros e vestiários, e também uma escola de culinária que composto por salas de cozinha para aulas em grupo, aulas teóricas, instalações sanitárias e vestiários com chuveiros.

As salas do primeiro e segundo andares estão localizadas ao longo da galeria. Por pontes que conectam os pisos, podemos chegar das galerias à fábrica.

O primeiro piso dispõe de uma ampla sala de dança, salas de música, uma cafeteria com esplanada. A cobertura desse piso o lado sul é utilizada como terraço para jardinagem.

Entre o primeiro e o segundo andares, em nível de 6,90 metros, há o acesso ao elevador do Beco dos Toucinheiros e da residência de idosos.

O segundo andar é caracterizado pelas oficinas e tem acesso ao Beco dos Toucinheiros.

O piso superior constitui uma praça com mobiliário urbano que leva à uma ponte pedonal com uma rampa que liga o centro intergeracional com vilas que ficam em cima de vale.

No lado sul há uma fileira de prédios de um andar adjacentes ao segundo edifício do centro intergeracional, que têm os usos comércio, onde os moradores locais podem trabalhar e vender os produtos que produziram em seus jardins, hortas ou nas oficinas.

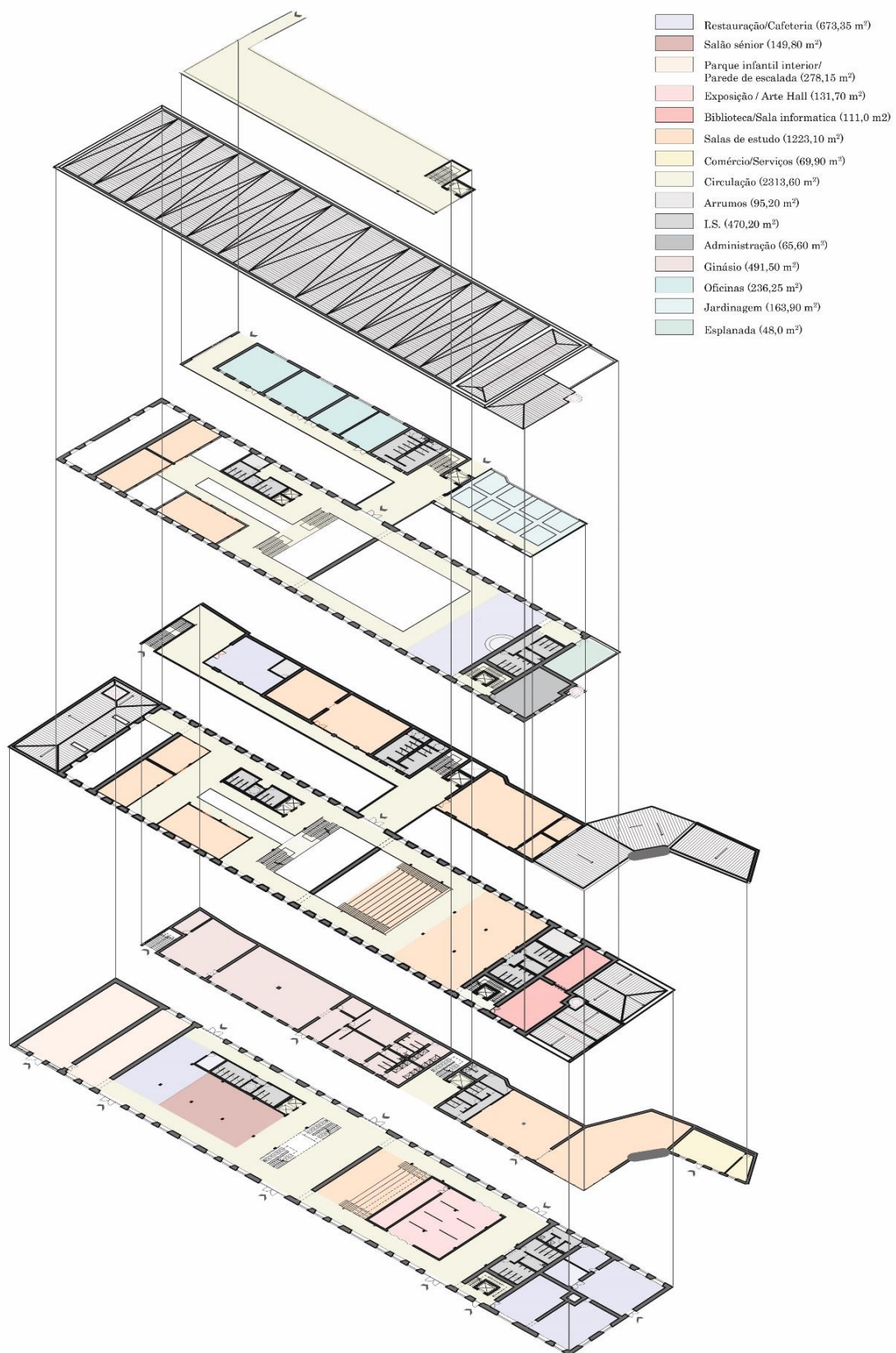


Figura 66. Planta dos usos e áreas médias

No piso térreo são projetados uma recepção, sala fisioterapêutica, sala de estar, espaço de cozinha, lavandaria, instalações sanitários e uma sala de descanso para funcionários. No primeiro e segundo andar são os três quartos individuais e sete quartos duplos com sanitários.

No lado direito do edifício é fornecido o espaço para acesso automóvel a residência, e no lado esquerdo há um pequeno jardim para descanso e relaxamento.

O edifício da piscina consiste em dois volumes, um dos quais é composto de recepção, sala de sentar, vestiários masculinos e femininos com chuveiros e instalações sanitárias. Tem uma altura de 4,50 m com dimensões gerais de 20,90 x 9,90 m.

O outro volume inclui duas piscinas de tamanhos diferentes, uma sala para um treinador e de inventário, bem como uma escada que permite chegar à arquibancadas. Desenvolve-se longitudinalmente com 10,20 m de largura e 23,30 m de comprimento. A altura até à parte inferior do telhado é 8,45 m e do topo é 10,20 m.

O próximo volume é um centro de desenvolvimento infantil que tem três salas para crianças de diferentes idades, ou seja, as salas de berçário, de crianças de 1 à 3 anos e de pré-escolares. Além disso, foi projetado um pequeno jardim no interior do edifício, mas a céu aberto, onde as crianças têm a possibilidade de brincar lá fora sem sair do prédio.

As dimensões totais da estrutura são 45,30 m x 12,0 m, e a altura é 4,70 m no ponto mais baixo e 6,90 m no ponto mais alto.

Quadro 4
Áreas do centro
intergeracional

Espaço	Áreas médias, m2
Centro intergeracional	
Restauração/Cafeteria	673,35
Salão sénior	149,80
Parque infantil interior/ Parede de escalada	278,15
Exposição / Arte Hall	131,70
Biblioteca/Sala informatica	111,0

Salas de estudo	1223,10
Comércio/Serviços	69,90
Circulação	2313,60
Arrumos	95,20
I.S.	470,20
Administração	65,60
Ginásio	491,50
Oficinas	236,25
Jarginagem	163,90
Esplanada	48,0
O edifício da piscina	
Área de piscina	227,0
Circulação	109,0
Vestiários com chuveiros	62,90
I.S.	11,30
Recepção/Administração	14,10
Sala de treinador	19,80
Arquibancadas	43,50
Centro de desenvolvimento infantil	
Sala de berçário	77,10
Sala de crianças de 1 à 3 anos	61,50
Sala de pré-escolares	103,70
Jardim no interior	104,50
Circulação	59,0
I.S.	38,20
Comércio	
Lojas	237,80
Despesas	72,75
Residência para idosos	
Recepção/Administração	29,70
Sala de estar	69,30

Espaço	Áreas médias, m2
Circulação	143,30
I.S.	7,27
Cozinha	15,0
Lavandaria	6,0
Arummo	12,40
Sala fisioterapêutica	39,50
Quartos individuais	73,90
Quartos duplos	198,60

4.4.3. Ideia Construtividade / Materialidade

A escolha dos materiais a serem incorporados no projeto teve como base tanto o respeito pela arquitetura tradicional local.

O acabamento das fachadas cria a imagem da estrutura, garante a sua individualidade e expressividade, e também desempenha a função de proteção das estruturas externas do edifício.

Para o exterior das fachadas de fábrica, é utilizada uma pintura de silicone e a pedra Lioz. As principais vantagens desta cobertura de fachada são uma proteção confiável contra a influência de altas e baixas temperaturas, luz solar, umidade, vento e outros efeitos negativos, além de dar ao edifício uma aparência atraente. Todas as janelas e portas têm a cantaria em pedra.

A cobertura da fábrica é de duas águas por vão em estrutura de aço com revestimento de alumínio. O alumínio é um metal leve, pode ser usado para o telhado de qualquer configuração. Tem a resistência à corrosão, à radiação UV, resistência ao fogo, é durabilidade e ecológico. O alumínio não representa uma ameaça para a saúde humana e não é prejudicial ao meio ambiente, existe a possibilidade de reciclar o metal. Também tem a capacidade de refletir o sol no horário de verão que reduz o custo do ar condicionado.



Figura 67.
O fragmento de
maquete que
mostra a relação
entre estrutura do
telhado novo
projetado e velho
pre existente

Uma vez que a parte central do edifício da fábrica da Samaritana tem apenas paredes externas e uma parede no meio que serve como elemento de coesão estrutural, a intervenção envolve o uso de leve estrutura metálica (pilares e vigas de aço) para criar uma estrutura dentro do edifício.

A construção metálica com estrutura leve em aço constitui uma solução que vai ao encontro do que é a construção sustentável. Por se tratar de uma estrutura leve, aponta para que o consumo de matérias-primas seja diminuto e as principais vantagens predem-se com o facto de poder ser reutilizado ou reciclado.

Vigas metálicas do perfis laminado são a base de pavimentos. As lajes serão em concreto fundido sobre chapas dobradas em ferro zincado. Esses esqueletos são resistentes ao fogo, praticamente não afetados pela umidade e muito duráveis.

Como um revestimento será usado pisos cerâmicos. Têm alta resistência, dureza, resistência ao fogo, aparência higiênica e atraente.

Para acabamento interior da cobertura foi escolhido o teto falso de alumínio que caracteriza-se pela sua versatilidade, as soluções estéticas e funcionais.

Nas salas usam-se as divisórias de vidro que agregam leveza e luminosidade aos ambientes, pois permitem a entrada de luz, proporcionam transparência visual e um contínuo ilusório de espaço, ao mesmo tempo em que proporcionam separação acústica física e moderada.

A fábrica é caracterizada pela presença das duas chaminés de tijolo de cor terracota. Por isso, os principais materiais para o segundo edifício do centro intergeracional foram escolhidos os tijolos de cores cinza claro e cinza, que irá criar uma combinação harmoniosa entre o novo e o antigo, ou seja, o edifício da fábrica e o novo edifício auxiliar.

As paredes de piso térreo e do piso 2 são em alvenaria de tijolo, com argamassa cimentícia, uma pintura de silicone ou placas de tijolo e as paredes do piso 1 são em pedra Lioz cinza-claro com envidraçamento alternada .

Algumas paredes são feitas de alvenaria perfurada, o que é uma parede de tijolo com muitos buracos. Ao longo do dia, as telas de tijolos lançarão uma miríade de sombras exóticas que vão preencher os espaços com padrões geométricos.

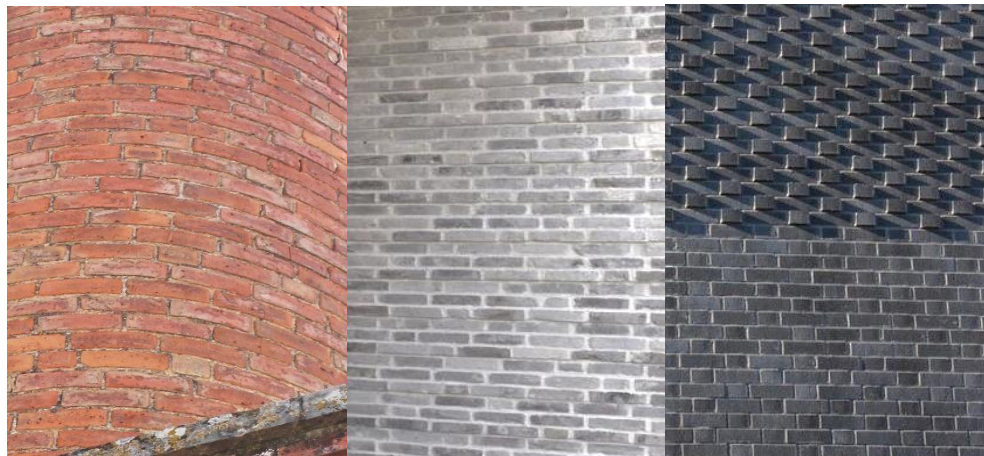


Figura 68.
Os tijolos de
cores diferentes

As paredes do jardim interior do centro desenvolvimento infantil também são feitos de alvenaria perfurada para reunir o design da fábrica e dos edifícios em torno.

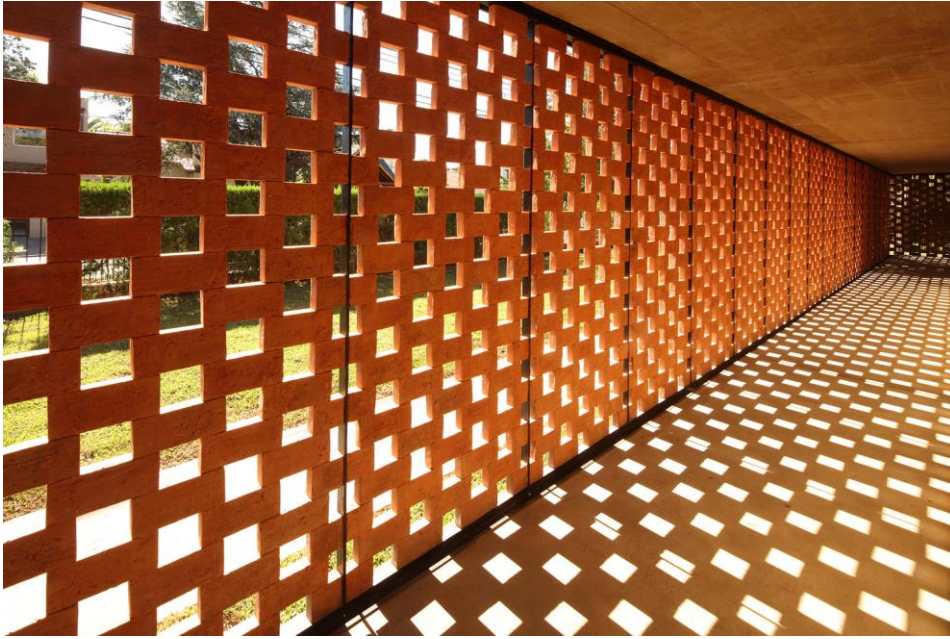


Figura 69.
As paredes de
alvenaria perfurada,
©Gustavo Sosa
Pinilla

Os pavimentos dos pisos são feitos de betão armado e da cobertura acessível é feito de pavimentos drenantes de resina (piso fulget) à base de resina é muito mais resistente às intempéries, como chuva e vento. O Fulget é o resultado da combinação de cimento, aditivos e granulados de pedras naturais. É excelente para áreas externas por sua textura áspera e antiderrapante e pode também ser usado em fachadas ou em pisos internos.



Figuras 70-72.
Os revestimentos
que foram usadas
no projeto

(de esquerda para
direita)
Pavimento drenante
de resina (piso
fulget)

Piso ceramico

A pedra Lioz

5. SÍNTESE

A necessidade de autoidentificação de uma determinada comunidade, nação ou povo é colocada na transmissão da memória de uma geração para outra geração sobre as realizações mais valiosas da cultura material e espiritual da humanidade, chamada de "herança cultural". Um lugar de destaque neste processo ocupa a arquitetura industrial, que é o resultado de uma revolução industrial e do progresso tecnológico, que formam a base do desenvolvimento moderno da civilização.

Nas condições de crescimento constante do processo de desindustrialização, a necessidade de reavaliar o uso de edifícios industriais está aumentando substancialmente. Neste caso, a reutilização adaptativa pode ser a única maneira de preservar o significado de Patrimônio industrial, "(...) é maneira de o tecido do prédio ser devidamente cuidado, revelado ou interpretado, enquanto faz melhor uso do próprio prédio" (Australian Department of the Environment and Heritage, 2004, p. 3 (tr.))⁷⁵.

Recuperando os propósitos iniciais da presente dissertação, investigação do conceito "reutilização adaptativa", leva à preservação da autenticidade e a divulgação do contexto sócio-histórico do patrimônio industrial, porque estes edifícios são evidência de um período brilhante de crescimento econômico e uma mudança na ordem social.

Usando o exemplo do projeto apresentado, podemos concluir, que as estratégias de arquitetura intergeracional permitem adaptar e harmonizar (re)uso do complexo industrial (neste caso, a fábrica da Samaritana), à estrutura da cidade moderna, ligar o lugar ao contexto urbano, ou seja dar à fábrica "uma segunda vida", sem perder o significado e valor do lugar.

⁷⁵ Tradução de autor. No original: "*Sometimes, adaptive reuse is the only way that the building's fabric will be properly cared for, revealed or interpreted, while making better use of the building itself*".

REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA

- ALVES, A. M. (2007) *Os idosos, as redes de relações sociais e as relações familiares*. In: NERI, Anita L. (Org) *Idosos no Brasil – Vivências, desafios e expectativas na Terceira Idade*. São Paulo: SESCSP.
- Australian Department of the Environment and Heritage. 2004. *Adaptive reuse. Preserving our past, building our future*. Australia. Disponível em <http://www.environment.gov.au/system/files/resources/3845f27a-ad2c-4d40-8827-18c643c7adcd/files/adaptive-reuse.pdf>.
- ARIÈS, P., (1981), *História social da criança e da família*. Trad. Dora Flaksman. 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores
- BEAUVOIR, S. d. 1990. *A velhice* Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- BOUCHENAKI, M. (2014). “*Cultural heritage and sustainable development*”. In Elena Korka (ed), *The protection of archaeological heritage in times of economic crisis* (pp. 2-9). Cambridge: Cambridge Scholars Publishing.
- BOURDIEU, P., (1978), A “juventude” é apenas uma palavra. Entrevista a Anne-Marie Métailié, publicada em *Les Jeunes et le premier emploi*. Paris: Association des Ages, 1978. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/16677551/Pierre-Bourdieu-A-Juventude-e- apenas-umapalavra>>. Acesso em: 16.04.2018
- BRANDAO, L., SMITH, V., SPERB, T. M. and PARENTE, M. A. d. M. P. 2006. *Narrativas intergeracionais*. *Psicol.Reflex.Crit.*[online], vol.19, n.1, Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/prc/v19n1/31298.pdf>.
- CARTA DE ATENAS , Carta De Atenas Para O Restauro De Monumentos Históricos, 1931, Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/CartadeAtenas.pdf>, Acesso em 17.04.2018
- CARTA DE VENEZA, 1964, Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/CartadeVeneza.pdf>, Acesso em 17.04.2018
- CHOAY, Françoise. *A Alegoria do Património*, Lisboa: Edições 70, 2000.
- CONSIGLIERI, C. et al (1993), *Pelas freguesias de Lisboa : São João, Beato, Marvila, Santa Maria dos Olivais*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa-Pelouro da Educação
- COUCEIRO, J. (1998) *Urbanidade e património*. Lisboa. Igaphe Urbe.
- COUTINHO, M. P. (2010) 'Sociedade Contemporânea e a Problemática do Envelhecimento: a Importância da Solidariedade Intergeracional', *Intervenção Social - 36, Actas do seminário sobre a intergeracionalidade*, Instituto Superior de Serviço Social, Universidade Lusíada, Lisboa.

CRAVEN, J. Nov.3, 2017. "*Adaptive Reuse - How to Give Old Buildings New Life*". ThoughtCo, www.thoughtco.com/adaptive-reuse-repurposing-old-buildings-178242 .

Decreto-Lei n.º 104/2004. de 7 de Maio, Capítulo 1, Artigo 1º, 2. Disponível em https://www.parlamento.pt/OrcamentoEstado/Documents/Legislacao_PPL162/DL104_2004_a1.pdf.

Dicionário Editora da Língua Portuguesa, (2017), Porto Editora

DILTHEY, W., (1989) *Selected works. Volume I: Introduction to the human sciences*. Princeton: Princeton University Press.

Diretrizes do Desenho Universal na Habitação de Interesse Social no Estado de São Paulo, Governo do Estado São Paulo, 2010

DOUET, J. (2012) *Industrial Heritage Re-tooled: The TICCIH guide to Industrial Heritage Conservation*.

ELIAS, I.B. Aspectos históricos da conservação e restauro de objetos de carácter cultural a partir do século XIX, 2002.

Disponível em: <http://www.ebah.com.br/content/ABAAABejYAI/aspectos-historicos-conservacao-restauro>, Acesso em 13.04.2018

FEIXA, C., LECCARDI C., (2010), "O conceito de geração nas teorias sobre juventude", in *Revista Sociedade e Estado - Volume 25 Número 2 Maio / Agosto 2010*

FOLGADO, D. and CUSTÓDIO, J. 1997. *Caminho do Oriente, Guia do Património Industrial* Lisboa : Livros Horizonte.

FURTADO, M. (1997), *Do antigo sítio de Xabregas*. Lisboa: Editora Vega

FRAGNER, B., (2012), "Adaptive re-use", in *Industrial Heritage Re-tooled: The TICCIH guide to Industrial Heritage Conservation*, Douet, J., pp. 110-118

FRANK, K. I. 2006. "*The Potential of Youth Participation in Planning*." *Journal of Planning Literature* 20(4): 351.

HILL, J. *Actions of Architecture. Architects and creative users*. Routledge London and New York, 2003.

HODGSON, K. 2011. *MULTIGENERATIONAL PLANNING. Using smart growth and universal design to link the needs of children and the aging population*. American Planning Association, Chicago. Disponível em https://planning-org-uploaded-media.s3.amazonaws.com/legacy_resources/research/family/briefingpapers/pdf/multigenerational.pdf.

ICOMOS, (1981) *Carta de Burra – Carta para a conservação de Lugares de Cultural significado*, Austrália. Disponível em:

<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/03/carta-de-burra.pdf>, Acesso em 17.04.2018

ICOMOS (1993-2010) New Zealand Charter for the Conservation of Places of Cultural Heritage Value, Definitions [trad.], Disponível em: https://www.icomos.org/images/DOCUMENTS/Charters/ICOMOS_NZ_Charter_2010_FINAL_11_Oct_2010.pdf, Acesso em 20.02.2018

IHRU and IGESPAR (2010) *Património Arquitectónico – Geral [online]*, (Kits património n.º 1, versão 2.0), Disponível em <https://www.portaldahabitacao.pt/opencms/export/sites/ihru/pt/ihru/docs/publicacoes/KIT01nov.pdf>, Acesso em 02.02.2018

IHRU and IGESPAR (2010) *Património Industrial [online]*, (Kits – património, n.º 3, versão 1.0), Disponível em http://www.monumentos.gov.pt/site/DATA_SYS/MEDIA/EstudosDocumentos/KIT03.pdf, Acesso em 17.12.2017

KÜHL, B.M. "Notas sobre a Carta de Veneza". In: Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér. v.18. n.2. p. 287-320. jul.- dez. 2010, Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/5539/7069>, Acesso em 13.04.2018

LOPES, L. (2008). *Encontros Intergeracionais e a Representação Social. O que as crianças pensam dos velhos e a velhice*. Holambra - S.P: Setembro Editora.

LOWENTHAL, D. (1994) "Identity, Heritage and History", in J. R. Gillis (ed.), *Commemorations: The Politics of National Identity*, Princeton, Princeton University Press.

LOWENTHAL, D. (1996) *Possessed by the Past: The Heritage Industry and the Spoils of History*. New York: Free Press.

MARTINS, L. P. (2009) *O Loft (n)O Património Industrial (d)A Cidade*. Coimbra: Tese mestrado FCT Universidade de Coimbra.

MENDES, J. A., *Estudos do património: museus e educação*, 2ª edição, 2013, Disponível em https://books.google.pt/books/about/Estudos_do_Patrim%C3%B3nio_Museus_e_Educa%C3%A7%C3%A3o.html?id=QWAw0J4gaMkC&redir_esc=y, Acesso em 25.03.2018

NOVAES, M .H. (2005), *As gerações e suas lições de vida: aprender em tempo do viver* (org.) R.J.,Ed. Puc-Rio, S.P., Ed. Loyola

NUNES, L. (2009), *Promoção do bem-estar subjectivo dos idosos através da intergeracionalidade*. Dissertação de Mestrado em Psicologia, especialização em Psicologia do Desenvolvimento, sob a orientação da Professora Doutora Margarida Pedroso de Lima. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade de Coimbra.

OLIVEIRA, P. S. (1999) *Vidas Compartilhadas: Cultura e co-educação de gerações na vida cotidiana*. São Paulo: Hucitec/Fapesp.

OLIVEIRA, C. M. N. d. 2011. *Relações intergeracionais: um estudo na área de Lisboa*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Dissertação de Mestrado.

PAIS, J. M. (1998) *Gerações e Valores na Sociedade Portuguesa Contemporânea (Introdução)*. In José Machado Pais (Eds.), *Gerações e Valores na Sociedade Portuguesa Contemporânea* (pp. 17-58). Lisboa: Instituto de Ciências Sociais/Secretaria de Estado da Juventude.

PAIS, J. M (2001): *Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro*. Porto: Ambar.

PAIS, J. M. (2003) *Culturas Juvenis*. 2ª Edição. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

PAÚL, C. (2005). *Envelhecimento Ativo e Redes de Suporte Social*. Porto: ICBAS –UP., Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3732.pdf>, Acesso em 24.03.2018

RODRIGUES, M., *Atividades intergeracionais o impacto das atividades intergeracionais no desempenho cognitivo dos idosos*, Universidade Católica Portuguesa, Braga, 2012, Disponível em https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/13657/3/Tese_Intergeracionalidade.pdf, Acesso em 24.04.2018

SANTOS, D. de F dos., (2010), “*Relações Intergeracionais: palavras que estimulam*”; São Paulo: Pontificia Universidade Católica de São Paulo; Tese de Mestrado em Gerontologia.

SACADURA, J. P., CUNHA R., *Património da Humanidade em Portugal*, I Volume - Monumentos, Editora Verbo, 1999, 219 págs.

TEIGA, S. (2012). *As relações intergeracionais as sociedades envelhecidas*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa: Lisboa

TOSTÕES, A., “*Património moderno: a conservação e a reutilização como um recurso sustentável*”, in Joelho: Revista de Cultura Arquitectónica n.º 06, Editorial do Departamento de Arquitetura, Coimbra, 2015, p.23, Disponível em <https://digitalis-dsp.uc.pt/jspui/handle/10316.2/39906>, Acesso em 28.05.2018

TICCIH (2003) *Carta de Nizhny Tagil sobre o Património Industrial [online]*. Disponível em: <http://ticcih.org/wp-content/uploads/2013/04/NTagilPortuguese.pdf>.

VIEIRA, C. (2010). *Paredes que separam gerações: Crianças e idosos em Instituições*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Aveiro: Aveiro.

UNESCO/Brasil (2004) *Políticas Públicas de/para/com Juventudes*. Brasília – DF: CNPq/IBICT/UNESCO. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001359/135923por.pdf> Acesso em 02/04/2018.

World Health Organization (WHO) 2015. World report on ageing and health. Disponível em <http://www.who.int/ageing/events/world-report-2015-launch/en/>, Acesso em 18/04/2018.

ANEXOS

ANEXO 1. Casos de Referência

ANEXO 2. Cartografia histórica

ANEXO 3. Desenhos Técnicos da Fábrica de Samaritana

ANEXO 4. Levantamento Fotográfico

ANEXO 5. Processo de Trabalho

ANEXO 6. Maquetes

- Maquete do Vale de Chelas à escala 1:2000
- Maquete que mostram a relação da fábrica com os edifícios de apoio à escala 1:500
- Perspectivas de maquete que mostram em detalhe o território envolvente da Fábrica da Samaritana, os espaços exteriores e a relação da fábrica com os edifícios de apoio à escala 1:200

ANEXO 7. Peças Desenhadas – Paineis

Paínel 1. Análise Estratégica da Vale de Chelas. Programa Urbano

Paínel 2. Análise do conceito do trabalho. Projeto de Arquitetura.

Programa

Painéis 3-7. Proposta arquitetónica

Painel 8. Proposta arquitetónica. Ideia Construtividade / Materialidade

ANEXO 1. Casos de Referência

1. *O centro cultural do Daoíz y Velarde* está localizado em Calle Alberche, Venturada, província de Madrid, Espanha, num pavilhão do antigo complexo militar de infantaria e artilharia, lançado em 1871. Estes edifícios eram conhecidos como Docas, os quarteis do Pacífico e do Daoíz y Velarde.



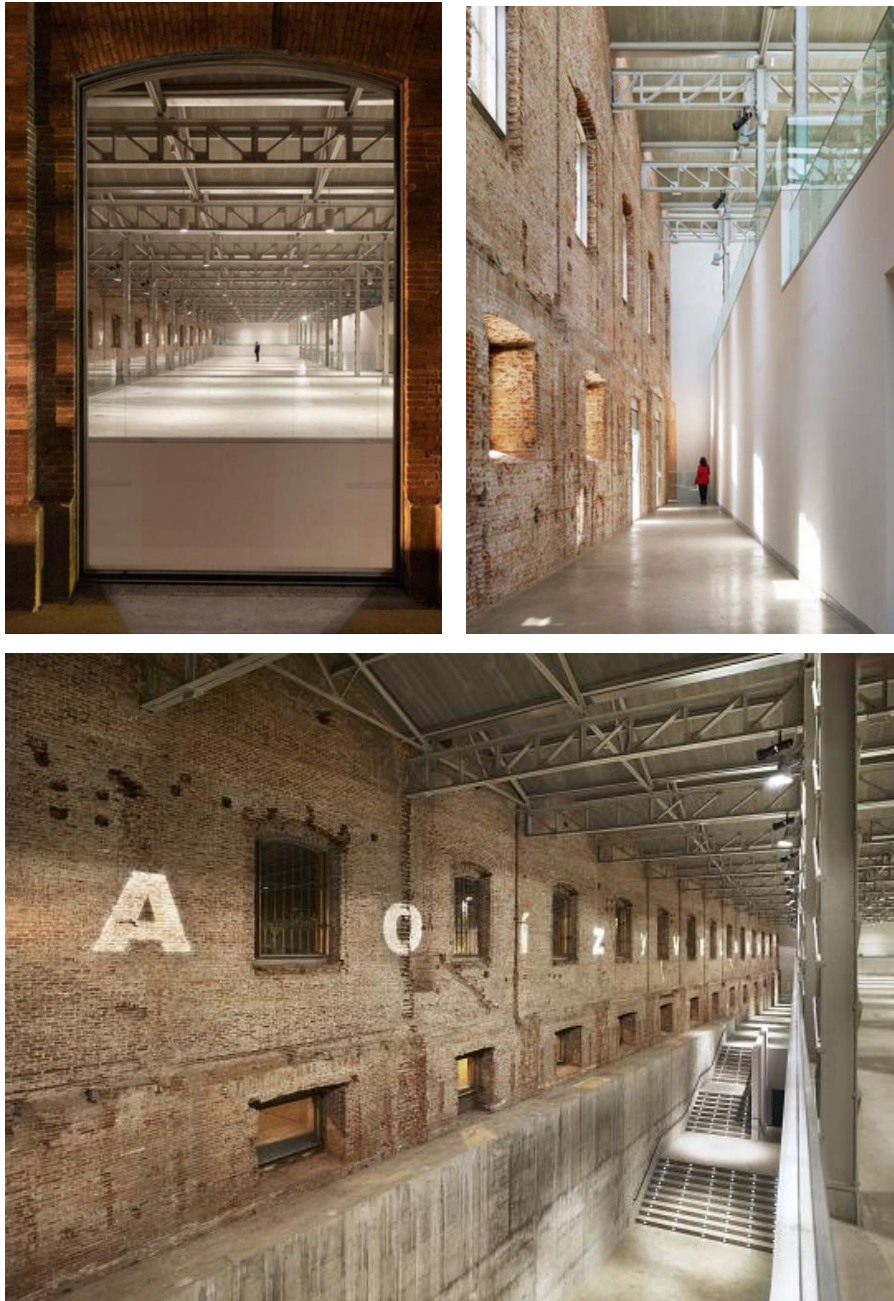
A vista do céu para o centro cultural,

© Rafaela de La-Hoz

O espaço tem uma área útil de 5.242 metros quadrados, dois teatros, além de vários espaços multiuso, salas comuns e espaço aberto. A intervenção foi realizada no interior do edifício, e a geometria principal do edifício existente - a fachada de tijolos e a construção do telhado de metal foram preservadas. Uma cobertura de alta tecnologia foi desenvolvida para

melhorar a ventilação natural e a iluminação. Um novo projeto de placa de concreto foi criado para abrigar os sistemas HVAC⁷⁶.

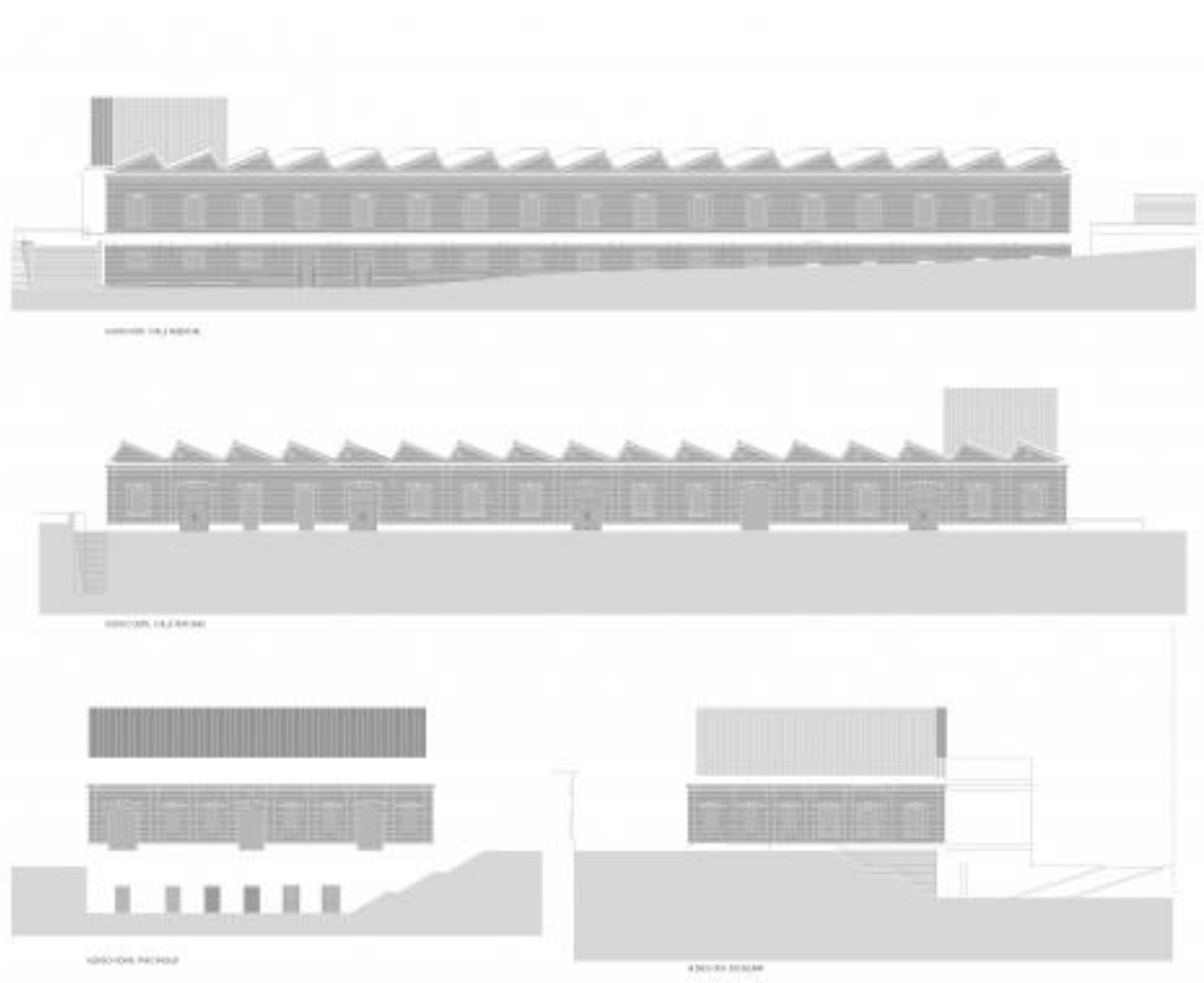
O objetivo do projeto era preservar a arquitetura industrial e o patrimônio militar de Madrid.



Os interiores do centro cultural

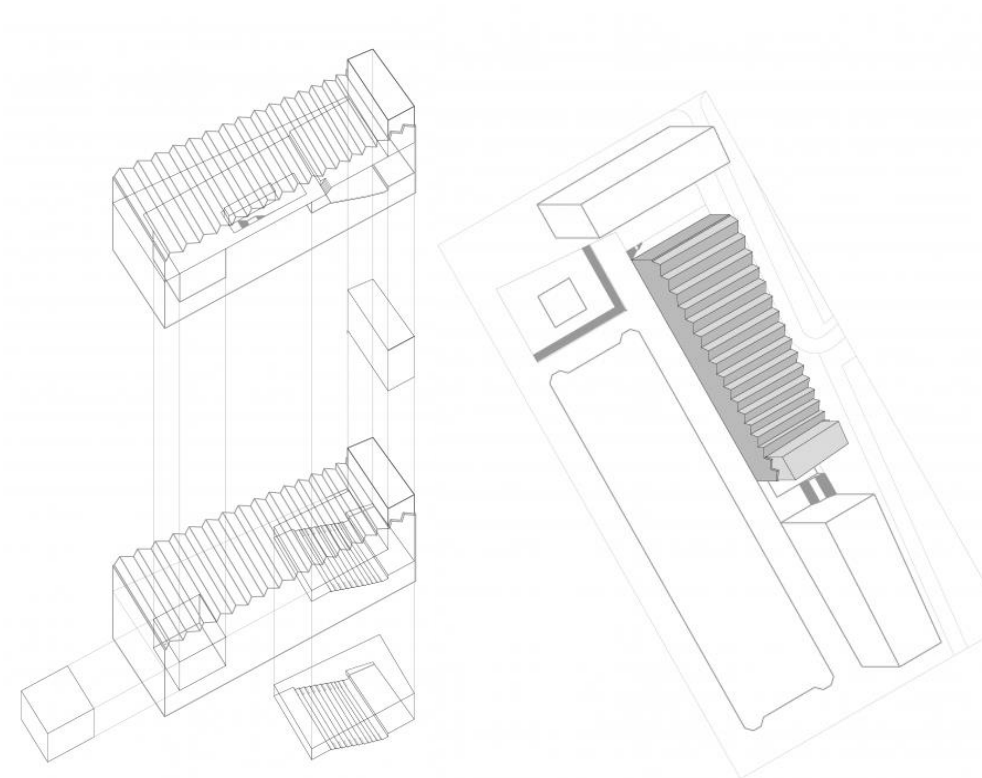
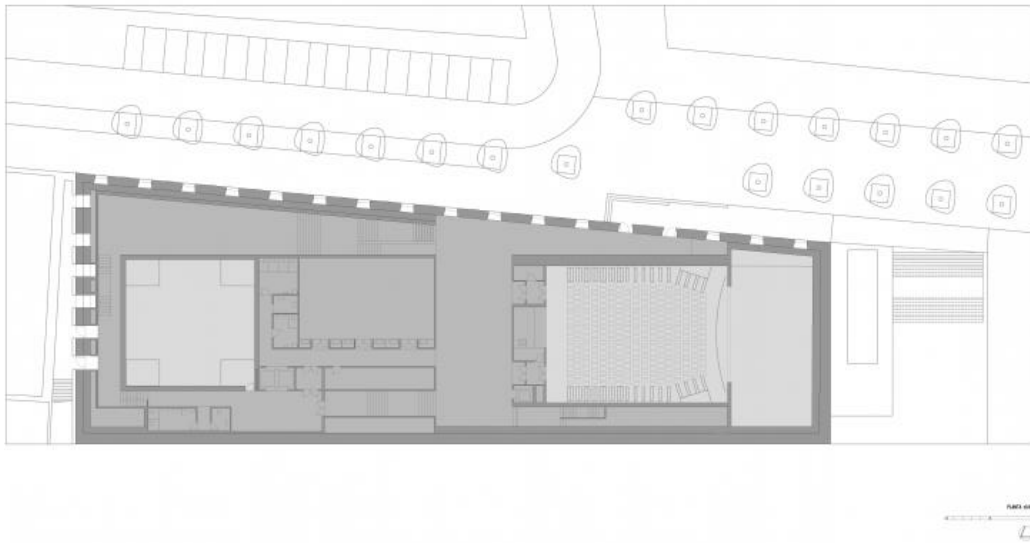
© Rafaela de La-Hoz

⁷⁶ Fontes: <https://www.archdaily.com.br/br/01-183784/centro-cultural-daoiz-y-velarde-slash-rafael-de-la-hoz>, <https://www.plazatio.com/es/proyecto/centro-cultural-daoiz-y-velarde>, <http://patrimonioba.blogspot.com/2014/03/daoiz-y-velarde-centro-cultural-por.html>, Acesso em 13.05.2018



(de cima para baixo)
A corte, os alçados do Centro Cultural Daoíz y Velarde

© Rafaela de La-Hoz

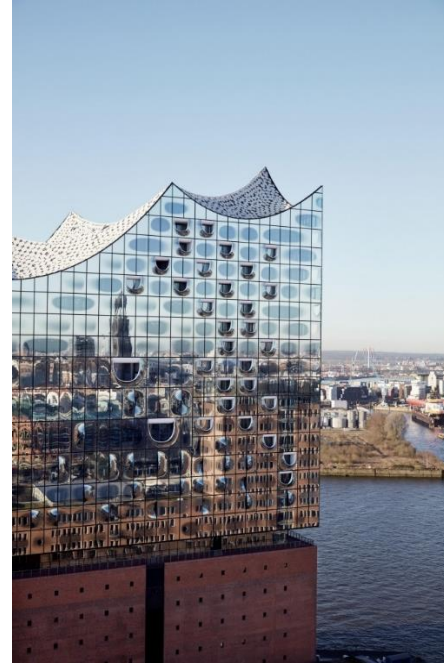


(de esquerda para direita)
A planta do piso térreo
do

A axonometria e o
modelo tridimensional

© Rafaela de La-Hoz

2. *Elbe Philharmonic Hall* localise-se no bairro HafenCity de Hamburgo, na Alemanha nas margens do rio Elba. O projeto de reabilitação foi feito dos arquitectos do escritório suíço de arquitetura - Herzog & de Meuron. O projeto durou do ano 2007 a 2017.



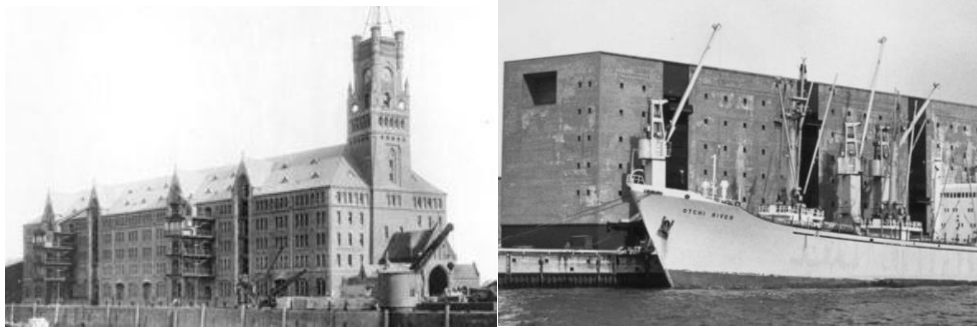
Elbe Philharmonic Hall,
2017

© Maxim Schulz

Anteriormente Elbe Philharmonic Hall foi um armazém na zona industrial ribeirinha da cidade. Actualmente é um complexo cultural que contém três salas de concerto, um hotel, 45 apartamentos particulares e o Plaza acessível ao público com um miradouro de 37 m de altura com uma visão panorâmica de 360 ° da cidade.

A peça central é uma sala de concertos de classe mundial a uma altura de 50 metros com capacidade para 2.100 pessoas, que é separado do resto do edifício por insonorização.

A Elbphilharmonie está localizada em um lugar historicamente significativo: as docas de Sandtorhafen.

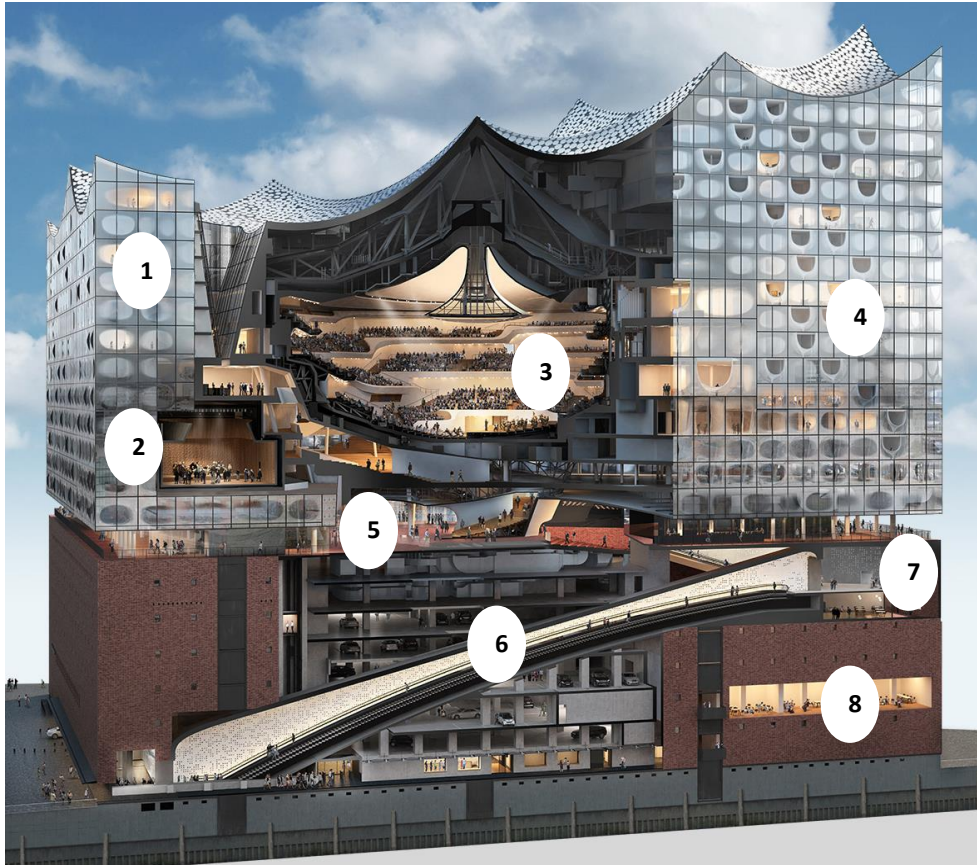


(de esquerda para direita)
O primeiro armazém
Kaiserspeicher nas docas de
Hamburgo, 1875.

O seguinte Kaispeicher,
1966.
© Zoch

Em 1875 foi construído o chamado Kaiserspeicher e serviu como o primeiro armazém nas docas de Hamburgo. Foi destruído na Segunda Guerra Mundial. O seguinte Kaispeicher A foi erguido no mesmo local em 1966.

A base do Elbe Philharmonic Hall é um armazém de tijolos de 8 andares, construído nos anos 60 do século XX para armazenar chá, café, tabaco e feijão de cacau na zona próxima do porto, e perdeu completamente sua relevância no início dos anos 90.

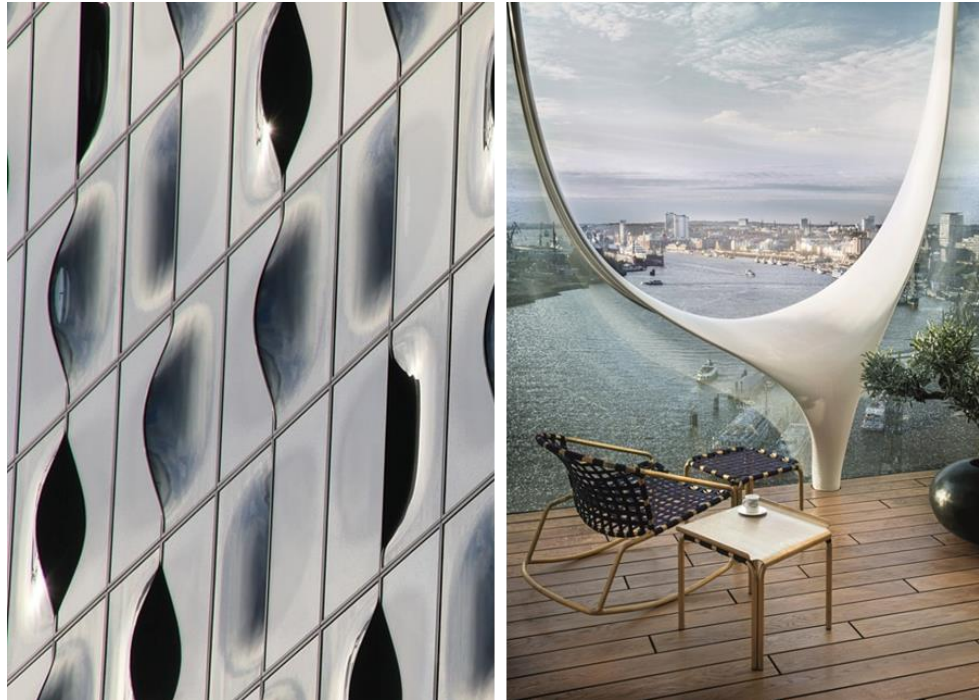


Seção transversal de
Elbphilharmonie

- 1 – hotel
- 2 - salão recital
- 3 – grande salão
- 4 - apartamentos residenciais
- 5 – plaza
- 6 – escada rolante curvada “tube” e estacionamento
- 7 – restaurantes e lojas
- 8 – studios

© Herzog & de Meuron

O novo edifício, enquanto se elevava acima do bloco de tijolos do prédio antigo com um plano de terreno idêntico, o topo e o fundo da nova estrutura são fundamentalmente diferentes da forma calma e simples do armazém abaixo: a forma ampla e ondulada do telhado aumenta a uma altura total de 110 m.



As painéis de vidro parcialmente curvos que formam ondas na fachada do edifício.

© Maxim Schulz

A parte superior do edifício consiste em painéis de vidro parcialmente curvos que formam ondas na fachada do edifício, foram marcados com pequenos pontos reflexivos cinza basáltico e refletem o céu, a água e a paisagem urbana circundante.

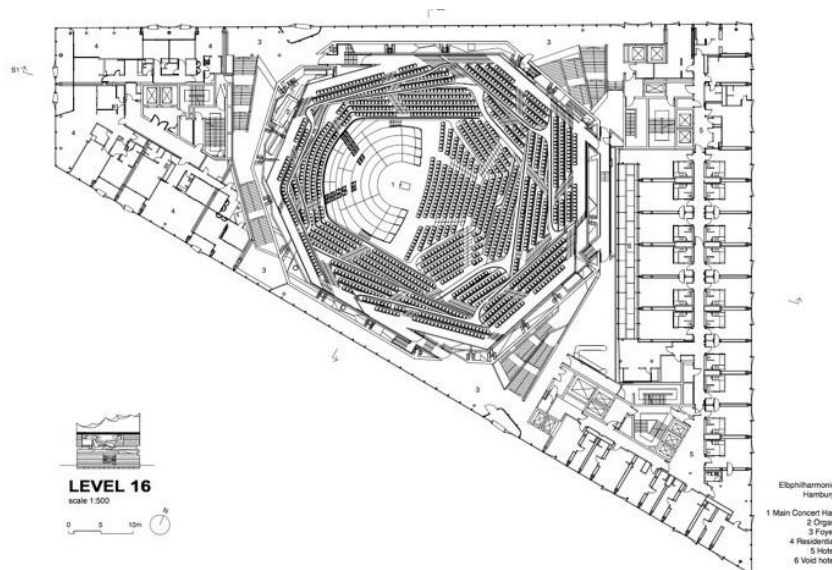
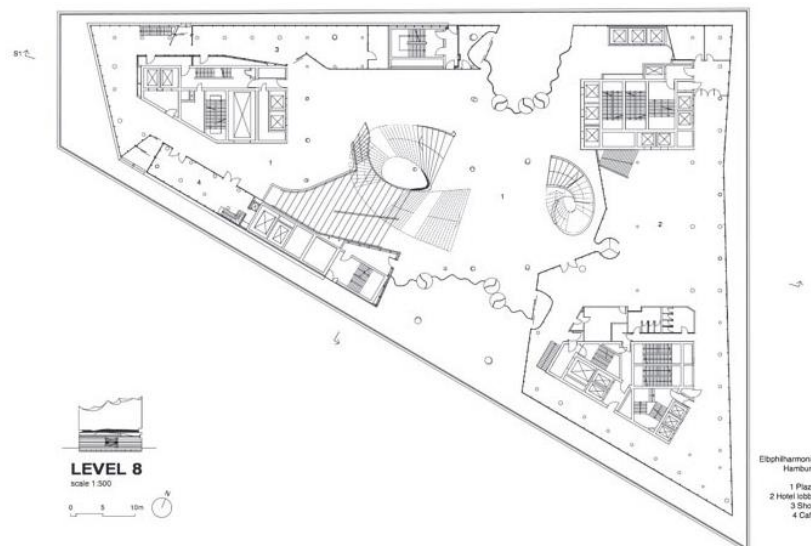
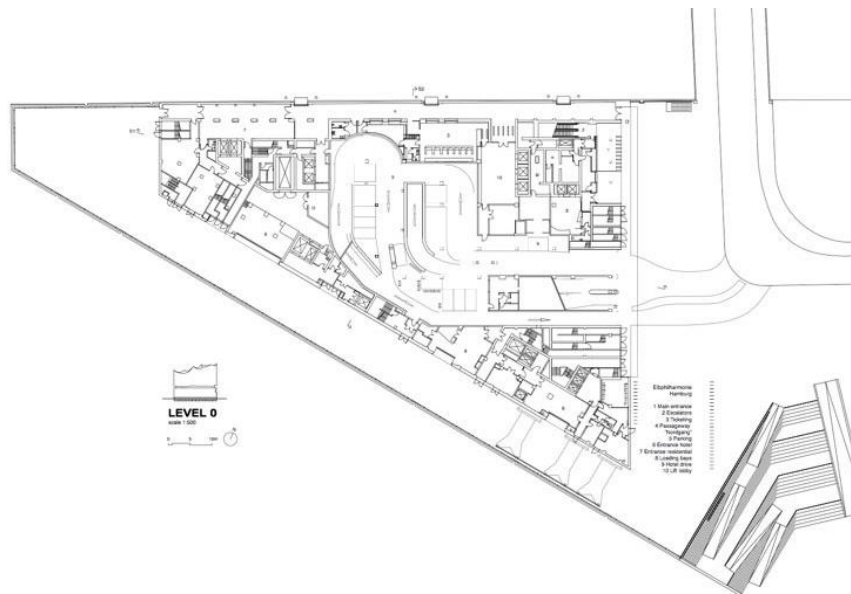
(de esquerda para direita)
As divisórias transparentes onduladas separam o vestibulo principal da parte aberta. A forma funciona como "corta-ventos".

"Pipe" com uma escada rolante.

© Herzog & de Meuron / Iwan Baan



A fachada de vidro é composta por 1100 painéis individuais, cada um com 4 a 5 metros de largura e 3 a 5 metros de altura.



(de cima para baixo)
Plantas do piso térreo,
piso 8 e piso 16

© Herzog & de
Meuron

O coração da Filarmônica é o Grande Hall com 2.150 assentos. Reflector de som suspenso acima do palco. A “pele branca”, que cobre a superfície das paredes e tectos da grande secção é constituída por cerca de 10 mil folhas de painéis de fibra de gesso.

O conceito acústico foi desenvolvido por um dos principais especialistas do mundo em acústica, Yasuhisa Toyota de Nagata Acoustics⁷⁷.

(de esquerda para
direita)
O Grande Hall do Elbe
Philharmonic Hall.
A “pele branca” da sala
de concertos é

© Johannes Arlt



3. ***Cidade Radiante (Cité Radieuse)*** é um conjunto de habitações individuais construído na lógica de uma estrutura coletiva montada sobre palafitas, com a escola integrada, hotel, restaurante, padaria, cabeleireiro, parque, biblioteca, cinema, ginásio e piscina infantil no telhado.

O edifício foi organizado para ser uma espécie de cidade independente. Apresentava funções comerciais e institucionais entre e acima dos níveis de habitação para atender a comunidade residencial.

Construído no final da década de 1940 e início dos anos 50, aspectos da estrutura do edifício refletiam os cinco pontos de Arquitetura de Le Corbusier - um conjunto de estratégias aplicadas anteriormente a projetos domésticos menores: os pilares fortes criando espaço de circulação abaixo, fachadas livres com um padrão cuidadosamente orquestrado de varandas de altura única e dupla geradas a partir de quinze tipos diferentes de

⁷⁷ Fontes:

<https://www.travel-to-hamburg.com/elbphilharmonie/>

<https://www.elbphilharmonie.de/en/elbphilharmonie>

<http://archspeech.com/article/kak-gotovili-el-bskuyu-filarmoniyu-k-otkrytiyu-drony-podsvetka-interaktiv-i-video>

<https://archi.ru/projects/world/170/zdanie-gamburgskoi-filarmonii-elbphilharmonie>

apartamentos, e o terraço do telhado recuperando a terra perdida sob o edifício para recreação.



Imagens exteriores e interiores de Unité d'Habitation em Marselha

© Vincent Desjardins

O objetivo do design foi criar uma vida social pronta, ser um lugar de interação social e felicidade coletiva. Até 1600 pessoas vivem em uma "aldeia vertical", completa, com uma rua comercial interna a meio caminho.

Neste projeto, o arquiteto introduziu o novo material - concreto bruto (béton brut) com sua textura definida pelas tábuas de madeira moldando-a quando foi derramada.

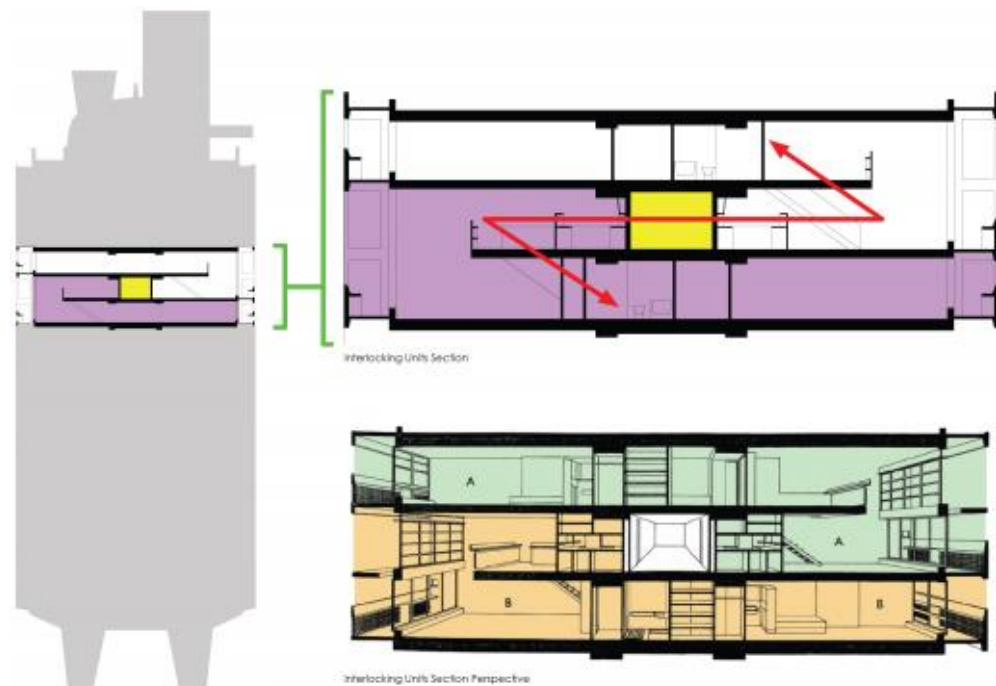
A razão para isso foi a falta de aço na França do pós-guerra para a construção de aço e a falta de mão de obra qualificada para construção consistente. Le Corbusier decidiu fazer beleza usando contraste entre crueza e delicadeza, entre o escuro e intenso.

As paredes divisórias entre os apartamentos suportam carga, libertam as fachadas e proporcionam uma sólida insonorização entre os apartamentos. Cada apartamento é separado por uma parede de 60cm de espessura e destacado da estrutura pelo revestimento de chumbo e vigas.

No uso do espaço, os apartamentos de dois andares se interligam, de modo que um corredor de entrada e uma parada de elevador são necessários apenas a cada terceiro nível.

Seção transversal mostrando o aninhamento duplex

© Gunawan
Wibisono



De um lado do corredor, você pode entrar no andar inferior de um apartamento e subir as escadas dentro do apartamento até um andar de dois andares acima.



(de cima para baixo)

Seção longitudinal de um "par de casas". Uma rua interior serve os apartamentos.

Andar do apartamento tipo superior.

Andar do apartamento tipo inferior
© Fondation Le Corbusier

Cada quarto andar, corredores mais altos e mais largos abrigavam lojas, restaurantes, escolas e instalações recreativas para os 1600 moradores da estrutura⁷⁸.

⁷⁸ Fontes:

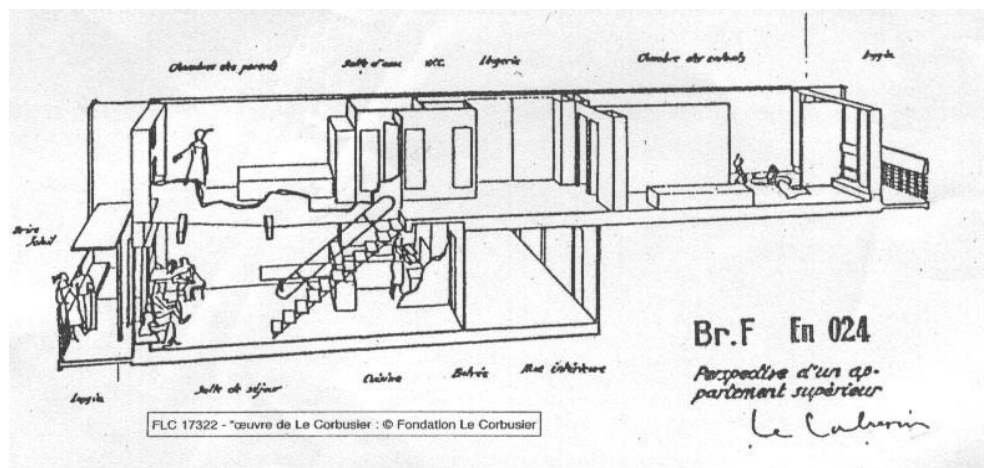
<https://99percentinvisible.org/article/unite-dhabitation-le-corbusiers-proto-brutalist-urban-sky-villages/>

<https://www.architravel.com/architravel/building/unite-d-habitation-cite-radieuse/>

<https://thespaces.com/apartment-in-le-corbusiers-famous-la-cite-radieuse-lists-for-e598k/2/>

<https://www.theguardian.com/money/2007/feb/11/observercashsection.theobserver4>,

Acesso em 10.12.2018



(de cima para baixo)
Seção transversal do
quarto duplex.

Terraço no telhado,
simulação de
computador

O telhado da Cidade
Radiante

© Fondation Le
Corbusier, Vincent
Desjardins



Interiores dos quartos do
Cidade Radiante
© Architecture de
Collection

4. *O centro multigeracional da SkyView* de 100.000 pés quadrados localizado na cidade de North Las Vegas. Representa um ambiente seguro, convidativo, confortável e flexível. Existe um ambiente natural em torno do edifício.

É um lugar onde as pessoas podem andar e se conectar com seus amigos e familiares, o lugar que tem diferentes tipos de atividades ao ar livre.

Os arquitetos tentaram evitar qualquer tipo de corredores ou corredores estreitos onde não há chance de interações ocorrerem.



A vista geral do centro intergeracional.

© LGA

Os espaços de circulação estão abertos. O espaço comunitário com os diferentes espaços do programa é organizado em torno do corredor comunitário com paredes de vidro transparentes.



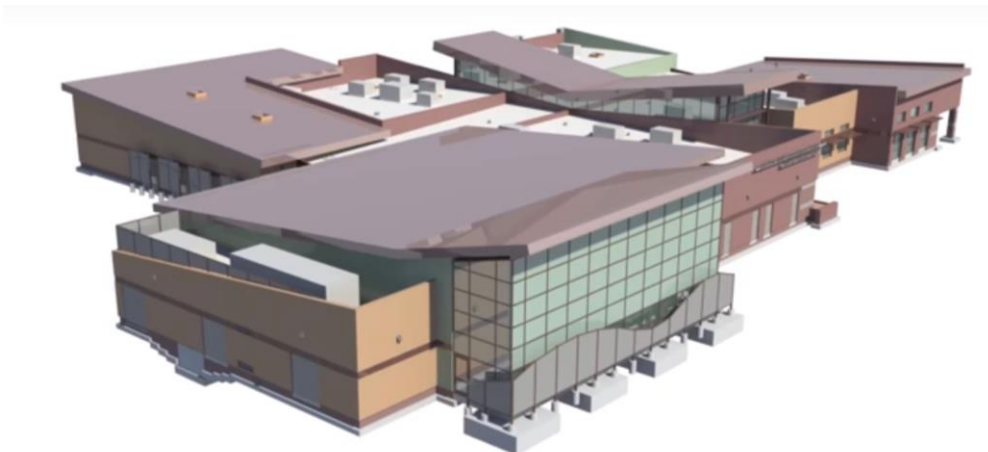
A vista geral do centro intergeracional.

© LGA

O centro multigeracional apresenta piscinas coberta e ao ar livre, ginásios, salas de fitness / cardio, salas de reunião comunitárias, sala de atividades para idosos, áreas de jogos para adolescentes e crianças, salas de arte, dança e música, área para crianças, salas polivalentes e cozinha, quadra externa e pista de caminhada.

Princípios sustentáveis foram incorporados ao projeto, incluindo uma ênfase na iluminação natural em todo o edifício. Também estão incluídos no design vidros de alta eficiência e um envelope de construção bem isolado⁷⁹.

A ideia principal não era apenas olhar para as necessidades de hoje, mas tentar antecipar as necessidades do futuro. É por isso que criam espaços abertos muito flexíveis.



O modelo tridimensional do centro intergeracional.

© LGA

⁷⁹ Fontes: <https://lgainc.com/place/skyview-rec-center/#>, <http://rjmdesigngroup.com/projects/skyview-multi-generational-center-and-park/>. Acesso em 18.04.2018

ANEXO 2. Cartografia histórica



Planta de Filipe
Folque. 1856-
1858

Fonte:
<http://dados.cm-lisboa.pt/dataset/cartografia-historica-de-lisboa>



Planta de Silva
Pinto, 1904-1911

Fonte: <http://dados.cm-lisboa.pt/dataset/cartografia-historica-de-lisboa>



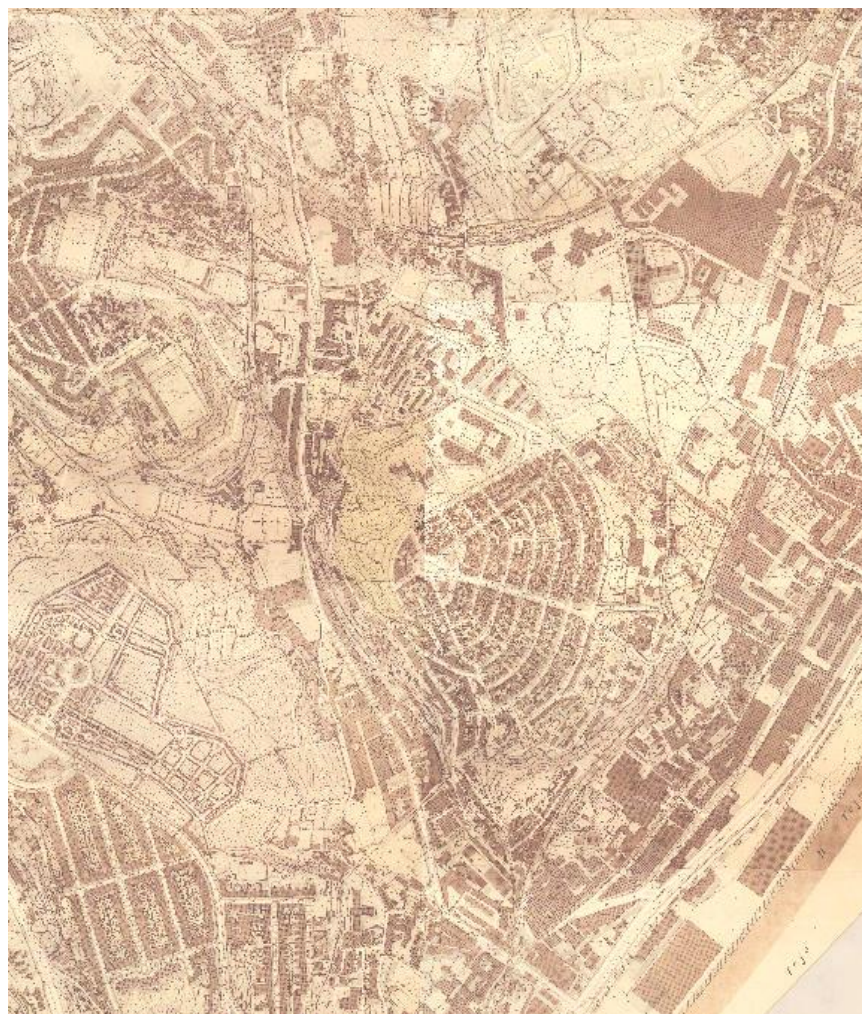
Planta do Vale de Chelas, 1940-1950

Fonte: Centro de Cartografia FA-UL



Planta do Vale de Chelas, 1950

Fonte: Centro de Cartografia FA-UL



Planta do Vale de Chelas, 1970-1983

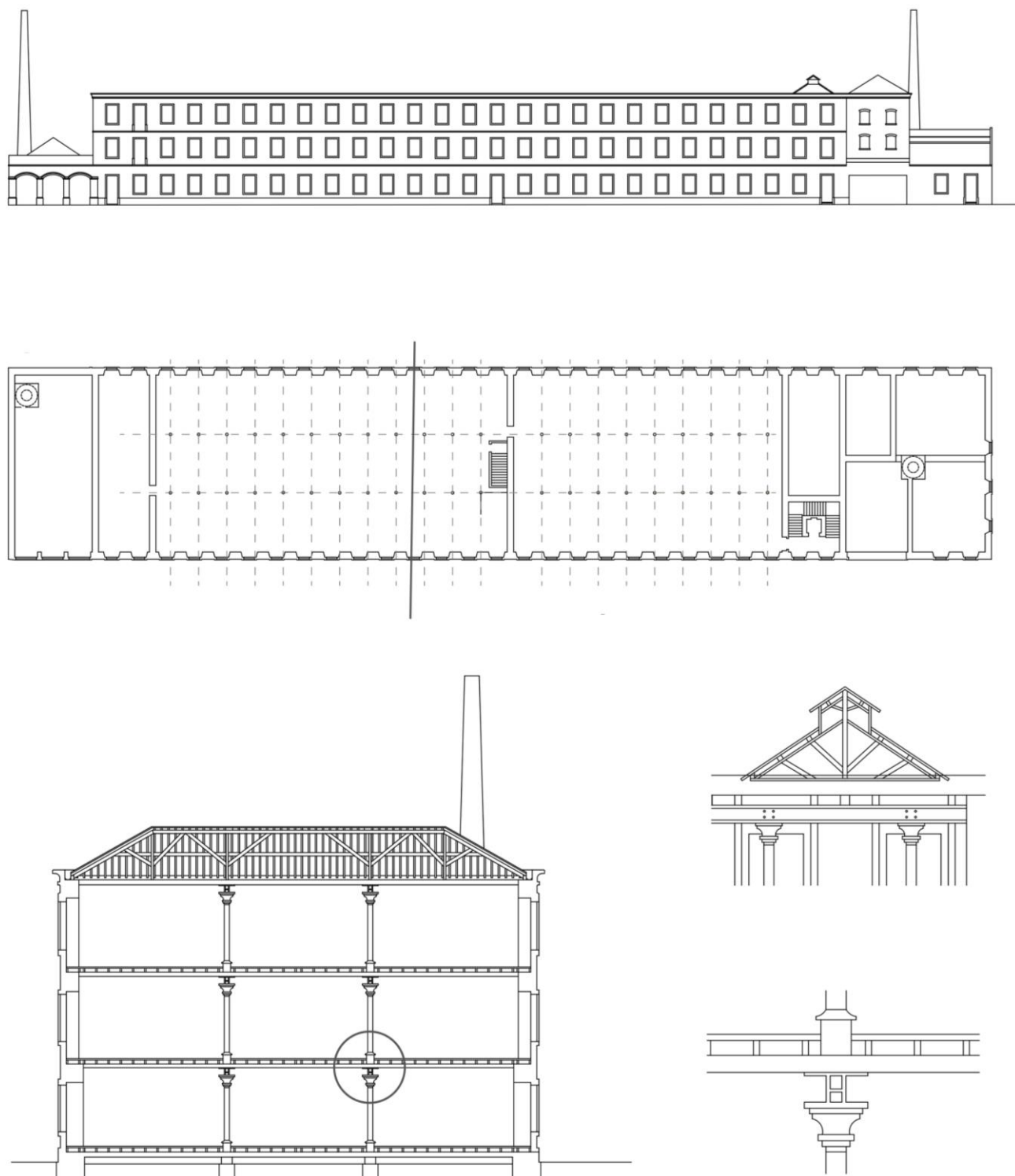
Fonte: Centro de Cartografia FA-UL



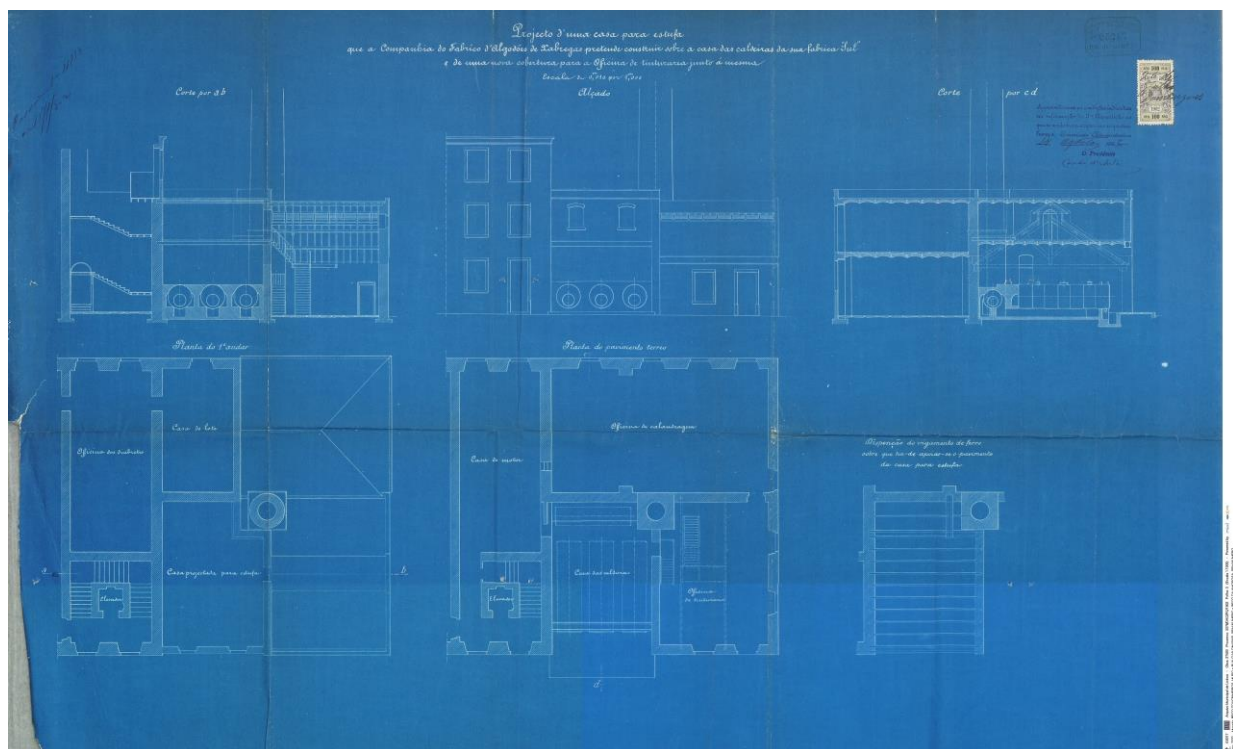
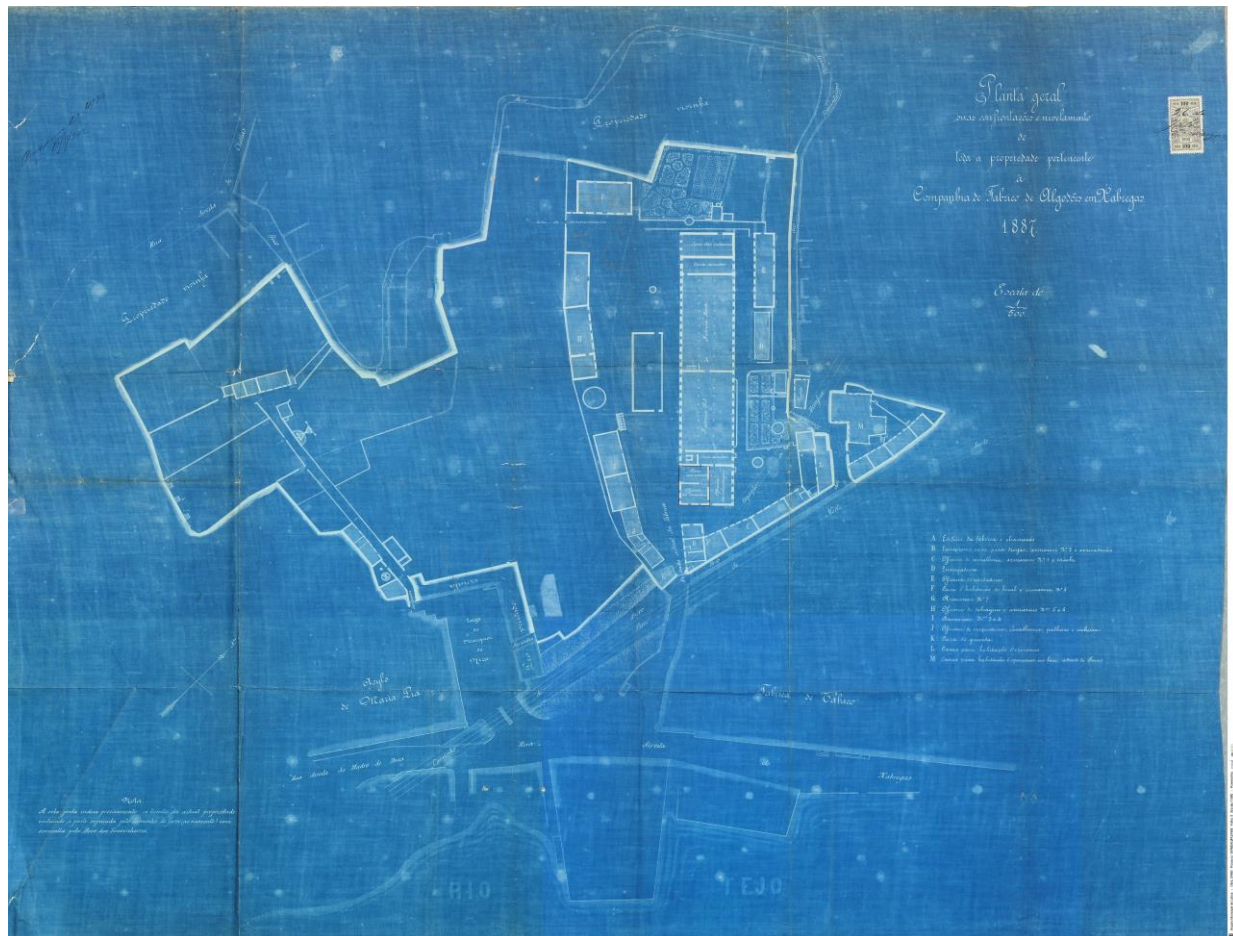
Ortofotomapa do
Vale de Chelas, 2018

Fonte: Google Earth

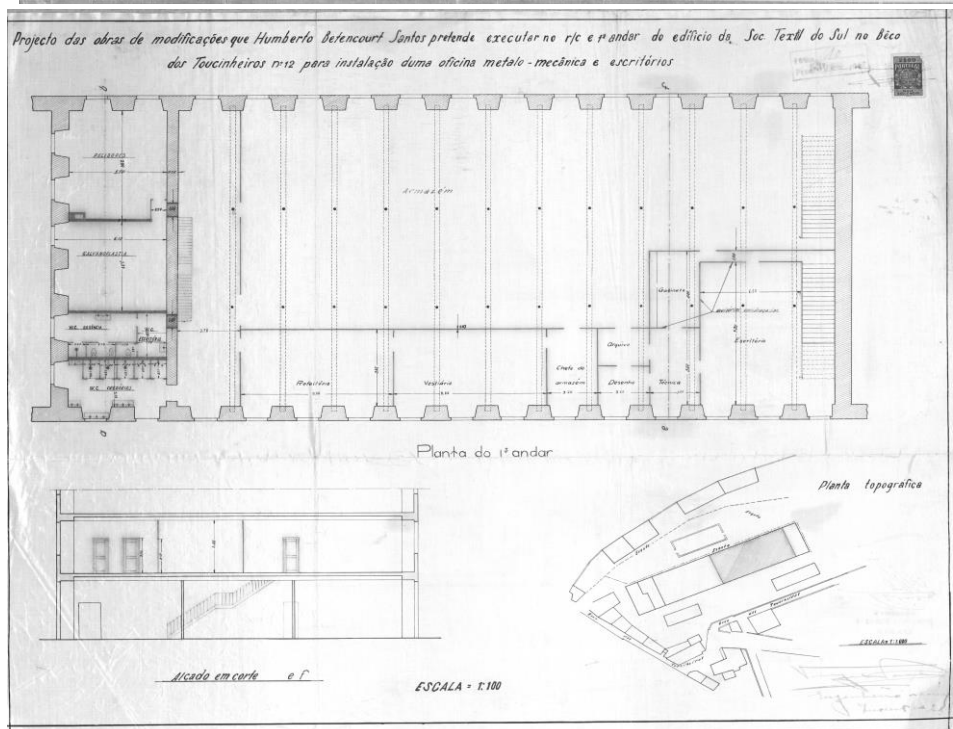
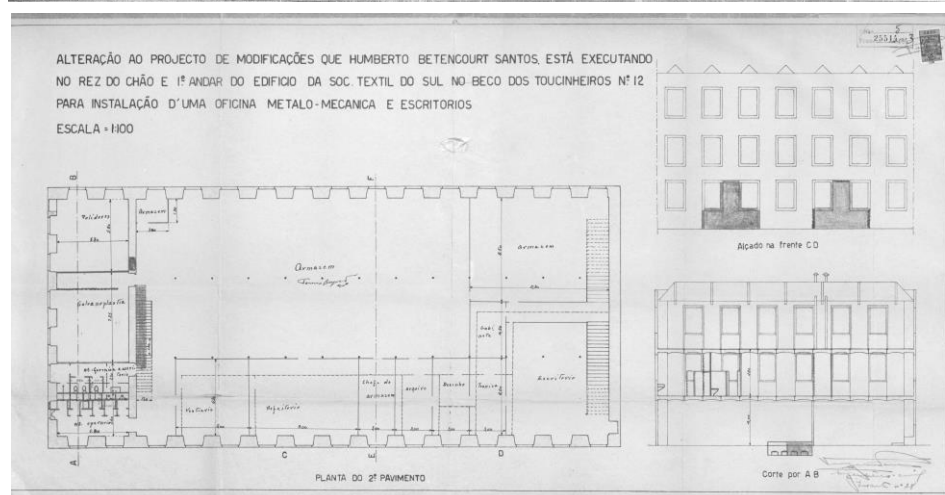
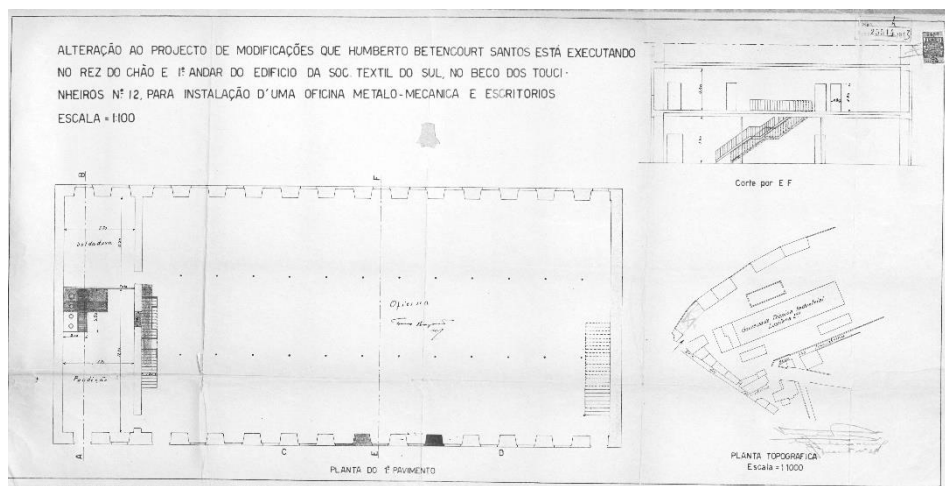
ANEXO 3. Desenhos Técnicos da Fábrica de Samaritana



Alçado frontal do edifício existente, planta do piso térreo, corte transversal e os pormenores da fábrica.
Fonte: MIARQ5B (prof.José Aguiar, Pedro Pacheco)



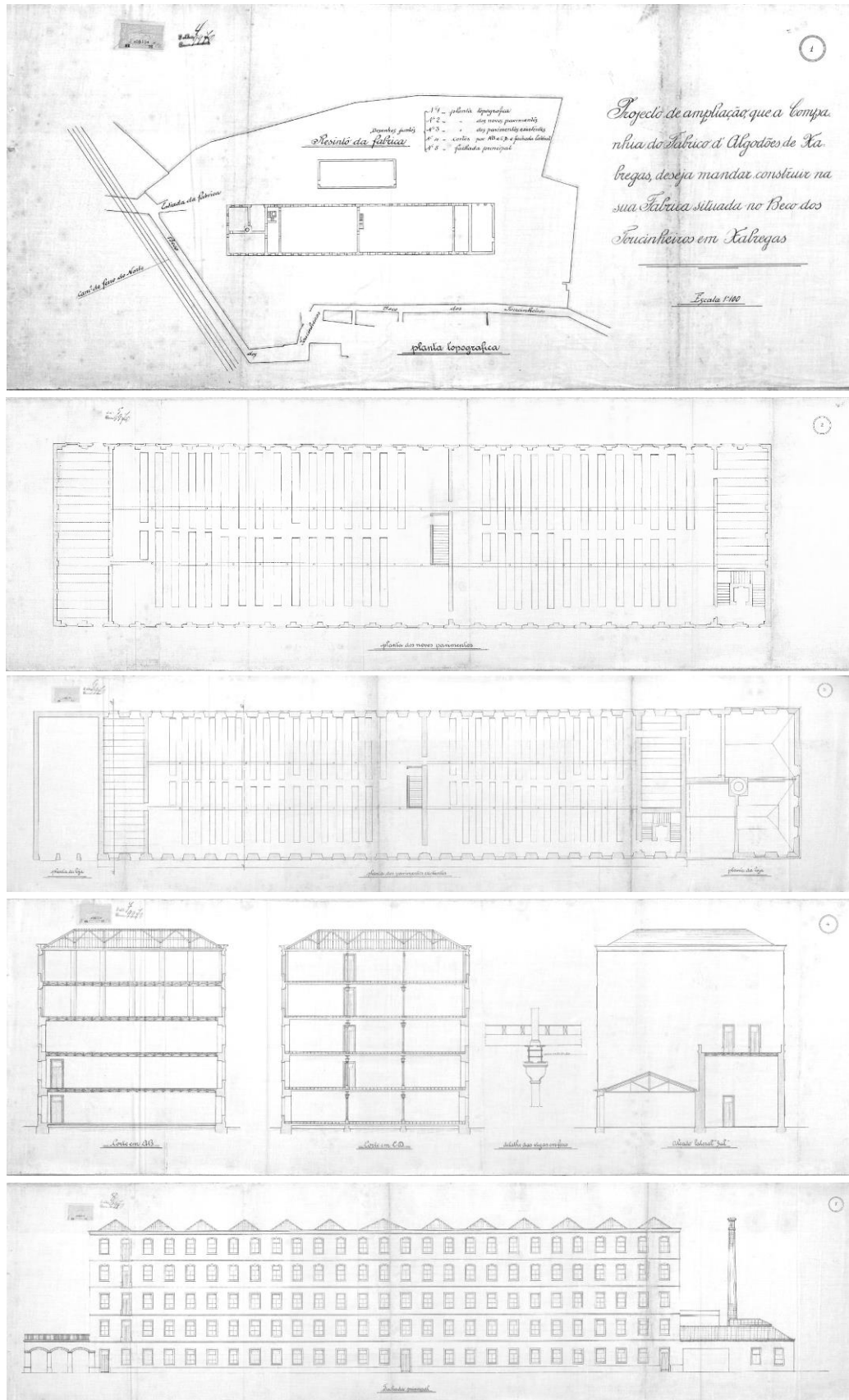
A planta geral da propriedade pertencente à Companhia de Fábrica de Algodão em Xabregas de 1887 e as plantas da parte sul da Fábrica. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



Projeto das obras no res-do-chão e no 1º andar da fábrica para instalação duma oficina metalo-mecânica e escritórios.

Plantas dos 1º e 2º pavimentos, cortes e alçados

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



Planta topografica, plantas dos novos pavimentos e dos pavimentos existentes, os cortes e alçados da Fábrica da Samaritana (com proposta de alterações), 1920.

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa

ANEXO 4. Levantamento Fotográfico (Fotografias feitas pelo autor)









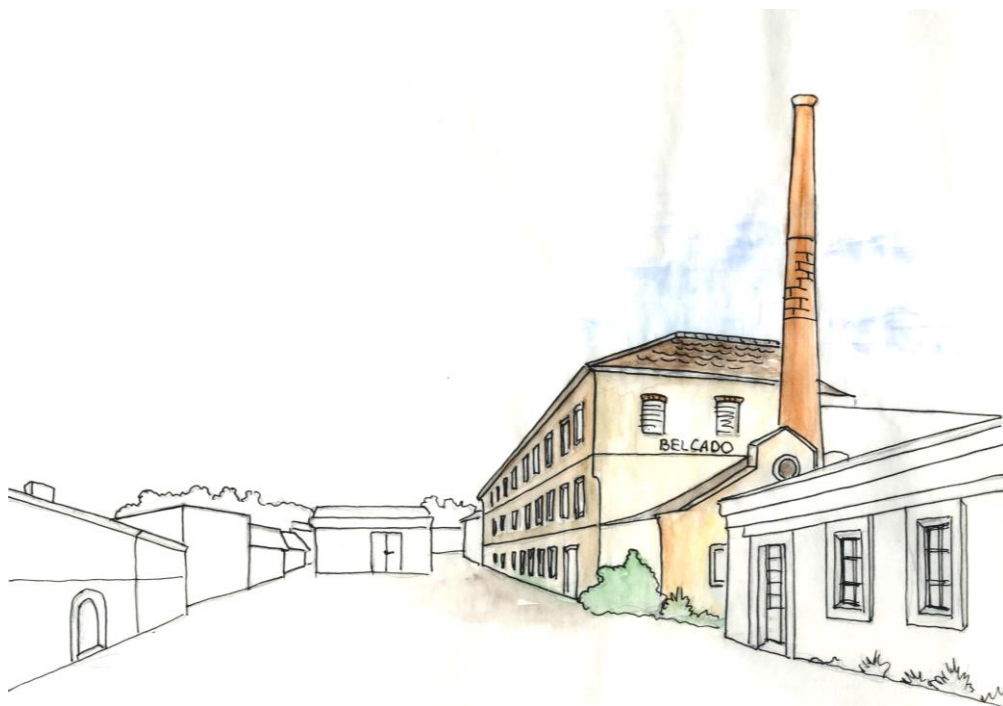
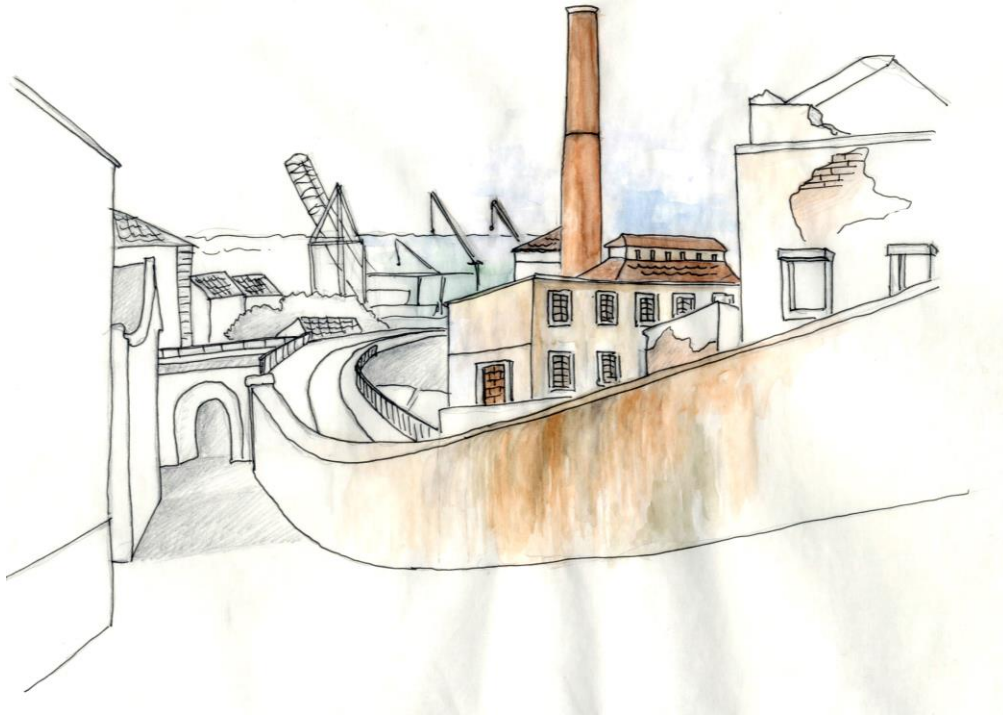




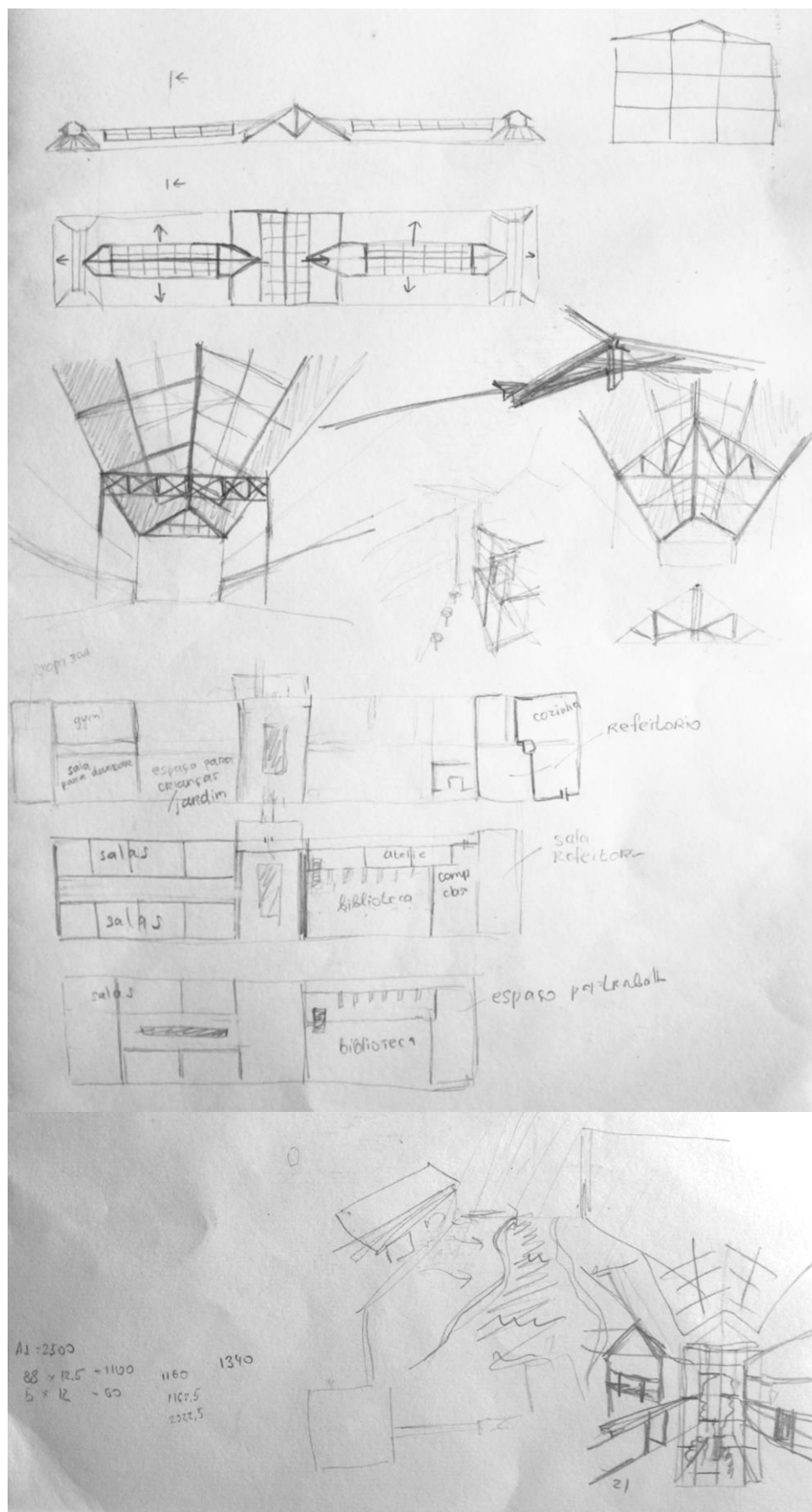
ANEXO 5. Processo de Trabalho



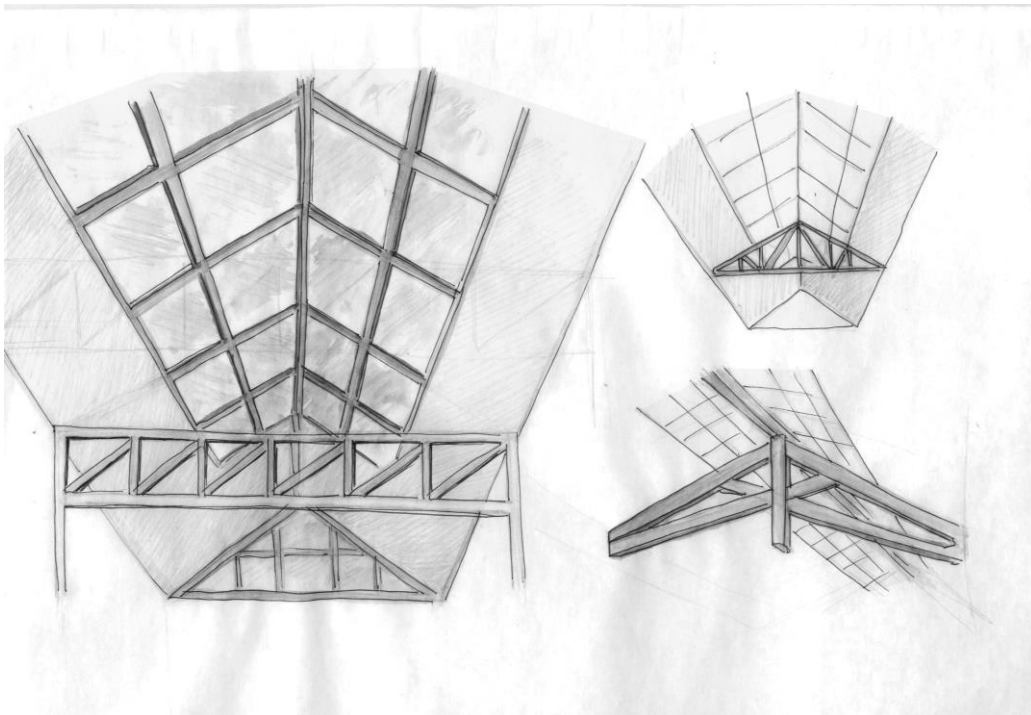
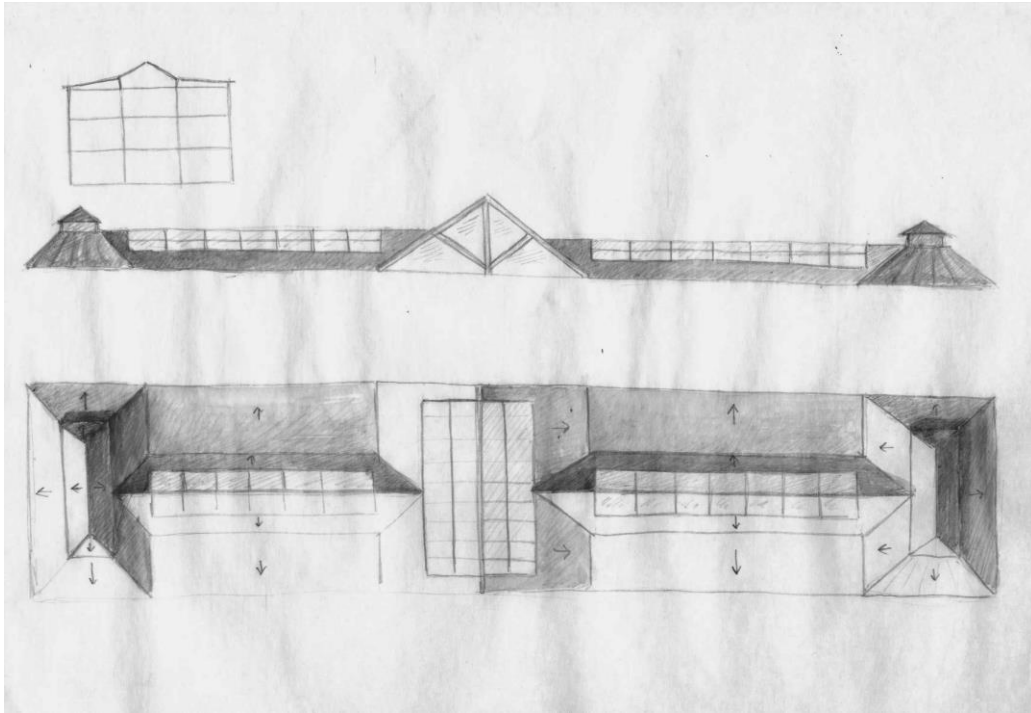
Esboços feitos durante o estudo inicial da estrutura e materialidade da Fábrica da Samaritana



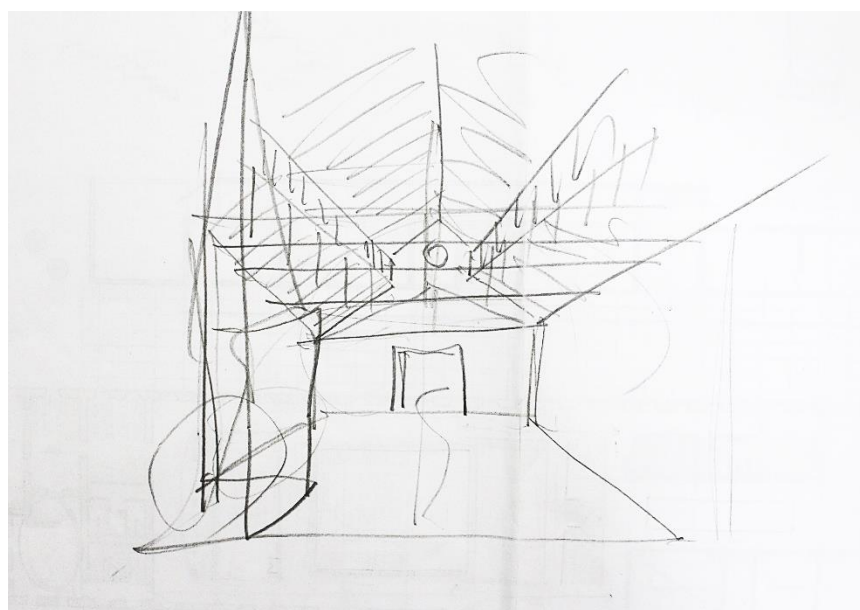
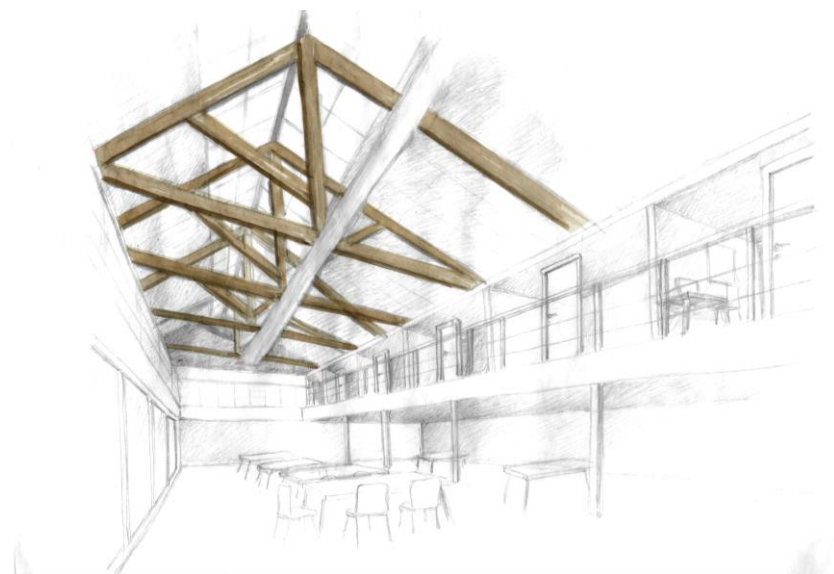
Esboços feitos durante o estudo inicial do território envolvente da Fábrica da Samaritana



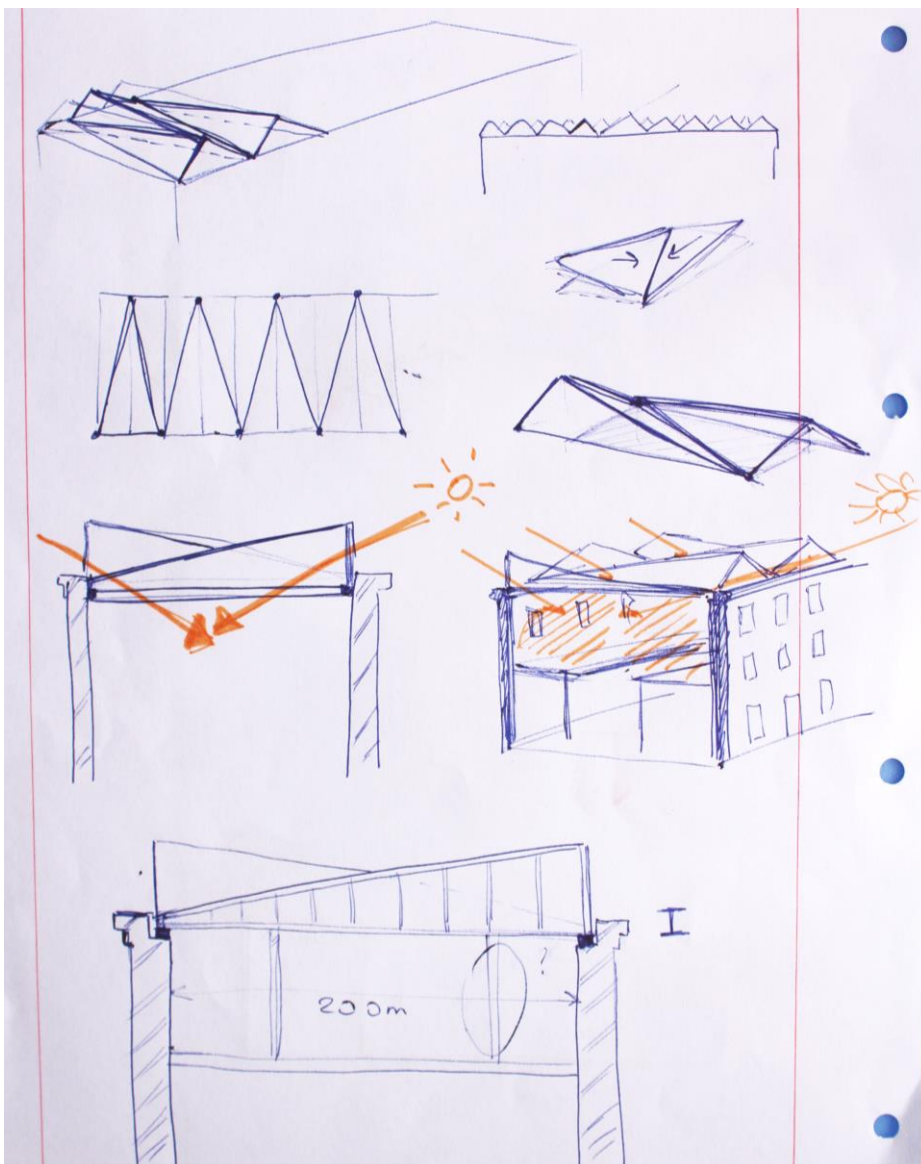
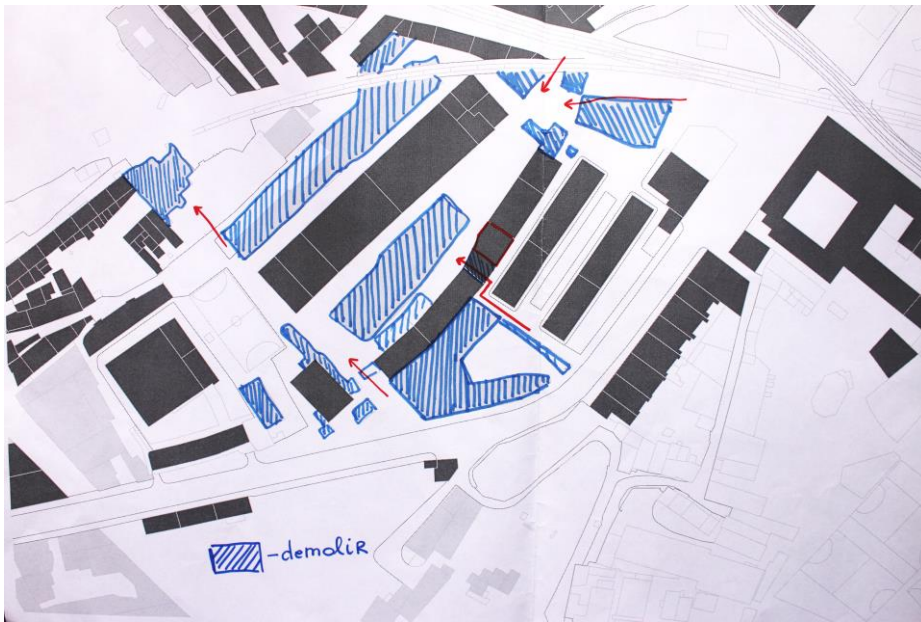
Croquis de primeiras ideias dos espaços interiores e estruturas do edifício



Croquis das primeiras ideias de estruturas do telhado do edifício

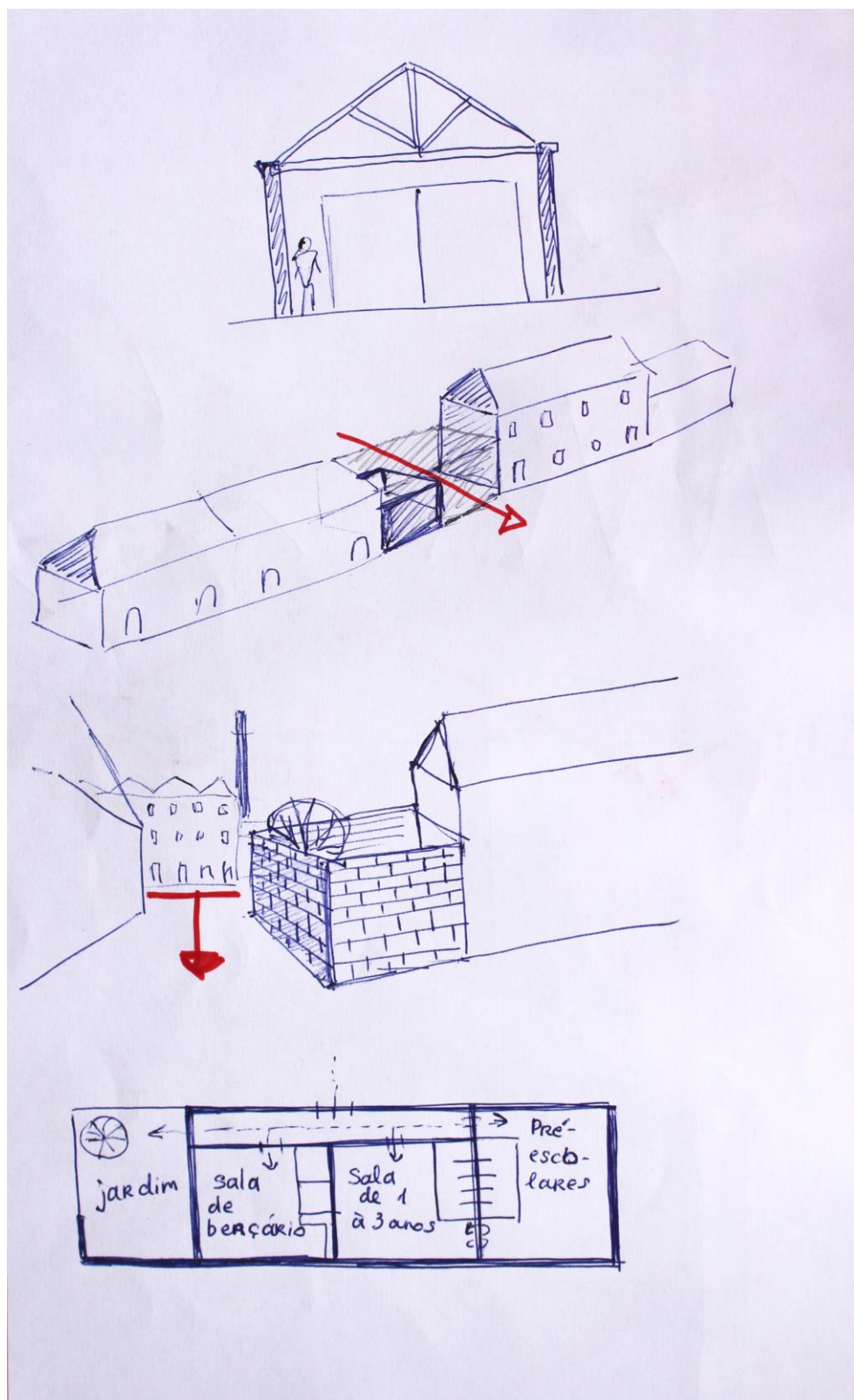


Croquis dos espaços interiores da Fábrica da Samaritana

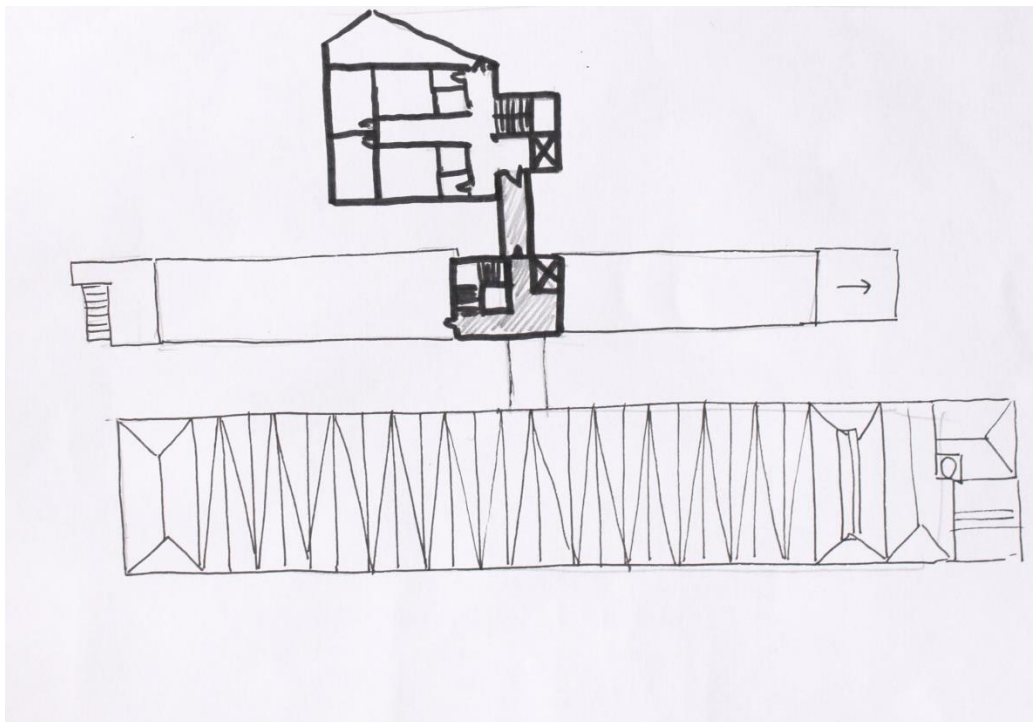
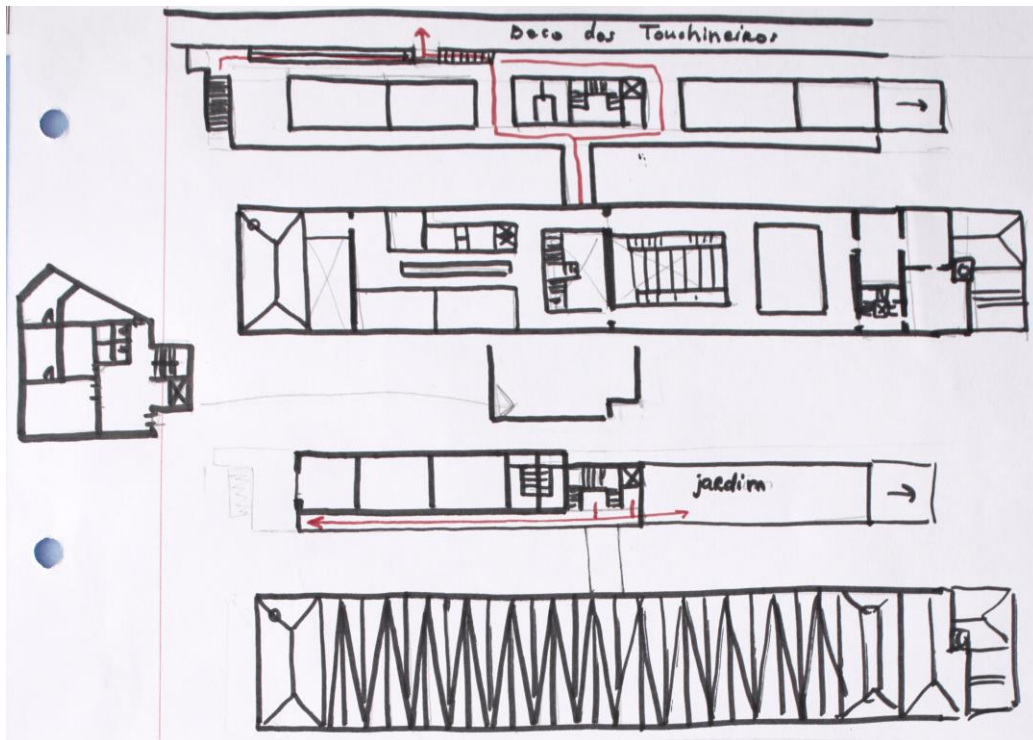


(de cima para baixo)
Planta que mostra as
ações de planeamento
(os edifícios para
demolição ou
reabilitação) no
território envolvente
da Fábrica da
Samaritana.

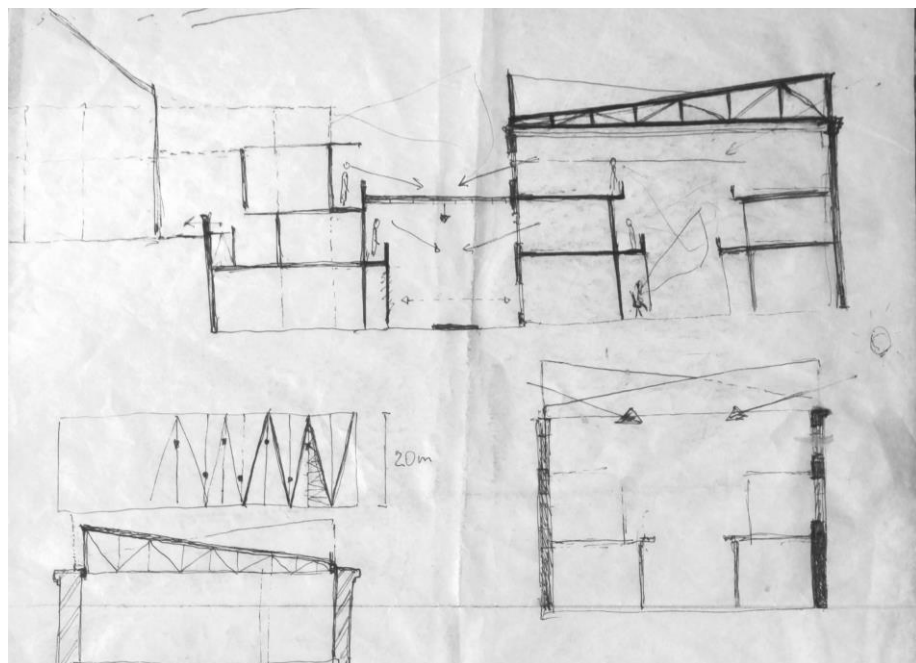
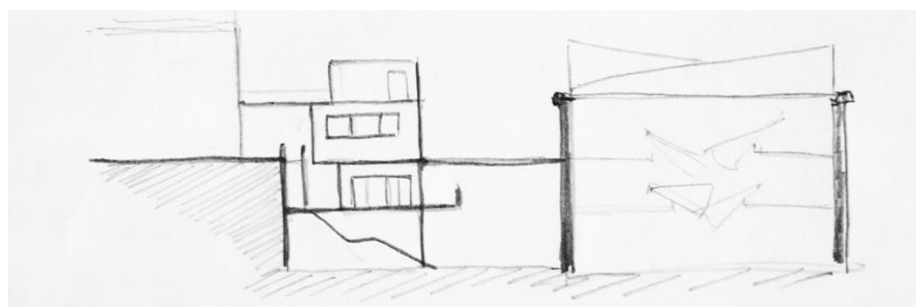
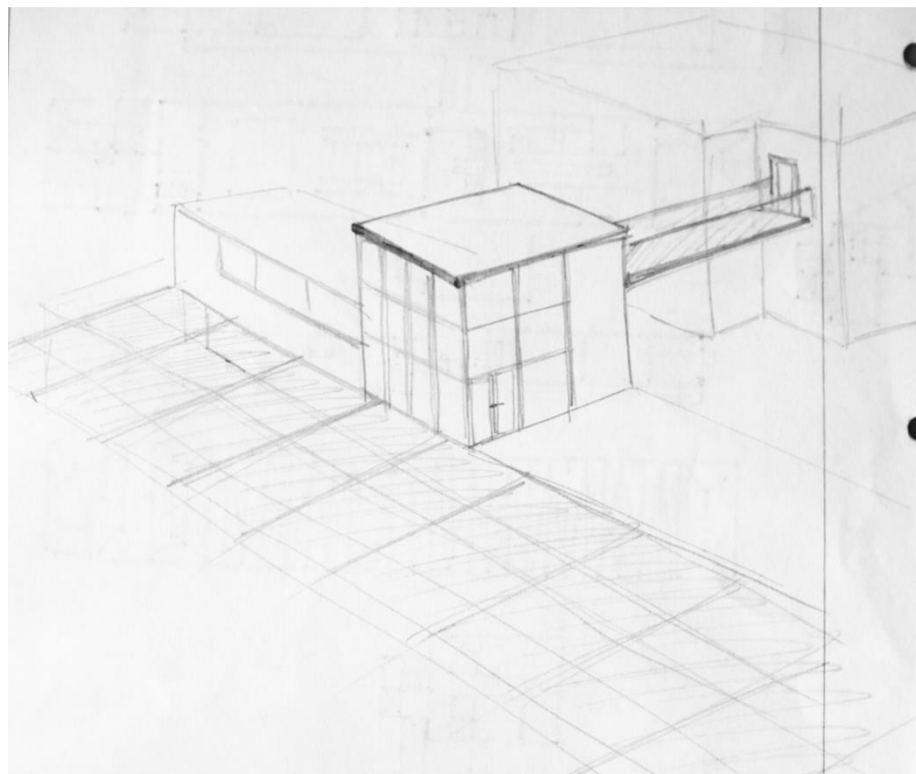
Croquis que mostram
a segunda idéia do
telhado novo da
fábrica



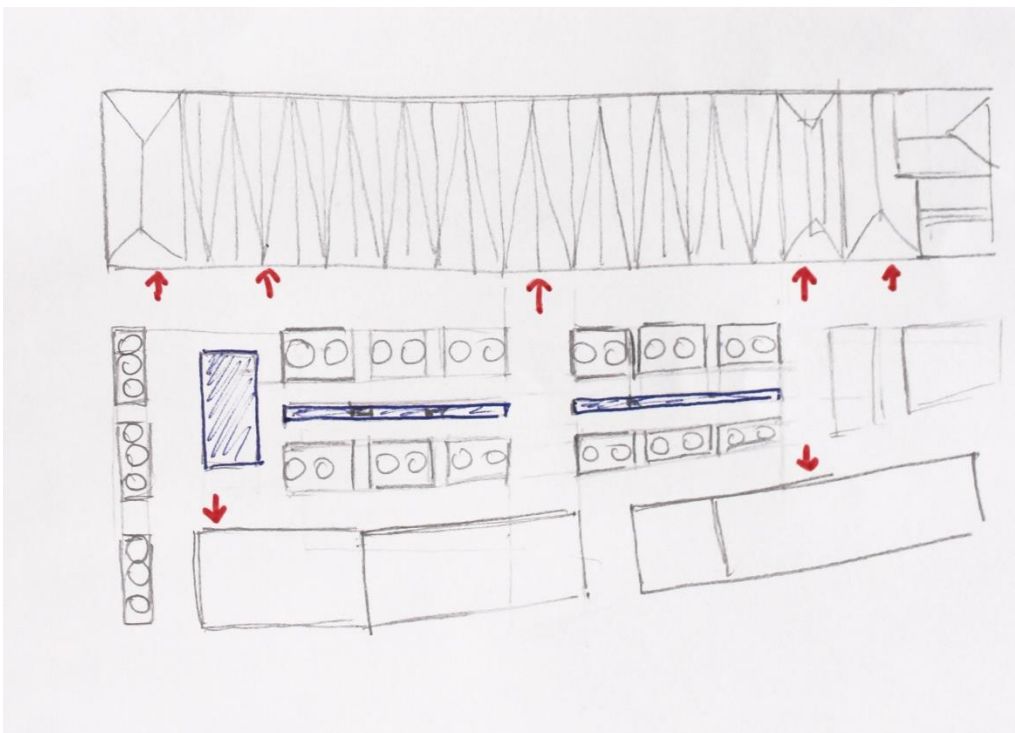
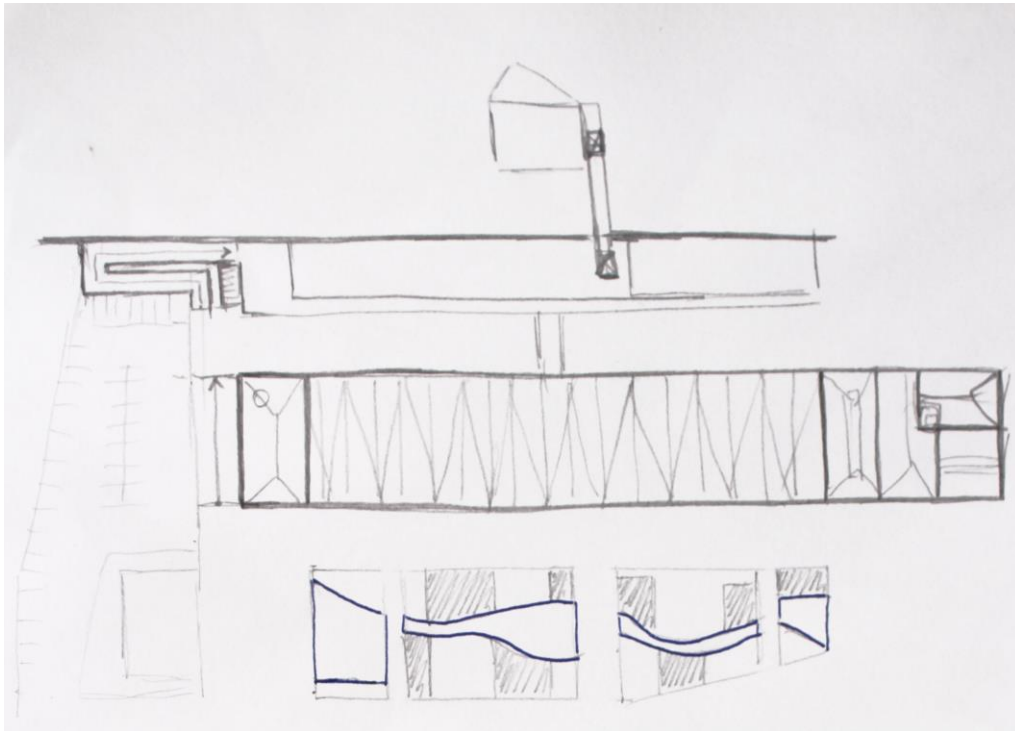
Croquis que mostram a ideia de organizar o espaço interno e externo do centro infantil



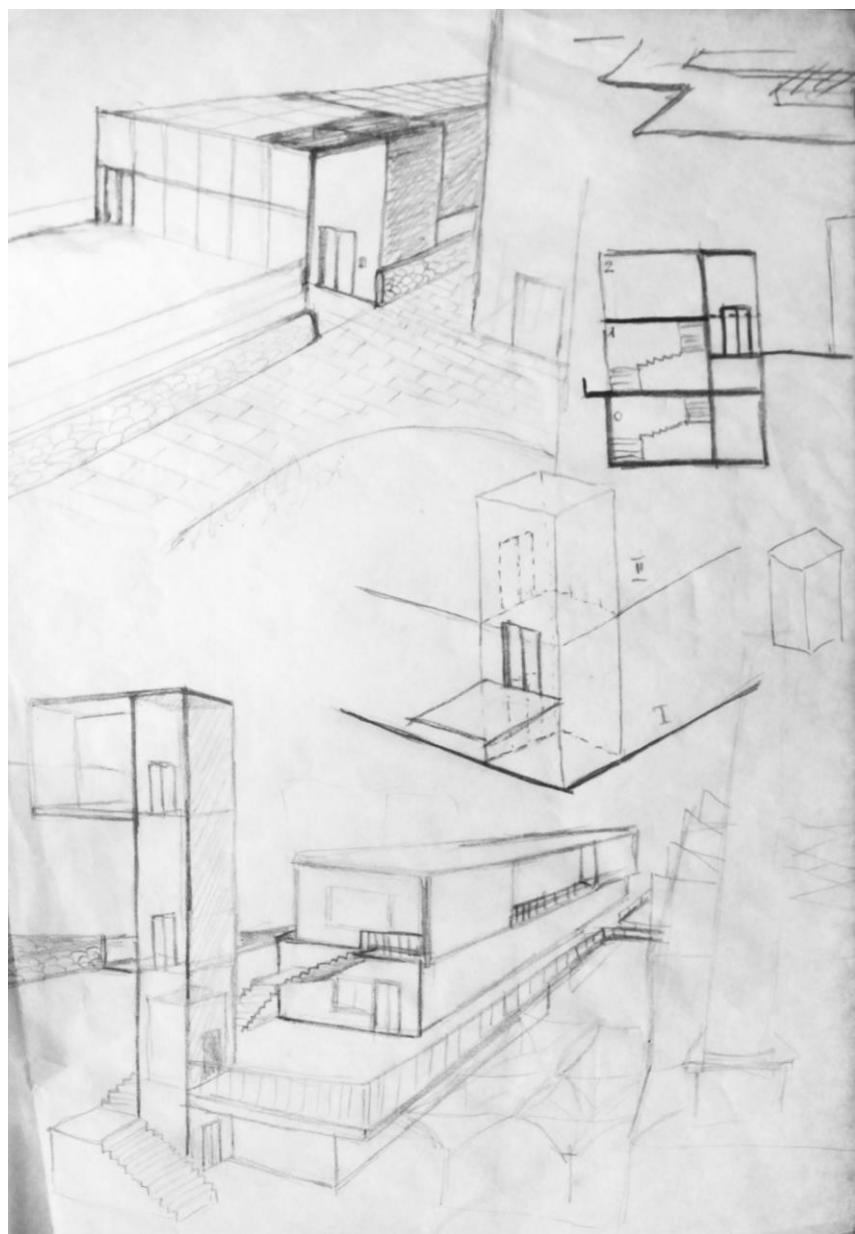
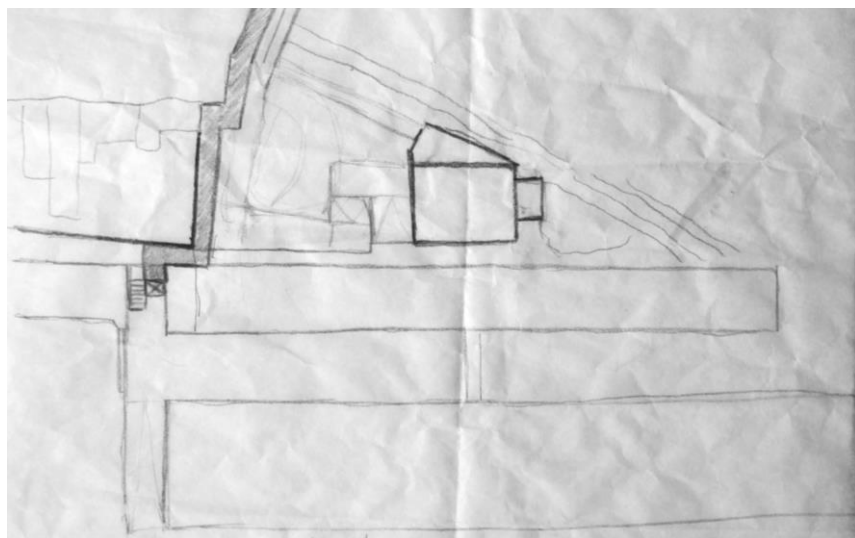
Plantas iniciais dos pisos da Fábrica da Samaritana (centro intergeracional), do edifício novo do centro e da residencia dos idosos, e planeamento de ligações entre elas.



Croquis dos ligações
entre os edifícios



Croquis dos espaços exteriores: zonas verdes, áreas de recreação e planeamento de circulação pedonal na praça em frente da fachada central da fábrica

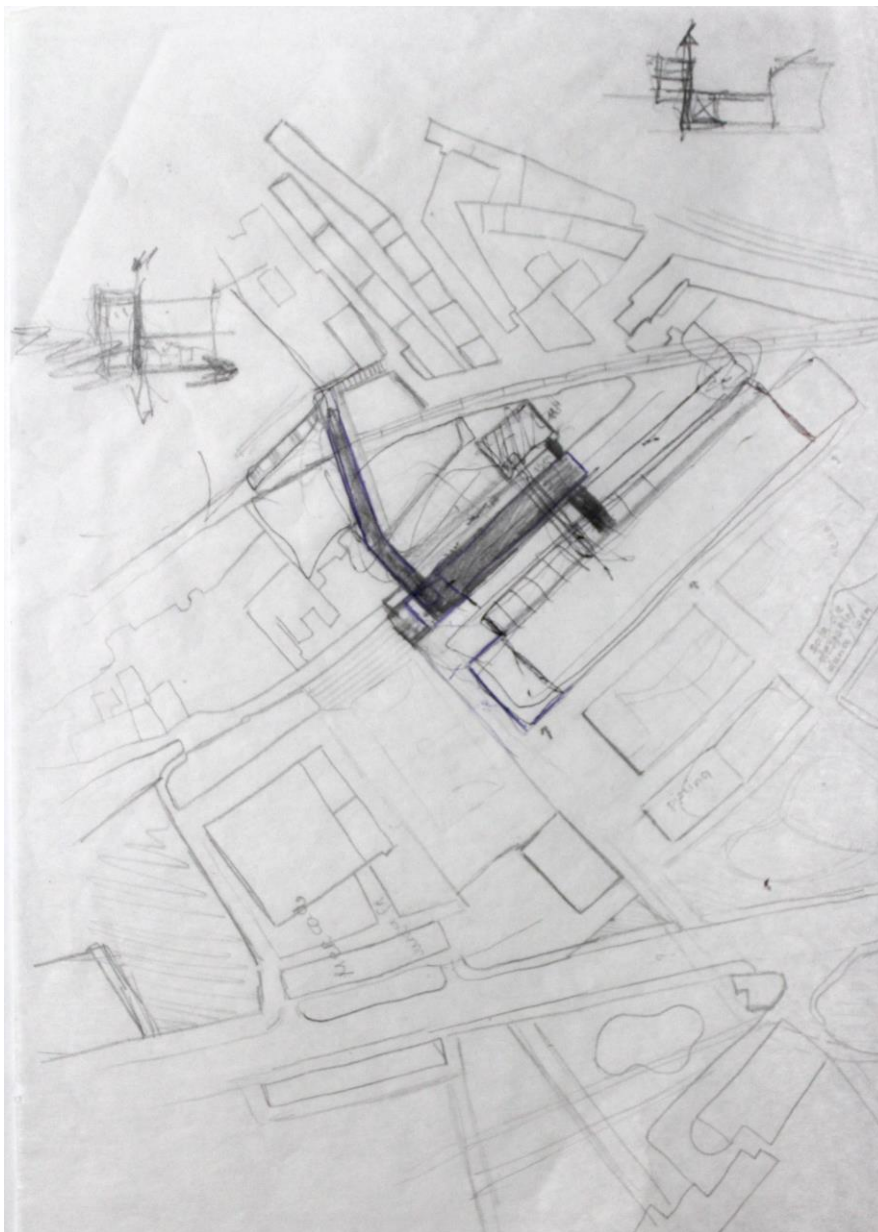
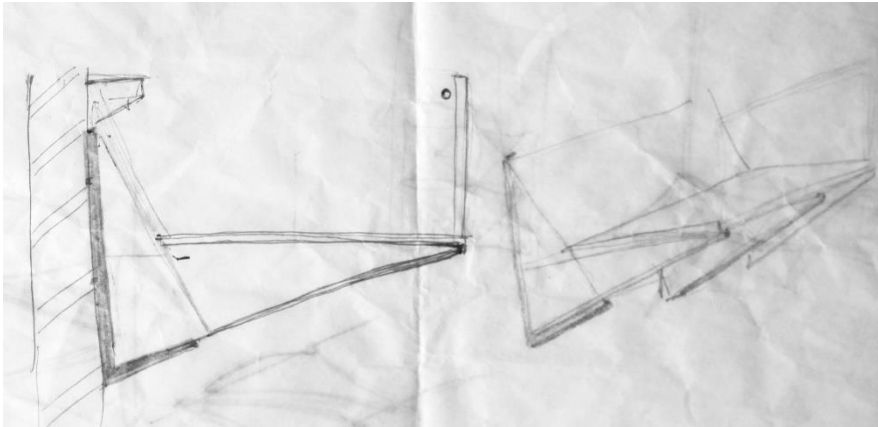


(de cima para baixo)

Uma proposta de elevador urbano e ponte pedonal que liga as diferentes níveis de cota

Planeamento do elevador dentro do segundo edifício do centro intergeracional que liga a residência dos idosos e o edifício da fábrica (centro intergeracional)

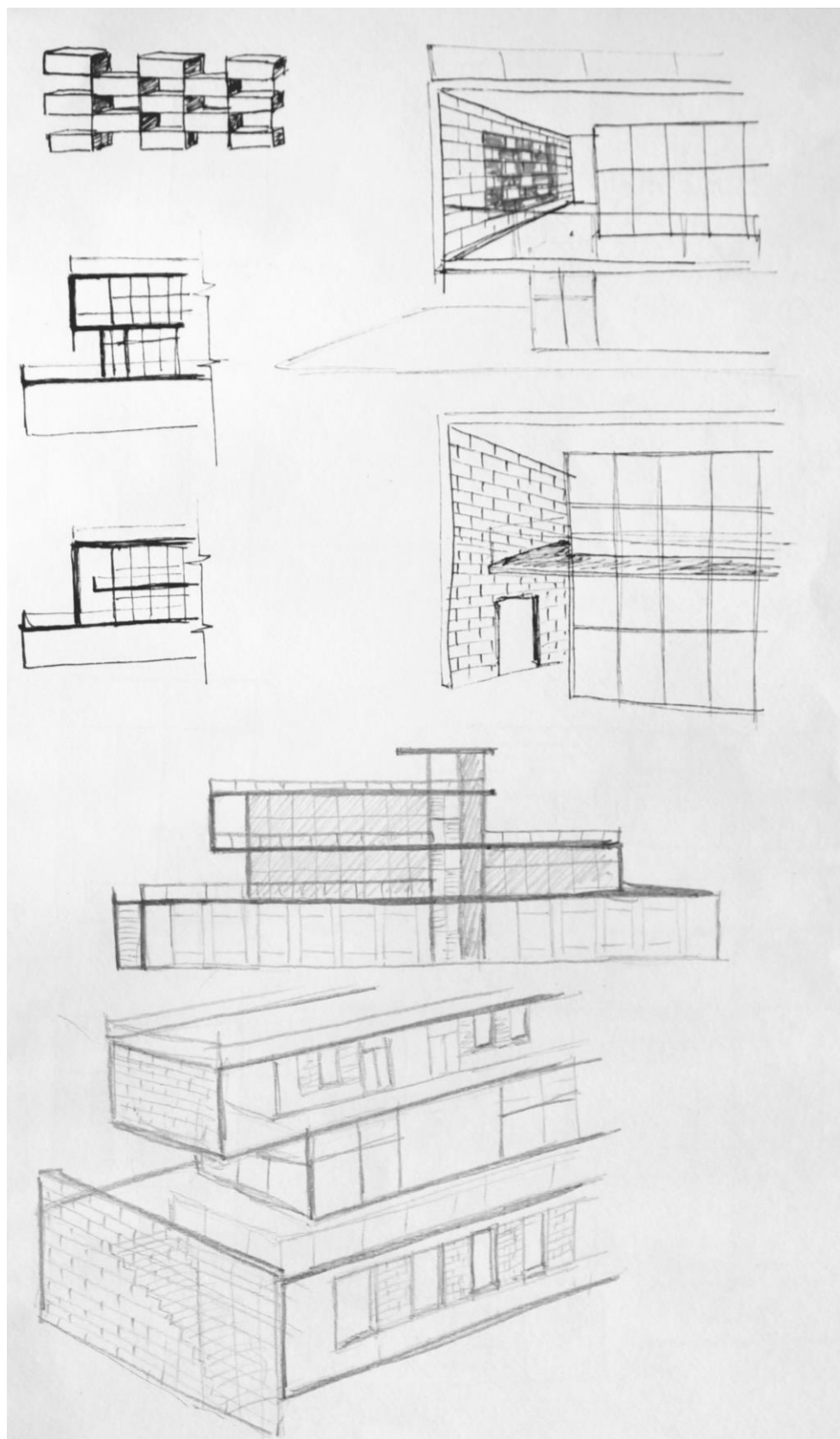
Croquis do elevador urbano



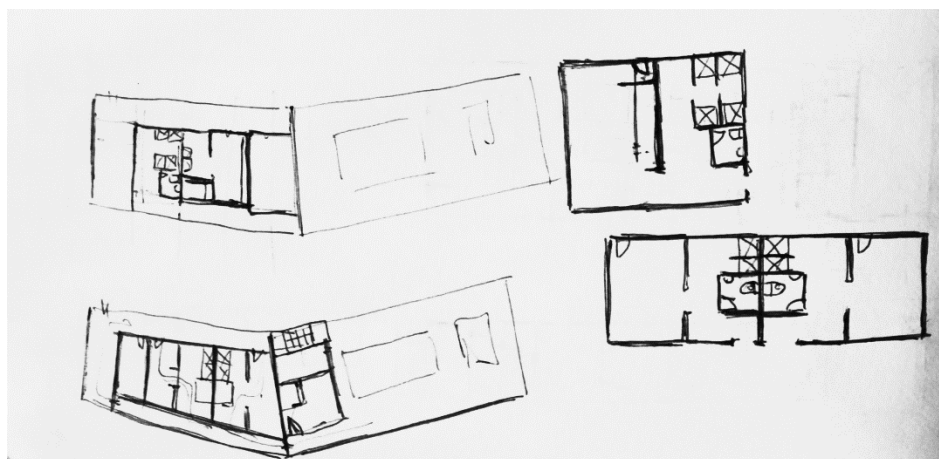
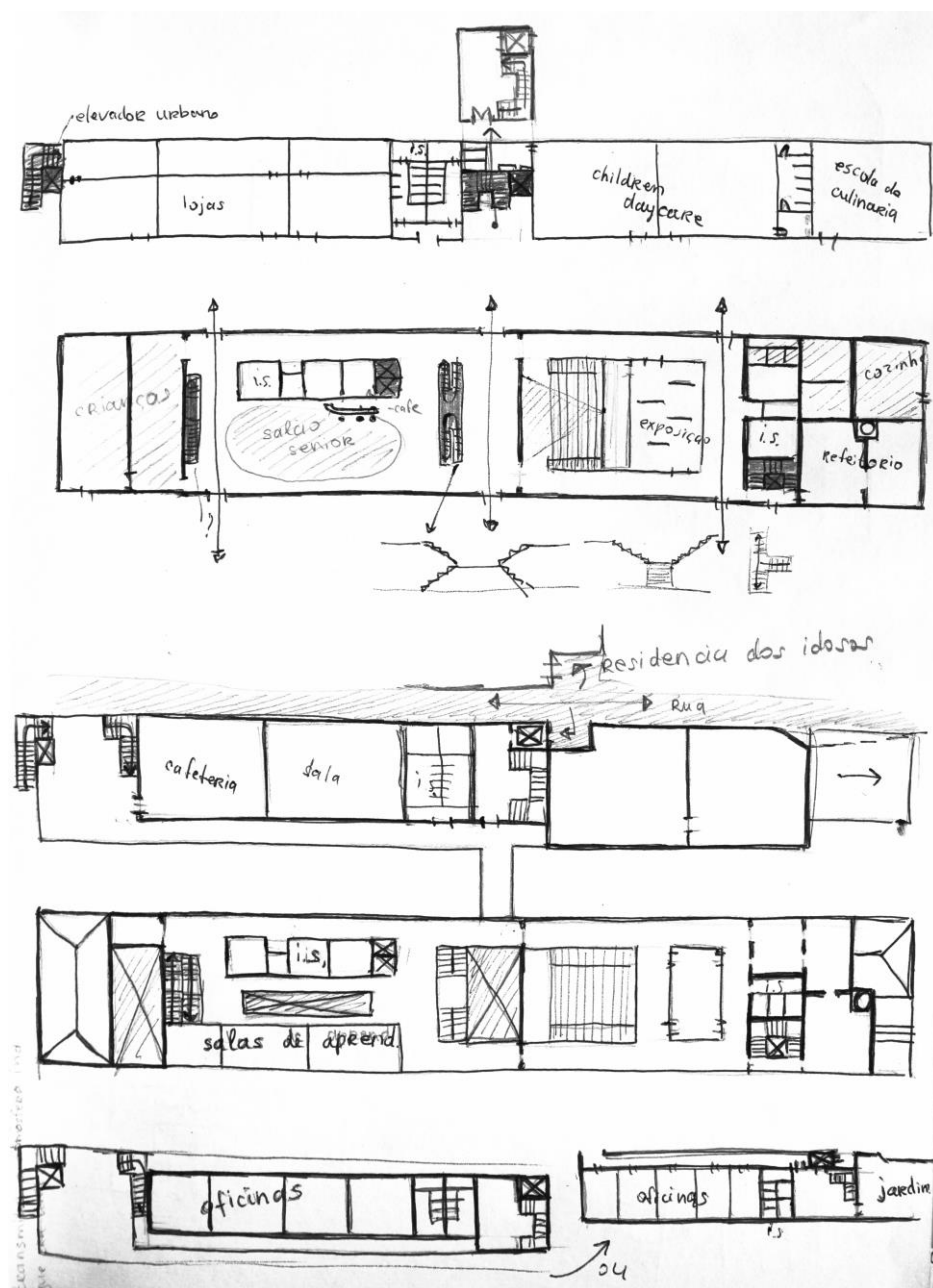
(de cima para baixo)

Croquis da estrutura
do ponte pedonal

Croquis que mostra
uma ideia de
organização uma
praça no piso superior
do novo edificio do
centro intergeracional
que tem ligação a
ponte pedonal



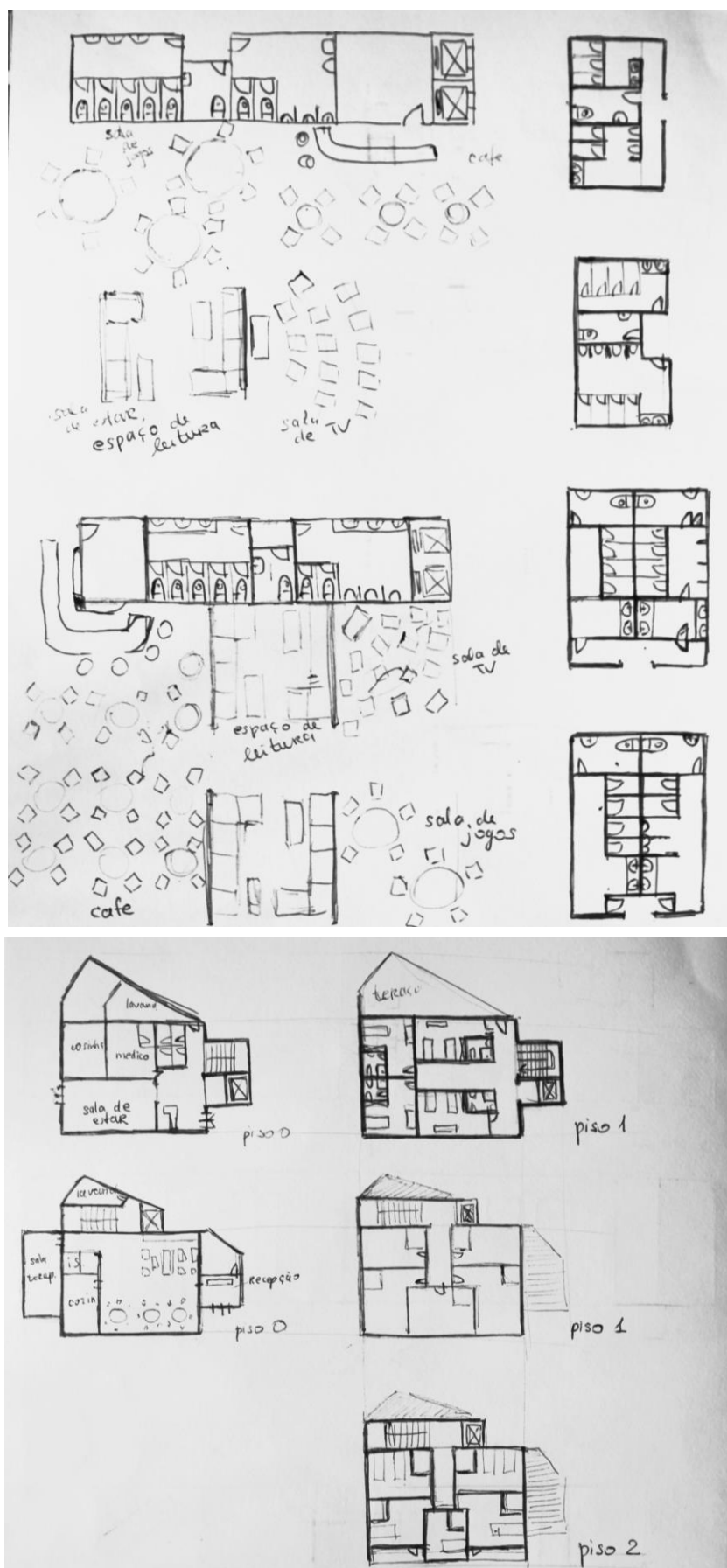
Croquis de ideias
de organização
externa do espaço
do novo edifício
do centro
intergeracional



(de cima para
baixo)

Plantas dos pisos da
Fábrica da
Samaritana (centro
intergeracional) e
do edifício novo do
centro.

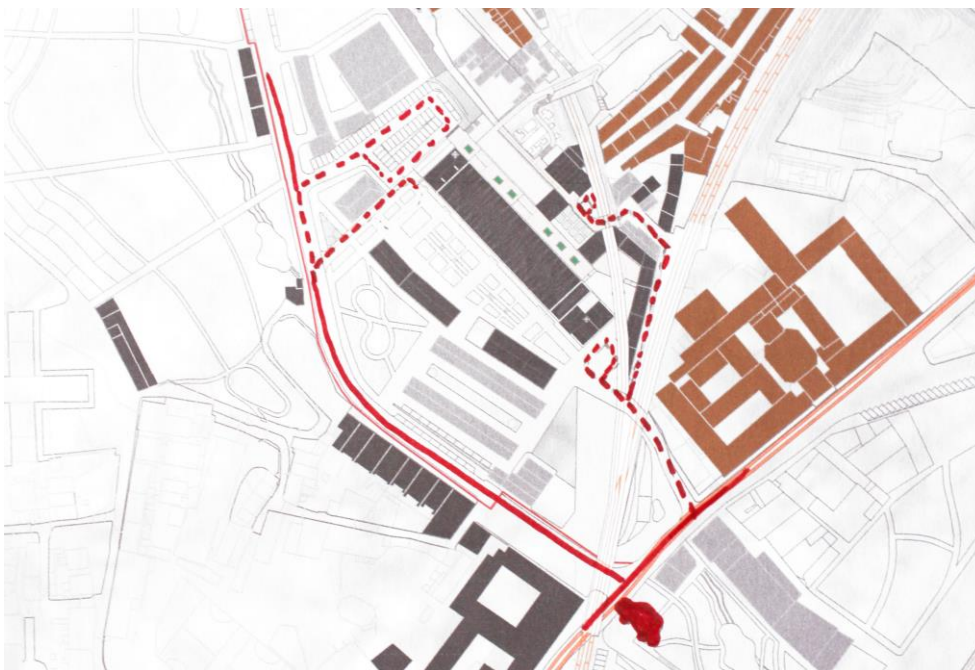
Croquis das plantas
do centro
desportivo



(de cima para baixo)

Croquis dos espaços interiores da Fábrica da Samaritana

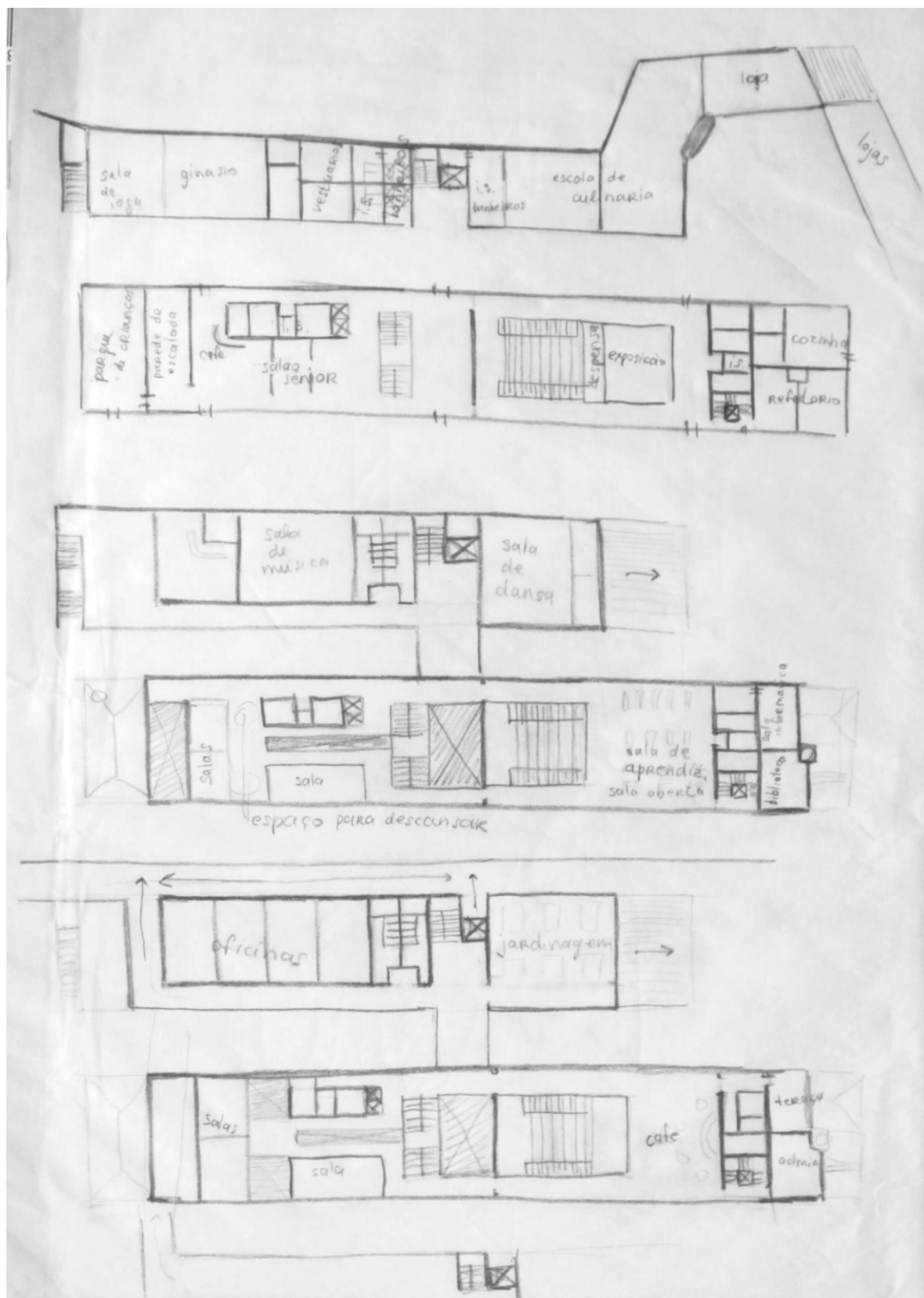
Plantas dos pisos de residência dos idosos



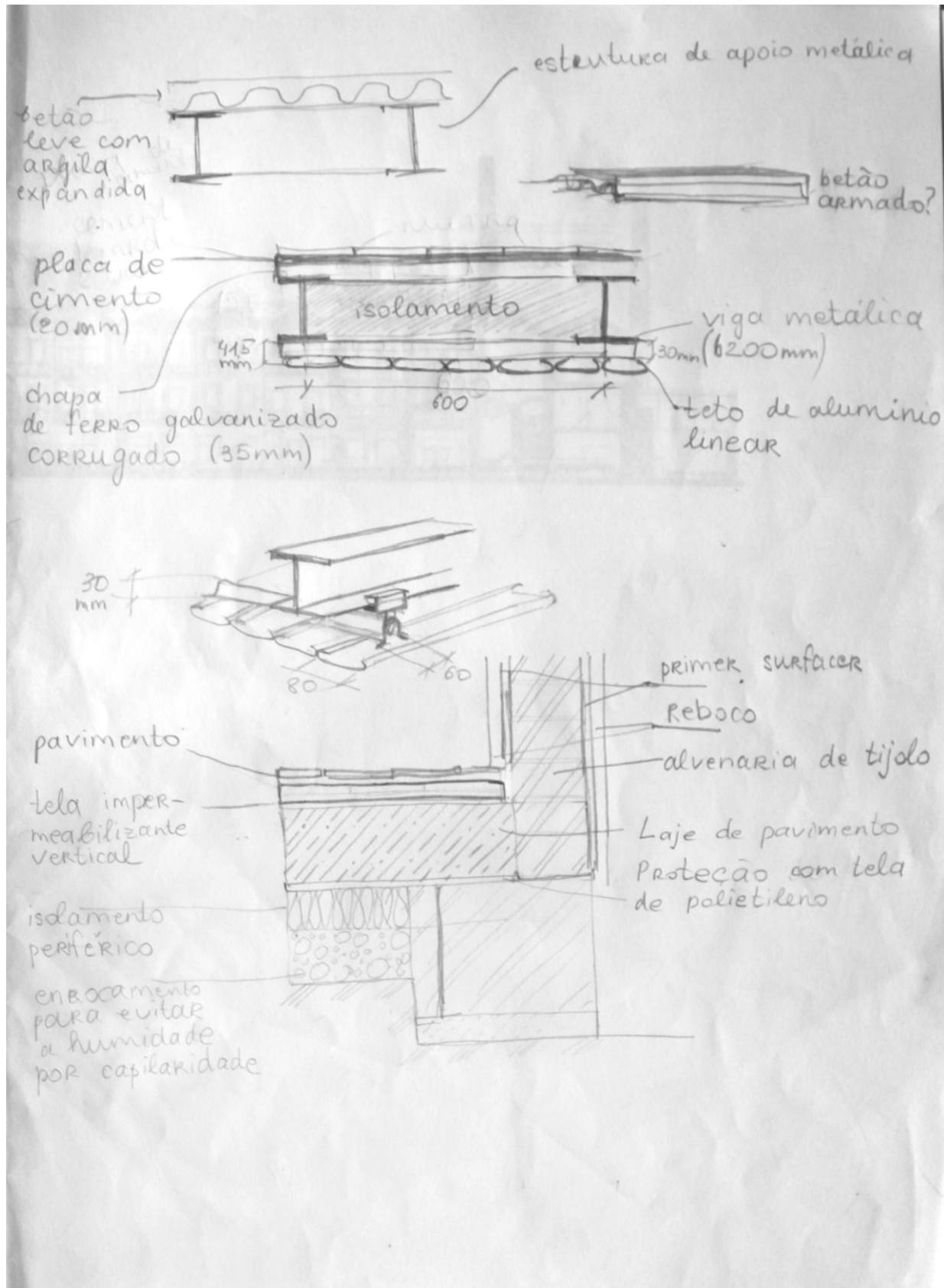
(de cima para
baixo)

Planta que mostra
circulação pedonal
no território
envolvente da
Fábrica da
Samaritana.

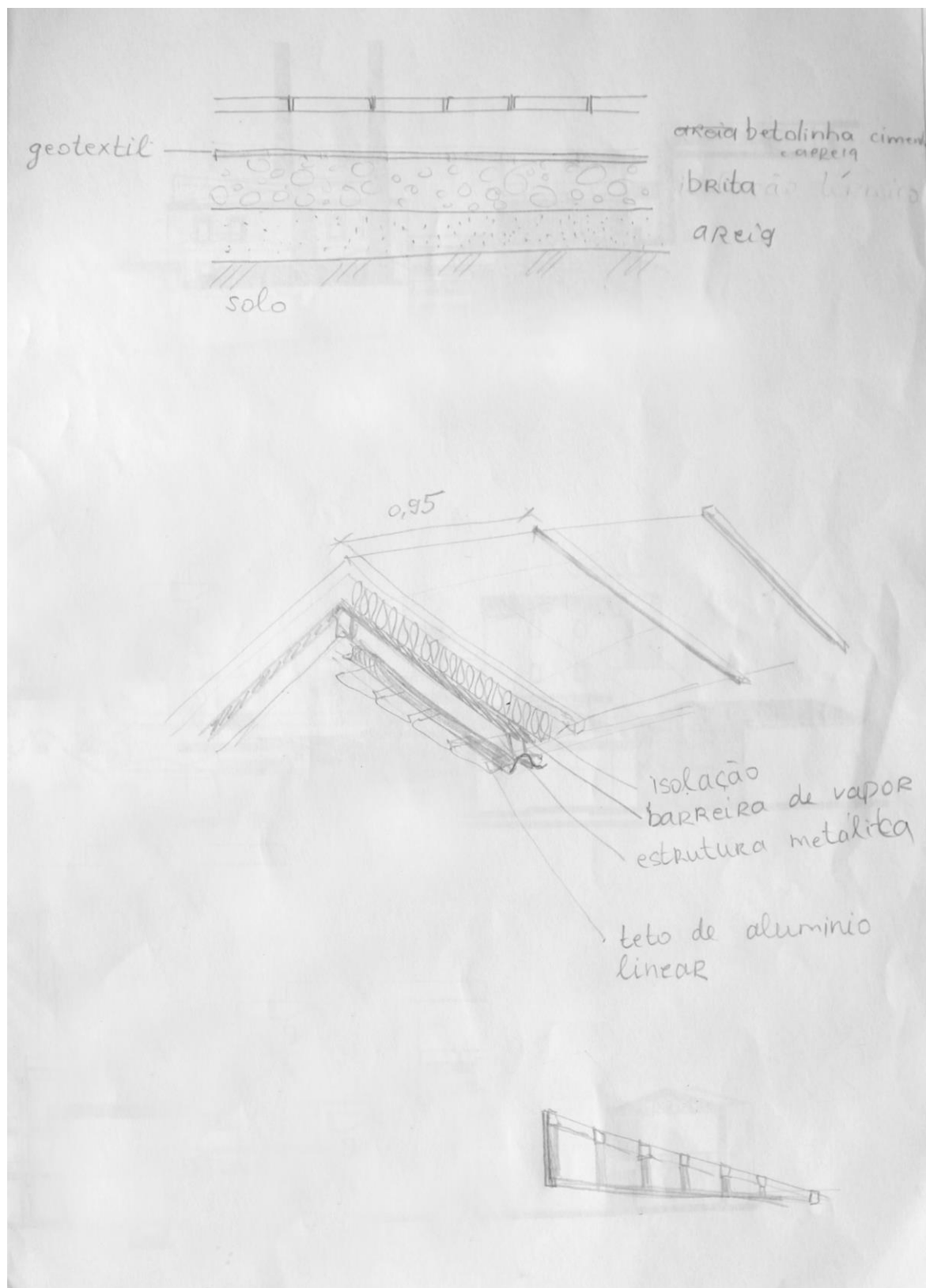
Planta que mostra
o acesso para
automoveis ao
território
envolvente da
Fábrica da
Samaritana.



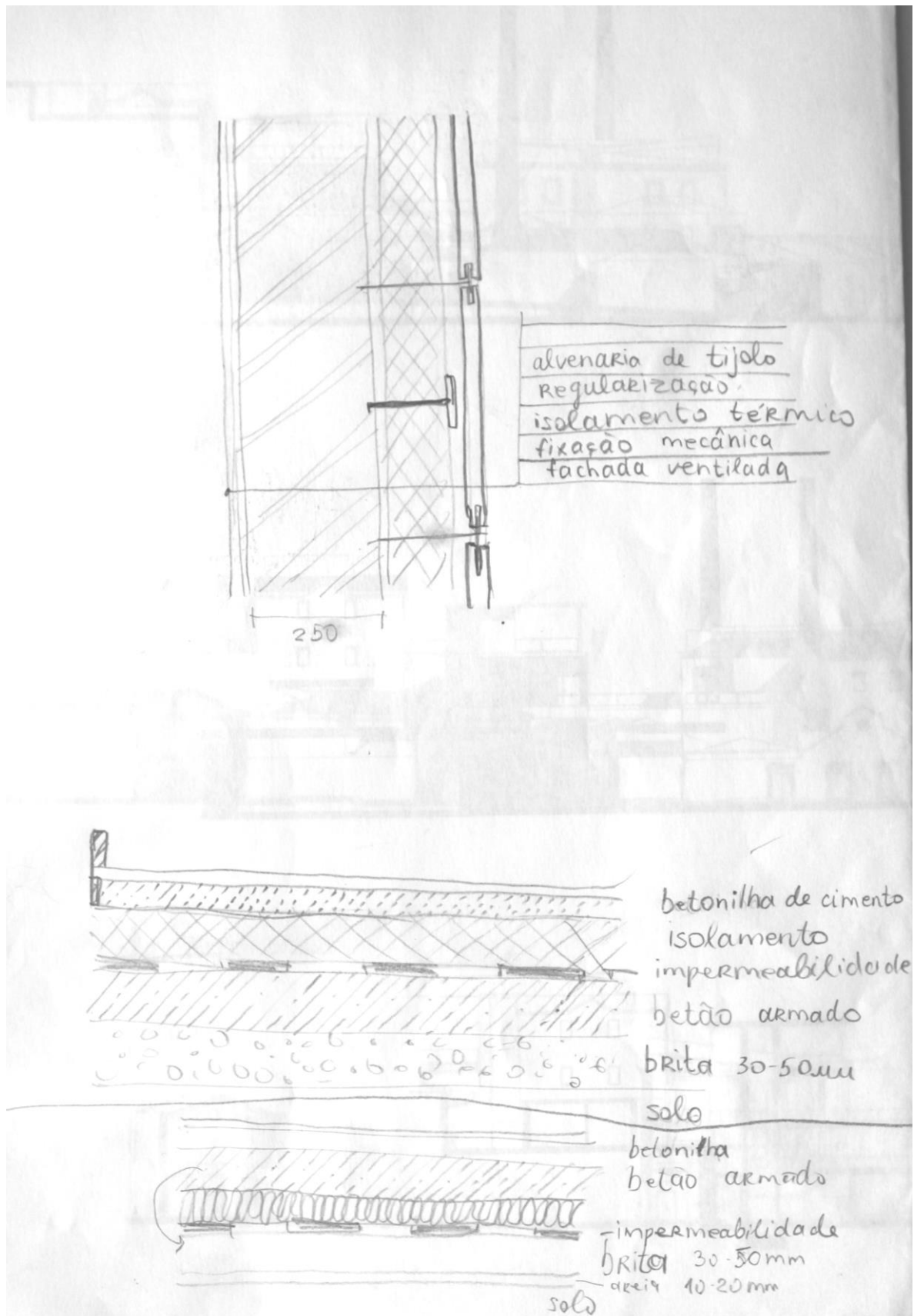
Plantas dos pisos da Fábrica da Samaritana (centro intergeracional) e do edifício novo do centro.



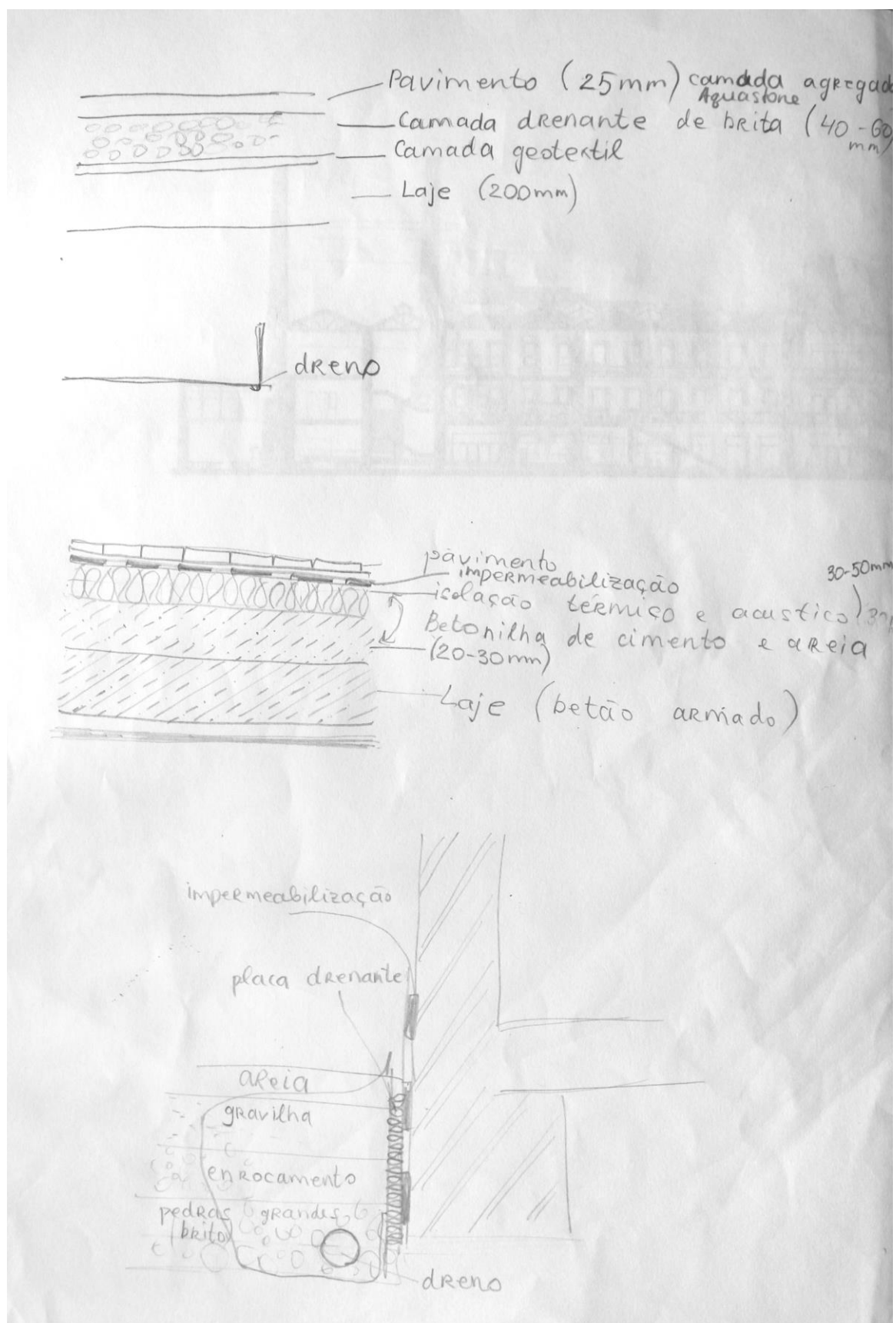
Croquis que mostram a ideia de materialidade e soluções construtivas do Centro Intergeracional



Croquis que mostram a ideia de materialidade e soluções construtivas do Centro Intergeracional



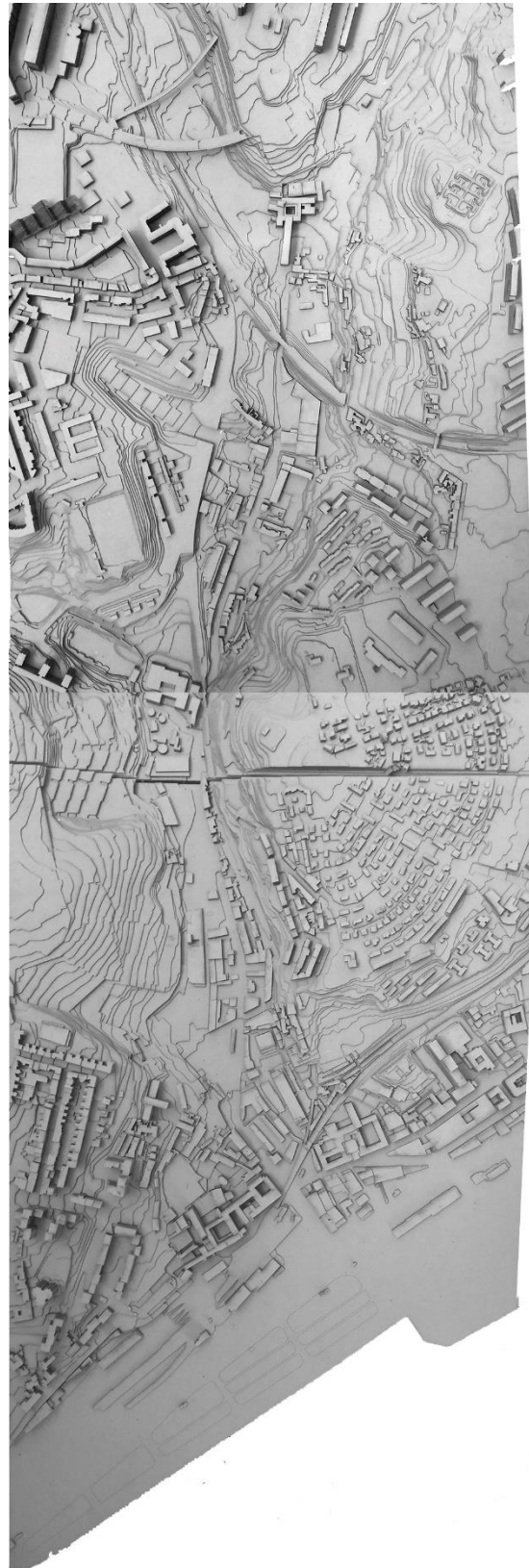
Croquis que mostram a ideia de materialidade e soluções construtivas do Centro Intergeracional



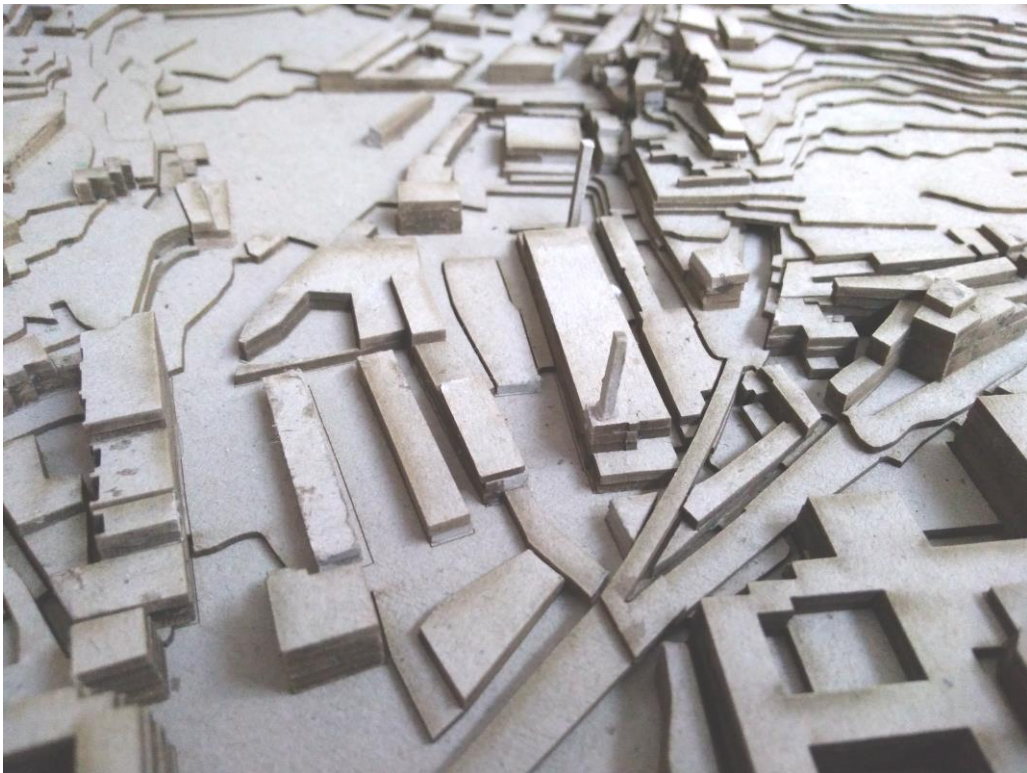
Croquis que mostram a ideia de materialidade e soluções construtivas do Centro Intergeracional

ANEXO 6. Maquetes

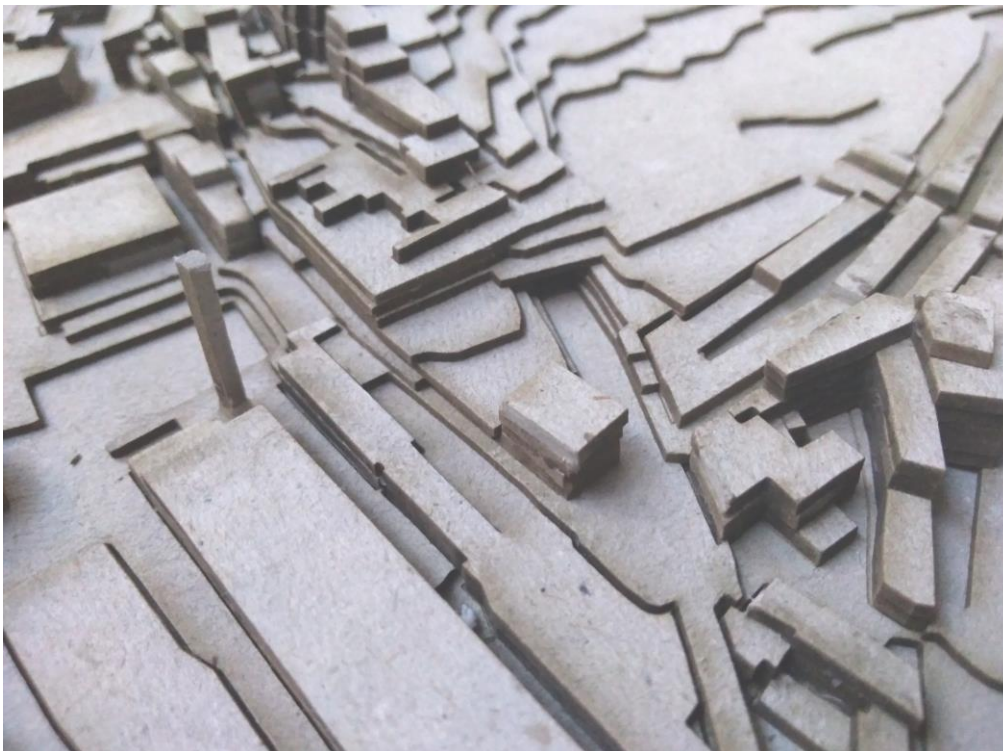
1. Maquete do Vale de Chelas à escala 1:2000





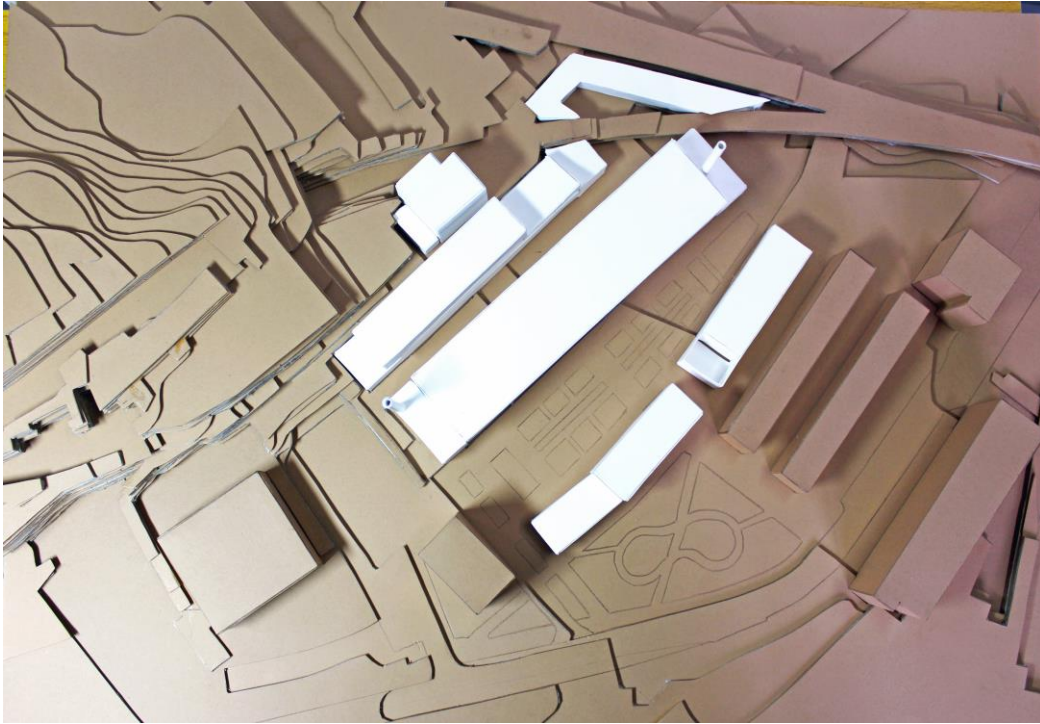


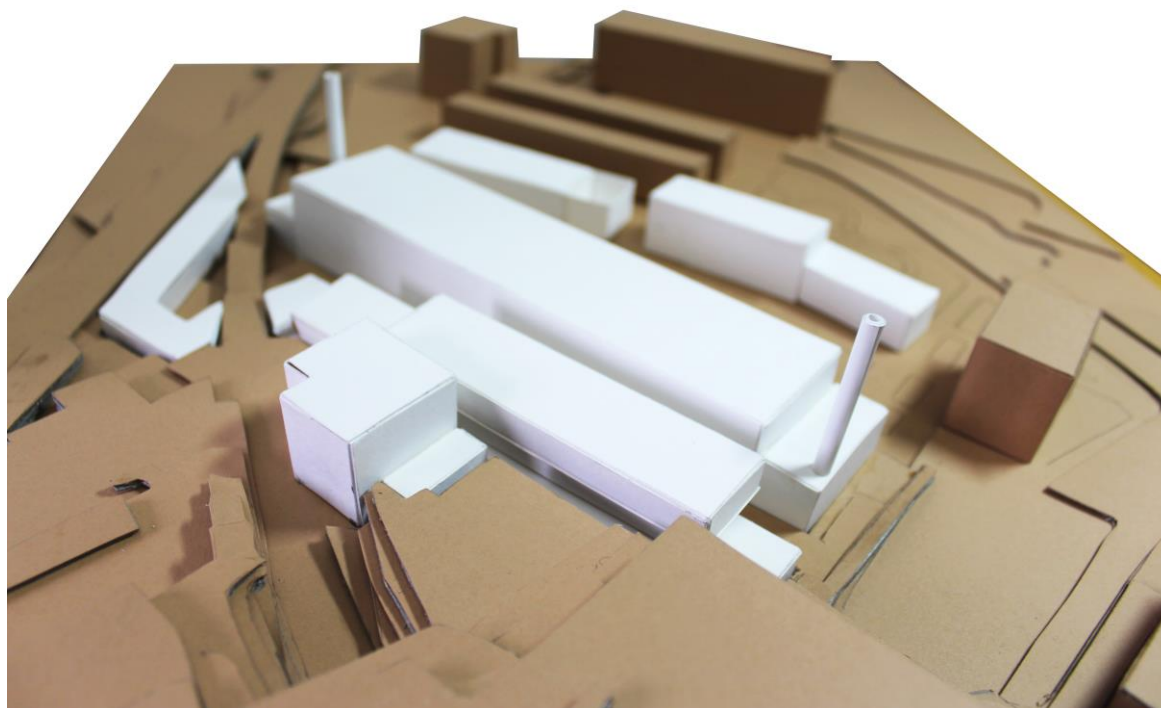
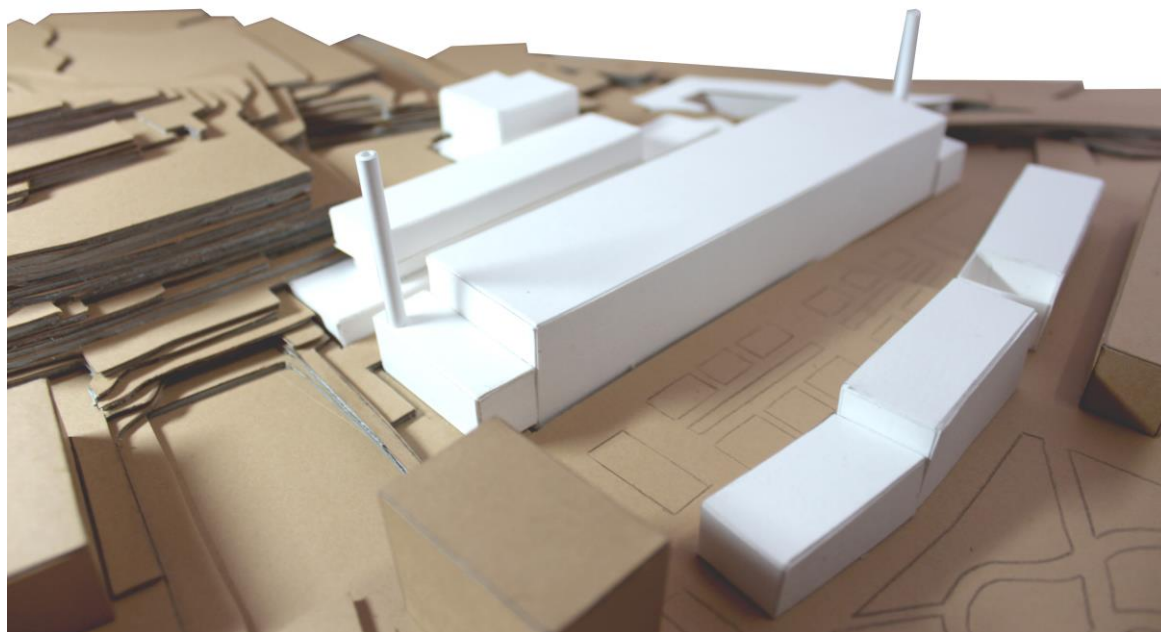


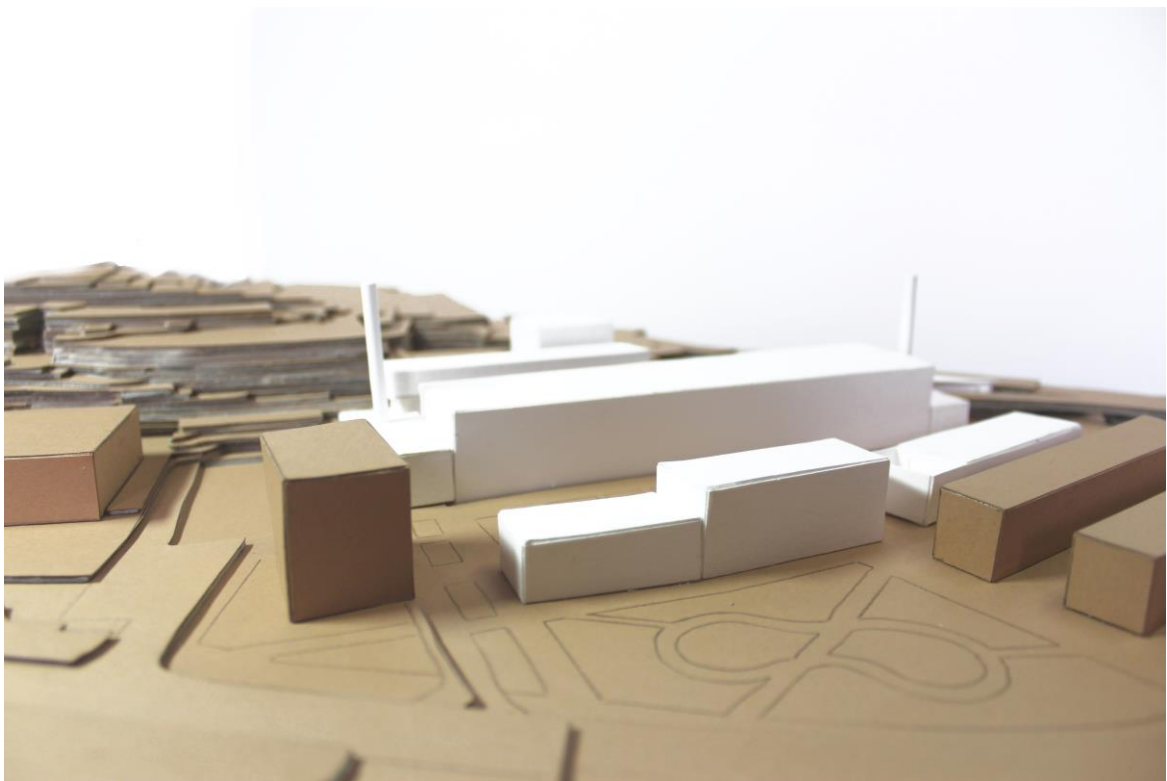


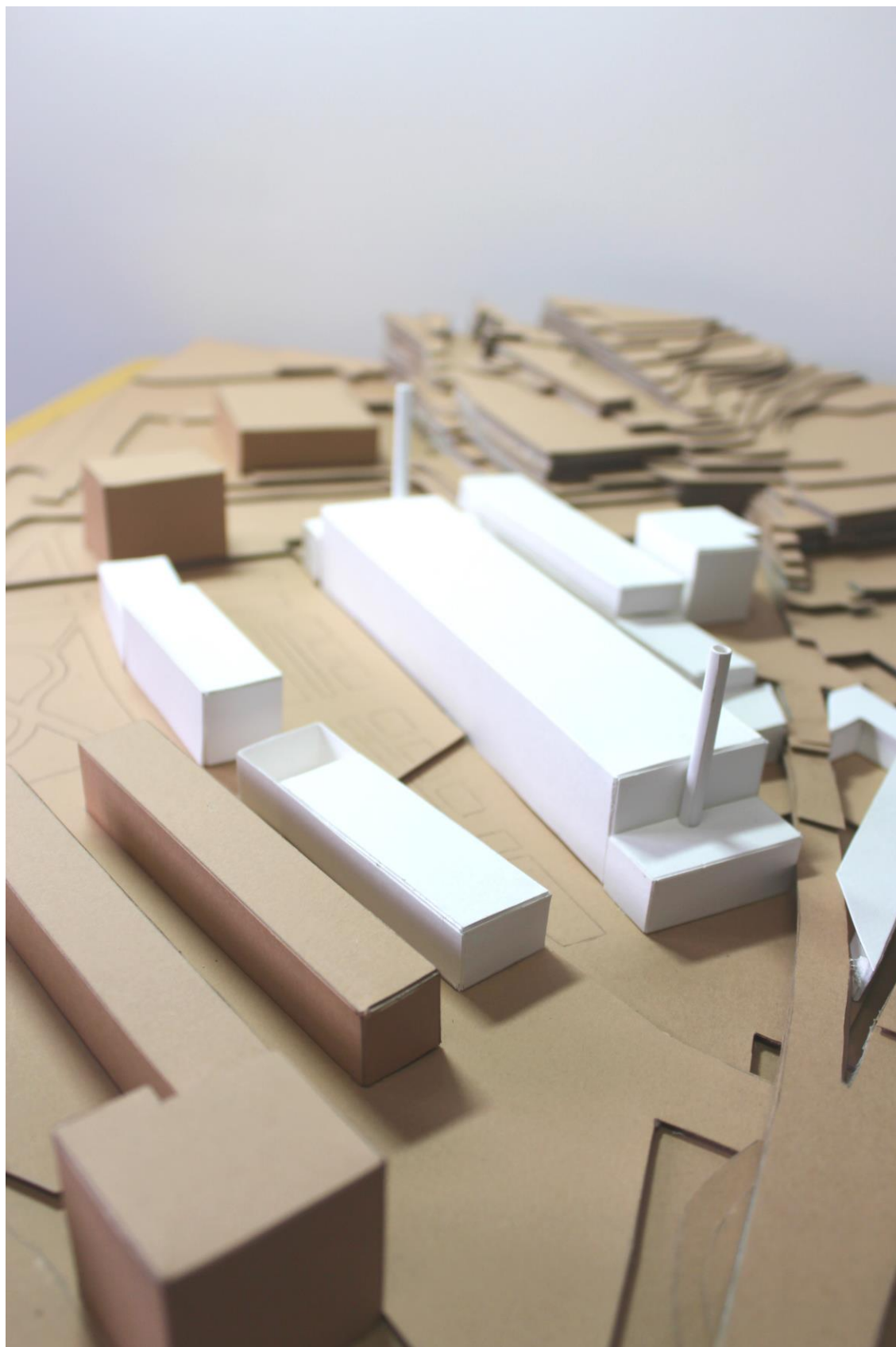


2. Maquete que mostram a relação da fábrica com os edifícios de apoio à escala 1:500

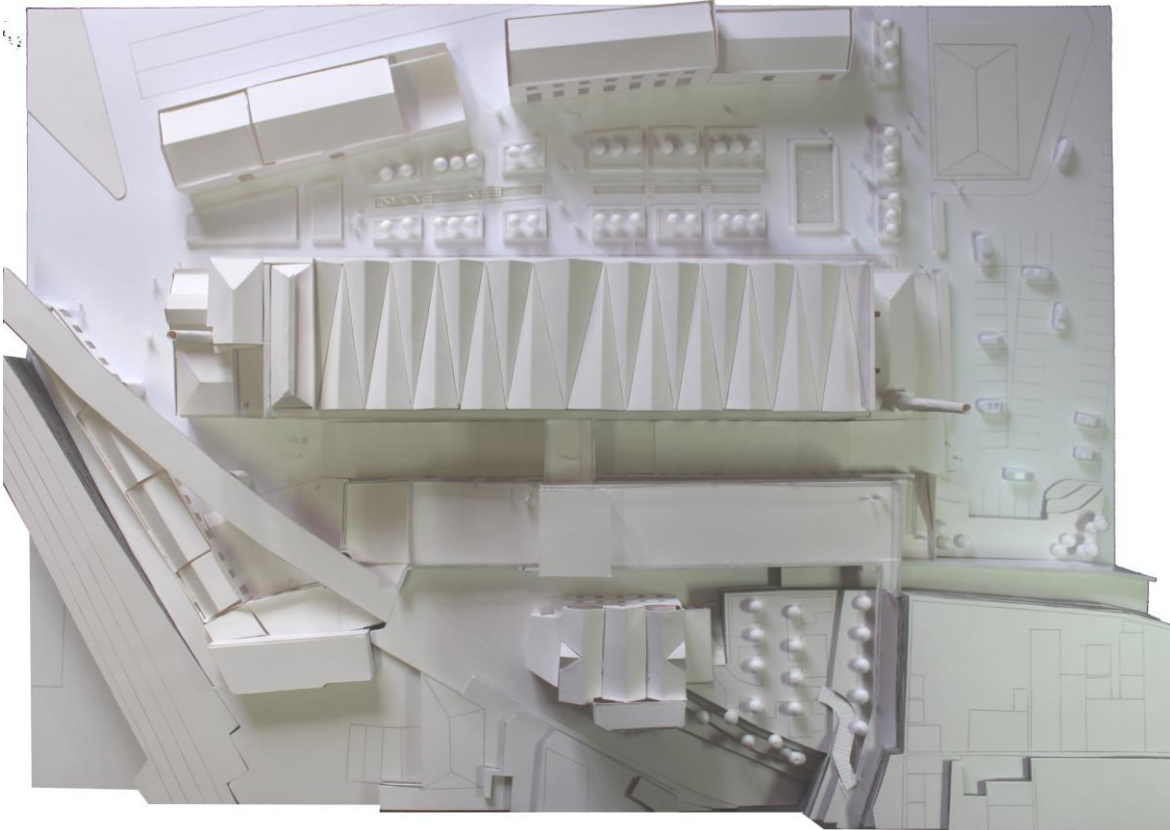


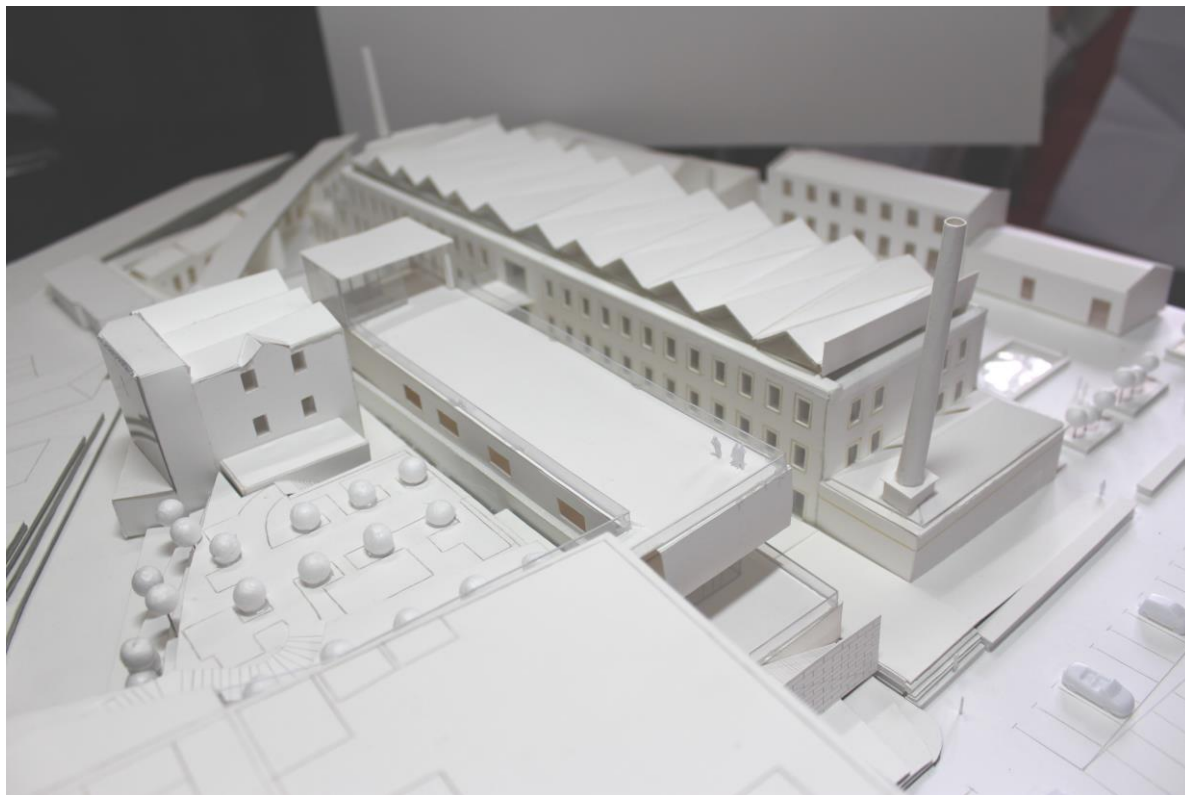


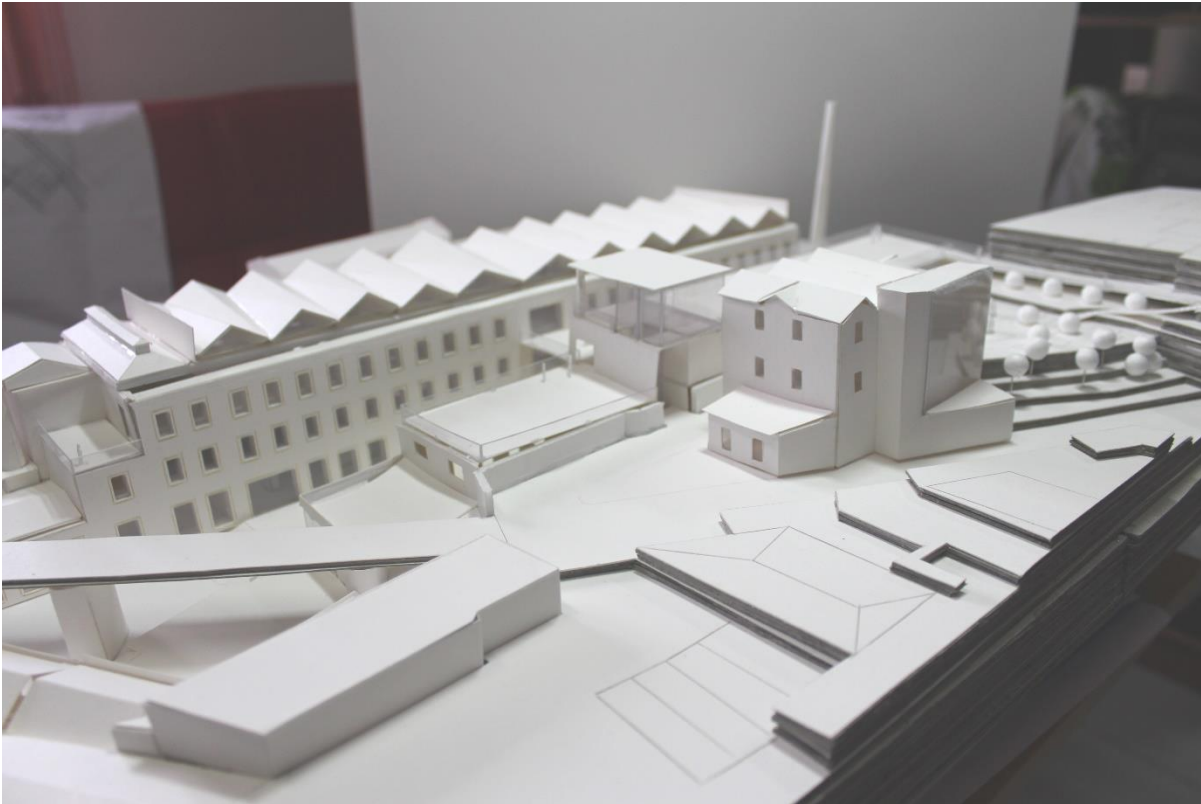


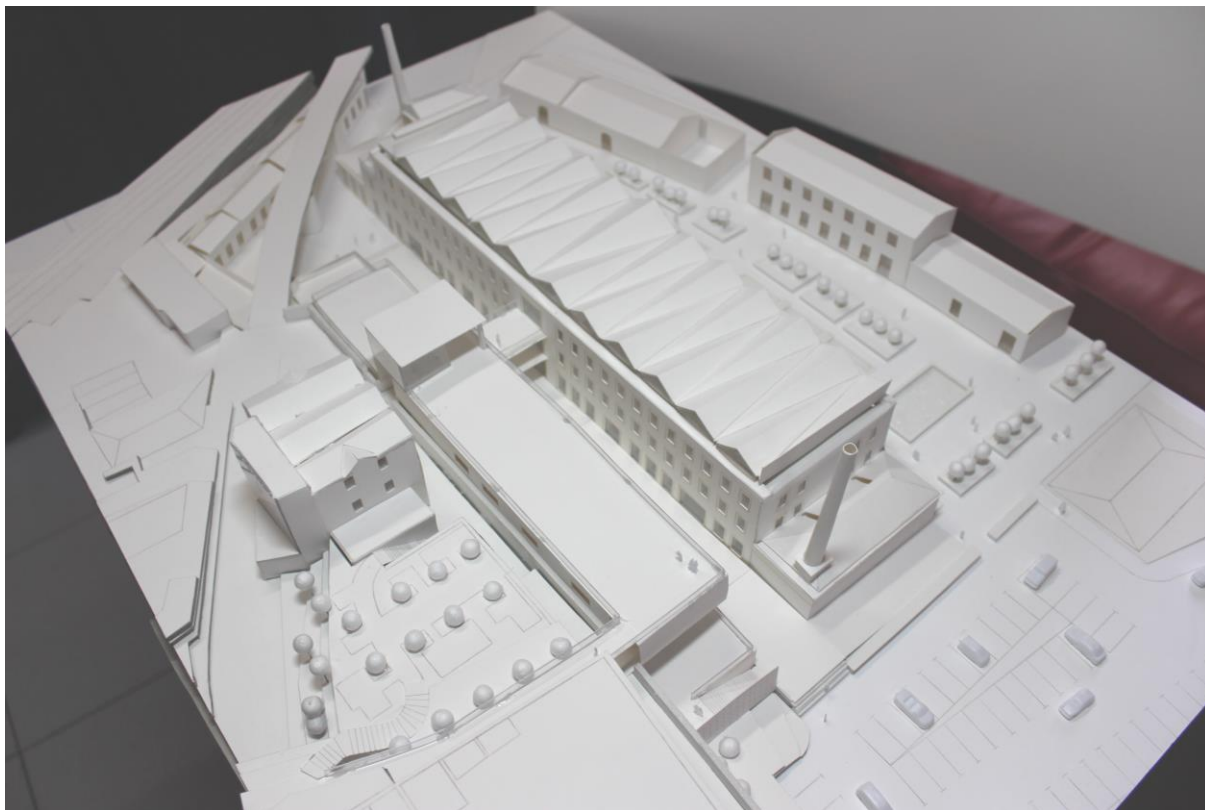


3. Perspectivas de maquete que mostram em detalhe o território envolvente da Fábrica da Samaritana, os espaços exteriores e a relação da fábrica com os edifícios de apoio à escala 1:200













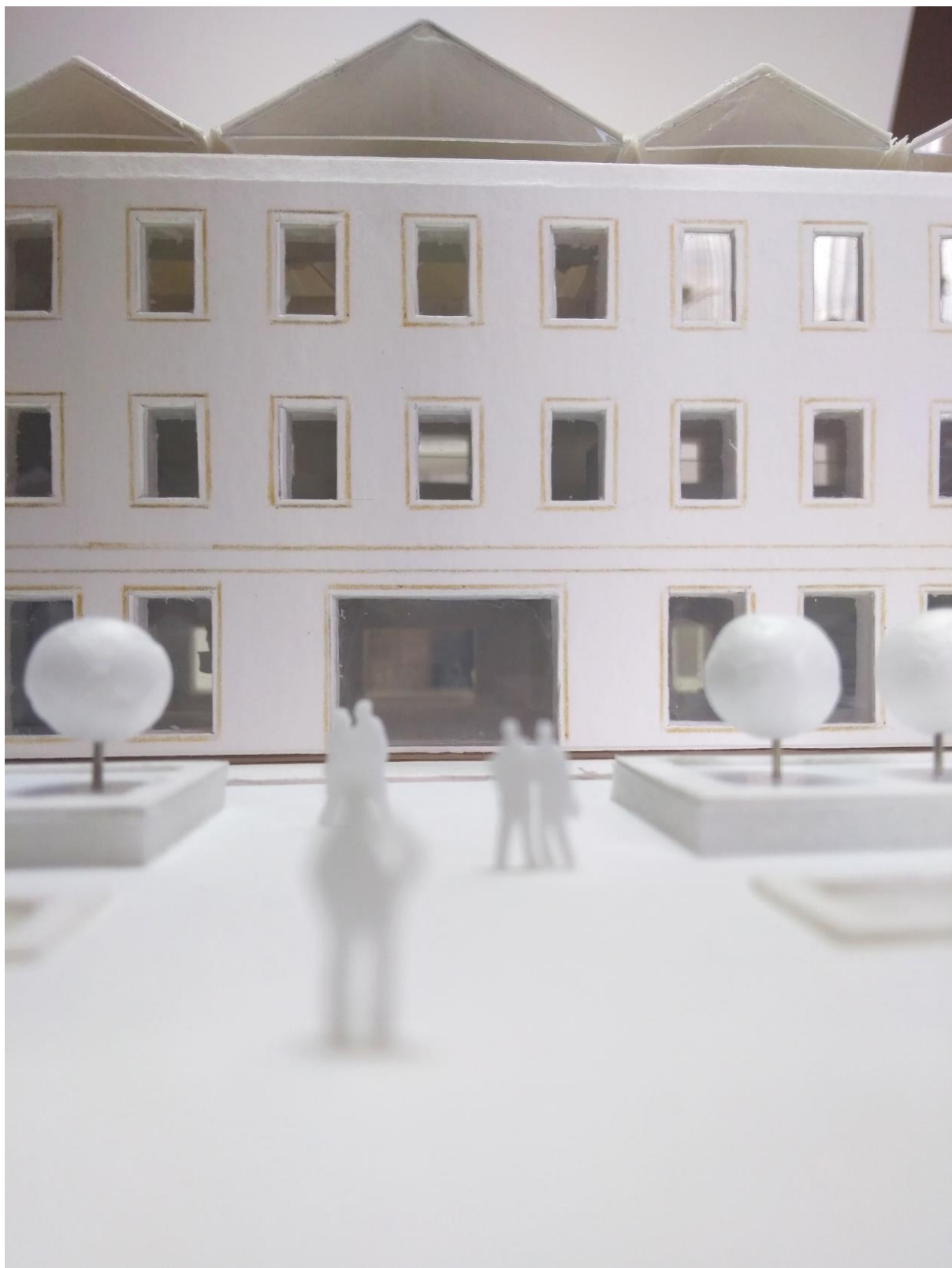




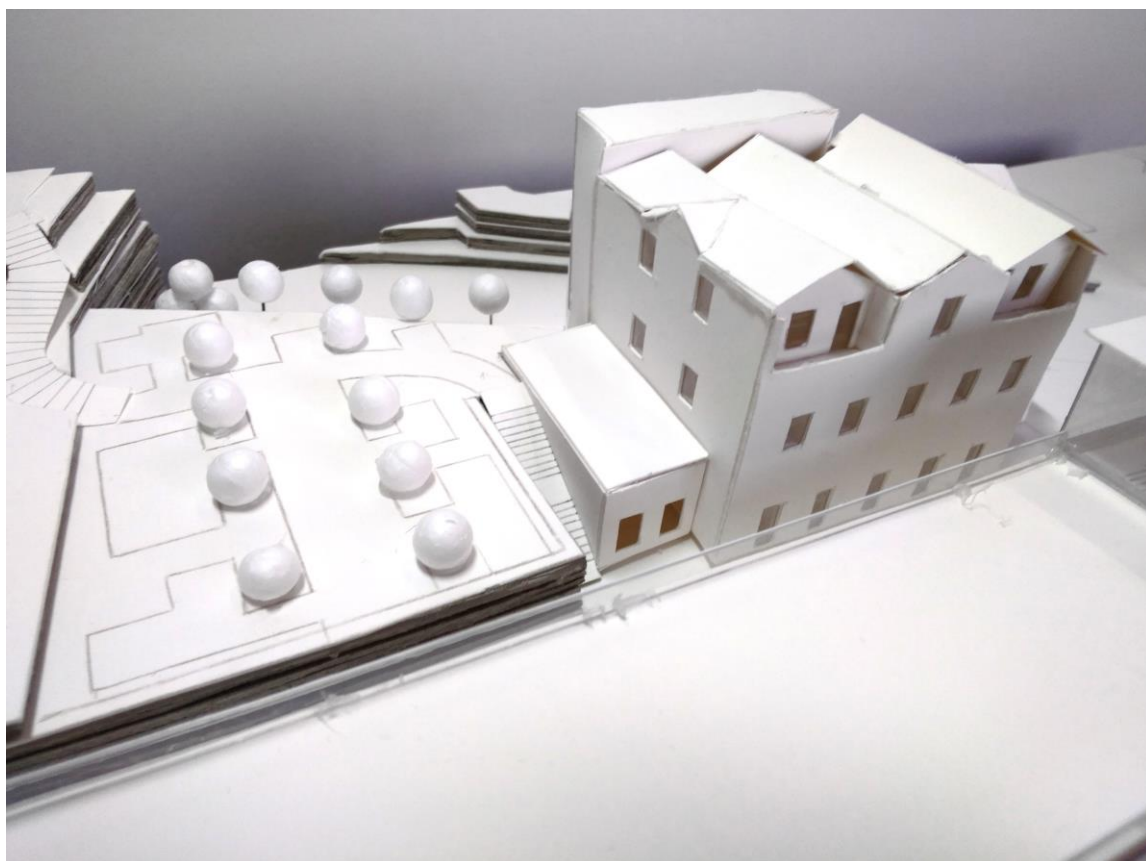


















ANEXO 7. Peças Desenhadas - Paineis

Paínel 1. Análise Estratégica da Vale de Chelas. Programa Urbano

Paínel 2. Análise do conceito do trabalho. Projeto de Arquitectura. Programa

Painéis 3-7. Proposta arquitetônica

Painel 8. Proposta arquitetônica. Ideia Construtividade / Materialidade